



**ANDRÉ LUIZ COVRE**

**A REINVENÇÃO DO HUMANO**

-

**Uma tese sobre a reemergência dos sujeitos na  
contemporaneidade midiática**

**CAMPINAS,**

**2014**





**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**ANDRÉ LUIZ COVRE**

**A REINVENÇÃO DO HUMANO**

-

**Uma tese sobre a reemergência dos sujeitos na  
contemporaneidade midiática**

**Tese de doutorado apresentada ao Instituto de  
Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de  
Campinas para obtenção do título de Doutor em  
Linguística.**

**Orientadora: Profa. Dra. Anna Christina Bentes da Silva**

**CAMPINAS,**

**2014**

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem  
Crisllene Queiroz Custódio - CRB 8/8624

C838r Covre, André Luiz, 1980-  
A reinvenção do humano - uma tese sobre a reemergência dos sujeitos na contemporaneidade midiática / André Luiz Covre. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

Orientador: Anna Christina Bentes da Silva.  
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Internet. 2. Subjetividade. I. Bentes, Anna Christina, 1963-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** The reinvention of the human - a thesis on the reemergence of the selves on the contemporary medias

**Palavras-chave em inglês:**

Internet

Subjectivity

**Área de concentração:** Linguística

**Titulação:** Doutor em Linguística

**Banca examinadora:**

Anna Christina Bentes da Silva [Orientador]

João Wanderley Geraldi

Ana Elisa Ferreira Ribeiro

Marinalva Vieira Barbosa

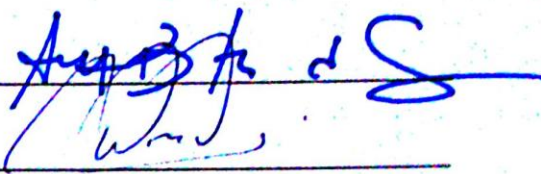
Geraldo Tadeu Souza

**Data de defesa:** 26-06-2014

**Programa de Pós-Graduação:** Linguística

**BANCA EXAMINADORA:**

Anna Christina Bentes da Silva

  
\_\_\_\_\_

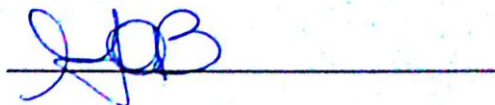
João Wanderley Geraldi

\_\_\_\_\_


Ana Elisa Ferreira Ribeiro

  
\_\_\_\_\_

Marinalva Vieira Barbosa

  
\_\_\_\_\_

Geraldo Tadeu Souza

  
\_\_\_\_\_

Ingedore Grünfeld Villaça Koch

\_\_\_\_\_

Fabiana Cristina Komesu

\_\_\_\_\_

Sandoval Nonato Gomes Santos

\_\_\_\_\_

IEL/UNICAMP  
2014



## **RESUMO**

Na virada do século XX para o século XXI os sujeitos reemergiram. Eu presencio essa reemergência, dia após dia, como se eu presenciasse um astro que se eclipsara e des eclipsou. Considero que o industrialismo, dentro de sua lógica de produção e consumo, desenvolveu dois instrumentos e os massificou: o computador e a internet. Contraditórios aos objetivos de qualquer massificação industrial, o computador e a internet abriram juntos a possibilidade de uma liberdade, na medida em que possibilitaram aos sujeitos se colocarem frente a esses instrumentos de forma mais ativa. Nessa perspectiva, assumo que os sujeitos tiveram que se apropriar das ferramentas produzidas no encontro dessas tecnologias para poderem efetivamente reemergir. Defendo que, para se apropriar das ferramentas contidas no produto computador/internet e conseguir reemergir em atividades sociais diversas como sujeitos ativos (sujeitos diferentes dos constituídos pela educação linguística moderna e pelas mídias da modernidade: televisiva, impressa e radiofônica), tais sujeitos aprofundaram suas relações com as características de liberdade da língua. Invertendo a linha de pensamento, afirmo que ao aprofundar as relações com as características de liberdade da língua, os sujeitos se apropriaram de ferramentas produzidas no encontro de dois instrumentos tecnológicos do industrialismo (computador e internet), e se possibilitam exercer atividades que lhes foram negadas sistematicamente ao longo de toda a modernidade. Precisaram, portanto, tomar a língua de uma forma diferente do que vinham tomando, de receber e repetir o discurso, de entender a língua como estrutura somente.

## **ABSTRACT**

At the turn of the twentieth into the twenty-first century, the selves resurfaced. I presence this resurfacing day after day, as if I presenced an eclipsed star which had uneclipsed. I believe that industrialism, within its logic of production and consumption, has developed two instruments and massified them: the computer and the internet. Contradictory to the goals of any industrial massification, however, the computer and the internet together cleared the path to a kind of freedom, in that they enabled individuals to position themselves before these instruments in a more active fashion. Within this perspective, I assume that the subjects had to grasp the tools produced by these

technologies, in order to effectively resurface. I argue that, in order to grasp the tools contained in the computer/internet product and be able to reemerge in various social activities as active subjects (unlike those made up by modern linguistic education and the modern medias: TV, press and radio), individuals deepened their relations with the characteristics of freedom of language. Reversing the line of thinking, I state that in deepening the relations with the characteristics of linguistic freedom, individuals took hold of the tools produced in the encounter of two technological tools of industrialism (computer and internet), and managed to perform activities which had been systematically denied to them along modernity. They had, therefore, to see language in a different way than they had been doing throughout modernity, to receive and repeat the discourse, to perceive language as simply structural.



# SUMÁRIO

<b>INTRODUCAO</b>	<b>19</b>
<b>Dois pressupostos e uma tese a ser defendida.</b>	<b>19</b>
<b>1º pressuposto.</b>	<b>19</b>
<b>2º pressuposto.</b>	<b>20</b>
<b>Uma tese a ser defendida.</b>	<b>21</b>
<b>CAPITULO 1 – A SOCIEDADE DE SEGUNDA ONDA.</b>	<b>23</b>
<b>Da crise na Poderesfera...</b>	<b>28</b>
<b>A democracia moderna.</b>	<b>29</b>
<b>A relativa estabilização da palavra na oficialidade e sua crise enquanto signo ideológico.</b>	<b>32</b>
<b>Da crise na Tecnosfera... ou Error (Directory Listing Denied / This Virtual Directory does not allow contents to be listed).</b>	<b>36</b>
<b>Para além do instante agridoce...</b>	<b>45</b>
<b>...Ou, entre duas utopias, eu prefiro uma memória de futuro.</b>	<b>51</b>
<b>Notas de final de Seção</b>	<b>79</b>
<b>CAPÍTULO 2 – AS MÍDIAS DIALÓGICAS DO COTIDIANO</b>	<b>61</b>
<b>A defesa da liberdade de expressão</b>	<b>61</b>
<b>Na Infosfera: a mídia dialógica do cotidiano e a liberdade de compreensão</b>	<b>70</b>
<b>Notas de final de Seção</b>	<b>74</b>
<b>CAPITULO 3 – POR UMA ABORDAGEM DIALÓGICA DA ESCRITA E DA LEITURA NA INTERNET.</b>	<b>75</b>
<b>6 Teses sobre o computador e uma tese sobre os sujeitos.</b>	<b>80</b>
<b>O que são ética e estética para Bakhtin?</b>	<b>92</b>
<b>Notas de final de Seção</b>	<b>98</b>
<b>CAPÍTULO 4 – O NARRADOR DA INTERNET: UMA VINGANÇA BELA (E INÚTIL?) CONTRA A MORTE.</b>	<b>99</b>
<b>Por uma nova experiência de tempo.</b>	<b>100</b>
<b>A crítica de Agamben.</b>	<b>103</b>
<b>A crítica de Bakhtin.</b>	<b>106</b>

<b>O retorno a canção.</b>	<b>109</b>
<b>Entre “A vida dos outros” e “Na natureza selvagem”, eu prefiro...</b>	<b>114</b>
<b>Notas de final de Seção</b>	<b>118</b>
<b>CAPITULO 5 – POR UMA TEORIA DO ENUNCIADO COMO UNIDADE CONCRETA DA COMUNICACAO VERBAL.</b>	<b>119</b>
<b>Das Forcas Centrifugas e Forcas Centrípetas (FCf X FCp).</b>	<b>119</b>
<b>A concepção bakhtiniana de texto e a invenção do humano.</b>	<b>121</b>
<b>Do conceito palavra-texto-enunciado ao conceito gêneros do discurso.</b>	<b>137</b>
<b>Delimitação do objeto da pesquisa...</b>	<b>146</b>
<b>O texto como ponto de partida metodológico.</b>	<b>150</b>
<b>CAPÍTULO 6 – EXEMPLOS DE FENÔMENOS LINGUÍSTICOS NA INTERNET.</b>	<b>155</b>
<b>Primeiro Bloco – Provocações.</b>	<b>166</b>
<b>Provocação A - Enunciados 10, 11 e 12.</b>	<b>166</b>
<b>Provocação B - Enunciado 1.</b>	<b>171</b>
<b>Provocação C - Enunciados 3 e 4.</b>	<b>173</b>
<b>Provocação D - Enunciado 2.</b>	<b>175</b>
<b>Provocação E - Enunciados 8 e 9.</b>	<b>177</b>
<b>Provocação F - Enunciados 5 e 7.</b>	<b>181</b>
<b>Provocação G - Enunciado 6.</b>	<b>185</b>
<b>Segundo bloco – Vai Começar, Ao vivo, ... o julgamento do recurso extraordinário sobre a obrigatoriedade do diploma de jornalismo.</b>	<b>187</b>
<b>Generalizações.</b>	<b>207</b>
<b>Notas de fim de Seção.</b>	<b>211</b>
<b>CAPÍTULO 7 – A REEMERGÊNCIA DOS SUJEITOS É A REINVENÇÃO DO HUMANO</b>	<b>213</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>233</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>247</b>

**Dedico esta tese às pessoas contemporâneas  
que se apropriam, como nunca, das palavras.**



## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Vivian, que me apresentou um amor tão concreto, cotidianamente reinventado, sem o qual esse texto não teria seu ponto final nesse momento tão importante da minha vida.

Agradeço a minha família (Pedro, Márcia, Angelita e Ariane), que presenciaram o sofrimento imposto pelo silêncio daqueles que mais usufruíram da minha interlocução durante anos e porque nunca deixaram de acreditar na minha própria reemergência.

Agradeço ao João Wanderley Geraldi, por ter me aceitado como orientando no início do doutoramento e, nos pouquíssimos momentos que conseguimos passar juntos nos últimos 7 anos, ter construído comigo os principais pressupostos e argumentos presentes nesse texto, além da própria tese, tão humanizadora quanto ele próprio.

Agradeço a Anna Christina Bentes, por ter aceitado me levar ao final desse processo confuso, doloroso e quase infundável de fazer o curso de doutorado. Também por ter assumido de forma extremamente profissional o compromisso de me conduzir à defesa desta tese com uma única condição, a de que eu apresentasse um texto coerente, mesmo que ela não concordasse com qualquer que fosse o ponto.

Agradeço a Fabiana Cristina Komesu, pelos inúmeros diálogos inconclusos, mas principalmente pela leitura atenta, delicadamente crítica e carinhosamente detalhista empreendida ao texto de qualificação, sem a qual eu jamais teria conseguido construir textualmente a coerência demandada pela minha orientadora.

Agradeço aos Membros Titulares da Banca de Defesa:

Ana Elisa Ferreira Ribeiro, que na oportunidade de me convidar para publicar um capítulo em um livro seu, abriu em meu horizonte novas possibilidades de interlocução e contribuiu significativamente para fortalecer as reflexões que estão presentes nesta tese.

Geraldo Tadeu Souza, que escreveu o livro mais importante sobre a teoria do enunciado concreto do círculo Bakhtin/Volochinov/Medvedev, com o qual travei um importante diálogo em diversas partes desta tese.

Marinalva Vieira Barbosa, pela amizade das manhãs e tardes nos corredores do IEL e por ter aceitado fazer parte deste momento importante.

Agradeço aos Membros Suplentes da Banca de Defesa:

Ingedore Grünfeld Villaça Koch, porque sua contribuição para o momento teórico sobre a língua que vivemos atualmente é deliciosamente inegável, contribuição que é parte provocadora desta tese.

Sandoval Nonato Gomes Santos, por ter aceitado participar como suplente da Banca de Defesa, mas principalmente pelas importantes contribuições no texto de qualificação.

Para Rodrigo Verly e Fernanda Valim, por terem travado vários debates sobre esta tese, sempre na companhia de uma boa e gelada cerveja. Não consigo quantificar quantos foram os trechos nebulosos que vocês ajudaram a clarear com essas conversas.

Para os amigos descrentes que sempre duvidavam que o motivo de me encontrarem online durante os últimos anos era o próprio objeto de pesquisa desta tese.

Para os amigos que sempre acreditaram que quando eu deixasse ficasse offline eu conseguiria terminar esta tese. Foi mais ou menos isso que aconteceu.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Imagem da tela do computador ao tentar acessar o site www.megaupload.com dia 19/01/2012	38
Figura 2: Imagem da tela do computador ao tentar acessar o site www.megaupload.com dia 11/07/2012	39
Figura 3: Postagem de YourAnonNews	42
Figura 4: Charge de Stuart McMillen	55
Figura 5: Alimentação e Educação rápidas e a preços módicos	96
Figura 6: Contínuo Tipológico de gêneros escritos e falados.	128
Figura 7: Página gerada a partir do clique no link disponibilizado no enunciado 8	181
Figura 8: Site do portal Terra informando e linkando posts do site Twitter sobre o episódio político de Honduras	185
Figura 9: Site do portal Terra reproduzindo posts do site Twitter sobre o episódio político de Honduras	186
Figura 10: Postagem no blog do autor	202
Figura 11: Postagem do autor em seu blog após o final da transmissão no Twitter.	207





E se há algo de que podemos nos beneficiar nestes tempos de incertezas é precisamente a consciência de que sentidos, significados, compreensões, verdades são construções sujeitas a chuvas e trovoadas, a terremotos e calmarias.

Geraldi, Fichtner e Benites (2006)



## INTRODUÇÃO

Uma nova civilização está emergindo em nossas vidas e por toda a parte há cegos tentando suprimi-la. Esta nova civilização traz consigo novos estilos de família, modos de trabalhar, amar e viver diferentes; uma nova economia; novos conflitos políticos; e, além de tudo isto, igualmente uma consciência alterada. Fragmentos desta civilização já existem. Milhões de pessoas já estão sintonizando suas vidas com o ritmo de amanhã. Outros, aterrados diante do futuro, estão empenhados numa fuga inútil para o passado e tentam restaurar o mundo moribundo que lhes deu o ser. A alvorada desta nova civilização é o fato mais explosivo das nossas vidas.

Alvin Toffler (1995)

Na virada do século XX para o século XXI os sujeitos reemergiram. Eu presencio essa reemergência, dia após dia, como se eu presenciasse um astro que se eclipsara e des eclipsou. Assumo, juntamente com a epígrafe de Toffler nesta tese, que a reemergência dos sujeitos na virada do século é um dos eventos explosivos daquilo que o autor de *A Terceira Onda* chamou de “alvorada desta nova civilização”.

### **Dois pressupostos e uma tese a ser defendida**

#### **1º pressuposto:**

Considero que o industrialismo desenvolveu, dentro da lógica de produção e consumo da Segunda Onda de Toffler (1995), dois instrumentos e os massificou: o computador e a internet. Contraditoriamente aos objetivos de qualquer massificação industrial (uma relação de consumo não prevê um sujeito ativo que se apropria livremente do produto e o transforma para atender a objetivos particulares), o computador e a internet abriram juntos a possibilidade de uma liberdade, na medida em que possibilitaram aos sujeitos se colocarem frente a esses instrumentos de forma mais ativa.

Todo pressuposto deixa escapar perguntas que o validariam minimamente. No caso deste primeiro, para afirmar que os sujeitos emergiram, necessito assumir que eles estiveram submersos e, por isso, tentar responder a perguntas como: debaixo do que, quando e por quê? Não estou certo que darei conta de responder a todas as perguntas, mas a dificuldade para contextualizar tal imersão, que é

pressuposto nesta tese, será trabalhada no contexto mais amplo da indust-realidade proposta por Toffler (1995) (Capítulo 1) e, no contexto mais específico dessa indust-realidade, no campo da monopolização da palavra pela mídia (Capítulo 2) e pela escola (Capítulos 3 e 4).

Basicamente, procurarei delinear que os sujeitos estavam imersos em um mundo onde a palavra era monopolizada, estandardizada e, conseqüentemente, inatingível, inapropriável (o contrário de disponível para ser apropriada, tomada como própria), pois que: (a) foi monofonizada (o contrário de polifonizada, de pluralidade de vozes) constantemente por uma instância ideológica da sociedade que descreverei mais a frente como a *grande mídia monopolista privada* e (b) foi cientificamente esquadrihada pela linguística moderna e didaticamente transmitida a partir de uma noção estruturalista de língua como conjunto de regras a serem obedecidas.

Outro questionamento que pode ser feito dentro desse pressuposto é: porque o computador e a internet, juntos, possibilitaram que os sujeitos se colocassem na frente deles de forma mais ativa? Mesmo que não tenha sido esse o objetivo primeiro das criações desses produtos – e sabemos que não foi, porque são tecnologias criadas em momentos distintos – será preciso, em algum momento do texto, tentar possíveis respostas a essa pergunta, que possivelmente poderão flertar, por exemplo, com o fato de terem sido construídas e disseminadas massivamente ferramentas não apenas de absorção de informações, mas também de inserção, como hardwares (mouse e teclado) e softwares com interfaces interativas.

## **2º pressuposto:**

Nessa perspectiva, assumo que os sujeitos tiveram que se apropriar das ferramentas produzidas no encontro das duas tecnologias (computador e internet) para poderem efetivamente reemergir. Ou seja, uma reemergência só possível por uma via de mão dupla: se o computador e a internet, como produtos de consumo, possibilitaram liberdade e atividade (ou invés de prisão e passividade), os sujeitos buscaram se apropriar das ferramentas presentes nesses produtos para serem livres e ativos.

Talvez seja possível validar esse pressuposto quando este texto mostrar (Capítulo 6), por exemplo, como os sites de redes sociais facebook.com e twitter.com, entre outros, se modificaram por conta das suas apropriações pelos usuários.

## **Uma tese a ser defendida:**

Pretendo defender que, para se apropriar das ferramentas contidas no produto computador/internet e conseguir reemergir em atividades sociais diversas como sujeitos ativos (sujeitos diferentes dos constituídos pela educação linguística moderna e pelas mídias da modernidade: televisiva, impressa e radiofônica), tais sujeitos aprofundaram suas relações com as características de liberdade da língua.

Mesmo apresentando os argumentos e a tese nessa ordem, o processo de reemergência dos sujeitos poderia ser compreendido também na via inversa, como toda compreensão dialógica dos fenômenos linguístico-sociais: ao aprofundar as relações com as características de liberdade da língua, os sujeitos se apropriaram de ferramentas produzidas no encontro de dois instrumentos tecnológicos do industrialismo (computador e internet), e se possibilitam exercer atividades que lhes foram negadas sistematicamente ao longo de toda a modernidade. Ou ainda, os sujeitos aprofundaram com a língua aquilo que a língua já permitia (mas os discursos eram quase que absolutamente controlados, massificados, a turbulência de hegemonias neutralizadas e espaços de circulação – mídia – controlados e nas mãos de poucos): a liberdade de se colocar como locutor do mundo, de ser ativo em relação aos temas de suas vidas. Precisaram, portanto, tomar a língua de uma forma diferente do que vinham tomando na modernidade, de receber e repetir o discurso, de entender a língua como estrutura somente.

Trata-se, portanto, de uma tese sobre a relação entre os sujeitos da contemporaneidade com a língua, precisamente com as características de liberdade que toda língua possui. Eis a importância do tratamento da língua a partir de noções não antagônicas, mas dialógicas, como as de Forças Centrípetas e Forças Centrífugas. De fato, é sobre as bases dessas duas noções dialógicas que, no Capítulo 5º, o dos pressupostos teóricos, procurarei fundamentar os dois principais conceitos que serão tomados para as análises dos fenômenos sócio-linguístico-ideológicos, a saber, o conceito gêneros do discurso e o conceito palavra).

Existe una dimensión mítico-religiosa em buena parte de los discursos que hablan la tecnología. El abanico abarca desde los discursos que otorgan a La tecnología um rol salvador (Negroponte) hasta los que La asimilan al infierno (Virilio), pasando por los discursos que equiparan el ciberespacio com el paraíso. (SCOLARI, 2008:175).

Scolari (2008:172) enfatiza que, para pensarmos os processos de difusão tecnológica, seria mais rentável (acompanhando Pierre Lévy) estudar as contaminações, deslocamentos e apropriações dentro da semiosfera interativa do que ficar perdido na frente de dados quantitativos. Mesmo que muitos trechos desse texto se caracterizem mais como integrados do que como apocalípticos, procurarei sempre buscar uma intervia de compreensão dos fenômenos linguísticos produzidos pelos sujeitos a partir de suas apropriações das ferramentas do computador e da internet, para afirmar, no Capítulo 7, que se há uma revolução social em curso, que caminha sobre as novas tecnologias de informação e comunicação, ela é primeiro uma revolução humana, fundada, pois, no trabalho dos sujeitos contemporâneos com a língua.

## CAPÍTULO 1 – A SOCIEDADE DE SEGUNDA ONDA<sup>1</sup>

O livro de Toffler é um livro otimista de longo alcance, tanto que é caracterizado por Scolari (2008:147) como integrado. Entre mudanças sociais violentas de todas as ordens e em todas as esferas, descritas na primeira parte do livro denominada “A SEGUNDA ONDA”, o autor se esquia das análises comuns que consideram tais mudanças como provas isoladas da instabilidade, colapso e desastre, para traçar conexões possíveis entre as mudanças, para compreendê-las como não fortuitas, como “partes de um fenômeno muito maior: a morte do industrialismo e o advento de nova civilização” (TOFFLER, 1995:16), esta última descrita por ele na segunda parte do livro denominada “A TERCEIRA ONDA”.

*A Terceira Onda* é um livro de síntese em grande escala. Descreve a velha civilização, na qual muitos de nós crescemos, e apresenta uma imagem cuidadosa e ampla na nova civilização que ganha vida em nosso meio (TOFFLER, 1995:16).

Toffler faz isso estruturando as fases da civilização humana como um entrechoque de Ondas. Três, na verdade, que representam sua maneira de sintetizar em grande escala – uma fase agrícola, a Primeira Onda (8000 a.C. até 1650 e 1750 d.C.); uma fase industrial, a Segunda Onda (até 1955, a década, segundo o autor, que viu os trabalhadores de colarinho branco e de serviços gerais excederem em número os trabalhadores de macacão, nos Estados Unidos da América) e a fase posterior denominada de Terceira Onda.

O autor enfatiza que *A Terceira Onda* não é uma previsão objetiva e não pretende ser provada cientificamente. O livro descreve a civilização industrial moribunda em termos de esferas: “tecnosfera”, “socosfera”, “infosfera” e “poderesfera”; depois, dispõe-se a mostrar como cada uma delas “está sofrendo mudanças revolucionárias no mundo atual”, suas interconexões, bem como com a “biosfera” e a “psicosfera” (TOFFLER, 1995:18-19).

---

<sup>1</sup> Os Capítulos deste texto podem trazer, a partir de agora, dois tipos de notas. O primeiro é a nota de rodapé de página, com informações que, segundo minha compreensão, dialogam diretamente com o texto. O segundo é a nota de final de seção, que utilizo somente para disponibilizar links (e as datas em que foram acessados pela última vez) de pequenos trechos de textos utilizados que não serão citados na Bibliografia.

Tal afirmação revela um pouco o lugar desta tese no contexto toffleriano. Não tentarei provar cientificamente a Terceira Onda. O que pretendo neste capítulo é me apropriar das considerações de Toffler sobre como a Infosfera, a Tecnosfera e a Sociosfera da Segunda Onda trabalharam a informação e a língua, e conseqüentemente o sujeito. O “sujeito novo” do autor, o “homem da terceira onda” (ao qual irei me referir a partir de agora como *sujeito da terceira onda*) centraliza e promove uma série de aspectos das mudanças descritas por Toffler, e o faz nas diversas esferas apontadas acima, pensando em termos de “ondas de mudança”, colidindo e sobrepondo-se, causando conflito e tensão. Para o autor, em todos os campos, da educação e da saúde à tecnologia, da vida pessoal à vida política, seria possível (e é o que tenta fazer no livro) distinguir aquelas inovações que são apenas disfarces, ou apenas extensões do passado industrial, das que são verdadeiramente revolucionárias.

Esta é a “premissa revolucionária” na qual se baseia o livro *A Terceira Onda*. Para o autor, embora as décadas imediatamente à frente estejam cheias de sublevações e turbulências, inclusive de violência generalizada, não haverá a destruição total da humanidade. A proposição é de que somos “a última geração da velha geração”, a da Segunda Onda, e “a primeira geração de uma nova geração”, a da Terceira Onda.

Avançando sobre a Primeira Onda, caracterizada por um poder autoritário, pela terra como base da economia descentralizada e pela divisão simples de trabalho, a Segunda Onda montou-se como uma máquina – e, segundo Toffler, formou o sistema social mais poderoso, coeso e expansivo que o mundo já conheceu.

Todas as sociedades (primitiva, agrícola ou industrial), usam energia. Em todas as sociedades os sistemas de energia, produção e distribuição são partes inter-relacionadas de algo maior, a Tecnosfera. Durante a segunda onda, os principais exemplos dessas partes são a máquina a vapor; fontes de energia não renováveis, principalmente advindas de combustíveis fósseis; indústrias; companhias comerciais e distribuição em massa.

A Sociosfera reflete e refrata essa lógica industrial: família nuclear (pai, mãe e algumas crianças, sem o estorvo de parentes); crianças em escolas no horário de trabalho das fábricas; idosos em asilos, por não serem mais produtivos dentro da máquina industrial; educação em massa (escola estilo fábrica); grandes companhias de capital; clubes, igrejas e sindicatos para fornecer, em horários específicos e limitados, a diversão necessária dentro do ciclo cotidiano da vida industrial.



Assim, surgiu em todas as sociedades industriais, capitalistas e socialistas igualmente, uma complicada infosfera – canais de comunicação através dos quais podiam ser distribuídas mensagens individuais e em massa tão eficiente como mercadorias ou matérias-primas (TOFFLER, 1995:46).

Segundo o autor, mesmo que os serviços postais pudessem levar a mesma mensagem a milhões, mas não rapidamente, e os telefones pudessem levar as mensagens rapidamente, mas não a milhões de pessoas simultaneamente, a sociedade industrial supriu essa falha com os chamados veículos de comunicação de massa.

Assim, cada uma destas esferas efetuava uma função chave no sistema maior, e não podia existir sem as outras: A Tecnosfera produzia e conferia riqueza; a Sociosfera, com milhares de organizações inter-relacionadas, conferia papéis a indivíduos do sistema. E a Infosfera conferia a informação necessária para fazer todo o sistema funcionar (TOFFLER, 1995:48).

Foi no entroncamento dessas esferas que a sociedade industrial separou dois aspectos de nossas vidas que até então sempre tinham sido um: a produção e o consumo. Se por um lado essa cunha trouxe conflitos para a vida das pessoas (tensão econômica, conflitos nas nossas psiques e conflitos sociais), por outro, segundo Toffler, trouxe um processo social muito bem integrado com suas tecnologias, instituições sociais e canais de informações.

Ao romper a união da produção e do consumo e separar o produtor do consumidor, a sociedade promoveu uma série de outras cisões: uma maior divisão do trabalho, que gerou maior produtividade, elevou padrões de vida, mas também produziu desigualdade; diferenciou de forma específica os papéis do homem e da mulher, assim como novos papéis sexuais e promoveu novos conflitos políticos e sociais.

A cisão significou também que todas as sociedades da Segunda Onda teriam que operar de forma semelhante, fundamentada em uma espécie de código oculto, uma série de regras ou princípios: Padronização, Especialização, Sincronização, Concentração, Maximização e Centralização.

Com o industrialismo a sociedade se rompeu em partes: fábricas, igrejas, escolas, prisões, etc. Quebrou os empregos em fragmentos e as famílias em unidades menores. Alguém tinha que reagrupar essa nova sociedade de alguma forma. Segundo Toffler, vieram os Integradores.

Um dos exemplos utilizados por Toffler é o de W. Michael Blumenthal (antigo Secretário do Tesouro dos Estados Unidos), o qual, antes de entrar para o governo, chefiava a filial Bendix Corporation. Quando lhe perguntaram se gostaria de algum dia vir a possuir a Bendix (Matriz),

Blumenthal respondeu: “Não é a propriedade que importa...é o controle... Ter o controle desse grande animal e usá-lo de uma forma construtiva é o que eu quero.” (TOFFLER, 1995:75).

No meio do século XIX Marx pensava que quem quer que possuísse os instrumentos e a tecnologia – os “meios de produção” – controlaria a sociedade. Alegava que, porque o trabalho era interdependente, os trabalhadores podiam desorganizar a produção e tirar as ferramentas de seus chefes. Uma vez que possuíssem as ferramentas, governariam a sociedade.

Mas a História pregou-lhe uma peça. Pois essa mesma interdependência deu ainda maior meio de ação a um novo grupo, os que orquestravam ou integravam o sistema. No fim não foram nem os donos nem os trabalhadores que assumiram o poder. Tanto nas nações capitalistas como nas nações socialistas foram os integradores que subiram para o topo (TOFFLER, 1995:74).

O governo, o maior integrador de todos, acelerava as estradas de ferro para distribuir a produção, redigia códigos comerciais e padronizava mercados e, entre outras tarefas, aplicava pressões e tarifas à política estrangeira para ajudar a indústria.

Os técnicos apoderaram-se dos meios de integração e, com eles, das rédeas do controle social, cultural, político e econômico. Eles moldaram a sociedade em função da Segunda Onda em uma estrutura hierárquica para fazer o sistema industrial funcionar em todas as esferas.

Quando revolucionários da Segunda Onda conseguiram derrubar as elites da Primeira Onda na França, nos EUA, na Rússia, Japão, entre outras nações, surgiu a necessidade de escrever constituições, organizar novos governos e projetar novas instituições políticas. Mas quem representar quem? Os representantes deveriam ser eleitos pelo povo? Os cargos deveriam ser longos? Qual seria o papel dos partidos?

As estruturas que eles montaram eram baseadas na noção elementar da representação. E todos os países fizeram uso de certas peças padronizadas. Estes componentes vinham em um estojo, pré moldado e massificado, que Toffler chamou jocosamente de “Um estojo de representação”: indivíduos armados do voto; partidos para colocar votos; candidatos que, conquistando votos, eram imediatamente transformados em “representantes” dos votantes; legislaturas nas quais pelo voto os representantes manufacturavam leis e executivos que alimentavam de matéria prima a máquina fabricante de leis.

Dessa forma, compreendo que Toffler descreveu uma civilização de Segunda Onda pesadamente dependente de combustíveis fósseis e de produção fabril, com a família nuclear, a corporação, a educação de massa e os veículos de comunicação, tudo gerenciado por uma série de elites

cuja tarefa era integrar essas partes em um todo, fantasiado de democracia, por sua vez fundada em uma noção de representação extremamente frágil, como se fosse um estojo, apenas mais um produto massificado.

Dessa integração surge o que Toffler chamou de indust-realidade, com duas crenças principais: a natureza era objeto que esperava ser explorado e a evolução era o princípio do progresso. Nessa realidade industrial, a sociedade dividiu o tempo, sincronizou, padronizou e linearizou a vida temporalmente e mudou fisicamente as cidades com o surgimento de espaços mais especializados, como bancos, fabricas, prisões, terminais ferroviários e etc.

O cartesianismo como prática, elevado as últimas consequências, funcionava muito bem na indust-realidade, padronizando unidades de medida como o sistema métrico, por exemplo, às fronteiras, delimitando espaços e mapas mais precisos. O padrão grelha (linhas retas e ângulos de 90 graus) deram regularidade e linearidade, características de máquina, a paisagem e aos espaços íntimos nos quais as pessoas viviam. Nascia a concepção de um indivíduo que era novamente como um átomo – irreduzível, indestrutível, a partícula básica da sociedade. Renascia o individualismo, o sujeito único, mas igual aos outros.

Toffler, apesar de focar no afastamento crescente entre o produtor e o consumidor como um dos aspectos que mais tiveram importância para promover a enxurrada revolucionária da Segunda Onda, enfatiza em vários momentos que não é possível buscar qualquer causa única para revolução industrial. Segundo ele, nem a tecnologia, por si só, não é a força motriz da História, nem as ideias, nem os valores, nem a luta de classes. Afirma que não há variável independente, mas sim variáveis correlatas, ilimitadas em complexidade.

Tenta, mesmo sem afirmar isso explicitamente, mostrar que as mudanças nas esferas possuem, entre elas, uma força de responsabilidade, uma lógica de provocação e resposta que produziu e foi produzida pelo “Homem industrial”. Elogia as mudanças nos padrões de vida da sociedade da Segunda Onda, comparando-o aos da Primeira Onda, mas critica uma série de consequências violentas o que chamou de “efeitos colaterais”, como os danos, “talvez irreparáveis”, a biosfera da Terra e a escravização das nações não industriais.

Se por um lado pareço condená-la e por outro aprová-la, é porque os julgamentos simples são enganosos. Eu detesto a maneira como o industrialismo esmagou a Primeira Onda e os povos primitivos. Não posso esquecer a maneira como ele massificou a guerra, inventou Auschwitz e desencadeou o átomo para incinerar Hiroxima. Tenho vergonha de sua arrogância cultural e suas depredações contra o resto

do mundo. Estou nauseado pelo desperdício de energia, imaginação e espírito humanos nos nossos guetos e bairros.

Entretanto, o ódio insensato ao nosso próprio tempo e gente está longe de ser a melhor base para a criação do futuro. O industrialismo foi um pesadelo de ar-condicionado, um deserto, um completo horror? Foi um mundo de “visão única” como foi chamado pelos inimigos da ciência e da tecnologia? Sem dúvida. Mas foi mais do que isso também. Foi, como a própria vida, um instante agri-doce na eternidade (TOFFLER, 1995:129).

Toffler termina a primeira parte de seu livro afirmando, de diversas maneiras, que a Segunda Onda está em crise. Crise no sistema de bem estar social, nos sistemas postais, nos sistemas escolares, nos sistemas de saúde, nos sistemas financeiros internacionais, na própria noção de estado-nação, etc. Com isso, busca identificar a Terceira Onda.

Numa época de mudança explosiva – com vidas pessoais despedaçadas, a ordem social existente se fragmentando, e assomando no horizonte um fantástico novo modo de vida – fazer as perguntas maiores que se possam fazer sobre o nosso futuro não é apenas uma questão de curiosidade intelectual. É uma questão de sobrevivência (TOFFLER, 1995:20).

Quem sou eu? O que produz em mim a presença do outro  
(...)

Talvez seja necessário retornar à estas perguntas, para com elas construir respostas provisórias que nos permitam conviver com a instabilidade, sem reduzi-la ao efêmero da informação tão veloz e constante na modernidade (GERALDI, 2003b:259).

Desse espírito questionador é que me visto nessa tese. Em 1980, quando foi publicada a primeira edição de seu livro, Toffler citou uma montanha de exemplos para descrever a crise. Estamos tratando, entretanto, de algumas décadas a frente do período em que se centrou o autor, no vórtice da mudança, no choque primeiro entre a onda que se amansava (Segunda) e a onda que se agigantava (Terceira). Por isso, na sequência, procuro apresentar para a Poderesfera e para a Tecnosfera, exemplos mais atuais da crise, no que diz respeito às preocupações desta tese.

### **Da crise na Poderesfera...**

Proponho uma análise particular da palavra democracia enquanto signo ideológico revelador de uma crise generalizada daquilo que Toffler (1995) chamou de Poderesfera, fundada na noção de

democracia que, por sua vez, na indúst-realidade, foi construída sobre uma noção de representação. Dessa forma, não promoverei uma reflexão exaustiva sobre as concepções de democracia, as tradições históricas e suas teorias. Partirei de uma reflexão crítica sobre a democracia moderna para pensar a compreensão social da palavra democracia na atualidade, acreditando que as disputas dentro da palavra revelarão a crise pressuposta em Toffler.

### **A democracia moderna<sup>2</sup>**

A democracia moderna, na forma como compreendemos hoje o modo de governo, ideia-força e valores democráticos, é resultante prática dos ideais iluministas desencadeados com as “revoluções burguesas”, termo utilizado pelo Hobsbawm (2002) para se referir à revolução industrial inglesa e à revolução francesa, no século XVIII.

As mudanças na Tecnosfera ocorridas na Inglaterra a partir de 1780 modificaram não apenas a esfera econômica, mas exigiram, ao mesmo tempo, a elaboração teórica de novas leis e fórmulas para reger a economia e a nova sociedade entendida como seu espelho. Assim, o liberalismo econômico lançou mão de conceitos como liberdade de circulação dos cidadãos, liberdade de concorrência, livre-comércio, direito à propriedade privada e uma série de liberdades individuais consideradas adequadas à nova ordem, varrendo os resquícios medievais de estrutura social planificada.

O direito à liberdade privada e a circulação econômica do industrialismo inglês, a república francesa, a universalização dos direitos e dos valores republicanos e a representatividade do sistema eleitoral estadunidense são exemplos históricos da concepção moderna de democracia.

Não foi à toa que o período de expansão dessa concepção como modelo de sociedade, o processo de mundialização ou globalização a partir dos anos derradeiros da década de 1980, trouxe o discurso fortemente ideológico de que havíamos chegado ao fim das ideologias ou ao fim da História, uma vez que estes valores seriam definitivamente universalizados. O mundo todo rodando como uma mesma máquina: a indúst-realidade.

Esta noção de democracia moderna como fruto das “revoluções burguesas” (Hobsbawm, 2002) ou integradora da indúst-realidade (Toffler, 1995) oferece, sem dúvida, um marco para a discussão em torno

---

<sup>2</sup> Agradeço a Romulo Augusto Orlandini pelas contrapalavras oferecidas à discussão promovida por este e pelo próximo tópico.

de suas limitações e alcances, principalmente no que diz respeito às suas contradições internas: as lutas travadas pelos teóricos cotidianos, trabalhadores, minorias e mesmo dissidências dentro das elites pensantes e iluminadas.

Seria redundante afirmar a exclusão formal dos trabalhadores nas considerações liberais industrialistas, dos pobres franceses que não participaram do poder político nem do parlamento revolucionário francês (apesar de terem feito a revolução), dos negros, indígenas e mulheres da constituição estadunidenses, por exemplo. Cabe perguntarmos: 1) Grupos (de países, minorias, pessoas) oficialmente excluídos do discurso formal também (re) produzem o discurso democrático? 2) a democracia, fruto de uma experiência tão limitada (geograficamente, historicamente), seria um valor universal? 3) a resignificação atual da palavra democracia (como veremos mais a frente) não seria indício do desnudamento de sua historicidade e, portanto, da sua possibilidade de mudança?

A primeira questão aponta para a discussão da própria metodologia da escrita da história. Se aderirmos ao modelo de democracia como um produto exclusivo do iluminismo e seus derivados, acataremos a tese da hegemonia de um grupo social – burguesia – sobre esta ideia. Mais à esquerda ou à direita, este argumento serviu de base para explicação da recusa ou aceitação da democracia de acordo com as circunstâncias e interesses imediatos, por exemplo, a partir de utilização de chaves maniqueístas (ou dialéticas mecanicistas) como: Ocidente democrático X Oriente autocrático; Democracia burguesa X Ditadura do proletariado; Democracia do Primeiro Mundo X Republicuetas das bananas do Terceiro Mundo; Democracia capitalista do mal X Ditadura popular do bem ou Democracia capitalista do bem X Ditadura popular do mal.

Por mais úteis que possam ter parecido aos governos, partidos, corporações e cientistas sociais empenhados na luta de um lado ou de outro da Guerra Fria, nenhuma destas dualidades questionava a autenticidade da democracia como ideia indúst-real-burguesa. Mais ainda, poucas foram as vezes que grupos ligados aos setores populares consideraram a possibilidade de tomar a democracia em suas mãos<sup>3</sup>. Se olharmos mais atentamente para a questão (talvez com um olhar mais toffleriano), no entanto, podemos reconhecer que não seria preciso que o povo, os excluídos, ou qualquer que seja a terminologia para designar

---

<sup>3</sup> É notável que se sobressaem os grupos de socialistas democráticos, teólogos da libertação e teóricos que procuraram conciliar a democracia com governo popular. O motivo destes aparecerem com mais evidência hoje do que à época, no entanto, se deve exatamente a sua maior proximidade com o discurso “vencedor” da democracia como valor universal. Vale ressaltar também a movimentação conveniente da cidade letrada em prol da democracia em momentos diversos da história da América Latina, leitura que pode ser aprofundada em Rama (1985).

os que estão na base da pirâmide, tomasse a democracia em seu favor, pois ele mesmo foi parte da construção deste conceito.

É interessante notar, deste modo, como a historiografia provocou esquecimento e depois desqualificou o período mais popular, por exemplo, da revolução francesa, os anos que vão de 1792 a 1794. Tendo à frente do Comitê de Salvação Pública (órgão diretivo máximo) o revolucionário radical Robespierre, foi neste período que houve a maior parte das conquistas populares, participação no poder, distribuição de terras, enfim, o exemplo mais aproximado na prática dos ideais democráticos. Na apresentação de “Robespierre: virtude e terror” Slavoj Zizek (2008) questiona os motivos que fizeram a historiografia rotular como “desvio de caminho” e classificar como violento e autoritário o período que não perdoou nem o calendário cristão do Antigo Regime.

Neste texto Zizek desenvolve a ideia de que em tempos de café descafeinado, optou-se por contar a revolução francesa sem a fase revolucionária. Uma espécie de 1789 sem 1792. Atendo-nos apenas a este exemplo notamos como o ideal de democracia como propriedade de um grupo hegemônico supõe uma sociedade unidirecional e linearmente conduzida. A democracia não é absolutamente de um grupo porque os fenômenos sociais, complexos, não eliminam a participação de seus contrários.

De tal forma, a hegemonia de um modelo de democracia só prova que existiu um projeto que durante algum tempo teve mais influência. A recuperação da história dos de baixo, dentro destes próprios países centrais, mostra que a democracia moderna não tem dono e nem lugar cativo, e que mesmo a construção de seu discurso não foi hegemônica por uma elite iluminada. Estas considerações sobre a história da democracia moderna talvez abram espaço para a resposta das outras duas questões colocadas anteriormente. A segunda: se a democracia, fruto de uma experiência tão limitada (geograficamente, historicamente), seria um valor universal? E a terceira: se a resignificação atual da palavra democracia não seria indício do desnudamento de sua historicidade e, portanto, da sua possibilidade de mudança?

## **A relativa estabilização da palavra na oficialidade e sua crise enquanto signo ideológico.**

Dois discursos: o da Revolução Francesa (Liberdade, Igualdade e Fraternidade) e o do Industrialismo (progresso via ciência e tecnologia). Duas revoluções, no campo das ideias e no campo da práxis, penetrando a oficialidade desde o fim da Idade Média<sup>4</sup> até o desenvolvimento e ápice do industrialismo, povoando as mentes do mundo e se estabilizando cada vez mais nos campos das ideologias oficiais, consolidando as instituições sociais, garantias daquela que talvez se apresentou como o alicerce ideológico mais forte e fundante das nossas vidas: democracia. Também palavra: democracia.

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível da relação social. (BAKHTIN, 2006:36).

Como uma palavra como “democracia” entra em crise, se não se critica democracia, principalmente em países que passaram por períodos não democráticos em menos de um século? Discursos da democracia foram levados às últimas consequências como argumento de guerra pelo petróleo e pela riqueza, por exemplo. Democracia é uma palavra quase intocável. Por isso algumas palavras são levadas a crise por outras crises impostas a outras palavras que circulam em outras esferas. Palavras e esferas que são fundamentais para a sustentabilidade dos sentidos reiteráveis da noção de democracia que alicerçam nosso cotidiano. Assim, para entender um signo é preciso colocá-lo ao lado de outros signos (BAKHTIN, 2006).

Se a ideia de democracia sobre a qual gira o mundo, pois acordamos todos os dias acreditando que vivemos num mundo democrático (um mundo que vai sempre em direção a mais democracia), está em crise, então as palavras dirão a crise.

---

<sup>4</sup> Via manifestações culturais populares. Bakhtin (2010c), ao estudar a variedade de manifestações da cultura popular incorporadas pela obra de François Rabelais, além de oferecer uma reflexão particular da produção literária deste autor, nos proporciona o desfiamento de uma visão de mundo subversiva, contestadora e renovadora, não somente da obra, mas da sociedade em questão, em relação aos valores oficiais da Idade Média. No contexto de uma pesquisa mais historiográfica, seria possível construir um questionamento sobre as possíveis influências dessa visão de mundo construída nas manifestações culturais populares na Idade Média para o início, senão para o todo, do tecido da sociedade de Segunda Onda descrita por Toffler.



Em 9 de maio de 2004 o filósofo esloveno Slavoj Zizek, em sua seção mensal no caderno “Mais” do jornal *Folha de São Paulo*, ao refletir sobre uma citação de Chesterton<sup>5</sup>, produz a seguinte analogia:

De maneira semelhante, muitos guerreiros liberais estão tão ávidos para combater o fundamentalismo antidemocrático que acabarão jogando fora a liberdade e a democracia apenas para combater o terror (ZIZEK, 2004).

Uma reflexão mais do que pertinente no contexto histórico em ebulição da época. Pós 11 de setembro de 2001, sobre uma nova fase da democracia global, Zizek, já em 27 de abril de 2003, um ano antes da reflexão sobre os “guerreiros liberais”, encarnava no mesmo caderno do mesmo jornal uma discussão irônica sobre uma espécie de inchaço da palavra *democracia*. Zizek (no texto de 2003) se refere a ideia defendida no livro “The Future of Freedom” [O Futuro da Liberdade], de Fareed Zakaria, o colunista favorito do então presidente dos Estados Unidos da América (EUA) George W. Bush:

Quanto aos EUA propriamente, o diagnóstico de Zakaria é que a América está cada vez mais adotando um populismo simplista que valoriza a popularidade e a abertura como medidas-chave de legitimidade. (...) O resultado é um profundo desequilíbrio no sistema americano: mais democracia, mas menos liberdade. “O remédio é portanto contrabalançar essa excessiva “democratização da democracia” (ou “demaiscracia”) delegando mais poder a especialistas imparciais imunes à disputa democrática, como bancos centrais independentes.” Esse diagnóstico só pode provocar um riso irônico: hoje, na alegada “superdemocratização”, os EUA e o Reino Unido iniciaram uma guerra ao Iraque contra a vontade da maioria de suas populações, para não falar da comunidade internacional (ZIZEK, 2003).

O artigo de 2003 de Zizek, intitulado “Excesso e Carência de Democracia”, já revelava o esboço da ideia de que a palavra democracia – e todo o jogo ético imbricado nela – estaria sofrendo de carência de novos sentidos, justamente pela extrema pressão norte americana em monofonizar<sup>6</sup> o seus sentidos, atitude semelhante à dos *homens de Chesterton* e dos *guerreiros liberais* do texto de 2004 de Zizek.

---

<sup>5</sup> G. K. Chesterton, em seu “Orthodoxy”: “Os homens que começam a combater a igreja em nome da liberdade e da humanidade acabam jogando fora a liberdade e a humanidade apenas para poder combater a igreja (...)”.

<sup>6</sup> “Dialogia é o confronto das entonações e dos sistemas de valores que posicionam as mais variadas visões de mundo dentro de um campo de visão” (Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso, 2009: 29). Como não existe concretamente a monologia, pois as palavras são sempre dialógicas, é possível falar em monofonia, que seria o apagamento (ou tentativa de apagamento) das diversas vozes que atuam em uma palavra, em um signo.

Preocupo-me aqui com os movimentos que uma palavra se dispõe enquanto fenômeno ideológico por excelência. Se a palavra é o lugar mais sensível das relações sociais, a provocação de Zizek se coloca ainda mais provocativa por envolver, no caso da palavra democracia, os movimentos ideológicos mais amplos da sociedade atual, o jogo no qual as nações mundiais estão se envolvendo em busca da democracia, seja para sua manutenção, para sua conquista, para sua extinção ou transformação.

A palavra democracia se fortaleceu nos séculos passados principalmente a partir do conceito de representação. O chamado ‘governo do povo’ estabeleceu-se através de um discurso hegemônico no qual se escolhem alguns a fim de serem fiéis depositantes das ideias de todos para o bem de todos. Dentro dessa constituição primária, vários modelos de democracia foram se constituindo no mundo. Nesse grande cenário, o formato que se destacou foi o partidário, onde partidos, enquanto instituições, fazer “fluir da melhor maneira” o processo de escolha e decisão democrática.

Assim, durante muitos anos, os partidos se tornaram a base do chamado governo representativo, quando, de acordo com Manin (2007) se organizaram a fim de serem expressões da vontade popular. Foi somente a partir da segunda metade do século XIV, com o surgimento dos partidos de massas e da ampliação dos direitos ao voto, a constituição dos representantes dos representados – ligados diretamente aos partidos – firmou-se como o mais próximo possível de um autogoverno, mais acabado que o parlamentarismo liberal até então vigente.

Logo, a democracia passa a ser fruto de uma extensão dos direitos políticos, que tem no bojo uma revolução sócio-industrial que se iniciou a partir do meio do século XVI, principalmente a partir da Segunda Guerra Mundial.

Como nos diz Dahl (1997), democracia é uma conquista *porvir* e será sempre idealização. Manin (2007:4) afirma que a ideia da crise da representação é usual por conta das diversas maneiras que os procedimentos democráticos vão aparecendo e se modificando – o que justifica a afirmação de “que estamos diante de uma crise que é muito menos da representação como tal do que de uma forma particular de governo representativo”. Ainda segundo o autor, podemos ter dentro do governo representativo alguns princípios constitutivos de maior ou menos intensidade, como 1) *Os representantes são eleitos pelos governados*; 2) *Os representantes conservam uma independência parcial diante das preferências dos eleitores*; 3) *A opinião pública sobre assuntos*

*políticos pode se manifestar independentemente do controle do governo e 4) As decisões políticas são tomadas após debate.*

Dentro desse espectro, três “tipos ideais” de governo representativo podem ser construídos: o "parlamentar", a "democracia de partido" e a "democracia do público". A questão ganha corpo ao analisarmos que a sociedade atingiu um nível de desenvolvimento cujos limites vão além das fronteiras dos países, tornando as relações humanas complexas, globalizadas e mediadas. Rubim & Azevedo (1998; 2003) nomeia essa mudança de paradigma como o surgimento da *Idade Mídia*. Isso faz com que o conceito de democracia, antes muito ligado à ideia de representação partidária como citado, passe agora por um novo momento, que podemos entender como mais um movimento em torno da crise da palavra democracia.

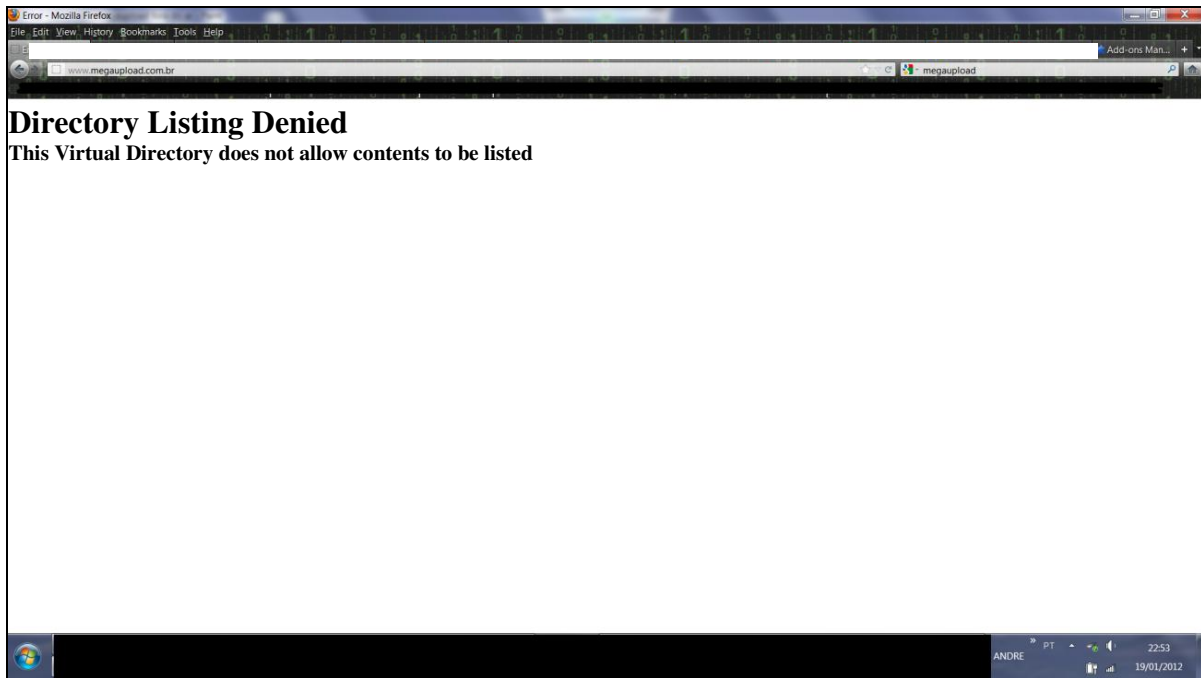
Retomando a compreensão de Toffler (1995) sobre o fato da democracia da indúst-realidade se basear na noção elementar de representação, o que parece estar em crise atualmente é o “estojo de representação”.

Apesar de o autor apontar vantagens da democracia de Segunda Onda, como abrir canais de retroalimentação entre o topo e o fundo da sociedade, ajudar o pobre e o fraco a espremer benefícios dos técnicos do poder que manobravam as máquinas integracionistas, na prática, não se pode vê-la controlada pelo povo como definida. Com efeito, longe de enfraquecer as elites gerenciais, as eleições fomentam uma ilusão de igualdade. A votação democrática proporciona um ritual de reafirmação da massa, transmitindo ao povo a ideia de que as escolhas estão sendo feitas por ele. De modo simbólico as eleições afirmavam ao cidadão que eles ainda estavam no comando. Como manter isso? Inchando e esvaziando (ações dos Técnicos do Poder) a palavra dentro da qual se constrói tal ilusão. Porém, a Tecnosfera está em crise.

**Da crise na Tecnosfera... ou Error (Directory Listing Denied / This Virtual Directory does not allow contents to be listed).**<sup>7</sup>

Para desenvolver o argumento da apropriação das ferramentas e exemplificar a crise na Poderesfera de Segunda Onda, apresento neste momento do texto embates pelos quais é possível desvelar tal apropriação dos sujeitos e suas lutas pelo controle da *Tecnosfera*, no que diz respeito ao embate contra os portais de disponibilização *on-line* de arquivos.

Figura 1: Imagem da tela do computador ao tentar acessar o site [www.megaupload.com](http://www.megaupload.com) dia 19/01/2012



Uma das grandes batalhas desse embate resultou no que se visualiza na imagem reproduzida acima: o diretório [www.megaupload.com.br](http://www.megaupload.com.br) **buscado** e **negado** dia 19 de janeiro de 2012. Todas as disputas que circundam esse evento podem ser compreendidos a partir da palavra “pirataria”.

---

<sup>7</sup> Tradução adaptada do próprio autor: Erro (Listagem de diretório negada / Este diretório virtual não permite que conteúdo seja listado).

Em 11/07/2012, às 14:42, a imagem que visualizei ao acessar o mesmo endereço foi a seguinte:

Figura 2: Imagem da tela do computador ao tentar acessar o site [www.megaupload.com](http://www.megaupload.com).<sup>8</sup>



A notícia *mais oficial das oficiais*<sup>9</sup>, da Agência Reuters, ao resumir, logo no primeiro parágrafo, a situação como "a última disputa numa guerra contra a pirataria de filmes e músicas" explicava que

O grupo, chamado pelos promotores de "Mega Conspiracy", foi acusado de se envolver num esquema que tirou das mãos de detentores de direitos autorais por volta de 500 milhões de dólares e gerou mais de 175 milhões de dólares em rendimentos criminosos, de acordo com a acusação revelada nesta quinta-feira.

O tom da notícia, essencialmente policialesco, evidencia que os empresários da empresa "Megaupload" haviam sido detidos por acusações que "incluem violação de direitos autorais e

---

<sup>8</sup> Tradução livre: Este nome de domínio, associado ao site Megaupload.com, foi apreendido nos termos de uma ordem emitida pela Corte Distrital dos EUA. Um grande júri federal indiciou várias pessoas e entidades supostamente envolvidas na operação de websites Megaupload.com e afins, acusando-os dos seguintes crimes federais: Conspiração para extorsão, conspiração para violação de direitos autorais, conspiração para lavagem de dinheiro e violação de direitos autorais."

<sup>9</sup> "EUA acusam Megaupload de violação de direitos autorais", de 19 de janeiro de 2012 - 20:02. A Agência Reuters atualmente conta com 55,000 empregados em mais de 100 países, e se autointitula "a maior fonte mundial de informação inteligente para empresas e profissionais", na verdade, é uma das maiores produtoras e vendedoras de notícias do mundo, e ficou famosa principalmente enviando correspondentes às principais zonas de guerra e vendendo suas imagens e textos para os jornais televisivos e impressos de todo o mundo. Disponível em <<http://br.reuters.com/article/internetNews/idBRSP80I09Y20120119>>. Acessado em 15/03/2014.

conspiração para realizar extorsão, violação de direitos autorais e lavagem de dinheiro". A reportagem reservou uma pequena contextualização ao final do texto:

As acusações emergem em um momento em que o Congresso norte-americano tem dificuldades em função de legislação promovida pelas indústrias do cinema e da música para reduzir a pirataria online e o roubo de conteúdo. Grandes sites como o Google e o Facebook se opuseram e afirmaram que, da maneira como a legislação foi redigida, ela levaria à censura.

Mais do que uma simples oposição de grandes *sites* como Google e Facebook, eles se juntaram ao *site* inglês da Wikipedia e a milhares de outros sites para protestar, com uma espécie de apagão *online*, contra SOPA e PIPA<sup>10</sup>. Segundo os organizadores, o propósito do apagão foi duplo: sensibilizar a opinião pública e incentivar as pessoas a partilhar os seus pontos de vista com seus representantes eleitos<sup>i</sup>.

Ao buscar mais informações sobre essa situação, vemos que, além da disputa institucionalizada pelos referidos projetos de lei nos EUA, acontecimentos singularizados da batalha entre Megaupload e a Universal Music Group (UMG) desvelam um pouco mais sobre o contexto geral dessa guerra:

A operação internacional surge após várias ações legais movidas por gigantes como a UMG, que recentemente contestara a participação de conhecidas estrelas da música pop num vídeo de promoção do Megaupload. Will.i.am, Kanye West e Alicia Keys são alguns músicos que defendem o site de partilha de ficheiros, apesar da companhia discográfica não ter autorizado os artistas a participar no anúncio.<sup>ii</sup>

---

<sup>10</sup> "O Stop Online Piracy Act (SOPA) é um projeto de lei com regras mais rígidas contra a pirataria digital nos EUA. Ele prevê o bloqueio no país, por meio de sites de busca, por exemplo, a determinado site acusado de infringir direitos autorais. O foco está principalmente em sites estrangeiros, contra os quais as empresas americanas pouco podem agir. No Senado, circula o Protect IP Act, conhecido como PIPA (ato para proteção da propriedade intelectual), outro projeto sobre direitos autorais que mira a internet" Disponível em <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/01/governo-dos-eua-fecha-megaupload-e-prende-seu-fundador.html>>. Acessado em 15/03/2014.

Em suma, vários artistas internacionais foram contratados pelo Megaupload para fazer um vídeo promocional, conhecido como “Mega Song”, em Dezembro de 2010, que teve mais de 11 milhões de visitas<sup>iii</sup>. A UMG processou o Megaupload pouco tempo depois, alegando que seus artistas não tinham sido autorizados a participar do vídeo, e conseguiu tirá-lo do ar. O Megaupload entrou na justiça contra a retirada do vídeo do ar, alegando ser injusta a ação ganha pela UMG. Cerca de cinco horas depois, em uma ação da UMG, a empresa Megaupload foi indiciada por pirataria e o site de transferência de ficheiros <megaupload.com> foi fechado.

Pouco tempo depois do <megaupload.com> ter sido retirado do ar pelo FBI, acusado de pirataria, o grupo de hackers Anonymous<sup>11</sup> atribuiu a si os ataques que desativaram endereços online da Justiça Americana, da Universal Music, da Associação Cinematográfica (MPAA) e da Associação da Indústria de Gravação da América (RIAA).

A reportagem da revista Exame<sup>iv</sup> revela que "o anúncio foi feito nas páginas do grupo no site Twitter (@anonops e @youranonews)" e dizia: "O Governo derruba o #Megaupload? 15 minutos depois o #Anonymous derruba os sites do governo e das gravadoras".

Ainda, a reportagem diz que o "o grupo também afirmou que a operação em curso, chamada de #OpMegaupload ou #OpPayback", é "o maior ataque já feito alguma vez pelo Anonymous, com 5.635 participantes".

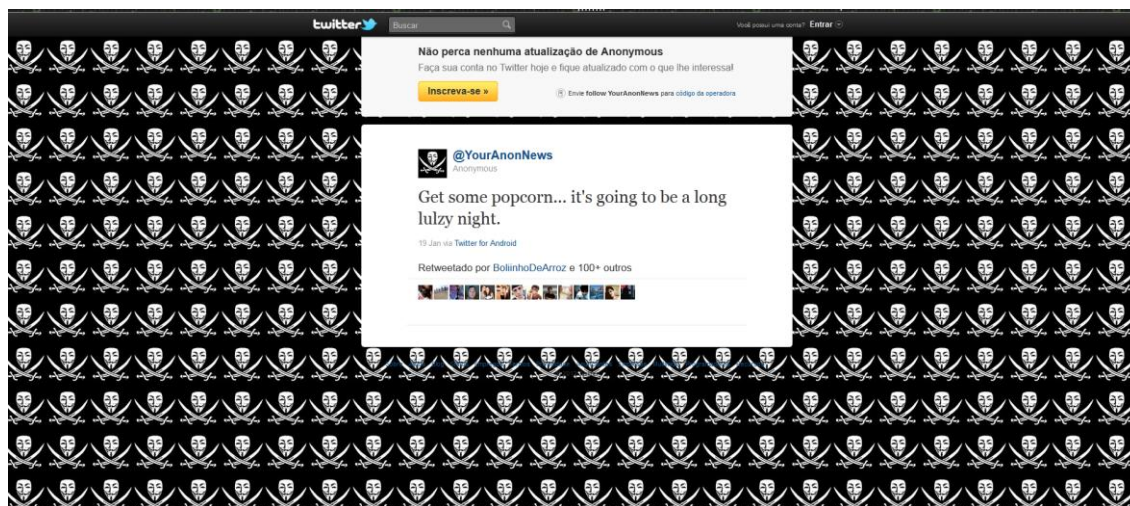
Segundo reportagem de um site português<sup>v</sup> "às 23h55 do mesmo dia, a CNN citava uma fonte do coletivo hacker para indicar que pelo menos 27.000 computadores estariam a ser utilizados no ataque".

---

<sup>11</sup> “Na sua forma inicial, o conceito tem sido adotado por uma comunidade online descentralizada, atuando de forma anônima, de maneira coordenada, geralmente em torno de um objetivo livremente combinado entre si e voltado principalmente a favor dos direitos do povo perante seus governantes. A partir de 2008, o coletivo Anonymous ficou cada vez mais associado ao hacktivismo, colaborativo e internacional, realizando protestos e outras ações, muitas vezes com o objetivo de promover a liberdade na Internet e a liberdade de expressão. Ações creditadas ao Anonymous são realizadas por indivíduos não identificados que atribuem o rótulo de "anônimos" a si mesmos”. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Anonymous>>. Acessado em 12/03/2014. Mais informações sobre as ações do grupo no Brasil podem ser acessadas em <<http://www.anonymousbrasil.com/>>.

A reportagem da revista Exame termina divulgando a postagem no site Twitter que informa que a noite seria de constantes ataques aos sites de todos os envolvidos na batalha Megaupload X UMG e na guerra pela liberdade na internet contra os projetos SOPA/PIPA<sup>12</sup>:

Figura 3: Postagem de YourAnonNews



O site "Olhar digital"<sup>vi</sup> resumiu, em uma cobertura atualizada a cada segundo, a sequência dos acontecimentos. Abaixo, a reprodução da cobertura, a qual lembra a atualização de uma cobertura de Guerra:

10/01

Update 1: Sites da RIAA (Record Industry Association of America) e a MPAA (Motion Picture Association of America) também se foram.

Update 2: Agora é o US Copyright Office, que caiu.

---

<sup>12</sup> Tradução livre: “Pegue pipoca... será uma noite longa e engraçada” Disponível em <<https://twitter.com/#!/YourAnonNews/status/160133165598515200>>. Acessado em 15/03/2014.



Update 3: Os Anonymous afirmam, via Twitter, que este já é o maior ataque deles, e parecem empolgados com a continuidade da ação. Já avisaram para o público pegar um pacote de pipoca e "varar" a noite com eles. Aguardemos.

22h00: "The Internet Strikes Back" é Trending Topic mundial. "Megaupload" também, com 1800 tweets por segundo (de acordo com o grupo).

22h22: Os Anonymous afirmam ter trazido o Megaupload de volta no ar, no endereço [www.megavideo.bz](http://www.megavideo.bz). Parece que o site está sofrendo com excesso de conexões...

22h26: Warner Music Group down.

22h36: Release divulgado pelo FBI sobre o fechamento do Megaupload >> [aqui](#)

22h43: FBI DOWN!

23h13: Para saber mais: veja como o Brasil está se preparando para possíveis guerras cibernéticas <http://migre.me/7B8Gd>

23h32: SOPA/PIPA: os protestos funcionaram? Vejam alguns números <http://migre.me/7B9Ao>

23h41: Entenda como funciona o sistema para derrubar os grandes sites <http://migre.me/7Ba5R>

23h44: Até ontem, o SOPA tinha 31 oponentes no Congresso americano; agora já são 122 declarados. (vejam a proporção [aqui](#))

00h13: Statement dos Anonymous <http://migre.me/7BbCe>

00h48: Para se ter uma ideia do tamanho desse ataque: nas últimas horas, o tráfego na internet chegou a ficar 24% maior que o normal para o horário (dados do Akamai, um monitor de tráfego na web)

01h10: E assim termina o dia. Como escreveu o @youranonnews, "ontem foi o dia do blackout voluntário dos oponentes do SOPA; e hoje foi o dia do blackout involuntário dos apoiadores do SOPA".

20/01

13h30: Caem os sites do Ministério da Justiça da Nova Zelândia (<http://justice.govt.nz/>) e da loja da MGM ([shop.mgm.com](http://shop.mgm.com))

14h24: <http://www.anti-piracy.be/> - Tango Down.

15h44: Loja da Warner Bros (<http://store.warnerbrosshop.com>) - também fora do ar.

No meio da batalha entre Megaupload e UMG, pela diversidade de alvos e ações<sup>13</sup>, pela diversidade de atores envolvidos (empresas, instâncias governamentais diversas, tribunais de justiça, artistas, hackers organizados, público usuário<sup>14</sup>), observo que os motivos concretos desta guerra vão se mostrando mais complexos do que simplesmente a proteção de direitos autorais de um tipo ou outro de obra artística.

Tal disputa não é nova, em 02 de junho de 2009, o jornal Folha de São Paulo<sup>vii</sup> apontava as batalhas da época. Os alvos eram os sites Mininova e Piratebay, ambos processados em tribunais acusados de violarem leis de direitos autorais.

Editores de música, literatura, obras cinematográficas, software e obras televisivas são como os proverbiais canarinhos em uma mina de carvão – as primeiras baixas de uma revolução que está se alastrando pela indústria como um todo. Muitos titãs enfraquecidos da economia industrial se sentem ameaçados.

(...)

Agora, com grande desapontamento, os titãs da era industrial estão aprendendo que a verdadeira revolução está apenas começando. Só que desta vez, os concorrentes não são mais as indústrias arqui-rivais, mas a massa hiperconectada e amorfa de indivíduos auto-organizados que está segurando com força as suas necessidades econômicas em uma mão e os seus destinos econômicos na outra. (TAPSCOTT & WILLIAMS, 2007:25)

Não obstante ao fato interessante, chamado atenção pela nota, de ter sido a esfera artística a primeira a sentir o desmonte da lógica industrial que distanciou produtor e consumidor, Tapscott & Williams (2007) estão no topo do discurso mercadológico integrado e tentam demonstrar como as empresas podem se aproveitar da inevitável “revolução que está se alastrando” abrindo espaço para que

---

<sup>13</sup> Sites de empresas e organizações da indústria da música e de filmes, conforme Update 1 e 2, Update 3/22h26 e atualizações do dia 20/02 às 13h30 e 15h44; site do governo, conforme Update 3/22h43; sites governamentais de países envolvidos na disputa, conforme atualizações de 20/01 as 13h30, conjugados ainda com a divulgação da audiência e, com isso, da amplitude dos ataques, conforme Update 3/22h00.

<sup>14</sup> Postado no twitter e publicado automaticamente no facebook, a atualização de um usuário de sites de download revela o descontentamento com o fechamento de mais um site de compartilhamento de arquivos. Porém, nesse caso, o site <filesonic.com> foi fechado pelos próprios proprietários, temendo sofrer o mesmo tipo de processo que o megaupload. O link da reportagem sobre o assunto é <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/01/concorrente-do-megaupload-filesonic-desabilita-downloads.html>>. Acessado em 15/03/2014.

a colaboração em massa ajude a “criar riquezas” e “alcançar níveis sem precedentes de aprendizado e descobertas científicas”. Utilizam, para isso, o exemplo da MONSANTO versus CAMBIA.

Os pesquisadores do instituto australiano de biotecnologia CAMBIA se preocupam com o fato de patentes de propriedade de multinacionais como a Monsanto estarem comprometendo a vida de bilhões e pessoas que não podem arcar com os custos de licenciamento para utilizar sementes geneticamente modificadas. Então, os pesquisadores do CAMBIA, que trabalham em soluções para os desafios da segurança alimentar e da produtividade agrícola, divulgam os seus resultados publicamente através de BIOS (Licenças Biológicas de Código Aberto). Assim, eles conseguem utilizar um número muito maior de cientistas talentosos no processo de geração de soluções para os agricultores que precisam delas. (TAPSCOTT & WILLIAMS, 2007:36)

Assim, a colaboração seria então, para os autores, uma maneira de produzir conhecimento coletivamente para o bem de todos. Porém, de uma perspectiva empresarial, seria uma forma bastante econômica de produzir conhecimento à custa de uma comunidade colaborativa. Nas palavras de Castells (2003:85), “um produto de qualidade superior (por exemplo, um programa de software) é gerado pelo esforço coletivo de uma rede, um esforço em que cada participante encontra uma compensação no esforço livremente empenhado por outros.”

Para além dos problemas novos que surgem nesse novo tipo de produção (como por exemplo relações de trabalho, valoração do trabalho, custos e pagamentos da comunidade que, em conjunto, gera o conhecimento que produz, em última instância, lucro), o modelo de negócio de Segunda Onda agoniza também por outros motivos.

Todos os dias, cerca de 3 bilhões de buscas são feitas pelo Google, que soma já mais de 1 bilhão de usuários únicos fazendo das sugestões de seus robôs os locais primários de acesso.

Quando o assunto passa a ser relacionamento, o Facebook e seus mais de 800 milhões de usuários (cerca de 45% da totalidade de internautas do planeta) entram em cena. Por meio desta rede, mais de 140 bilhões de fotos foram compartilhadas até hoje [28/11/2012] e 734 milhões de comentários são postados diariamente. (ALMEIDA, 2012)<sup>viii</sup>

Almeida (2012) chama atenção para o fato que, segundo ele, praticamente passa despercebido pela maioria do número de internautas que ele cita: Google e Facebook são empresas. Seus objetivos são os mesmos: obter lucros.

A dificuldade do governo brasileiro atual em aprovar o chamado “Marco Civil da internet” reside exatamente no imbricamento dessas disputas. Oficialmente chamado de Lei nº 12.965, a idéia do projeto surgiu em 2007 como resistência ao projeto de lei de cibercrimes conhecido como Lei Azeredo ou AI-5 Digital, tomou forma em 2009 e foi aprovado na Câmara dos deputados apenas em 25 de março de 2014 e no senado federal em 23 de abril de 2014, sendo sancionado logo depois por Dilma Rousseff.

As operadoras de telefonia, que detém a infraestrutura física da internet, lutaram durante os últimos 7 anos para conseguirem cobrar pelo excesso de tráfego gerado por sites como YouTube, Netflix, iTunes, Google, Facebook, Twitter e provedores como Globo.com, entre outros. Para isso, queriam, como alertou Sakamoto (2013)<sup>ix</sup>,

Ter o direito de bisbilhotar na sua navegação para saber que tipo de conteúdo e/ou serviço você está acessando a fim de criar pacotes diferenciados de acesso. Assim, se você quiser baixar ou subir vídeos, por exemplo, terá que contratar um plano “plus-master-blaster”. Se ficar só no pacote básico (bem no estilo TVs por assinatura), só vai poder mandar e-mail e usar o Facebook.

Na prática, poderá ser criado um apartheid digital, com usuários de duas classes distintas: os que podem pagar para ter acesso à internet “completa” e os que, mais uma vez, terão seu direito de acesso à informação e liberdade de expressão na rede cerceado por seu limitado poder de compra. Traduzindo: os mais pobres vão rodar de novo.

Essa demanda não foi aprovada pelo Marco Civil da internet, porque, segundo avaliação de Wiziack (2013)<sup>x</sup>, as operadoras de telecomunicação “demoraram a perceber que o nome do jogo é conteúdo e que o cliente não vê mais valor na oferta de serviços (voz e internet)”. Em outras palavras, a disputa está entre dois modelos de negócios, um de Segunda Onda (das operadoras de telecomunicação, que vendem o acesso a estrutura) e um, que seria o tão alardeado modelo de Terceira Onda, o de

empresas como Google e Facebook, que lucram sobre os conteúdos produzidos e disseminados pelos sujeitos em troca de acesso gratuito às informações e à diversas ferramentas online.

Quando chegou a Segunda Onda, começaram a surgir auditórios em Londres, Viena, Paris e em outras partes. Com eles vieram a bilheteria e o empresário – o negociante que financiava a produção e vendia entradas aos consumidores. Foi assim que Toffler descreveu o início da indústria da música no ápice da sociedade de Segunda Onda. Disputas como as descritas anteriormente só existem porque ainda tenta-se de manter as diversas esferas sociais na Segunda Onda.

A cultura de Segunda Onda, moldada pela clivagem entre a produção e o consumo, está sucumbindo a uma realidade diferente que tenta se desvincular dessa cisão destituindo, para pegarmos apenas esse exemplo da influência da internet na Tecnosfera, os códigos sagrados da indust-realidade: produz-se e dissemina-se conteúdo cultural de forma **descentralizada** (sem gravadoras e intermediários), **não especializada** (não é mais necessário o especialista em gravação, o especialista em edição, o especialista em distribuição, etc), **não síncrona** (de forma que qualquer um pode ‘baixar’ qualquer conteúdo a qualquer momento), **não concentrada** (não é mais necessário ser divulgado, pelos meios de comunicação de massa, como um sucesso popular para vender seu produto cultural)<sup>15</sup>.

### **Para além do instante agridoce... #web25<sup>16</sup>**

Inúmeras manifestações sociais irromperam desde a última virada de século. Um dos exemplos mais recentes recebeu a alcunha de **primavera árabe**, ocorrida a partir do ano de 2010 e ainda em curso em alguns países do Oriente Médio. O exemplo nacional de maior amplitude mais recente foram as chamadas **manifestações de junho/julho de 2013**. Para Zizek (2013), a melhor maneira de compreender

---

<sup>15</sup> Alceu Valença, artista brasileiro mundialmente conhecido, por ter se desligado totalmente do mercado tradicional da música no Brasil, conta como atualmente consegue sobreviver compondo, produzindo, divulgando e fazendo shows, servindo-se somente da lógica de compartilhamento de informações pela internet. Disponível em <<http://carnaval.uol.com.br/2014/recife-e-olinda/noticias/2014/03/04/alceu-valenca-denuncia-novo-jaba-e-critica-multiculturalismo-forcado.htm>>. Acessado em 12/03/2014.

<sup>16</sup> No dia 12 de março de 2014 a World Wide Web completou 25 anos de existência. A internet, obviamente, já estava, mesmo as 07:43, recheada de reportagens para comemorar a data. Logo que acordei neste dia li algumas reportagens sobre o aniversário da Internet, como a do site <<http://olhardigital.uol.com.br/noticia/internet-25-anos/40769>>, pelo qual tive acesso a um vídeo gravado por Tim Berners-Lee, inventor da web, e a informação de que as redes sociais estavam usando a hashtag #web25, para comemorar a data. Como estava, na ocasião, revisando o texto da tese, decidi que a primeira palavra que escreveria ao maximizá-lo naquela manhã seria a hashtag #web25, exatamente no lugar do texto em que o cursor havia parado na noite anterior.

tais “erupções” (que, segundo ele, não aconteceram somente nos pontos fracos do sistema capitalista, como Espanha e Grécia, mas também em países prósperos e em rápido desenvolvimento, como Turquia, Suécia e Brasil) é circunscrevê-las em torno de uma palavra composta, “mal-estar”:

E então, explodiram os protestos na praça Taksim. Não há quem não saiba que os planos para transformar um parque em torno da praça Taksim no centro de Istambul em shopping-center não foram “o caso”, naqueles protestos; e que um mal-estar muito mais profundo ganhava força. O mesmo se deve dizer dos protestos de meados de junho no Brasil: foram desencadeados por um pequeno aumento na tarifa do transporte público, e prosseguiram mesmo depois de o aumento ter sido revogado. Também nesse caso, os protestos explodiram num país que – pelo menos segundo a mídia – estava em pleno boom econômico e com todos os motivos para sentir-se confiante quanto ao futuro.

(...)

Em 2011, quando irrompiam protestos por toda a Europa e todo o Oriente Médio, muitos insistiram que não fossem tratados como instâncias de um único movimento global. Em vez disso, argumentavam, haveria uma resposta específica para cada situação específica. No Egito, os que protestavam queriam o que em outros países era alvo das críticas do movimento Occupy: “liberdade” e “democracia”. Mesmo entre países muçulmanos, haveria diferenças cruciais: a Primavera Árabe no Egito seria contra um regime autoritário e corrupto aliado do ocidente; a Revolução Verde no Irã, que começou em 2009, seria contra o islamismo autoritário. (ZIZEK, 2013).

Para o autor, “o que une protestos em todo o mundo — por mais diversos que sejam, na aparência — é que todos reagem contra diferentes facetas da globalização capitalista”, e finaliza, contundente, que a “chegada dos Protestos ao Brasil e Turquia revela: há mal-estar generalizado contra lógicas e ideologia do capitalismo. Desafio é construir alternativas e nova democracia”.

O que interessa na interpretação de Zizek das manifestações não é somente a perceptível dificuldade em fundamentar os motivos globais de tal “mal-estar” como um descontentamento generalizado com o capitalismo, ou com uma espécie de velha democracia, ou ainda com a falta de liberdade, mas principalmente a percepção de que existe um “mal-estar” generalizado no mundo e que, apesar dos inúmeros motivos locais que o fundamenta, existem entre eles conexões.

Os últimos grandes eventos políticos (Istambul, Brasil, Occupy, Primavera Árabe no Egito e Revolução Verde no Irã) provocaram nos últimos anos reflexões sobre grandes temas sociais como democracia, liberdade e totalitarismo. Ou seja, temas gerais que sempre circulam nos grandes debates sociais. Mesmo que os temas locais abordados por cada um desses movimentos tenham suas

particularidades<sup>17</sup>, Zizek (2013) observou que eles possuíam um ponto em comum, que cresciam fundamentalmente por conta de um “mal-estar” generalizado. Pensadores, como Toffler e Zizek, que se esforçam para compreender os fenômenos sociais dentro de escopos generalistas, como o da luta pela liberdade ou pela democracia, acabam deixando escapar, ou simplesmente optam por não abordar, os aspectos mais singulares que outros observadores, geralmente menos reconhecidos, ou com objetivos mais restritos, acadêmicos ou não, detectaram e estão tentando compreender já há alguns anos: todos os grandes movimentos sociais de impacto político nos últimos 10 anos possuíam, de forma direta e/ou indireta, relações estreitas com a utilização do computador e da internet, seja pela utilização das redes sociais para divulgação dos acontecimentos, para declarações particulares/públicas a favor ou contra os acontecimentos ou pela utilização de diversas ferramentas para organização de manifestações.

Os artigos de Teixeira (2007) e Pereira (2011) trabalham dentro da perspectiva de que "a apropriação de tecnologias de informação e comunicação (TICs) pelos movimentos sociais tem favorecido o surgimento de novas formas de ativismo, perpassadas por infra-estruturas tecnológicas que determinam e são determinadas pelas próprias práticas" (PEREIRA, 2011) e procuram demonstrar como a internet contribui para a articulação e "potencialização dos movimentos sociais e redes de movimentos sociais" (TEIXEIRA, 2007)

De 2002 para cá, por exemplo, pudemos observar, com a explosão da segunda bolha da internet, a apropriação de uma série de ferramentas que conjugam o computador e a internet (redes sociais, ferramentas de comunicação instantâneas e de envio de mensagens, entre uma série de outras), que se situam no cruzamento entre um senso comum sobre liberdade e a utilização concreta da língua nessas ferramentas, cruzamento que lança novas polêmicas e questionamentos sobre como pensamos os sujeitos na relação com a sociedade, justamente porque possibilitaram, conforme os pressupostos assumidos aqui, o retorno da subjetividade como aspecto fundamental para compreendermos o mundo atual.

O Caderno *Mais da Folha de São Paulo* de 10 de maio de 2009 traz um debate especial chamado “Mídias em guerra”, onde dois especialistas travam, cada um em seu artigo, um *debate acirrado* sobre o futuro do jornalismo e o acesso à informação. Contudo, mais do que o questionamento

---

<sup>17</sup> Além das particularidades dos movimentos internacionais apontadas por Zizek (2013), um blogueiro brasileiro (VILHAÇA, 2013) registrou a diversidade de temas bradados pela diversidade de grupos em uma das manifestações brasileiras ocorridas na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, no dia 17 de junho de 2013: “Pela humanização das prostitutas!”, “O corpo é meu! Legalizem o aborto!”, “Fora, Lacerda!”, “Viva o casamento gay!”, “Passe Livre já!”, “Passagem a 2,80 é assalto!”, “Pelo fim da PM no Brasil!”, “Cadê a Dilma da guerrilha?”, “Fuck you, PSTU!”, “Aécio NEVER!” e “Não à Copa no Brasil!”.

sobre a confiabilidade e o acesso sempre presente em debates desse tipo, o que parece incomodar os críticos dos novos meios de produção e transmissão de informação é a forma como os sujeitos, organizados ou não em grupos virtuais, estão se apropriando da linguagem de forma livre e construindo coletivamente uma diversidade cada vez maior de informações sobre os fatos do mundo.

Em 7 de julho de 2005, às 8h50, a cidade de Londres, Inglaterra, parou quando quatro bombas sincronizadas explodiram em seu sistema de transporte. Dezoito minutos mais tarde, enquanto os veículos de mídia tentavam com dificuldade cobrir a história, o primeiro verbete apareceu na Wikipédia, uma enciclopédia online gratuita que qualquer um pode editar. Morwen, uma entusiasta wiki de Leicester, Inglaterra, escreveu: Em 7 de julho de 2005, explosões ou outros incidentes foram relatados em várias estações de metrô de Londres, mais especificamente Aldgate, Edware Road, Kings Cross St. Pancras, Old Street e Russel Square. Foram atribuídas a picos de energia.” Em minutos, outros membros da comunidade acrescentavam informações adicionais e corrigiam a sua ortografia. Quando os norte-americanos acordaram, centenas de usuários haviam se unido à confusão. Ao final do dia, mais de 2500 usuários haviam criado um abrangente relato de 14 páginas sobre o acontecimento, que era muito mais detalhado do que a informação fornecida por qualquer veículo de notícias. (TAPSCOTT & WILLIAMS, 2007:87)

O relato de Don Tapscott & Anthony D. Williams sobre como a Wikipédia superou os tradicionais veículos de notícias em um episódio em Londres revela o imbricamento dessa polêmica e também possibilita perguntas sobre o fato de que essa luta está se dando, sobretudo, pela língua, ou seja, pela tomada da palavra por aqueles que não a tinham (em determinado momento histórico e por isso não diziam o mundo) para narrar o mundo a seu jeito.

A internet, desde que fincou suas garras no funcionamento global das relações, provoca reflexões de todos os níveis e, praticamente, de todas as áreas do conhecimento. A maior parte delas tende a considerar os novos movimentos na internet como possibilitadores de uma espécie de agora virtual: a construção de uma espécie de “nova democracia”, “uma democracia do tempo real”, “criando diversidade, animando o pensamento coletivo, contribuindo para a elaboração e a resolução dos problemas comuns” (LÉVY: 1998:65). Praticamente uma resposta à crise da democracia moderna já tratada nesse texto.



Não estou procurando argumentos para defender a ideia de que estamos vivendo uma era de transformação social. Como já dito, isso é pressuposto e os exemplos descritos até agora, e outros que serão abordados no decorrer desta tese, contribuem para validar tal pressuposto. Trata-se, portanto, de enquadrar esse pressuposto no período pós segunda bolha da internet, período abarcado pelas considerações de Toffler (1995) sobre o fim daquilo que ele chamou de *indust-realidade*, na medida em que mudanças revolucionárias estariam acontecendo nas diversas esferas que compuseram a sociedade industrial desde seu surgimento (*tecnosfera, socioesfera, infosfera, poderesfera, biosfera e psicofera*).

O industrialismo estaria sofrendo severas mudanças nessas diversas esferas e essas mudanças indicariam o embate entre dois mundos diferentes, um que se encerra e outro que se inicia, empurrando as pessoas e a sociedade para novas maneiras de se viver, dentre as quais um *novo caráter social* seria imprescindível para expressar a personalidade diferente do *sujeito não industrial*, o sujeito da terceira onda.

Toffler, no início da segunda parte de seu livro, denominada A Terceira Onda, ao se descrever em janeiro de 1950, jovem, indo trabalhar na linha de montagens nas infinitas fábricas do Meio-Oeste americano, pergunta:

A fábrica. Viva a fábrica! Hoje, mesmo enquanto se constroem novas fábricas, a civilização que fez da fábrica uma catedral está morrendo. E em alguma parte, neste momento, outros moços e moças estão dirigindo seus carros através da noite com destino ao centro da nascente civilização da Terceira Onda.

Se os seguíssemos até o seu destino, aonde chegaríamos? Às estações de lançamento que arremessam aqueles veículos flamejantes e fragmentos de consciência humana para o espaço exterior? (...) As equipes que trabalham em inteligência artificial? (...) Estão produzindo armas para terroristas? Onde está sendo forjado o futuro?

Muitos se apressariam em responder: na Internet. O próprio Toffler (1995: 147-148) coloca a eletrônica e os computadores como uma das principais ferramentas do amanhã, mas a agrega a indústria do espaço, a indústria das águas, a indústria do gene e principalmente a necessidade da reformulação da indústria da energia para longe dos combustíveis fósseis esgotáveis.

Não é sem razão, no entanto, que o primeiro grande capítulo da terceira parte do livro se chama “Desmassificando os meios de comunicação de massa”. É pela infosfera que o autor tenta desvelar os caminhos que as gerações estão trilhando na construção da Terceira Onda.

Antes do advento dos meios de comunicação de massa de Segunda Onda, a criança da Primeira Onda construía o seu modelo de realidade tirado de imagens recebidas de um minúsculo punhado de fontes: o professor, o sacerdote, o chefe e sobretudo a família. Por isso as imagens do mundo construídos pela criança da aldeia, por conseguinte, eram de âmbito extremamente acanhado.

Se adotarmos este enfoque geral à natureza do self, veremos que o desenvolvimento dos meios de comunicação teve um profundo impacto no processo de auto-formação. Antes do desenvolvimento da mídia, os materiais simbólicos empregados por muitos indivíduos para a formação do self eram adquiridos em contextos de interação face a face. Para muitos indivíduos, a autoformação estava ligada aos locais nos quais eles viviam e interagiam com outros. Seu conhecimento era um “conhecimento local”, transmitido de geração em geração através do intercâmbio oral e adaptado às necessidades práticas da vida. Os horizontes de compreensão de muitos indivíduos estavam limitados pelos padrões das interações face a face através das quais a informação fluía. Em alguns casos estes padrões se estendiam bem além dos locais imediatos da vida diária, graças a atividades de viajantes, vendedores ambulantes e outros. Mas mesmo em tais casos, parece improvável que a interpretação da informação proveniente de fontes distantes, e transmitida através de extensas redes de interação face a face, tenha sido fortemente modelada por autoridades dentro da comunidade local. (Thompson, 2009:184)

A segunda onda multiplicou o número de canais dos quais o indivíduo tirava a imagem da realidade: rádio, jornais impressos, e aplicou a eles seus princípios básicos indust-reais. Centralizou, especializou, sincronizou e concentrou. Certas imagens foram tão amplamente massificadamente divulgadas que se tornaram ícones: as orelhas do Mickey Mouse ou a capa do SuperHomem, ou ainda a imagem de Einstein mostrando a língua.

Segundo Toffler, a Terceira onda está alterando drasticamente esta realidade, tornando as imagens, por exemplo, cada vez mais temporárias. Ainda, segundo o autor, não se trata apenas de aceleração dos fluxos de informação, mas de transformação profunda da estrutura da informação de que dependem nossas ações diárias.

Toffler ainda defende que, diferentemente da Segunda Onda, onde os meios de comunicação de massa foram tornado-se cada vez mais poderosos porque centralizaram e monopolizaram a informação, com a Terceira Onda estão sendo forçados a dividi-la.

Uma nova Infosfera estaria emergindo juntamente com uma nova Tecnosfera (computador e internet), e estariam, juntas, impactando a civilização desmassificando-a por meio de mais diversidade e, quanto mais diversidade, segundo Toffler, menos massificação.

Além disso, o autor também enfatiza a nova característica da INFOSFERA, a possibilidade do consumidor virar produtor, redefinindo a cisão “produção-consumo” que fundamentou a sociedade de Segunda Onda. Durante as elocubrações sobre as características da Terceira Onda, ele questiona grandes utopias fundadas nos princípios da Segunda Onda, como o Mito do Grande Irmão, ou “Irmão Maior”, como ele prefere chamar. E é justamente por isso que entre Huxley e Orwell eu prefiro Toffler...

### **...Ou, entre duas utopias, eu prefiro uma memória de futuro.**

*1984*, de George Orwell, é a expressão de um sentimento, e é uma advertência. O sentimento é de quase desespero acerca do futuro do homem, e a advertência é que, a menos que o curso da história se altere, os homens do mundo inteiro perderão suas qualidades mais humanas, tornar-se-ão autômatos sem alma, e nem sequer terão consciência disso. (Fromm, 1961:365).

Em seu prefácio de 1961 para o romance *1984* de George Orwell, Erich Fromm afirma que o sentimento de desesperança no futuro do homem contrasta marcadamente com uma das características mais fundamentais do pensamento ocidental: “a fé no progresso humano e na capacidade do homem de criar um mundo de justiça e paz” (p. 365).

Fromm (1961) aglutina o romance de Orwell a dois outros romances: o russo *Nós*, de Zamyatin e *Admirável mundo novo* de Aldous Huxley. Para Fromm, essa trilogia pode ser chamada de “utopias negativas” de meados do século XX.

Segundo Fromm (1961: 369), tais utopias negativas “expressam o sentimento de impotência e desesperança do homem moderno”. Afirma ainda que esse é um dos maiores paradoxos da modernidade pois, no início da era industrial, o homem era repleto de esperança.

Quatrocentos anos mais tarde, quando todas as esperanças são realizáveis, quando o homem pode produzir o suficiente para todos, quando a guerra se tornou desnecessária porque o desenvolvimento técnico pode dar a qualquer país mais riqueza do que as conquistas territoriais, quando este planeta está em processo de se tornar tão uno quanto era um continente quatrocentos anos atrás, no momento exato em que o homem está prestes a concretizar sua esperança, ele começa a perdê-la. (Fromm, 1961:369).

Trata-se, portanto, de colocar os três romances como utopias negativas do final da sociedade de Segunda Onda descrita por Toffler (1995).

Retirando do olhar o livro de Zamyatin, porque o próprio Fromm afirma se assemelhar nos aspectos principais ao livro de Huxley, *Admirável Mundo Novo* e *1984* são utopias negativas sobre as relações da sociedade com a informação que se contrapõe, no meu entendimento, às memórias de futuro de *A Terceira Onda*.

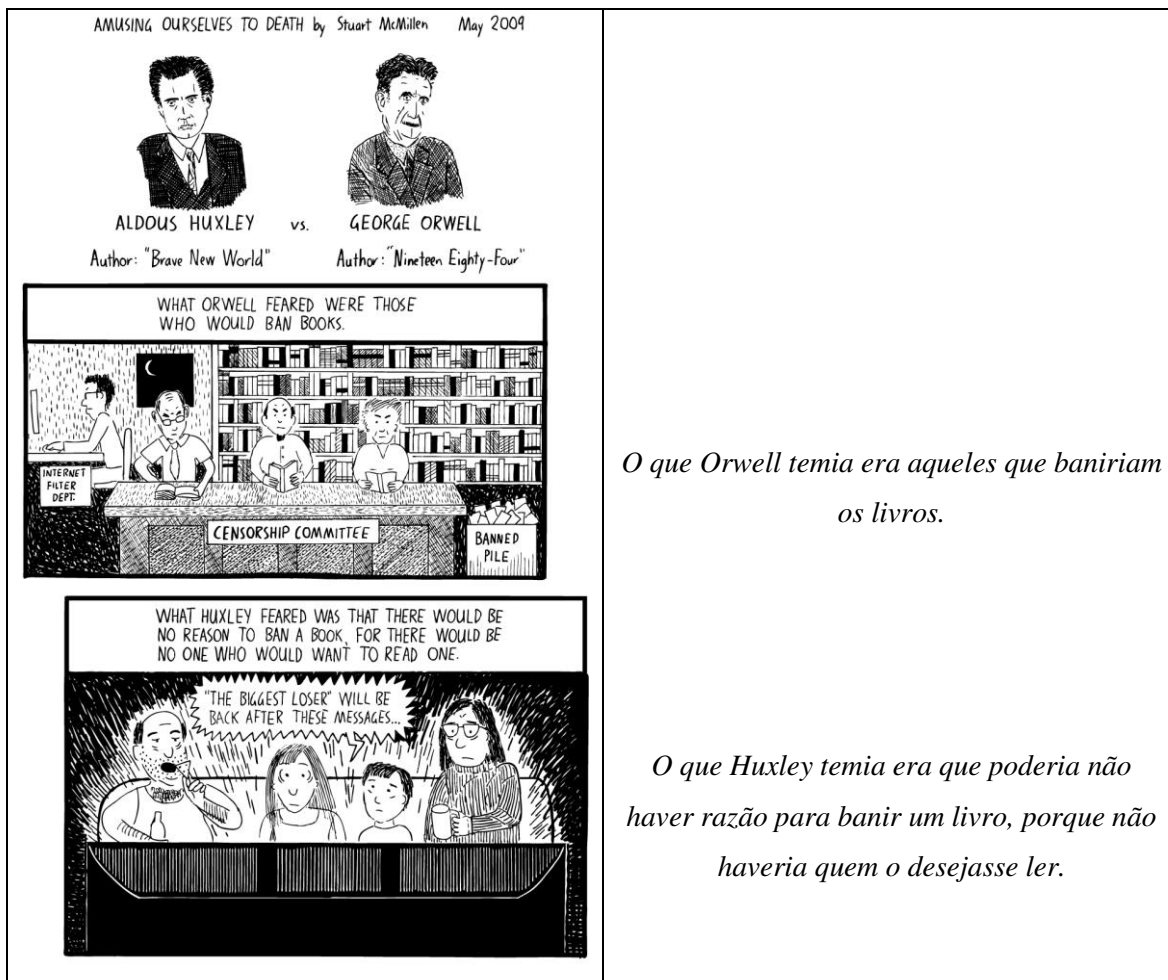
Para Bakhtin, somente é possível pensar em memória dialogicamente. Portanto, assim como podemos trabalhar com uma noção de memória de passado, aquele solo comum que uma comunidade linguística compartilha, experiências, enunciados, discursos e valores que nos constituem, temos que trabalhar com uma noção de memória de futuro. Memória de futuro pode ser definida como projeção. Não se deve reduzir a memória de futuro a uma relação temporal, mas a ideia de que o sujeito está incompleto, ou seja, não foi concluído, pois sua história está acontecendo, vai se construindo a partir de suas movimentações. Por isso tem características mais concretas, mas do campo da possibilidade de existir do que da impossibilidade (do campo da utopia). A memória de futuro é colocada como a imagem de um sujeito criativo, logo, com responsabilidade. O futuro garante a justificação do sujeito, pois ele revoga o seu passado e o seu presente, mostra sua incompletude, exige sua realização futura, e não como continuação orgânica do presente, mas como sua eliminação essencial, sua revogação<sup>18</sup>.

Em maio de 2009 o cartunista Stuart McMillen publicou, em forma de charge, o que seriam as principais ideias contidas no prefácio do livro de Niel Postman “Amusing ourselves to death: Public discourse in the age of show business”. Reproduzo a charge completa no corpo da tese porque ela reflete e refrata a assimilação das utopias negativas (Fromm, 1961) por aqueles que tentam olhar para os fenômenos atuais da Infosfera, da Tecnosfera e da Sociosfera.

---

<sup>18</sup> GEGE, 2009: 72-73. Quando a referência estiver explicitando como autor o GEGe, significa que o texto do parágrafo que a antecede (ou parte dele) foi escrito em co-autoria com os outros membros do Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso, texto que estou tomando como base e realizando alguma(s) das seguintes ações: reproduzindo totalmente ou parcialmente de forma livre, adaptando e/ou reescrevendo.

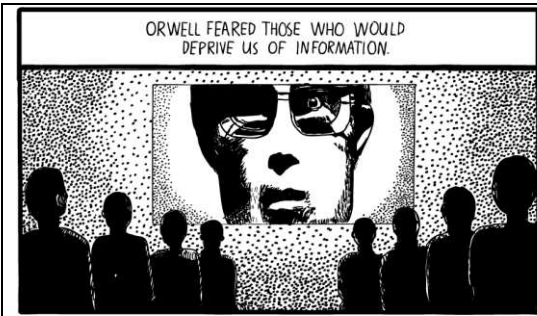
Figura 4: Charge de Stuart McMillen<sup>19</sup>



*O que Orwell temia era aqueles que baniriam os livros.*

*O que Huxley temia era que poderia não haver razão para banir um livro, porque não haveria quem o desejasse ler.*

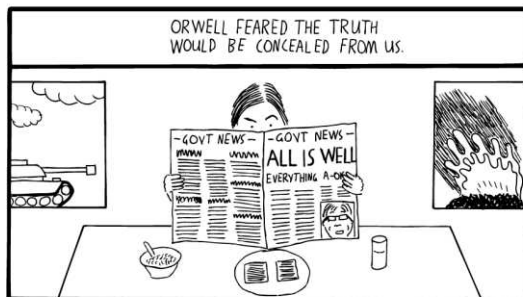
<sup>19</sup> Recortei a charge em blocos e traduzi livremente seu texto, que está originalmente em inglês. A fonte da imagem é o endereço virtual <<http://classicosuniversais.files.wordpress.com/2011/07/2009-05-amusing-ourselves-to-death.png>>. Acessado em 03/03/2014.



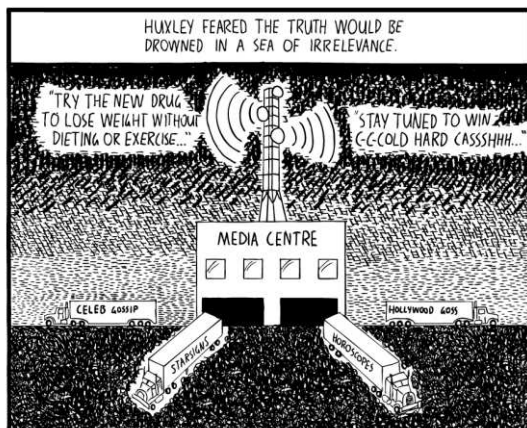
*Orwell temia aqueles que nos privariam da informação.*



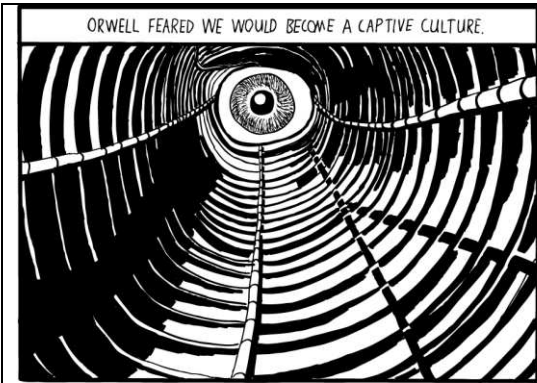
*Huxley temia aqueles que nos forneceriam tanta informação que nós seríamos reduzidos à passividade e ao egoísmo.*



*Orwell temia que a verdade seria escondida de nós.*



*Huxley temia que a verdade estaria imersa em uma mar de irrelevância.*



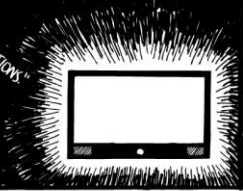
HUXLEY FEARED WE WOULD BECOME A TRIVIAL CULTURE, PREOCCUPIED WITH SOME EQUIVALENT OF THE FEELIES, THE ORGY PORGY AND THE CENTRIFUGAL BUMBLEPUFFY.



*Orwell temia que nos tornaríamos uma cultura aprisionada.*


*Huxley temia que nos tornaríamos uma cultura trivial, preocupada com algum equivalente do cinema sensível, das orgias e dos jogos triviais.*

AS HUXLEY REMARKED IN "BRAVE NEW WORLD REVISITED" THE CIVIL LIBERTARIANS AND RATIONALISTS WHO ARE EVER ON THE ALERT TO OPPOSE TYRANNY "FAILED TO TAKE INTO ACCOUNT MAN'S ALMOST INFINITE APPETITE FOR DISTRACTIONS"




IN "NINETEEN EIGHTY-FOUR", PEOPLE ARE CONTROLLED BY INFLECTING PAIN.

MINISTRY OF PEACE




IN "BRAVE NEW WORLD", PEOPLE ARE CONTROLLED BY INFLECTING PLEASURE.

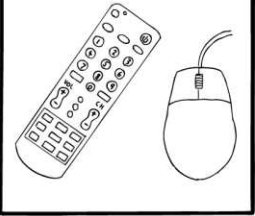
BIG BROTHER COMPOUND



IN SHORT, ORWELL FEARED THAT WHAT WE HATE WILL RUIN US.



HUXLEY FEARED THAT WHAT WE LOVE WILL RUIN US.



ALL WORDS FROM "AMUSING OURSELVES TO DEATH: PUBLIC DISCOURSE IN THE AGE OF SHOW BUSINESS" BY NEIL POSTMAN...  
... A BOOK ABOUT THE POSSIBILITY THAT HUXLEY, NOT ORWELL, WAS RIGHT.

www.recombinantrecords.net

*Como Huxley observou em "Admirável mundo novo revisitado" os defensores das liberdades civis e os racionalistas que estão sempre em estado de alerta para se opor a tirania "falharam em levar em conta o apetite quase infinito do homem para distrações".*

*Em 1984, as pessoas são controladas pela dor. Em Admirável Mundo Novo, elas são controladas por prazer.*

*Em resumo, Orwell temia que o que odiamos nos destruísse. Huxley temia que o que amamos nos destruísse.*

A questão das utopias negativas de Huxley e Orwell, segundo Fromm é a seguinte:

Pode a natureza humana ser modificada de tal maneira que o homem esquecesse seu desejo de liberdade, dignidade, integridade, amor – ou seja, pode o homem esquecer que é humano? Ou tem a natureza humana uma dinâmica que reagiria à violação dessas necessidades humanas básicas com a tentativa de transformar uma sociedade inumana numa sociedade humana? (Fromm, 1961:370)

Toffler traz questões muito parecidas no capítulo 14, ao refletir sobre o que chamou de “O Meio Inteligente”, e que, se pensado nos dias atuais, pode ser tomado como a junção entre o computador e a internet:



O Irmão Maior poderá realmente controlar cada torradeira e aparelho de televisão, cada motor de automóvel e aparelho de cozinha? Quando a inteligência for distribuída amplamente através de todo o ambiente, quando puder ser ativada por usuários num milhar de lugares ao mesmo tempo, quando os usuários do computador puderem comunicar-se uns com os outros sem terem de ir ao computador central (como fazem em muitas redes distribuídas), o Irmão Maior ainda poderá controlar as coisas? Em vez de ampliar o poder do estado totalitário, a descentralização da inteligência poderá, de fato, enfraquecê-lo? (Toffler, 1995:177).

O livro de Niel Postman é um livro sobre a possibilidade de que Huxley estivesse certo, ao construir ficcionalmente uma civilização extremamente alienada, não pela falta de informação, mas pelo excesso, e não Orwell, que construiu sua ficção sob a perspectiva da falta, do cerceamento. Por fugir dessas dicotomias utópicas, Toffler parece construir uma memória de futuro, pois, ao descrever o final do industrialismo e o início da Era da Informação, contempla a existência das duas perspectivas ficcionais (de Huxley e Orwell), mas avança analisando as possibilidades concretas e positivas para que os indivíduos desse novo momento consigam superar o constrangimento produzido pelo industrialismo<sup>20</sup> e pelo excesso informacional.

A reflexão de Toffler é pertinente justamente porque trabalha com uma política da diferença, não excludente, praticamente uma dialogia, mesmo que o autor não chame sua lógica dessa forma. Por isso da preferência, para esta tese (não pelos romances utópicos negativos de Huxley e Orwell, mas pela historiografia da memória de futuro de Toffler), porque ela está no campo do possível.

O que estou tentando responder nesta tese, de uma forma geral, é se seria possível defender, mediante alguns pressupostos, contextualizando-a mais amplamente na mudança social analisada nas décadas anteriores à publicação de *A Terceira Onda* e prevista por Toffler para as próximas décadas, se a reemergência do sujeito (o **sujeito da terceira onda**), se a própria noção de sujeito e se as atividades

---

<sup>20</sup> “O homem industrial (...) passava grande parte da sua vida num ambiente de estilo de fábrica, em contato com máquinas e organizações que apequenavam o indivíduo. (...) Tipicamente criou-se numa família nuclear e foi para uma escola estilo fábrica. Recebeu a sua imagem básica do mundo através dos veículos de comunicação em massa. Trabalhava para uma grande companhia, ou agência do governo, pertencia a sindicatos. Igrejas e outras organizações – a cada uma das quais distribuía uma parcela de sua pessoa dividida.(...)”

Defrontando-se por essa realidade, rebelava-se sem sucesso. Lutava para criar um meio de vida. Aprendia a jogar os jogos requeridos pela sociedade, adaptados aos papéis que lhe eram destinados, frequentemente detestando-os e sentindo-se vítima do próprio sistema que melhorava o seu padrão de vida. Sentia o tempo retilíneo a levá-lo implacavelmente para o futuro com seu tûmulo à espera. E enquanto o seu relógio-pulseira tiquetaqueava os momentos, ele se aproximava da morte sabendo que a Terra e todos os indivíduos que havia nela, inclusive ele mesmo, eram apenas parte de uma máquina cósmica maior, cujos movimentos eram regulares e implacáveis.” (Toffler, 1995, 125-126)

humanas linguísticas de tais sujeitos não seriam todos fenômenos de Terceira Onda, e não de finais de Segunda Onda, portanto, com características novas, difíceis de serem descritas.

Si las nuevas ideologías de La comunicación pretenden propagar una verdad absoluta e indiscutible, una aproximación teórica a las hipermediaciones debe, em primer lugar, desmalezar un terreno superpoblado de discursos heterogéneos, construir un diccionario propio y realizar una delimitación de su territorio por medio de una identificación de SUS posibles interlocutores. Como em cualquier otro discurso científico, también es necesario explicitar las propias condiciones de producción discursiva (Verón, 1995). Debemos aclarar(nos) cuáles son esas condiciones y las relaciones que se establecen entre ellas, sin olvidar em ningún momento que no se pretende contar unaverdad absoluta sino relativa. Otras lecturas son siempre posibles y otras perspectivas teóricas son siempre necesarias. (SCOLARI, 2008:177)

Entendendo que a proposta desse primeiro capítulo é iniciar a capinação do terreno superlotado dos discursos heterogêneos sobre a comunicação mediada pelo computador e pela internet (promovido por apocalípticos e integrados), procurei iniciar também a construção de um dicionário próprio, muito fundamentado nas considerações de Toffler sobre o fim do industrialismo como principal interlocução.

Seguindo um pouco a sugestão de Scolari, os próximos passos se resumem na crítica da idéia de **liberdade de expressão** (Capítulo 2), no percurso pelo terreno confuso e perigoso de areia movediça das noções de **escrita e leitura** (Capítulo 3), na crítica a noção indust-real de **tempo** (Capítulo 4) e na delimitação de uma perspectiva teórica sobre a língua, afim de lançar mão dos conceitos (Capítulo 5) a serem trabalhados nas observações dos fenômenos concernentes a esta tese (Capítulo 6).

## Notas de final de seção

---

<sup>i</sup>Alguns dos resultados desse protesto podem ser visualizados em <<https://wikimediafoundation.org/wiki/SOPA/Blackoutpage>>. Acessado em 15/03/2014.

<sup>ii</sup>Disponível em <[http://sol.sapo.pt/inicio/Tecnologia/Interior.aspx?content\\_id=39313](http://sol.sapo.pt/inicio/Tecnologia/Interior.aspx?content_id=39313)>. Acessado em 15/03/2014.

<sup>iii</sup>E que pode ser acessado em <<http://grandacena.com/tecnologia/comecou-sopa-megaupload-encerrado-pelo-fbi/>>

<sup>iv</sup>Disponível em <<http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/anonymous-ataca-sites-do-governo-dos-eua-apos-megaupload-sair-do-ar>>. Acessado em 15/03/2014.

<sup>v</sup>Disponível em <[http://sol.sapo.pt/inicio/Tecnologia/Interior.aspx?content\\_id=39313](http://sol.sapo.pt/inicio/Tecnologia/Interior.aspx?content_id=39313)>. Acessado em 15/03/2014.

<sup>vi</sup>Disponível em <[http://olhardigital.uol.com.br/produtos/digital\\_news/noticias/funcionarios-do-megaupload-sao-acusados-de-pirataria-e-site-sai-do-ar](http://olhardigital.uol.com.br/produtos/digital_news/noticias/funcionarios-do-megaupload-sao-acusados-de-pirataria-e-site-sai-do-ar)>. Acessado em 15/03/2014.

<sup>vii</sup>Disponível em <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2009/06/02/21/5525228>>. Acessado em 15/03/2014.

<sup>viii</sup>Disponível em <<http://idgnow.com.br/blog/planoseideias/2012/11/28/google-facebook-e-a-ditadura-da-era-da-informacao/>>. Acessado em 12/03/2014.

<sup>ix</sup>Disponível em <<http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2013/11/12/marco-civil-estao-querendo-criar-gente-diferenciada-na-internet/>>. Acessado em 12/03/2014.

<sup>x</sup>Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/11/1367390-analise-com-ajuda-de-facebook-rede-globo-da-chega-pra-la-em-teles.shtml>>. Acessado em 12/03/2014.



## CAPÍTULO 2 – AS MÍDIAS DIALÓGICAS DO COTIDIANO

Desde que tomei contato com o computador e a internet e comecei a pensar as interações virtuais como diferenças, como singularidades contemporâneas dentro do universo das interações mediadas já relativamente estabilizadas em nossa sociedade, produzi ensaios em formas de artigos, capítulos de livros, apresentações de trabalho em congressos, enfim, tentativas de tornar público um conjunto de ideias e verificar seus possíveis ecos. O texto deste capítulo – que busca complementar as reflexões do capítulo anterior, se fundamenta em um desses ensaios, escrito na oportunidade do II Encontro Nacional sobre Hipertexto em Fortaleza, em 2008<sup>21</sup> – foi revisado, teve trechos suprimidos, outros incluídos e todos reescritos.

Ninguém luta contra a liberdade;  
no máximo luta-se contra a liberdade dos outros.  
Por isso todos os tipos de liberdade existiram sempre,  
às vezes como uma prerrogativa particular,  
outras como um direito geral (Karl Marx).

### A defesa da liberdade de expressão

Os conceitos que comumente são utilizados para produzir definições de mídia são, de maneira geral, muito práticos para classificações. Por outro lado, baseando-se quase sempre instantaneamente no célebre dito do pesquisador Marshall MacLuhan “O meio é a mensagem”, as categorizações de mídia produzem confusões e apagamentos. Por exemplo, a ideia de *mass mídia* ou comunicação de massa que, ao misturar meios de comunicação e canal, mistura as empresas que produzem conteúdo de notícias e de entretenimento e o aparato tecnológico utilizado para tanto. Além disso, pressupõe uma noção de mensagem vinculada à noção de transmissão de informação. A mensagem é tomada apenas como um bloco de informações pré-dadas (devidamente apuradas e verificadas) transmitidas de X (o meio de comunicação de uma empresa de comunicação - o Jornal Nacional para a Rede Globo, por exemplo) para Y (o telespectador, o povo, a massa).

---

<sup>21</sup> Depois publicado em COVRE & MIOTELLO (2008).

Não é possível trabalhar com a noção de mensagem como bloco de informações pré-dadas transmissíveis de um emissor para um receptor, pois a concepção de mídia que nela se fundamenta abstrai, por exemplo, que relações concretas o universo empresarial e econômico tem com: (i) a mensagem transmitida (e por consequência, as informações devidamente apuradas e verificadas); e (ii) com o ‘receptor’ da mensagem.

Este é o problema de dar aos “meios” poderes que, na concretude da vida, não possuem: invocar uma noção de informação que, vinculada a noções específicas de locutor e receptor, se adéqua perfeitamente a construção da indust-realidade.

A lembrança do imenso alvoroço causado pela tentativa do governo federal junto à FENAJ de criar o Conselho Nacional de Jornalismo e a revolta encarnada pela chamada “grande mídia” em aceitar estar sujeita a qualquer tipo de fiscalização, no ano de 2006<sup>22</sup>, nos leva a compreender que há intensa luta no universo midiático. E não é a luta por liberdade de expressão e por menos controle, mas sim uma luta pelo controle da palavra.

É assim que a ideia de liberdade de expressão se conjuga muito bem com as concepções de mídia que abstraem a relação dialógica inerente entre produtores e receptores da tal ‘mensagem’ de MacLuhan, e os interesses nesse jogo comunicativo. Pois minha pergunta não vai na direção da existência da liberdade de expressão, antes prefiro perguntar se ela é um privilégio de indivíduos ou grupo deles, ou se é um privilégio do espírito humano, e, portanto, de todos.

Desse modo, é preciso defender que a mensagem não pode ser compreendida apenas como um bloco monolítico de informações pré-dadas, e também que a relação entre o transmissor e o receptor não se dá por um movimento mecânico e de sentido único; por isso torna-se necessária a construção de uma definição de mídia que trabalhe com uma concepção discursiva de linguagem; uma definição que se desligue dos detalhamentos pormenorizados dos conceitos técnicos e ontologizadores; e que possibilite propor a edificação de uma outra defesa que não apenas a da liberdade de imprensa que, grudada na defesa da liberdade de expressão, produz silenciamentos e processos de exclusão poderosos na disputa pela poder e divisão da riqueza de uma nação.

---

<sup>22</sup> “Nós já vimos que o neoliberalismo, como toda ideologia, é hábil em esconder a verdade. Ele sustenta a liberdade dos mercados, mas pratica a reserva de mercados. Sustenta a flexibilização dos contratos de trabalho, mas pratica um regimento meticuloso nas relações de consumo. Levanta-se em unísono contra qualquer possibilidade de discutir os meios de comunicação, clama que é censura, que é controle público – como ocorreu com a proposta da FENAJ de criar um Conselho Nacional de Jornalismo -, mas não tem dúvida sobre seu direito de concentrar meios e monopolizar a palavra” (Celso Horta, em “A crise das mídias alternativas e a mídia da crise”. In: [www.agenciartamaior.uol.com.br](http://www.agenciartamaior.uol.com.br))

Torna-se necessário então pensar em uma outra liberdade, uma liberdade enquanto direito de todos, uma liberdade que coloque no jogo de linguagem midiático a multiplicidade de vozes e de verdades, que coloque o conceito de “dialogia” de Bakhtin no lugar do motor da mídia, que constitua a própria mídia como o lugar cotidiano da “compreensão”; esse é um lugar onde o outro também fala.

Nesse sentido, um caminho bom de discussão parece ser o proposto por Emir Sader no contexto brasileiro, quando chama a parte maior da mídia nacional de “grande mídia monopolista privada”. Vale, portanto, uma pequena contextualização do momento de surgimento dessa nomeação.

Observei, concomitantemente com a escalada do Partido dos Trabalhadores (PT) durante as suas duas primeiras e consecutivas vitórias em eleições presidenciais, 2002 e 2006, o fortalecimento de uma contra-força dentro da Infosfera que se autodenominou, a época, de imprensa alternativa. A respeito dos pronunciamentos de Lula<sup>23</sup>, para cada manifestação especificamente negativa da “grande mídia” em relação a qualquer esfera em que Lula esteve envolvido, a mídia alternativa produziu uma crítica. Esse fenômeno foi facilmente observável nos textos publicados durante os primeiros quatro anos de governo Lula pela Agência Carta Maior<sup>xi</sup> que, assumidamente esquerdista, trouxe para sua pauta, além de outros temas, a discussão de como a esquerda e o Lula eram pautados pela “grande mídia”.

Desse modo, se quiséssemos olhar para o que a “grande mídia” produziu sobre Lula em qualquer período de seu governo, poderíamos buscar, por exemplo, na produção jornalística da Agência Carta Maior, uma produção que em determinados momentos caracterizou-se especificamente como responsiva à produção da “grande mídia”. Então encontraríamos, em movimento responsivo, dentro da “mídia alternativa”, a “grande mídia”.<sup>24</sup>

---

<sup>23</sup> Em Covre (2007a), trabalhei com o contexto perspectivado pelas eleições presidenciais de 2002, e conquistado pela ambiguidade de poder dos anos posteriores, em que o candidato Lula, ocupando o lugar institucionalizado de Presidente da República enunciou a sua palavra dentro das palavras típicas desse lugar, o surgimento de uma luta pela ‘desmonopolização’ da palavra. Os pronunciamentos do Lula, objetos de estudo circunscritos na dissertação de 2007, de onde foram inspiradas algumas reflexões que seguem e que neste texto estão a serviço de expor a luta travada na palavra “mídia”. Durante a dissertação de mestrado, é possível que tenha sido essa discussão, entre outros fatores, que me trouxe de volta, no doutorado, ao universo da internet.

<sup>24</sup> Um conjunto de textos publicados pela Carta Maior entre 28/08/2006 e 05/10/2006, por exemplo, propiciaria uma leve degustação das implicações midiáticas nesse período de eleições presidenciais. O tema principal das discussões era “qual candidato à presidência vence nas pesquisas e nas urnas e por quê?”. De maneira geral, esse conjunto de textos revelou um conjunto de expressões que tentariam explicar, do ponto de vista da “grande mídia”, os resultados positivos de Lula nas pesquisas eleitorais e nas urnas: “argumento do povo desinformado, do povo que não sabe votar”; “renda mais baixa”; “sem informação”; “análises conservadoras sobre populismo, lulismo”; “mais bem informados X bolsões, regiões, classes menos informadas”; “plebe”; “populismo”; “políticas eleitoreiras”; “ignorância”; “não tem jeito”; “crise moral”; “desqualificação

De forma geral, Emir Sader afirmava, na época, que as pesquisas eleitorais, caso se confirmassem na eleição presidencial do dia primeiro de outubro daquele ano, seriam as melhores pesquisas sobre o que pensava o povo brasileiro da imprensa: não acreditava nela, não lhe tinha confiança, não aceitava seus argumentos, sua informação editorializada, suas manchetes sensacionalistas, seus colunistas identificados com a direção - reduzida a 6 famílias - dos órgãos da “grande mídia monopolista privada”.

A detenção de suportes de difusão da informação se revela fundamental, se atentarmos para a importância política que reside na ação “transmissão de informação”. Nesse caso, “transmitir informação” ultrapassaria a mera questão técnica de levar a informação de um lugar para o outro. Deter o instrumento que leva uma determinada informação para as duas esferas da população brasileira citadas por Emir Sader – o “povo” e a “classe média brasileira” – é poder. O grupo privado de “6 famílias” que detém os instrumentos de transmissão de informação ainda constitui e determina tal informação; tem em suas mãos uma espécie de corrente que liga grandes esferas da sociedade a uma determinada leitura dos fatos que essa sociedade vivencia. A “grande mídia monopolista privada” é **grande** porque atinge com as notícias que constitui e divulga uma grande esfera da sociedade. É **monopolista** porque luta de todas as formas e com toda a força para ser a única a manter a característica de ser grande e de atingir a muitos, e principalmente porque tenta monopolizar sentidos nas palavras e nos discursos. É **privada** porque, apesar de depender em parte do dinheiro público destinado a publicidade do Estado Nacional, pertence a pouquíssimas famílias.

No entanto, o que também estava sendo exposto no conjunto de textos publicados pela mídia alternativa<sup>25</sup> naquele contexto é que ser grande, monopolista e privada parecia não estar sendo suficiente para a grande mídia conduzir as esferas da sociedade para a votação no candidato de sua preferência.

O texto “Atuação da imprensa volta à ordem do dia na reta final das eleições”<sup>xii</sup> lançou mão de diversos especialistas para tentar entender porque a mídia não estava conseguindo, naquele momento,

---

do voto popular”; “como podia o voto de um médico, de um empresário, de um engenheiro, valer o mesmo do que o voto de um peão ou agricultor de região pobre”; “a falta de ‘informação’ da base que pretende votar em Lula, majoritariamente de renda mais baixa”. No entanto, não é somente na tentativa de associar “burrice do povo” a “vitória de Lula” que a discussão estava imbricada. O texto “O povo não acredita na imprensa”, de Emir Sader, citava os principais “órgãos da grande mídia monopolista privada” e seus colunistas que mais se expõem (e que mais expõem críticas e xingamentos) dentro do tema Lula.

<sup>25</sup> Emir Sader, em vários textos publicados na Agência Carta Maior, pincela algumas dessas mídias chamadas alternativas: “O povo não acredita na imprensa: Carta Capital, Carta Maior, Caros Amigos, Brasil de Fato.



influenciar o voto com a mesma força que sempre influenciou, articulando teorias que explicitariam a diferença entre a opinião do povo e a “opinião pública”, auto-reivindicada pela “grande mídia monopolista privada” e seus “cientistas políticos”:

Os discursos diante da perplexidade dos colunistas de grandes veículos passaram a ver um descolamento da população com a “opinião pública”. Para intelectuais e analistas, no entanto, este grupo não consegue distinguir as opiniões de seus veículos da opinião da população. “Analistas políticos sempre acreditaram que são formadores de opinião. Gostam da idéia de que a opinião deles é a que normalmente vai prevalecer. Eles pensam que são opinião pública”, disse o professor da Universidade de Brasília, Venício Lima (VALENTE, 2006)<sup>xiii</sup>.

A opinião do povo sempre pareceu estar englobada pelo termo “opinião pública”, talvez como estratégia dupla da “grande mídia monopolista privada”, que usa e abusa desse termo, ao mesmo tempo em que se faz expressar, pela voz dos “intelectuais e analistas” que contrata, como se fosse a opinião da população, construindo um espaço de aparente inclusão. Proporciona com isso um clima de concordância unidirecional a favor de suas ideias e preferências, local onde, na verdade, se reproduz apagamento e exclusão da opinião da população e se fortalece a construção de imagens e o cerceamento de referentes, a favor de projetos de dizer que favorecem seu grupo. No entanto, “opinião pública” e opinião da população apareceram em 2006, e parece que pela primeira vez de forma muito evidente pelo menos desde a redemocratização, como lugares claramente distintos.

No texto, Marilena Chauí é trazida então para esclarecer que, apesar do fenômeno da candidatura Lula ser algo “novo” e que ainda precisaria “ser melhor compreendido e explicado”, é possível apontar já alguns de seus elementos<sup>26</sup>:

Apesar deste caráter novo, é possível apontar alguns elementos que compõem este quadro. O mais citado é o impacto das ações de governo. “Embora tenha sempre havido em outros governos programas sociais, não só eles sempre foram fragmentados como foram mínimos e não definiram perfil. No governo Lula houve política social, camadas populares viram o Estado trabalhar com elas e para elas”, analisou a

---

<sup>26</sup> Há o reconhecimento do caráter de novidade do “fenômeno da candidatura Lula” e os elementos que Chauí aponta como explicação são relacionados à vida das “camadas populares”. Ver que o Estado trabalhou “com elas e para elas” poderia ser tomado como um dos elementos que tenta explicar o porquê da mídia não conseguir influenciar a maioria dos votos contra Lula, ou porque a opinião do povo se descolou da chamada “opinião pública”. Pode-se dizer então que, para esse argumento, a aproximação entre Estado e “camadas populares” se deu de maneira concreta, pelo menos no que diz respeito à “política social”.

professora da Universidade de São Paulo, Marilena Chauí, no debate promovido pelo Sindicato dos Bancários. (VALENTE, 2006)

A luta pela monopolização da palavra e dos discursos e, concomitantemente, a luta pela monopolização de sentidos era tão violenta que a própria grande mídia monopolista privada foi buscar, em uma esfera de comunicação mais próxima do cotidiano, força e eco para o empreendimento de cercar o referente Lula, e construir uma narrativa sofisticada e abrangente na luta pela manutenção do poder, enquanto lugar produtor e detentor dos discursos.

A “grande mídia monopolista privada”, principalmente a escrita, promovia, como estratégia eleitoral, diálogos com outros extratos ideológicos, que se constituíam em outra esfera de comunicação, a da internet, veiculando conteúdos que circularam muito por emails e pela rede social denomina Orkut sobre o tema Lula, em um esforço de fixação da imagem de Lula como “burro”, “ignorante”, “sem cultura”, “preguiçoso” e “sem estudo”. Um dos grandes ecos desse diálogo, na época, foi a caracterização de Lula como bêbado promovida pelo The New York Times, um dos jornais impressos mais tradicionais dos Estados Unidos.

O que observei não era então somente um movimento unidirecional em que a “grande mídia monopolista privada” se alimentava das ideologias quase efêmeras dos e-mails. Internet e “grande mídia monopolista privada” se retroalimentam num esforço conjunto de constituição de uma imagem de Lula. Esse jogo os deixava vivos porque os renovava, fortalecendo significações coerentes com os “projetos de dizer” desses grupos. O conservadorismo dos meios de comunicação tradicionais se alimentava e se fortalecia na flexibilidade e descompromisso da esfera virtual, ao mesmo tempo em que a informação na rede procurava apoio na necessidade de maior estabilização ideológica presente nos discursos da “grande mídia monopolista privada”. Era ainda na frente da TV que se confirmavam os acontecidos. O inverso também parecia ser verdadeiro: o discurso produzido pela “grande mídia monopolista privada” procurava organizar e dar mais consistência (estabilizar) às ideologias fortuitas do cotidiano, além de nelas encontrar apoio e receptividade, por sua qualidade de poder hierárquico.

Esse é um jogo muito antigo, sempre proposto pela/na cidade letrada. Angel Rama, em *A cidade das letras* (1985), esclarece os papéis contraditórios que os grupos que detém ‘as letras’ interpretam nos jogos sociais pelo poder. Que nesse tempo de outrora, ou no caso da época atual, são os grupos que detém basicamente os suportes de estabelecimento das narrativas e de difusão de informação, com a colaboração de seus letrados e/ou jornalistas contratados (tecnosfera e infosfera).

Nesse livro, o autor configura uma América Latina central para o modo de produção capitalista, a primeira realização material de um sonho que começava a projetar uma nova época do mundo. Ele discutiu o modo como as cidades latino-americanas foram fundadas, ou seja, nascendo não organicamente como nasceram as cidades européias em função dos burgos, mas fincadas-projetadas na terra nova segundo uma concepção barroca de mundo, estabelecendo uma lógica de hierarquia social, onde o poder saía do centro e era imposto sobre a periferia, uma imposição que necessariamente passava pelo círculo de intelectuais que se formava entre esses dois pólos, um círculo denominado de cidade das letras.

A sistemática social, desvelada por Angel Rama, permite compreender melhor como se deu a produção de contrapalavras no passado recente da América Latina; e como estas foram ou não abafadas pela constituição hierárquica dessas sociedades, e o poder que sempre exerceu esse círculo privilegiado, o círculo dos letrados e do saber, normalmente a serviço do círculo do poder e do ter.

Passando por diversos períodos na história dos últimos 500 anos da América Latina, Rama discorre sobre como o círculo de letrados quase sempre se juntou ao poder constituído, para contribuir com sua manutenção; raras foram as vezes em que os letrados se aproximaram do poder que se erguia do outro lado da sociedade, em revolta contra os abusos e misérias de uma sociedade hierarquicamente estratificada, para favorecer a extração de sangue de suas veias sempre abertas, nos dizeres de Eduardo Galeano (1978).

Geraldi (1996:102), ao discutir a importância da cidade letrada de Rama, afirma:

Observando sempre sob o ângulo da produção da escritura, Rama aponta, ao longo desta história de convívio com o poder, uma cidade letrada que foi ordenada, foi escriturária, foi modernizada. Politizou-se e pode ser revolucionária. A cada momento, diferentes feitos históricos, mas sempre uma constante: a capacidade paradoxal de, ao mesmo tempo, expandir-se para as periferias supostamente acolhendo novos convivas e manter a distância das distinções: escrita x oralidade; erudito x popular; culto x não-culto; alfabetizado x analfabeto; letrado x alfabetizado (Geraldi, 1996:102).

O livro de Rama expõe as relações entre a cidade letrada e o poder, relações que parecem promover uma espécie de encontro entre dois monopólios: o da palavra e o da riqueza. Assim como a garantia da posse da terra, e conseqüentemente da riqueza, na América Latina esteve sempre atrelada à escritura, a garantia dos discursos e dos sentidos sempre esteve atrelada ao seu fechamento pelos professores, por exemplo, no ensino da fixidez da escrita, na forma e no sentido, ou pela mídia, com

seus extensos e detalhadíssimos manuais de redação, ou suas investidas contra um pingo fora do “i”, como parece ser colocado a um sujeito como Lula nos exemplos já citados, ou ainda, na sua constante tentativa de impor contrapalavras ao maior número de pessoas possíveis.

Esse tipo de marcha violenta pela monopolização da palavra e da riqueza é promovida pela cidade das letras (na Infosfera, a grande mídia monopolista privada), sempre fundada na defesa da liberdade de imprensa, que sempre buscou apoio na defesa da liberdade de expressão. Liberdade de expressão aparece então como um conceito que esconde a tentativa de monopolização da palavra e de cristalização de sentidos, o processo de invenção da realidade (fatos) e a criação da notícia (verdade). Liberdade de imprensa passa a ser então uma liberdade absoluta.

O que ocorre não é uma deturpação da ideia de liberdade de expressão, mas o apoio do conceito “expressão” em uma das orientações filosófico-linguísticas ainda presentes em nosso tempo, denominada por Bakhtin de “subjativismo idealista”. Dentre as várias críticas possíveis de se dirigir a essa orientação, me interessa principalmente a da pergunta: de onde vem a expressão? Bakhtin mesmo responde: não seria de dentro do sujeito e não seria de um único sujeito. Quem defende que a expressão é interior, e não é por acaso, são os defensores da teoria do subjativismo individualista, que, como todas as teorias da expressão, só pode se desenvolver sobre o terreno idealista e espiritualista.

Outra vertente filosófica criticada por Bakhtin é a que ele denominou de “objetivismo abstrato”. Fundando-se na ideia de uma língua homogênea, estrutural, descolada das relações sociais e, portanto, abstraída das relações ideológicas, o “objetivismo abstrato” fornece munição para o argumento da “isenção ideológica” e da “neutralidade”. Por vezes juntas, por vezes separadas, essas vertentes filosóficas ainda emprenham a sociedade e colaboram com a defesa de uma liberdade absoluta de expressão.

Escondida atrás do apelo da liberdade de expressão e da ideia abstrata de “isenção ideológica”, ou de “neutralidade”, a teoria da expressão idealista “é radicalmente falsa”, diz Bakhtin (2006:112), e dá força a uma teoria salvacionista, que constrói um mito: o mito da liberdade absoluta de expressão, que se confunde convenientemente com a ideia de liberdade de imprensa.

As portarias governamentais não estabelecem regras claras, porque confusos estão sempre os poderes com esse imbricamento teórico/histórico do conceito “expressão” ou porque essa guerra nem sempre é fácil de ser guerreada. Não pode haver denúncia, ou órgão denunciador, haja vista o episódio de criação do Conselho Nacional de Jornalismo, reforçado pelo argumento do “não à censura”.

A pergunta que escapa, e que é a mais importante é: se a expressão não encontra origem dentro do indivíduo, onde ela tem origem então, e como ela é? Bakhtin, procurando eliminar o princípio de uma distinção qualitativa entre o conteúdo interior e a expressão exterior, e ainda, não respondendo sobre a origem, mas dizendo o lugar do diálogo, diz que “o centro organizador e formador [da expressão] não se situa no interior, mas no exterior.” Centro organizador que não é um lugar, mas sim um processo dialógico que o próprio Bakhtin ampliará para a ideia de **compreensão**.

Essa reflexão não deverá levar a uma linha de coerção da expressão ou do direito de se dizer aquilo que se pretende. Mas traça um outro olhar para a questão desse direito. Duas afirmações parecem estar sendo ditas pela sociedade atual. Primeiro, que seja garantido o direito da “grande mídia monopolista privada” dizer aquilo que pretende dizer, a partir de seus compromissos. Segundo, que seja garantido o direito de a “grande mídia monopolista privada” ser dita. De ela ouvir o que certamente não quer ouvir. De sentir a alteridade tão forte quanto à própria força provinda da detenção do grande instrumento de transmissão de informação.

Desse modo, ampliar a ideia de expressão para a ideia de compreensão seria colocar a produção de sentidos também em um outro lugar, o lugar do outro, uma exotopia em relação ao **grande** e ao **institucionalizado**, o lugar do **pequeno** e do **cotidiano**. Nesse lugar do outro, do leitor, está um sujeito ativo e diferente, e por isso um sujeito não indiferente. Um sujeito respondente.

Parece não existir atualmente uma conceituação de sujeito (ou mesmo de subjetividade) que contemple de forma satisfatória os sujeitos que estão reemergindo na contemporaneidade. Ao assumir não acreditar que “uma teoria explícita do sujeito tenha sido exposta em qualquer das obras do Círculo”, Geraldini (2010) revela uma coragem específica para não fugir de compreensões de sujeito que têm sido escondidas para debaixo dos tapetes dos estudos da linguagem contemporâneos, e encara concepções implícitas para o sujeito bakhtiniano, dialogando com o que elas têm de “melhor” e de “pior”.

O “sujeito é responsável e respondente”, porque responde e se responsabiliza, não porque é uno e racional, mas porque está sempre em diálogo, porque está sempre “em processo de ser”. O “sujeito é consciente”, e a “consciência tem sua materialidade própria nos signos”, e “os signos somente emergem do processo de interação”; assim, “a consciência não é o ponto de partida, mas sim pontos de estadas momentâneos, incessante e ativamente instabilizados pela ação responsável”. O “sujeito é incompleto, inconcluso e insolúvel”, porque:

Deste movimento contínuo entre o eu e o outro, em que eu vivencio minha vida de dentro e o outro me dá completude do exterior, infere-se que os acabamentos ou as identidades serão sempre múltiplas no tempo e no espaço, pois a relação nunca é com somente um e mesmo outro e a vida não se resume a um e sempre mesmo tempo (GERALDI, 2010).

O “sujeito é datado”, pois há “entrelaçamento entre passado, presente e futuro que se realizam concretamente num espaço historicizado pelo tempo”. Este lugar múltiplo é o campo infinito das redes de comunicação, da produção material e imaterial, dos nexos de intercomunicação linguística nos quais estamos todos inseridos. Na esteira da discussão desse capítulo, um lugar ativo de produção de novos sentidos, dialogando com os sentidos produzidos pela “grande mídia monopolista privada”, mas com sujeitos não escravos desses sentidos hegemônicos que se querem únicos.

Isso seria descentralizar o lugar de produção de sentidos, destravar o processo de monopolização da palavra, cutucar o poder que se julga único com vara curta. É criar a possibilidade de quem se julga mandante único de, de repente, não mandar, não dar ordens, não estabelecer os temas da sociedade, não pautar os assuntos a serem falados naquele dia, naquele tempo e naquele lugar, da forma como apenas eles necessitam que sejam pautados.

### **Na Infosfera: a mídia dialógica do cotidiano e a liberdade de compreensão**

Tempos atrás recebi, junto com uma lista enorme de endereços de e-mail, uma mensagem que trazia uma entrevista de Evandro Vieira Ouriques<sup>27</sup> para a equipe da Rio Mídia, que aparentemente dizia a mesma coisa que estou tentando descrever nesse texto, uma espécie de denúncia de uma mídia absolutista: “Estamos diante de uma mídia que não reflete sobre si mesma e que é, portanto, espelho e produtora de indivíduos que não refletem sobre si mesmos”, diz Evandro. No entanto, parece que esticar o comportamento egocentrista e o procedimento absolutista da “grande mídia monopolista privada” para o conjunto de indivíduos da sociedade seja determinismo demais para a época que estamos vivendo.

---

<sup>27</sup> Coordenador do Núcleo de Estudos Transdisciplinares de Comunicação e Consciência (Netcon) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

O próprio conjunto de textos da Agência Carta Maior, que mostra o apoio da “grande mídia monopolista privada” em um candidato e o direcionamento dos eleitores brasileiros para outro nas eleições de 2006, revela um desarranjo nessa ligação direta entre mídia e indivíduos. A relação não é mais, e certamente nunca foi, de obediência completa e exclusiva. Nunca o leitor de jornal, o ouvinte de rádio, o telespectador da tv, e mais recentemente o internauta, se propuseram a ser meramente receptores da ‘mensagem’. Tanto a sociedade avançou nessa briga que foi parar em desenvolvimentos e reapropriações contínuas das tecnologias de informação e comunicação.

A crise da Tecnosfera (Capítulo 1) revela porque os que dominam os mercados e as linguagens avançam céleres para reconstruir a convergência das mídias, o novo lugar da expressão nesse universo comunicativo. Querem novamente colocar tudo o que deve ser dito em um único lugar, um único aparelho, no comando de um único narrador, um “grande irmão”<sup>28</sup>. A sociedade em geral vem respondendo com as apropriações divergentes e as novas compreensões. Pode parecer caótico, mas é a diferença ativa.

Pode parecer pirataria, mas é a quebra do monopólio. Pode parecer não-econômico, mas é a nova economia. A própria recepção da entrevista de Evandro referida anteriormente nos serve como exemplo mais imediato. Publicada em um site específico para um público específico, talvez não ganhasse o meu olhar de leitor se outros sujeitos não a estivessem disseminando em uma circulação diversa e em grande escala, maior talvez do que a televisão tenha sonhado alcançar. A entrevista me chegou via e-mail, copiada e distribuída e repassada seguidas vezes via listas de e-mails dos mais variados leitores, quase em progressão geométrica e com uma temporalidade não linear.

O que os sujeitos apropriadores das ferramentas produzidas no encontro do computador com a internet talvez estão desvelando é uma maneira diferente de lidar com os fatos da vida, tanto local quanto global. Mesmo que encontremos na internet a repetição do procedimento monopolizador da “grande mídia monopolista privada”, pois ainda há controladores, esses procedimentos são engolfados,

---

<sup>28</sup> Seja por aquisições milionárias de novos usuários: Se o ICQ toma o lugar do mIRC, o MSN Messenger, da Microsoft, toma o lugar do ICQ, e o Skype toma o lugar do MSN Messenger, a Microsoft compra o Skype por 85 bilhões de dólares para ter a mais 663 milhões de usuários. Se os jovens fogem do Facebook para o WhatsUp, o Facebook compra o WhatsUp por 16 milhões de dólares para tê-los de volta. Seja por uma série de mudanças tentando acompanhar as apropriações que os usuários fazem das ferramentas: O Orkut perde usuários para o Facebook e modifica seu design. Se o resultado não é o esperado, a Google, empresa dona do site de rede social orkut.com cria um novo site de rede social, o Google +, e tenta obrigar os usuários de suas outras ferramentas a se conectar a ela. O site twitter.com modifica sua pergunta e o seu design.

incorporados, transformados e espalhados de maneira diversa e incontrolável, como aconteceu com a entrevista de Evandro.

O que tento expressar aqui é que também estamos diante de uma mídia que reflete sobre si mesma e é, portanto, espelho e produtora de indivíduos que refletem e refratam sobre si mesmos. Essa mídia é a **mídia dialógica do cotidiano**. No campo da mídia, assim como em vários outros, temos que conseguir enxergar os dois tipos de procedimentos que estão em constante briga pela hegemonia, e nesse caso é a hegemonia de comunicação.

Não é sem razão que o historiador britânico Andrew Keen, um dos pioneiros do Vale do Silício e defensor das grandes corporações de comunicação, lançou recentemente um livro intitulado "The Cult of the Amateur: How Today's Internet Is Killing Our Culture". Numa época em que, segundo Keen, "amadores estão destruindo a nossa cultura", mas sobretudo, conforme procuro defender aqui, estão ameaçando a liberdade como uma "prerrogativa particular", esses discursos hegemônicos (e turbulentos) como os de Keen precisam ser reafirmados a todo instante (Miotello, 2001).

Andrew Keen defende a mídia tradicional como "representantes de fontes de informação confiáveis sobre o mundo" e ataca vorazmente os blogs e blogueiros, dizendo que estes não fornecem "informação de qualidade acessível às massas" como faz a "mídia tradicional". Curiosamente, a reportagem sobre o lançamento do livro e a pequena entrevista que a Folha de São Paulo realizou com o autor (de onde foram tiradas as citações) estavam, em 2007 quando foram publicadas, acessíveis somente para assinantes do jornal ou do Portal UOL<sup>29</sup> e somente chegaram ao meu conhecimento coladas em uma mensagem de e-mail circulada via listas de e-mail. A própria acessibilidade defendida pelo entrevistado só foi possível devido a um processo comunicacional fora dos padrões tradicionais, processos que Keen critica veementemente.

Na Tecnosfera e na Poderesfera – assim como veremos mais a frente nas apropriações sociais das ferramentas via escrita e leitura – o conservadorismo da mídia são as expressões visíveis dessa luta que é diária e está longe de apresentar novas e definitivas soluções.

Dois lados opostos; um que aposta na concepção de **expressão**, congelando diálogos e pretendendo a manutenção do poder de obter a palavra e, conseqüentemente a riqueza; de outro, o que

---

<sup>29</sup> Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq3007200707.htm>>. Não acessado em 30/07/2007. Acessado apenas em 09/03/2014. Não é possível saber quando o Portal abriu o acesso a esse link.



está produzindo uma maneira de olhar para o mundo não somente para expressá-lo, mas também para compreendê-lo. Encontrar esse olhar no interlugar/entrelugar é participar da corrente da **compreensão**.

Estamos, assim, diante de uma sociedade que está morrendo e uma que está nascendo. A sociedade do futuro será uma amálgama dialógica dessas duas. Dito de outra maneira, a sociedade do futuro será resposta a essas duas. A que está morrendo expressa o mundo em nome de um grupo que o domina hegemonicamente. A que está nascendo compreende o mundo em polifonia, exigindo o pensamento diferente, exigindo o outro.

Portanto, faz-se necessário compreender – e é o que procurarei fazer nos capítulos 3 e 4 – que a busca por concepções dialógicas de escrita e leitura, vinculadas a uma epistemologia do computador, direcionarão o pensamento para uma noção de **sujeito da Terceira Onda** na leitura crítica de um self que se constrói continuamente via narrações reflexivas sobre as informações mediadas (THOMPSON, 2009), mas, sobretudo, no intercruzamento das noções de ética e estética presentes no pensamento do Círculo de Bakhtin.

## Notas de final de Seção.

---

<sup>xi</sup> [www.agenciartamaimor.com.br](http://www.agenciartamaimor.com.br)

<sup>xii</sup> Disponível em <<http://www.agenciartamaimor.com.br>>. Acessado em 15/03/2014.

<sup>xiii</sup> Disponível em <[http://www.cartamaimor.com.br/detalheImprimir.cfm?conteudo\\_id=11571&flag\\_destaque\\_longo\\_curto=L](http://www.cartamaimor.com.br/detalheImprimir.cfm?conteudo_id=11571&flag_destaque_longo_curto=L)>. Acessado em 09/03/2014.

### CAPÍTULO 3 – POR UMA ABORDAGEM DIALÓGICA DA ESCRITA E DA LEITURA NA INTERNET

Muito se tem dito e escrito sobre leitura e escrita há muito tempo. As concepções são tão variadas e especializadas que seria difícil assumir uma única. Também se torna tarefa colossal e improdutiva visitar todas, quiçá a maioria. O que pretendo nesse capítulo é transitar pelas concepções de leitura e escrita mais comuns na literatura, com o intuito de aproveitá-las para apontar os aspectos mais pertinentes e rejeitar os menos interessantes para o que Geraldi, Fichtner e Benites (2009) chamaram de uma epistemologia do computador, ressaltando a atividade humana **escrita** como central, mas entendendo a necessidade de relacioná-la com a atividade humana **leitura**. O objetivo, ao final, é encontrar nessas atividades características fundamentais para compreendê-las em conjunto com o computador como ferramenta do sujeito.

Parece-me interessante começar por um título<sup>30</sup> de uma palestra ministrada por mim em 2008 (título, na verdade, proposto pelos organizadores do evento da ocasião), que colocava para dialogar duas palavras: **leitura** e **internet**. Compreendi, desde o primeiro momento, que tais palavras se deixavam dialogar com outras, como **escrita**, **informação**, **conhecimento**, **sujeito**, **imprensa** e **computador**, e que, de formas diferentes e com importâncias distintas, também dialogam com o tema desta tese.

Pensar sobre **leitura**, por exemplo, sempre me trouxe a possibilidade de tratá-la sob uma perspectiva menos linguística, no sentido de menos específica, menos cerceada por uma disciplina científica moderna. Uma perspectiva mais próxima de um famoso texto de Affonso Romano de Santanna (s/d): “Ler o mundo: tudo é texto. Não é só quem lê um livro que lê”. Leitura como ler o mundo. Quem lê, lê o mundo, lê a vida, não lê palavras, morfologias, sintaxes. “A leitura do mundo precede a leitura das palavras” nos disse Paulo Freire<sup>31</sup>, e penso que a palavra leitura direciona para esse caminho. Não especificamente para sobrepor, em níveis de importância ou posições dentro de um processo linear – lê-se primeiro o mundo e depois as palavras, ou o inverso –, mas para vincular esses

---

<sup>30</sup> “A leitura nos oceanos da internet”, In.: 15º Educador. Congresso Internacional de Educação. A leitura nos Oceanos da Internet - Teses sobre o computador. 2008.

<sup>31</sup> Este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente (FREIRE, 1986:22).

dois escopos, relacionar palavras, enquanto signos ideológicos por excelência, com o mundo, ou ainda, com a vida.

Em um contexto bakhtiniano, menos subjetivista idealista e menos objetivista abstrato. *Subjetivista idealista* porque, *a la* Frank Smith (1973; 1974), por exemplo, a noção de leitura se fundamentaria no ponto de vista estritamente dos processos psicofisiológicos do leitor; e *objetivista abstrata* porque, *a la* Barthes (2002), por exemplo, se fundamentaria no ponto de vista estritamente da tessitura textual.

Pensar em leitura em conjunto com a escrita parece ser sempre um caminho óbvio e necessário. Uma historiografia da leitura poderia seguir uma historiografia da escrita desde que não se tomasse a leitura como uma atividade restrita ao texto escrito por meio da tecnologia do alfabeto, ou qualquer outra tecnologia, ou seja, seria preciso ter o cuidado de não restringir a ideia de leitura a especificidade de uma única semiose. Fazer esse exercício de pensar o desenvolvimento da escrita pode, portanto, ajudar a pensar algumas questões histórico-sociais que permeiam essas atividades humanas: leitura/escrita.

A etimologia da palavra “ler” pode nos ajudar com essas relações primárias (PAULINO, 2001). *Legere* significava, ao menos, três noções: (1) contar-enumerar letras; (2) colher; (3) roubar. Ou seja, já na raiz, a palavra ler compreende três maneiras não excludentes de se fazer a leitura: um primeiro estágio, o de contar e enumerar as letras, corresponderia ao estágio de alfabetização; já no segundo momento, o verbo colher implica a leitura como interpretação de um texto já pronto, com sentidos prontos para serem colhidos pelo leitor; em uma terceira instância, o verbo roubar traz a ideia de subversão. Não se rouba algo com conhecimento e autorização do proprietário, logo esse tipo de leitura do texto iria se construir à revelia de seu autor, apresentando, portanto, do ponto de vista do leitor, a perspectiva subjetivista idealista.

Mesmo de um ponto de vista psicofisiológico, Smith (1973; 1974) desmistifica a compreensão de leitura como processo estrutural, realizado de forma mecânica, como simples captura de informações por meio da percepção física do objeto que se coloca a leitura. Esse autor defende que (a) o leitor aprende a confiar cada vez mais naquilo que já conhece e menos naquilo que vê; (b) quanto mais tentamos memorizar um texto, menos probabilidade teremos de compreender e lembrar; (c) significado não é algo que o leitor ou ouvinte recebe da linguagem, mas algo que é trazido para a linguagem; (d) que os leitores não são receptores passivos.

Eco (1994) faz coro para um tipo de leitor que constrói suas próprias trilhas ao percorrer o texto/bosque. Leitor como viajante, caminhantes, caçadores em campos que não escreveram/cultivaram.

Disso depreende-se também uma compreensão de texto como “incompleto”, no sentido de que todo texto é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor que faça uma parte do seu trabalho (ECO, 1994). No entanto, criar suas próprias trilhas, não significa abandonar as marcas geográficas, ou seja, os sinais do texto.

Para Barthes (2002), em “O prazer do texto”, é a costura do texto que importa. A escritura é o kama-sutra do texto, a maneira como o escritor demonstra que o texto que ele escreve deseja o leitor. Mesmo exagerando na perspectiva objetivista abstrata, a importância sobre as estratégias de dizer nas quais o autor do texto possivelmente se fundamentou ao escrevê-lo, se revela também importante para a leitura que se deseja na ação própria de tecer um texto.

Entrando pelos meandros da compreensão das práticas de leitura como práticas sociais fundamentais, Britto (2003) é mais radical ao defender a leitura como uma “ação cultural”, um “ato de posicionamento político diante do mundo”. Com o intuito de desmistificar as avaliações da leitura por juízos de valor do tipo “bom” ou “mau”, esse autor destrincha mitos atuais sobre a leitura. Num primeiro momento, o autor defende que se é verdade que “cada leitor tem sua interpretação”, também é verdade que toda leitura está constrangida por fatores históricos em que ela se dá, dos quais um deles é o próprio texto. Sobre o mito do leitor como “sujeito criativo, que descobre novos mundos quando lê”, o autor defende que a ideia de leitura como instrumento de informação não é em si de toda falsa, porém, esconde que existem diferentes tipos de leitura, e que quantidade de informação não é, necessariamente, o mesmo que conhecimento.

O terceiro mito derrubado por Britto diz respeito ao senso comum que prega que “uma sociedade leitora é uma sociedade solidária”. A ideia de que a leitura é uma espécie e panaceia social esconde que a leitura (ou a falta dela, a negação do acesso as aprendizagem dessa prática) pode ser mais excludente do que solidária.

O último mito destruído por Britto é o de que “a leitura é fonte inesgotável de prazer”. Segundo o autor, o problema dessa concepção de leitura é banalizar a diferenciação entre o texto do prazer e o texto de fruição (BARTHES, 2002). O texto do prazer seria aquele da cultura hegemônica, que provoca

euforia, não quebra, não entra em desacordo com a cultura. O texto de fruição seria o texto que provoca perda, que quebra estabilidades dos leitores.

Segundo Britto (2003), as razões de perpetuação dos mitos estão fundadas numa concepção industrialista de leitura, em que o leitor é o consumidor de um produto. O livro como produto precisa ser consumido rápido e sem “problemas”, não pode fazer o leitor parar, pensar, degustar. Lê-se como se come *fastfood*. Leitura como *fastfood* linguístico.

A leitura precisa se apresentar, como algo mais amplo, mais diverso, que extrapola as práticas de decodificação de um sistema de escrita, como o alfabeto, por exemplo. Se a leitura do mundo precede a leitura do texto, como ensinou Paulo Freire, as coisas do mundo fazem parte das práticas de leitura. E se o viés é em parte marxista (pois que freiriano), devemos nos atentar para a característica principal da prática de leitura enquanto prática social: a leitura como diálogo.

De um modo geral, os autores brasileiros (principalmente na área dos estudos da linguagem, que tratam da questão da leitura pós-crítica ao estruturalismo, ou seja, aqueles que se formaram a partir de bases sócio-interacionistas, a partir da retomada dos estudos bakhtinianos nos anos 80), ou ainda sob a tentativa de repensar a alfabetização (por conta da crítica à categoria do “analfabeto funcional” a partir de novas noções, como a de letramento, por exemplo), concordariam, em linhas gerais, que a leitura é um processo interativo, que envolve uma série de fatores internos e externos a tríade autor-texto-leitor.

O texto “Depois do 'show', como encontrar encantamento?” é extremamente inspirador para pensar a leitura e, conseqüentemente a escrita, dentro dessas preocupações. Incorporando uma discussão que muito se assemelha a costurada nesta tese a partir das leituras de Souza Santos (2004, 1996) e Tofler (1995) sobre o fim da indúst-realidade, Geraldi (2003b) traça o percurso moderno da humanidade que, pelo extraordinário show produzido pelas ciências na conquista das certezas da matéria da vida, terminou o século XX com a “noção de universalidade posta em questão pela teoria da relatividade da física”, com a noção de “objetividade posta em questão pelas observações de Heisenberg e Bohr” e com a noção de “preditibilidade posta em questão pela teoria das estruturas dissipativas de Prigogine”.

As perguntas de Geraldi (2003b:257) “Que nos trazem os tempos atuais para além das dúvidas, incertezas e desencantos? Fechado o pano, concluído o show da ciência moderna, o que nos resta?” são perguntas de fins de uma era, a era da show da ciência moderna enquanto engrenagem da indúst-realidade. O autor mesmo responde: “retornar às perguntas”! O que nos resta é perguntar! Mas como

retornar às perguntas? Ler! Encarar o texto como alteridade, com perspectivas de futuro, com projetos de dizer sobre o mundo que se abre em cada texto que encontramos.

Ler para encontrar as palavras que se escondem. Ler para fazer dialogarem palavras que se opõem. Ler sem a pressa do consumo, ler com tempo sabendo que o tempo passa e é inexorável. Ler sem deixar-se levar, mas se permitir embalar pelas palavras. (GERALDI, 2003b:259)

O autor recupera a compreensão dos processos de significação desenvolvidos por Bakhtin na discussão sobre o signo ideológico e apresenta a proposta de que é possível pensar a leitura como “uma oferta de contrapalavras do leitor que, acompanhando os traços deixados no texto pelo autor, faz estes traços renascerem pelas significações que o encontro de palavras e contrapalavras produz.”

Como vimos, tal encontro é marcado pelas práticas sociais, portanto, é ideológico, podendo ser valorado socialmente, hierarquizado, institucionalizado. Por isso Mikhail Bakhtin inicia o texto sobre gêneros do discurso<sup>32</sup> afirmando que todas as atividades sociais possuem relações com a linguagem. Os grupos sociais constroem, reconstróem, modificam, desestabilizam e estabilizam as formas de dizer em gêneros e, com isso, organizam as práticas e relações sociais via linguagem.

Os estudos sobre linguagem e internet produzidos no Brasil se enquadram na tentativa de compreender a linguagem na internet a partir desse conceito teórico. Marcuschi (2002), Dias (2004), Komesu (2005) e Latham (2006) são alguns exemplos da proposta de analisar a linguagem na internet de uma perspectiva aberta pelo que seria uma arquitetura bakhtiniana<sup>33</sup>. O conceito de gêneros do discurso e/ou gêneros textuais, vinculado a uma compreensão mais ou menos generalizada dos processos de intercruzamento de gêneros, tem sido o conceito mais amplamente utilizado para dar conta das análises dos fenômenos da linguagem na internet.

As pesquisas sobre a relação linguagem e internet direcionam os aportes teóricos, de modo geral, para a perspectiva bakhtiniana, o que indica a busca por uma compreensão de como essas atividades humanas da internet se dão, sobretudo a partir de uma perspectiva sócio interacionista. Cada

---

<sup>32</sup> Bakhtin (2010).

<sup>33</sup> O caminho traçado por Xavier (2002) e Marcuschi & Xavier (2004), por exemplo, é particular. O investimento na noção de hipertexto levou a discussão para dentro do campo da linguística textual, a partir de uma interpretação peculiar da ideia de gêneros do discurso (gêneros textuais), compreende o “modo de enunciação digital” como único, por este possuir uma maneira própria de dispor, compor e superpor, entrelaçadamente, em uma mesma plataforma enunciativa, os recursos semióticos de natureza linguística e não-linguística.

esfera de atividade possui seu arcabouço de gêneros e, devido a importância de determinados gêneros em relação a outros, suas relações com as práticas e com os lugares institucionais de poder, eles revelam a maneira como aquela esfera está histórica, social e culturalmente organizada.

Desse modo, *saber ler gêneros* é uma atividade social de extrema importância, na medida em que a circulação dos indivíduos em sociedade (a própria constituição das identidades perante os grupos sociais, o desenvolvimento da cidadania, a ocupação de cargos de poder, etc) se dá pelas práticas de leitura e produção de textos por meio dos gêneros que as diversas esferas sociais agrupam e valorizam. Torna-se coerente, desse modo, pensar a leitura e escrita como interação, como negociações de sentidos, como uma atividade marcada pela vida social dos indivíduos.

A leitura não existe fora da história. Ela é uma ação intelectual, através da qual os sujeitos, em função de sua experiência, conhecimentos e valores prévios, processam informação codificada em textos escritos. Ela se faz sempre sobre textos que se dão a ler, textos que trazem representações do mundo e com as quais o leitor vê-se obrigado a negociar, já que “ao ler um texto, o leitor mobiliza dois tipos de ‘informação’: aquelas que se constituíram em sua experiência de vida e aquelas que lhe fornece o autor em seu próprio texto” (Geraldí, 1996:125, apud BRITTO, 2003:100).

Leitura como negociação, que leve em conta os sentidos históricos carregados pelos signos linguísticos, emergidos em pistas deixadas pelo autor em seu texto e os sentidos históricos subjetivados pelo sujeito leitor na interação com o texto. Ler é interagir. “Ler como espaço de interação entre sujeitos e, como tal, espaço de construção e circulação de sentidos” (GERALDI, 2003b). E se as interações via escrita e leitura estão se dando a partir da apropriação pelos sujeitos das ferramentas desenvolvidas no encontro entre computador e internet, surge a exigência de se pensar o computador

## **6 Teses sobre o computador e uma tese sobre os sujeitos.**

No capítulo 7 de *Transgressões Convergentes*, Geraldí, Fichtner e Benites (2006) defendem 6 teses que tratam dos aspectos referentes ao que eles chamam de uma epistemologia do computador. Desenvolvem basicamente a ideia de que o computador é um instrumento poderoso que muda as relações dos homens com o conhecimento e, conseqüentemente, muda a relação do homem com a realidade. Discutirei as 6 teses para colaborar na construção de uma posição possível de ser defendida sobre a reemergência dos sujeitos a partir de suas atividades humanas escritas na internet.



**TESE 1 O computador, na discussão pedagógica, é ao mesmo tempo superestimado e subestimado, mas sua potencialidade ainda é desconhecida.**

A esfera pedagógica é extremamente produtiva para o objetivo de detectar discursos que refletem a instabilidade das relações sociais atuais, que por sua vez refletem a luta pela hegemonia do discurso e da economia. Os discursos sobre a relação computador-escola revelam tal disputa ao expor duas opiniões extremas, uma espécie de microcosmos dos integrados e dos apocalípticos: (a) o da possibilidade de progresso extremo, que torna a instituição escolar e os professores supérfluos e substituíveis pelo computador e (b) o da extrema tecnologização da cultura, que destrói os princípios desenvolvidos na moderna pedagogia.

Ambas as perspectivas teriam, segundo os autores, dificuldades em compreender o computador como instrumento do sujeito, ou como instrumento das atividades do sujeito e revelam que, ao mesmo tempo em que precisamos estar abertos às experiências novas, também precisamos expor essas experiências às críticas de seus resultados.

Diante das análises empíricas aqui apresentadas e da pesquisa teórica realizada, pode-se depreender que as práticas de inclusão digital em contextos escolares, em sua maioria, não tem atendido ao tipo de inclusão proposta por Buzato (2007) porque a instituição escola ainda não tem conseguido fazer das TIC um processo criativo de apropriação e enunciação dessas tecnologias. Além disso, o uso de *blogs* na escola também não tem sido efetivamente um espaço de cadeia enunciativa que constitui os sujeitos e faz circular [efetivamente] os diversos discursos (KOMESU, 2005) na esfera pública, porque a esfera escolar necessita de modalização/didatização tradicional prevista pelo currículo (...) (Cruciani, 2011:132).

A dissertação de Cruciani (2011), tal como observado em suas conclusões, revela a dificuldade de se trabalhar com as tecnologias de informação e comunicação como instrumentos dos sujeitos. Não obstante a realidade escolar, a observação das principais pesquisas sobre o tema linguagem e internet<sup>34</sup>

---

<sup>34</sup> Principalmente as apresentadas no II Encontro Nacional sobre HIPERTEXTO, realizado em Fortaleza, na Universidade Federal do Ceará (UFC), em setembro de 2007, no III Encontro Nacional sobre HIPERTEXTO, realizado em Belo Horizonte, no Centro de Educação Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), em outubro de 2009 e

revelam a enorme atuação dos pesquisadores no campo da Educação a Distância, suas inúmeras plataformas de ensino online e suas várias metodologias de trabalho e de avaliação. O meu olhar generalizado e pouco sistematizado dos trabalhos que busquei observar nos referidos eventos desvela três características gerais da Educação a Distância, muitas vezes não explícitas: (a) relação de distanciamento, não físico, mas humano, de relações afetivas, entre tutores/professores e alunos<sup>35</sup>; (b) atividades interacionais (chat, fóruns, discussões, e-mails, etc) em sistemas automáticos de educação a distância reducionistas e controladoras, de modo a possibilitar distanciamento e controle da relação do aluno com o conhecimento; (c) trabalho com leitura majoritariamente com um viés não interacionista, mas estruturalista, de identificação de informações em textos.

Características gerais que indiciam, a meu ver, um trabalho educacional extremamente vinculado ainda às concepções industrialistas de escola, informação, escrita e leitura, o que me leva a concordar com a tese de que o computador, na esfera educacional, não está sendo tomado como um instrumento das atividades dos sujeitos e, nesse caso, como um instrumento de construção de conhecimento conjunto, de conhecimento compartilhado. Esse discurso, que vai do medo total a panaceia geral, típico de momentos de transformação dos sistemas hegemônicos, expõe uma contradição típica do universo pedagógico, a contradição entre o controle e a liberdade das atividades pedagógicas de leitura e escrita que sempre influenciam, de forma significativa, na própria concepção de leitura e escrita que os aprendizes constroem.

Por exemplo, quais as consequências para um aprendiz em participar de uma atividade pedagógica de escrita destituída de sua principal característica, que é possuir um interlocutor real?

O exemplo de Brito (2001) é suficiente para mostrar tais consequências. Discutindo a importância da compreensão de que é próprio da linguagem seu caráter interlocutivo, Brito (2001:119) se surpreende que a maioria dos trabalhos sobre redação escolar “ou não toquem na questão da interlocução ou falem na ausência do interlocutor, identificando aí uma das dificuldades maiores dos estudantes: falar para ninguém ou, mais exatamente, não saber a quem se fala”.

---

no VI Simpósio Internacional de Estudos dos Gêneros do Discurso, realizado em Natal, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em agosto de 2011.

<sup>35</sup> “As emoções discursivizadas são carregadas de sentidos ativamente atribuídos no momento em que são enunciadas porque nascem como responsabilidade às ações de um outro contextualizado. Nos sentidos bakhtinianos do termo, resultam do encontro entre sujeitos que, vivendo e alimentando-se na interação com os outros, respondem aos atos afetivos a partir de interpretações e atribuições de sentidos.” A dimensão afetivo-emotiva dos discursos de professores e alunos nas interações em sala de aula pode ser lida e aprofundada na tese de Barbosa (2008).

Contrapondo-se a explicação de Pécora de que certos tipos de problemas das redações escolares, como incompletude de orações e outros problemas de coesão, pode se dar pela ausência do interlocutor na situação de produção da escrita, Brito ressalta que não é a ausência do interlocutor, mas a presença de um único interlocutor que representa a dificuldade.

Na situação escolar existem relações muito rígidas e bem definidas. O aluno é obrigado a escrever dentro de padrões previamente estipulados e, além disso, o seu texto será julgado, avaliado. O professor, a quem o texto é remetido, será o principal – talvez o único – leitor da redação. Consciente disso, o estudante procurará escrever a partir do que acredita que o professor gostará (e, conseqüentemente, dará uma boa nota). Mais precisamente, fará a redação com base na imagem que cria do “gosto” e da visão de língua do professor. *Serviço à La carte*. (BRITO, 2001:120).

Brito acrescenta que esse interlocutor, entretanto, não é real. Nem poderia. Sua origem, ao menos na escola atual, no ápice e decadência de sua história moderna, surgiu para resolver um problema básico da sociedade quando esta se deslocou dos campos para a casa: “as crianças tinham de ser preparadas para a fábrica” (TOFFLER, 1995:42). O autor acrescenta que a escola nada mais foi do que uma ferramenta para o modelo industrial, ensinando leitura, escrita e aritmética básicas, com um pouco de história e outras matérias. Por cima desse currículo explícito, Toffler descreve que o currículo implícito, ou invisível, era muito mais básico:

Consistia este – e ainda consiste na maioria das nações industriais – em três cursos: um de pontualidade, de obediência e um de trabalho maquinal, repetitivo. O trabalho da fábrica exigia trabalhadores que se apresentassem na hora, especificamente os operários da linha de montagem. Exigia trabalhadores que aceitassem ordens da hierarquia da gerência sem objeções. E exigia homens e mulheres dispostos a se escravizarem a máquinas ou a escritórios, realizando operações brutalmente repetitivas. (TOFFLER, 1995:43).

Um sujeito que foi padronizado, nascido de uma geração padronizada, jamais precisará compreender que todo texto possui, como “condições necessárias de produção” (GERALDI, 2006:160), que “se tenha o que dizer”, que “se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer”, que “se tenha para quem dizer o que se tem a dizer”, que o locutor se constitui como sujeito responsável pelo que diz e que “se escolhem estratégias para realizar” todas essas condições.

Mais importante do que isso, era fazer com que todos cumprissem com as normas de graduação escolar, processos de admissão e regras de abono, testes de múltipla escolha, enfim, padronizações de

todo tipo que, no atual contexto da inserção do computador na educação, parecem estar simplesmente se transferindo para a Educação à Distância, ou qualquer atividade educacional que pretenda fazer uso desta tecnologia.

## **TESE 2 Analogias históricas podem fornecer um modelo heurístico, permitindo analisar melhor a hipótese de mudança do conhecimento e suas funções através do computador**

Os autores recontam a história do desenvolvimento da escrita, de um artefato humano que no princípio, por meio da escrita icônica (chinesa, por exemplo), pretendia espelhar o mundo, para uma escrita alfabética, que cria representações do mundo; e a história da Imprensa, que possibilitou a sistematização do conhecimento em texto, em livro, mudando as formas de conhecimento, possibilitando a humanidade organizar e estruturar o conhecimento.

Dessas histórias eles tiram duas lições: a) a de que as formas de apropriação da escrita, atravessadas pelas relações de poder, elitizaram o uso de um artefato que era capaz de democratizar não somente as informações, mas também as formas de sua produção; b) de que a autonomia do conhecimento, necessária em sua produção e em seu desenvolvimento, também produziu a sua sacralização, e a desvalorização da experiência prática.

Geraldi, Fichtner e Benites (2006) afirmam que o desenvolvimento do alfabeto se deu em longa duração, que é um artefato da humanidade e sua criação não tem assinatura como toda tecnologia.

Esse desenvolvimento do alfabeto sempre foi orientado foneticamente, em outras palavras, pela representação linear da oralidade. Nesse sentido o alfabeto representa uma conquista histórica que aproximaria cada vez mais nossos modos de escrever dos nossos modos de falar. No entanto, a nova qualidade que a escrita contém, por sua descontextualização, e as formas de apropriação formal a que obriga, atravessadas pelas relações de poder, fizeram da escrita algo extremamente distante da oralidade. Em consequência, a escrita tornou-se uma forma de distinção. (GERALDI, FICHTNER E BENITES, 2006:120).

No encalço de uma discussão filosófica anterior a da invenção do alfabeto, Bentes (2000), em sua tese de doutorado, descreve o embate entre diversas vertentes sobre as relações entre oralidade e escrita, suas origens, características e relações. O embate se dá basicamente entre os autores Eric Havelock e Roland Barthes. Segundo Bentes (2000:12), para Eric Havelock “a relação entre oralidade e

cultura escrita possui fundamentalmente uma dimensão histórica - sociedades com cultura escrita surgiram a partir de grupos sociais com cultura oral”. Já para a segunda vertente, defendida por autores como Roland Barthes, “a escrita não pode ser compreendida como um simples complemento à oralidade”.

Havelock, segundo Bentes, é um dos autores mais veementes na defesa da anterioridade do oral sobre o escrito. Já Barthes problematiza a postulação da primazia do primeiro sobre o segundo, na medida em que se precisa não fixar o nascimento da escrita numa cronologia linear da história, mas defini-la como uma “relação não necessária com o oral” (Barthes e Marty, 1987 apud Bentes, 2000:16). Outro problema levantado por esses autores é o de nos levar a não estabelecer uma relação de determinação mecanicista entre o oral e o escrito.

A discussão caminha para a concordância de Havelock ([1982] (1996b) apud Bentes, 2000:16) “de que não se deve conceber o termo "escrita" de maneira simplista, como se o termo designasse uma única invenção que se realizou com efeitos mais ou menos uniformes desde o antigo Egito até a Europa moderna.” Ou seja, a escrita deveria ser descrita considerando o sistema social no interior do qual ela funciona.

Barthes e Marty (1987:5 apud Bentes, 2000:18) defendem uma "relação não necessária entre oral e escrito, para afirmar que nenhum meio de expressão pode ser privilegiado como relação de uma pureza original ou de uma verdade". Havelock complementa que é preciso compreender a constante tensão dinâmica entre o oral e o escrito.

É nesse ponto que a discussão começa a se aproximar das afirmações de Geraldi, Fichtner e Benites (2009) sobre a escrita como forma de distinção. A leitura, pensada como prática histórica acompanhante dos percursos de desenvolvimento da escrita, também possui essa ambiguidade e pode, nas suas diversas facetas, se aproximar tanto de um ato libertador quanto de uma atividade de exclusão, na medida em a aprendizagem formal dessas práticas se torna fundamental para o acesso a elas e, conseqüentemente, para todas as atividades sociais nelas fundadas.

Um bom exemplo do embate produzido pela elitização da apropriação da escrita são as atuais críticas direcionadas ao “internetês”, denominação utilizada para se referir aos enunciados dos adolescentes em ambiente virtual. Obviamente essa variedade linguística não é utilizada somente pelos adolescentes, mas a crítica a esse grupo ganha contornos dramáticos, como a chamada da reportagem

da Revista Língua que, apesar de parecer tratar do tema de forma crítica<sup>36</sup> revela uma série de compreensões sobre escrita e a leitura no ambiente virtual como atividades de distinção, de exclusão, reveladas, por exemplo, por defensores do chamado “uso correto” da língua.

Na medida em que se busca ainda a estandartização, a diferenciação e a classificação tanto do conhecimento (lições tiradas da analogia história da invenção da imprensa), como da própria escrita (lições tiradas da analogia da invenção do alfabeto), tratar alguma variação escrita da língua como catastrófica ou problemática, ou ainda como “excessos da ortografia”, pois são palavras que sempre aparecem em textos como o de Marconato (2012), reflete o contexto teórico da relação escrita/oralidade evidenciado na discussão apresentada por Bentes (2000) e o contexto político da relação escrita/computador/internet evidenciado nesta 2ª tese.

**TESE 3 Concomitantemente à transformação dos modelos do sistema universal de comunicação, o computador, a “máquina universal”, transforma tanto a área da produção econômica quanto a dos contextos sociais de reprodução da sociedade.**

Trabalhando sobre a ideia de que o computador modificará a qualidade do conhecimento, reduzindo-o a informação, ou autores argumentam que, a partir do momento em que grandes quantidades de informação forem adaptadas ao computador, o velho princípio que dava importância para o sujeito e sua personalidade em cada aquisição de conhecimento será esquecido. Consequentemente, a ideia de sujeito concreto poderia desaparecer.

A consequência mais direta seria uma violenta exclusão social, se levarmos em consideração a analogia com a história da elitização da escrita e a história da sacralização dos conhecimentos, na medida em que, quem produz o conhecimento serão poucos e quem precisa serão muitos, ele será caro.

Saltando do campo da cultura para o campo da saúde (ambos presentes na Sociosfera), tomemos como exemplo a produção de conhecimentos nesse campo (medicina, médicos, remédios, tratamentos, cirurgias, etc). Na lógica da sociedade de Segunda Onda, o mercado intervinha entre o detentor do conhecimento e um cliente, dividindo-os nitidamente entre o produtor e o consumidor. Assim, a saúde, descreve Toffler (1995:63) “veio a ser vista como um produto fornecido por um médico e uma

---

<sup>36</sup> “A revolução do internetês: Simplificação da grafia e uso de símbolos aplicam liberdade da fala à escrita; efeito sobre a sintaxe dos jovens pode não ser catastrófico como se imaginava” (MARCONATO, 2012)

burocracia ministradora de saúde e não o resultado de cuidado inteligente consigo mesmo (produção para o uso próprio) pelo paciente”.

Em outras palavras, se o conhecimento é caro, porque está nas mãos de poucos ou sistematizado em forma de produtos, mas é um conhecimento que todos precisam, o que fazemos? Vamos ao Dr. Google. Mesmo que na crise da sociedade de Segunda Onda, conforme afirma Toffler, as enfermeiras e os pacientes estejam redefinindo seus papéis frente aos médicos, atualmente busca-se o conhecimento em outros lugares. O Dr. Google<sup>37</sup> e as narrativas pessoais de blogueiros sobre doenças aparecem como alternativa ao empreendimento moderno da medicina, que transformou as tecnologias da saúde e, conseqüentemente, a vida, em produto.

Na luta pelo compartilhamento do conhecimento, a procura pelos discursos sobre uma temática específica, como o tratamento e a compreensão de certas doenças (principalmente aquelas que a ciência moderna tem demonstrado dificuldades em encontrar a cura ou produzir tratamentos eficazes, baratos ou de acesso universal), discursos que estão fora do discurso hegemônico médico-científico, como narrativas de curas pessoais e tratamentos alternativos para todo tipo de doença, têm causado preocupações para os setores que sempre detiveram o monopólio de produzir, distribuir e cobrar por esse conhecimento.

Mais uma vez a questão da linguagem aparece como fundamental, na medida em que o que se procura no Google não são apenas as explicações tradicionais (médicas-científicas) para as doenças, mas também as narrativas de pessoas que possuem alguma experiência em relação ao tema que se busca. Para produzir suas próprias hipóteses, explicações e soluções, essas narrativas não lançam mão da mesma linguagem escrita da medicina, muito próxima da sacralização pertinente para esse tipo de conhecimento, conforme apontado na Tese número 2.

Ao consultar o Google (assim como também **escrever** na internet suas narrativas pessoais), os sujeitos parecem se apropriar do direito de cuidar da própria vida. Porém, há muita informação na internet, mas informação não é conhecimento. Essa é a preocupação da 3ª Tese.

Thompson (2009:188) em um livro de 1998, portanto antes que a quantidade de informação na internet se apresentasse como algo relevante para ser pensado, ou ainda, no momento em que este autor

---

<sup>37</sup> Reportagem de capa da Revista Época: Nº 483, de 20 de agosto de 2007.

se dedica a pensar as relações entre o “self”<sup>38</sup> e a mídia, já apontava preocupações sobre os aspectos negativos da influência da mídia no que ele chama de “organização reflexiva do self”. Uma dessas consequências negativas seria a “enorme variedade e multiplicidade de mensagens disponíveis pela mídia” que podem provocar uma espécie de “sobrecarga simbólica”. Um dos exemplos que ilustra como os indivíduos constroem sistemas práticos de conhecimento para enfrentar o sempre crescente fluxo de formas simbólicas mediadas é confiar em outros significantes como uma fonte de conselho experiente no que diz respeito às mensagens da mídia.

Entende-se, portanto, as figuras importantes criadas pela televisão, os âncoras de jornais, os críticos de cinema, os cronistas políticos, etc. Atualmente, com a internet e as redes sociais, por exemplo, a diversificação das figuras se mistura com a enormidade de pessoas conectadas as redes dos indivíduos, aparentemente tornando essa realidade ainda mais complexa e negativa.

Por outro lado, parece-me que a quantidade enorme de informação na internet tem demandado um leitor muito mais ativo e questionador, ou na perspectiva de Thompson, uma energia muito mais reflexiva para a organização do self. Uma noção de sujeito que busca e que lê informações dialogando, impulsionaria, portanto, o “velho princípio que dava importância para o sujeito e sua personalidade em cada aquisição de conhecimento”. Parece-me que a consequência seria, ao contrário, um reaparecimento da ideia de sujeito concreto.

**TESE 4 Numa perspectiva história e epistemológica, o computador é um meio que abre novas possibilidades ao conhecimento das diferentes formas de práxis e de teoria, o que provocará necessariamente uma nova concepção do que é “ser sujeito”.**

Os autores trabalharam com a defesa de que conhecimento representará um lugar cada vez menos seguro para morar, para fixar, para garantir. Não confirmamos mundos com esse novo tipo de conhecimento, descortinamos novos mundos.

Durante a Guerra do Golfo, em 1991, as forças armadas americanas lançaram 88.500 toneladas de bombas sobre Bagdá nos dois meses em que a capital iraquiana esteve

---

<sup>38</sup> Para Thompson (2009:183) o self “não é visto nem como produto de um sistema simbólico externo, nem como uma entidade fixa que o indivíduo pode imediatamente e diretamente apanhar; muito mais do que isto, self é um projeto simbólico que o indivíduo constrói ativamente”.



submetida a bombardeios praticamente diários. As notícias sobre aquele conflito, contudo, davam conta de uma guerra limpa, moderna e asséptica, ostensivamente tecnológica.

(...)

Mortes? Não, foi uma guerra sem mortes. A não ser, claro, a dos poucos heróis americanos que tombaram na defesa do Bem contra o Mal; e cujos os féretros, ao serem repatriados, recebiam comovente cobertura da TV, em rede nacional, e registros nos jornais do dia seguinte. E os 100 mil iraquianos mortos sob o fogo da operação Tempestade no Deserto? Sobre esses nenhuma linha, nenhuma imagem. Não passaram de meros coadjuvantes do grande espetáculo de notícias da guerra espetacular (Egypto, 2001)<sup>xiv</sup>.

Diferentemente no que aconteceu na 1º Guerra do Golfo (1990-1991), em que a cobertura de uma mídia de Segunda Onda construiu uma imagem bastante limitada e parcial dos acontecimentos, a 2º Guerra do Golfo (2003-2011) aconteceu em um período em que foi possível construir conhecimento sobre os eventos de duas formas: assistindo a CNN, rede de televisão norte americana representante do que chamamos de mídia tradicional e, ao mesmo tempo, lendo um blog de um iraquiano que acabou de ver a casa do vizinho desabar por motivo de ser atingida por um míssil.

Além de um blog não tratar do tema da mesma forma que a notícia da CNN, perdemos com isso a percepção de sabermos o mundo pelos sentidos forçosamente imóveis, dados por uma mídia moderna que se aproveitou do distanciamento das experiências locais espaço-temporais, distanciamento característico da mediação (Thompson, 2009:182) para monofonizar as palavras e estandardizar as informações.

Por isso os sujeitos da contemporaneidade estão buscando cada vez mais formas de participar dos sentidos que circulam no mundo e lhes chegam mediados, porque sempre foram ativos (porque sempre organizaram o self de maneira reflexiva), mas também porque, como seres que praticam leitura como interação, estão também não fixos, não imutáveis, como se pretendeu durante muito tempo que o leitor (expectador) fosse, apenas recebendo e internalizando as palavras e informações. Apropriam-se delas através da leitura como interação, como negociação. O que precisamos teoricamente, talvez, seja buscar uma nova concepção “do que é ser sujeito”, ou ao menos, de início, reconhecer que uma forma de “ser sujeito” está se rerepresentando e se fortalecendo.

**TESE 5 A apropriação social dessa “máquina universal” implica a formação de modelos sociais que correspondam a seu potencial.**

Certamente muito do que é neste momento incompreensível para nós, e no entanto nós estamos vivendo este momento, deve-se ao fato de que nossa sociedade está

desenvolvendo elementos ou partes de elementos em níveis muito diferentes das práticas sociais. Talvez nas “Culturas Extremas” (Canevacci 1999) estejam presentes alguns aspectos ou características dessa construção: flexibilidade, multiplicidade, deslocamentos, rejeição a toda e qualquer dicotomia (GERALDI, FICHTNER, BENITES, 2006, 125).

Tomemos como exemplo o site youtube.com, criado para ser alternativa para a distribuição de vídeos e outras produções culturais, principalmente em relação à televisão como mídia hegemônica na distribuição dessas semioses. Vídeos como “Tapa na pantera” e o “As árvores somos nós”<sup>xv</sup>, entre outros muitos vídeos caseiros ou não que conseguiram repercussão imensa nos últimos anos, são exemplos da quebra da necessidade de mídias de Segunda Onda para se atingir um grande público. Mais do que isso, as produções culturais publicadas no site youtube.com, na sua grande maioria, são produções de membros de pequenos grupos sociais para serem divulgadas dentro dos próprios grupos sociais a que pertencem seus autores. Talvez, cada vez menos precisaremos daquele grande filme, com aquele grande herói, daquela grande minissérie, daquele grande personagem, daquela grande cantora, daquele gênero musical mais atual, da moda musical atual, etc.

Geraldi, Fichtner e Benites (2009) argumentam que a construção de novos sistemas de atividade social não podem ser imaginados, não podem ser normalizados, não podem ser postulados e ordenados. É fato que as grandes corporações de comunicação tentam a todo o momento se apropriar desses novos espaços de interação cultural e transformá-los em seus divulgadores, além de impedir o desenvolvimento desses sistemas de compartilhamento. Os primeiros vídeos que aparecem na página principal do site Youtube são, atualmente, reproduções de partes das novelas, por exemplo, como links patrocinados pela própria Rede Globo de Televisão.

Isso ocorre porque, segundo os autores, o processo de construção de novos modelos sociais nunca se realiza linearmente. Nesta tese, os autores afirmam que a apropriação social do computador é um processo complexo, “cheio de contradições, um processo vivo de ir afastando-se do velho” (p.129), o que corrobora o princípio revolucionário toffleriano de entrechoque de ondas.

## **TESE 6 A apropriação social do computador implica a construção de novos sistemas de atividade.**

A apropriação da escrita contribuiu para o desenvolvimento da filosofia grega. A apropriação da imprensa contribuiu para o desenvolvimento da ciência e da literatura moderna. A apropriação do computador contribuiu... para um volta dos sujeitos às suas atividades cotidianas, práticas?... para a construção do conhecimento caseiro, onde os sujeitos relacionam informações de todos os tipos para satisfazerem seus desejos e vontades cotidianas?

Os autores mostram que, se num primeiro momento a escrita e sua leitura eram verticais, encerradas nas paredes das cavernas e fechadas em desenhos icônicos, num segundo momento os livros possibilitaram uma leitura horizontal, porém forçada a um fechamento de sentidos e conhecimentos, guardados nas prateleiras e estantes dos sistemas dos letrados a trabalho da distinção, da inclusão/exclusão.

Pensando especificamente nas atividades humanas de escrita e leitura, atividades intrínsecas das relações dos sujeitos com o computador e a internet, a metáfora sobre as posições diferentes da prática de leitura possibilita defender a ideia de que, em um terceiro momento, o computador nos colocou novamente para ler com a cabeça erguida, não mais na parede, uma escrita icônica, nem nas estantes, signos sacralizados, mas na tela, possibilitando novamente um olhar para frente, vislumbrando não somente o texto em pé, mas o colocando dentro de um excedente de visão, que vai além da tela do texto, um excedente provocado não somente pelos links que aquele texto remete, (o que, como defendem os mais entusiastas do hipertexto, lhe trariam uma característica mais dialógica, como se os outros textos fora do computador fossem menos dialógicos<sup>39</sup>), mas pela possibilidade de estabelecermos, por meio das interações linguísticas que realizamos com suas ferramentas, novamente uma relação ética e estética, no sentido bakhtiniano.

---

<sup>39</sup> Entre duas definições de hipertexto, a primeira do inventor do termo Theodor Holm Nelson em 1964, na qual o "autor entendia com esta expressão uma escritura eletrônica não-seqüencial e não-linear, que se bifurca e permite ao leitor o acesso a um número praticamente ilimitado de outros textos a partir de escolhas locais e sucessivas, em tempo real", e a segunda ainda mais tecnicista, de Ilana Snyder em 1997, ao afirmar que o "hipertexto é um medium de informação que existe apenas online num computador. É uma estrutura composta de blocos de texto conectados por links eletrônicos que oferecem diferentes caminhos para os usuários", Marcuschi prefere buscar "uma outra visão da hipertextualidade como imagem da condição humana" para afirmar que "todos os textos seriam em algum sentido hipertextuais e a hipertextualidade não seria restrita a uma tecnologia em especial ou a uma forma de navegação em particular, mas a nossa condição enunciativa" (Marcuschi, 2005).

## O que são ética e estética para Bakhtin?

Na construção de um self reflexivo e continuamente ativo, Thompson (2009:183) descreve o sujeito como um “projeto que o indivíduo constrói com os materiais simbólicos que lhe são disponíveis, materiais com que ele vai tecendo uma narrativa coerente da própria identidade”. No primeiro capítulo comecei a trabalhar com uma noção de sujeito que está sempre incompleto, ou seja, não foi concluído, pois sua história está acontecendo, vai se construindo a partir de suas movimentações.

Esta é uma narrativa que vai se modificando com o tempo, à medida que novos materiais e novas experiências vão entrando em cena e gradualmente redefinindo a sua identidade no curso da trajetória de sua vida. (THOMPSON, 2009:183).

Porque eu não consigo ter ideia da minha completude, porque eu não me vejo, não tenho compreensão de mim de uma posição fora de mim, exotópica, portanto, é que eu preciso de Outro (no sentido de alteridade) para que eu me sinta completo, mesmo que temporariamente, mesmo que no instante fugidio de um olhar desse Outro (não neutro, sempre um olhar avaliativo)... eu preciso desse olhar do Outro para que eu possa ter a sensação, construir o sentido, para que eu possa saber, provisoriamente, que eu sou.

Essa posição exotópica da alteridade é o que, para Bakhtin, fundamenta a nossa vivência Ética. A Ética não é um conjunto de regras sociais a serem seguidas (uma fundamentação kantiana com a qual Bakhtin rompeu desde o início)<sup>40</sup>. Nesse sentido, ética poderia ser a resposta (ou o conjunto de respostas) que promovem nossas ações como sujeitos, respostas à consciência que temos de que, com nossos olhares, nossas falas, nossas expressões avaliativas, nos constituímos via alteridade.

Ainda, para que eu possa me estabelecer em uma relação temporal, para que eu possa colocar em jogo minha história já vivida e minha história ainda por viver (na forma de sonhos, perspectivas,

---

<sup>40</sup> “A *ética* bakhtiniana corresponde ao espaço de decisões cronotópicas no *hic et nunc* (agora e então) concretos do agir humano. Assim, a *ética*, para Bakhtin, é um conjunto de obrigações e deveres concretos. O mais fundamental compromisso humano é o ato de pensar, que se põe como uma necessidade ética. Apenas eu, do lugar que ocupo no mundo, consigo dizer o que digo daquele lugar. E minha obrigação é pensar e dizer, já que ninguém mais poderá ver o mundo como apenas eu vejo. O *sujeito* é responsável por todos os momentos constituintes de sua vida porque seus atos são éticos. Em outras palavras, a *ética* refere-se ao ato de viver uma vida singular, de arriscar, de ousar, de comprometer-se, de assinar responsabilmente seu ponto de vista e seu viver; isso é que é *responsabilidade* e *responsividade* imediata do *sujeito*, parte da vida, portanto.” (GEGE, 2009:42-43)

projetos de futuro), eu dirijo ao Outro meus textos, alfabéticos, imagéticos, gestuais, utilizando ferramentas diversas (quicá num futuro próximo em ondas via wireless para chips conectados aos nossos neurônios)<sup>41</sup>, para que o outro, em uma atividade humana de leitura, interaja comigo e me ajude na construção dos sentidos de meus textos e, conseqüentemente, de minha vida.

A acentuação mediada da organização reflexiva do self pode ter conseqüências inquietantes, tanto para os indivíduos como para as comunidades de que eles fazem parte. A profusão de materiais simbólicos pode fornecer aos indivíduos os meios de explorar formas alternativas de vida de um modo imaginário e simbólico; e conseqüentemente permitir-lhes uma reflexão crítica sobre si mesmos e sobre as reais circunstâncias de sua vida (THOMPSON, 2009:185).

Quando fazemos isso, em interações face a face ou mediadas, nos escrevemos e nos deixamos ler pelos nossos textos, colocamos nossas vidas numa relação cronotópica específica, trazemos nossa vida para textos que se relacionam com nossos interlocutores não somente numa relação Ética, mas também Estética<sup>42</sup>. E quando fazemos isso utilizando as ferramentas da internet, os textos hiperlinkados que construímos nessas interações se fundam principalmente por narrativas de nossas relações sociais.

No Encontro sobre Hipertexto, em Fortaleza (2007), ouvi a pergunta em uma mesa redonda que centraliza um dos principais pontos polêmicos sobre a escrita e a leitura na internet, e especificamente sobre a linguagem utilizada para essas atividades: Será que o internetês não é o fast food linguístico? Será que a leitura na internet não é uma leitura fast food?

Penso que não. Sempre me pareceu o contrário, talvez por acompanhar desde o início o envolvimento das pessoas com as atividades textuais na internet e, ao mesmo tempo, conviver com a realidade do ensino público de nível médio, mas também pelo que venho expondo nesse texto desde o primeiro capítulo, parece-me que na internet os sujeitos se dão a liberdade de usar uma língua que não lhes é imposta sistematicamente por um ensino demasiadamente estruturalista (funcional para uma sociedade de Segunda Onda) e de tratar com uma informação que, apesar de lhes chegar mediada, não chega monofonizada. Tratam com a alteridade e a informação mediada não com uma língua pasteurizada, aquela que lhes é servida em porções homogêneas nos seus longos anos de escolarização seriada, uma língua meio morta, difícil de ser mastigada, digerida e pouco saudável:

---

<sup>41</sup> NICOLELIS (2011).

<sup>42</sup> Noto que talvez haja uma diferença sutil em que a noção Bakhtiniana de sujeito é dependente da alteridade e, para Thompson, no que diz respeito à mediação, parece ser a própria mediação que assume o papel de Outro.

Figura 5: Alimentação e Educação rápidas e a preços módicos<sup>xvi</sup>.

	<p><b>combo do dia</b> <b>combo gramática:</b></p> <p><b>mc sintaxe, orações</b> <b>subordinadas fritas,</b> <b>mesóclise light</b></p>
--	---

O que tenho percebido é que, na velocidade do bite, os sujeitos se possibilitam compreender suas vidas não mais pelo *modus explicativo* (Souza Santos, 2004) que a ciência moderna nos apresentou e consolidou no último século do industrialismo. Com a apropriação das ferramentas do computador e da internet, os que hoje são os alunos de língua portuguesa, plantam, colhem, cozinham e degustam uma língua viva, energizada diariamente pelas narrativas extremamente conectadas com o cotidiano vivido (ética e estética, cotidiano e narrativa) em relação de responsabilidade (responsabilidade).

O que se faria com a língua na internet, desse ponto de vista, seria, portanto, fugir do fast food linguístico do ensino de língua portuguesa para buscar uma experiência de interação humana via língua jamais vista, ao menos nos últimos 50 anos permeados pela consolidação da educação moderna e industrial.

O sistema de educação de uma sociedade de Segunda Onda, por meio de seus métodos de trabalho, como as apostilas travestidas de jornais<sup>43</sup>, ou os sistemas adotados de avaliação de absorção de conteúdo, o PISA (internacional)<sup>44</sup>, por exemplo, nada mais é do que o reflexo da forma indúst-real

---

<sup>43</sup> “A Secretaria Estadual de Educação (SEE) e as Secretarias Municipais de Educação no estado de São Paulo têm desenvolvido sistemas de ensino e materiais didáticos com estratégias semelhantes, para fomentar a disponibilidade e acesso a práticas de leitura específicas na esfera escolar. Em muitas escolas paulistas, estaduais e municipais, por exemplo, observamos, desde 2007, o uso dos cadernos didáticos e do acervo literário que compõem o programa “Ler e Escrever”, organizado pela SEE. O município de São Paulo, por sua vez, elaborou em 2010 os Cadernos de Apoio e Aprendizagem, que são materiais complementares para a ação pedagógica com sequências didáticas e projetos que envolvem atividades de leitura com gêneros específicos.” (CHIMELLO e BUNZEN, 2011).

<sup>44</sup> **PISA** (Programme for International Student Assessment), programa de **avaliação internacional** de estudantes, tem como objetivo realizar uma comparação entre o desempenho de alunos em diversos países e é aplicada em estudantes de 15

de encaixotar disciplinarmente a construção de compreensões do mundo de uma forma explicativa, não interativa, não dialógica, não narrativa.

Ao mesmo tempo em que se verifica, nas últimas décadas do século XX e na primeira do século XXI, uma crescente crítica às orientações epistemológicas calcadas no positivismo, que reificam o método e a suposição da neutralidade nas Ciências Humanas como requisito para garantir seu estatuto de cientificidade, verifica-se a tentativa constante de descobrir (desvelar, reconstruir, reinventar) novas orientações, novos modos de pensar.

Quinze anos antes do fim do século XX, Souza Santos (1996) escreveu que estávamos diante do fim de um paradigma, ainda dominante, e iniciando a busca por outro, então emergente. Marcado claramente pela luta contra a naturalização das Ciências Humanas, Souza Santos persegue, na descrição do paradigma dominante, a sua crise, para depois descrever algumas das possíveis características do paradigma dominante.

Segundo Souza Santos, a diferença entre ciências sociais e naturais deixaria, aos poucos, de fazer sentido, sendo que as ciências sociais centralizariam o polo as sínteses promovidas nessa aproximação. Para isso, as ciências sociais deveriam recusar o positivismo lógico, suas metodologias mecanicistas materialistas ou idealistas. Desse modo, o que iria surgir como síntese seria uma espécie de “galerias temáticas onde convergem linhas de água” (1996), e que, em outras palavras, poderíamos interpretar como diálogos entre as áreas acadêmicas que hoje ainda compreendemos às vezes como antagonicas e às vezes como estanques.

Segundo Sousa Santos (2004), na modernidade, a ciência procurou construir um discurso baseado na razão e sem marcas ou interferências. Fez isso a partir de uma razão arrogante: uma racionalidade que se reivindica como a única forma de racionalidade e, por consequência, não se esforça por descobrir outros tipos de racionalidades.

O que interessa aqui é perceber como a modernidade e o desenvolvimento de uma racionalidade específica (seus pressupostos, argumentos, teorias e métodos) se deu de forma conveniente com um modo de vida construído pelo industrialismo, a indúst-realidade de Toffler, na medida em que

---

anos de idade - faixa etária média do término da escolaridade básica obrigatória. A avaliação, que é aplicada em 65 países a cada três anos, abrange três áreas do conhecimento: leitura, matemática e ciências. Em cada edição, porém, cada uma dessas áreas é priorizada. Em 2000, por exemplo, o foco foi em Leitura; em 2003, Matemática; e em 2006, Ciências. Em 2009, o Pisa iniciou um novo ciclo do programa, com o foco novamente recaindo sobre o domínio de Leitura, seguido por Matemática em 2012 e em 2015, Ciências. Disponível em <<http://educarparacrescer.abril.com.br/indicadores/pisa-299330.shtml>>. Acessado em 12/03/2014.

progresso e ciência estiveram juntos como argumentos principais na construção do conhecimento da forma especializada, ontologicamente estruturada em compartimentos disciplinares não dialogáveis, a fim de conduzir sempre a seu principal produto: a tecnologia.

As críticas da teoria social em décadas recentes, nos dizeres de Thompson, “especialmente daquelas formas de teoria social que tiveram mais impacto nos estudos críticos da mídia” parecem ter se apropriado dessa racionalidade arrogante e indolente, na medida em que produziu uma concepção empobrecida do self.

Para os autores de uma tradição amplamente “estruturalista”, ou cujo enfoque foi influenciado significativamente pelas pressuposições da linguística estruturalista, o self é visto principalmente como um produto ou idealização de sistemas simbólicos que o precedem. Uma variedade de termos foram introduzidos, desde a “interpelação” de Althusser às “técnicas” e “tecnologias” pessoais de Foucault, para tentar especificar como os indivíduos se tornam sujeitos que pensam e agem de acordo com as possibilidades que lhes vão sendo adiantadas. (THOMPSON, 2008:183)

Retomando a 5ª tese de Geraldi, Fichtner e Benites, parece que é preciso compreender processos de mudanças nos modelos sociais atuais.

Essa computadorização está instrumentalizando e funcionalizando as ações comunicativas e as relações entre os seres humanos, voltados apenas para a produção (Sennet, 1998). No processo invertido dessas relações, também a produção mesma torna-se sempre mais afetiva e comunicativa, aparentemente elevando o nível de humanidade de cada objeto que a tecnologia toca. Em síntese, o processo inteiro está completamente minado pelas relações impostas pelo capital. Novas são a qualidade e, sobretudo, a quantidade do trabalho imaterial e afetivo que se torna produtivo para o capital. Em consequência, conhecimento, criatividade, linguagem e afetividade são os principais fatores da nova empregabilidade, das novas relações. (GERALDI, FICHTNER E BENITES, 2009:129)

Porque é óbvio que “os sistemas simbólicos dominantes (que alguns costumam chamar “ideologias” e outros preferem chamar de “discursos”) não definem cada movimento do indivíduo” (Thompson, 2008:183), os sujeitos estão exaustos desse tipo de interação explicativa, não afetiva, não fundada na importância que tem a alteridade para os sentidos produzidos nas suas leituras de mundo, via internet ou não.

Ainda, parece que os tipos de interações, as atividades humanas com as quais nos desenvolvemos até agora, fundadas no *modus explicativo*, muito vinculado ao que necessitou o capital na indust-realidade, nos deixou cegos, e não estamos percebendo que as atividades de leitura e escrita



dos sujeitos na internet são tentativas de se reconstruírem como sujeitos históricos, sociais, ativos, dialógicos, provisórios, numa relação temporal qualitativamente diferente, de mais esperança e de memórias de futuros compartilhadas. Memórias de futuro de um mundo onde o passado não está explicado didaticamente e o futuro já está dado por uma organização *indust-real* da sociedade.

Como num jogo de xadrez, o sistema dominante definirá que movimentos estão ou não estão abertos aos indivíduos – com a diferença não trivial de que, ao contrário do xadrez, a vida social é um jogo que não se pode deixar de jogar (THOMPSON, 2008:183)

Em Bakhtin (2010:96), essa situação não trivial se resume a afirmação de que “não temos alibi na existência”. Para Clark & Holquist (1998:90)

Nós próprios precisamos ser responsáveis ou respondíveis, por nós mesmos. Cada um de nós ocupa um lugar e um tempo únicos na vida, uma existência que é concebida não como um estado passivo, mas ativamente, como um acontecimento. Eu calibro o tempo e o lugar de minha própria posição, que está sempre mudando, pela existência de outros seres humanos e do mundo natural por meio dos valores que articulo em atos. A ética não se constitui de princípios abstratos, mas é o padrão dos atos reais que executo no acontecimento que é minha vida. Meu self é aquilo mediante o que semelhante execução responde a outros selves e ao mundo a partir do lugar e do tempo únicos que ocupo na existência.

Talvez precisemos tomar a escrita e a leitura como atividades humanas que colocam os sentidos produzidos nas interações Éticas do cotidiano à prova nas compreensões Estéticas das atividades interacionais mediadas pelo computador e pela internet, pois parece ser a mistura dessas duas instâncias da cultura humana que estão possibilitando a luta mais imediata pela produção sîgnica travada pelos sujeitos na atualidade na fuga das relações sociais minadas ainda pelo capital da sociedade industrial.

Em resposta às noções de self (THOMPSON, 2008) e as considerações bakhtinianas sobre ética e estética, procurei construir nesse capítulo a compreensão de que é pelas atividades humanas dialógicas de escrita e leitura que os sujeitos da contemporaneidade (sujeitos de uma sociedade de Terceira Onda) estão tomando o computador e a internet como instrumentos próprios, porque são sujeitos que cada vez mais não buscam alibi para suas existências.

## Notas de final de Seção.

---

<sup>xiv</sup>Disponível em <<http://www.observatoriodaimpresa.com.br/artigos/al031020011.htm>>. Acessado em 12/03/2014

<sup>xv</sup>Disponíveis em <<http://www.youtube.com/watch?v=6rMloiFmSbw>> e <<http://www.youtube.com/watch?v=uSaf28eS7d4>>, respectivamente. Acessados em 12/03/2014.

<sup>xvi</sup>Disponível em <<http://www.oncomprascoletivas.com/oferta/mc-donald-s/63>>. Acessado em 12/03/2014

## **CAPÍTULO 4 - O NARRADOR DA INTERNET: UMA VINGANÇA BELA (E INÚTIL?) CONTRA A MORTE.**

Apresento neste capítulo um segundo ensaio<sup>45</sup>, também com trechos suprimidos, outros incluídos e todos reescritos. A questão da temporalidade, da forma como tratada abaixo, complementa as reflexões apresentadas anteriormente sobre a ética e a estética nas atividades humanas desenvolvidas no computador e na internet.

### **FIRMA RECONHECIDA**

Antônio Prata (Meio Intelectual, Meio de Esquerda)

Uma das páginas mais belas que já li é aquela na qual Winston Smith, protagonista de 1984, vê uma lavadeira pendurando roupas e cantando no quintal. Winston sabe que a música foi feita por máquinas a serviço do Grande Irmão, que tem tanta poesia quanto um chiclet Ploc tem nutrientes, mas a mulher a interpreta com tamanho sentimento que transforma o pop cibernético em uma obra de arte.

Apesar dos pesares, acho 1984 um livro otimista. Me diz que, mesmo sob a mais atroz das ditaduras, histórias de amor ainda são possíveis. E que, até embaixo da mais goma-arábica das canções, é possível achar uma centelha poética.

Outro dia, num cartório, presenciei o surgimento de uma dessas centelhas. Até então, eu achava que o contrário de poesia era um cartório. Inferno do Grande Irmão, reino de carimbos, senhas, crachás, grampeadores e outras miudezas sobre as quais jamais se escreverá um soneto, uma peça para violoncelo e oboé, um episódio de Friends. Prisão onde as letras, que nasceram todas iguais perante Deus e poderiam ter virado romance, carta de amor ou receita de bolo, acabam emboloradas em gavetas escuras, delimitando áreas de terrenos e cláusulas de divórcios. Acreditava, acima de tudo, que de onde saem milhares de procurações, jamais brotaria uma gota de poesia.

Então o funcionário, que trouxe meu documento, foi colocar nele sua assinatura. Assim que encostou a ponta da esferográfica no papel e, com um movimento de todo o corpo, fez um círculo, eu percebi que estava diante da lavadeira de 1984. Depois desse movimento – amplo, gracioso, como um toureiro que, com sua capa, driblasse a bovina burocracia –, ele cravou a Bic no início do círculo e, de uma maneira frenética e calculada, fez uma espécie de rabisco, como aqueles desenhos de sismógrafos, até o final do laço inicial. (Agora não mais toureiro, mas maestro descabelado regendo o fim de uma sinfonia.) Quando terminou e ergueu-se, arfante, julguei ouvir bumbo e pratos e um ou outro “bravo” do pessoal do almoxarifado.

Meus caros, eu estava diante de um escrivão apaixonado. De um homem que, em meio àquele mingau cinzento de impessoalidade, lutava quixotescamente, com sua Bic, para deixar sua assinatura no mundo. Era Winston Smith e a lavadeira. Tinha apenas um pequeno retângulo de papel para gritar ao universo sua revolta e sua felicidade por estar vivo e vingar-se, bela e inultamente, da morte. E o fazia.

---

<sup>45</sup> publicado em COVRE (2007b)

## Por uma nova experiência de tempo.

De certa forma, ao rebelar-se contra o tempo,  
os homens não procuram outra coisa  
que não seja derrotar a própria morte (Carlos Bauer)

Ao explorar a construção específica de temporalidade, que pode ser tomada como equivocada, em uma narração específica, a da canção *Eduardo e Mônica*, lançada em 1986 no disco “2” pela banda Legião Urbana<sup>46</sup>, tento uma interpretação particular do “equivoco” temporal do autor ao narrar os fatos da vida de Eduardo e Mônica para pensar o que seria buscar uma nova experiência do tempo. A analogia é um pano de fundo para a tese que tento comprovar neste texto.

Se compreendemos a temporalidade como definidora de narrativas, talvez devemos propor uma definição mais cuidadosa, e que seja a inspirada na epígrafe de Carlos Bauer: quando alguém narra, está tentando derrotar a própria morte.

---

<sup>46</sup> A escolha dessa narração se deu menos pelo reconhecimento social da banda e de seu compositor, e mais pela facilidade de se comprovar o que pretendo neste ensaio. Legião Urbana e a própria canção *Eduardo e Mônica* possuem sua importância tanto no universo da história da música brasileira quanto no diálogo proposto para a geração específica de fins de uma sociedade de Segunda Onda, pois os que viveram seu ápice vieram antes da web 2.0.

Eis a canção:

**Eduardo & Monica**  
**Legião Urbana**  
*Composição: Renato Russo*

Quem um dia irá dizer que existe razão  
Nas coisas feitas pelo coração? E quem irá dizer  
Que não existe razão?

Eduardo abriu os olhos mas não quis se levantar  
Ficou deitado e viu que horas eram  
Enquanto Mônica tomava um conhaque  
No outro canto da cidade  
Como eles disseram

Eduardo e Mônica um dia se encontraram sem  
querer  
E conversaram muito mesmo pra tentar se  
conhecer  
Um carinho do cursinho do Eduardo que disse  
- Tem uma festa legal e a gente quer se divertir  
Festa estranha, com gente esquisita  
- Eu não tô legal, não aguento mais birita  
E a Mônica riu e quis saber um pouco mais  
Sobre o boyzinho que tentava impressionar  
E o Eduardo, meio tonto, só pensava em ir pra  
casa  
- É quase duas, eu vou me ferrar

Eduardo e Mônica trocaram telefone  
Depois telefonaram e decidiram se encontrar  
O Eduardo sugeriu uma lanchonete  
Mas a Mônica queria ver o filme do Godard  
Se encontraram então no parque da cidade  
A Mônica de moto e o Eduardo de camelo  
O Eduardo achou estranho e melhor não  
comentar  
Mas a menina tinha tinta no cabelo

Eduardo e Mônica eram nada parecidos  
Ela era de Leão e ele tinha dezesseis  
Ela fazia Medicina e falava alemão  
E ele ainda nas aulinhas de inglês  
Ela gostava do Bandeira e do Bauhaus  
De Van Gogh e dos Mutantes  
Do Caetano e de Rimbaud  
E o Eduardo gostava de novela

E jogava futebol-de-botão com seu avô  
Ela falava coisas sobre o Planalto Central  
Também magia e meditação  
E o Eduardo ainda estava  
No esquema "escola, cinema, clube, televisão"

E, mesmo com tudo diferente  
Veio neles, de repente  
Uma vontade de se ver  
E os dois se encontravam todo dia  
E a vontade crescia  
Como tinha de ser

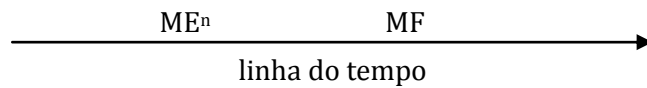
Eduardo e Mônica fizeram natação, fotografia  
Teatro, artesanato e foram viajar  
A Mônica explicava pro Eduardo  
Coisas sobre o céu, a terra, a água e o ar  
Ele aprendeu a beber, deixou o cabelo crescer  
E decidiu trabalhar  
E ela se formou no mesmo mês  
Que ele passou no vestibular  
E os dois comemoraram juntos  
E também brigaram juntos, muitas vezes depois  
E todo mundo diz que ele completa ela e vice-  
versa  
Que nem feijão com arroz

Construíram uma casa uns dois anos atrás  
Mais ou menos quando os gêmeos vieram  
Batalharam grana e seguraram legal  
A barra mais pesada que tiveram

Eduardo e Mônica voltaram pra Brasília  
E a nossa amizade dá saudade no verão  
Só que nessas férias não vão viajar  
Porque o filhinho do Eduardo  
Tá de recuperação

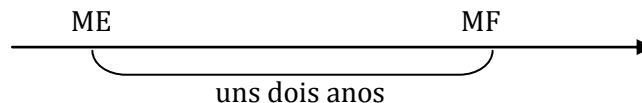
E quem um dia irá dizer que existe razão  
Nas coisas feitas pelo coração? E quem irá  
dizer  
Que não existe razão?

A canção vem narrando a estória de Eduardo e Mônica, desde o que eram antes de se conhecer, passando pelo dia em que se conheceram e o andamento do seu relacionamento, numa sequência linear no tempo, porém não numericamente em dias, semanas, meses ou anos. Compreendendo isso dentro de uma representação formal, o momento da fala (MF) está à frente dos momentos dos eventos narrados (ME).



Todos os verbos no pretérito (com exceção dos verbos utilizados em falas dos personagens, que estão no presente) indicam essa posição contínua em relação ao MF. Mesmo que haja diferença de aspecto (pretérito perfeito e imperfeito), ainda sim a narração “corre bem” até as duas últimas estrofes que narram os dois últimos eventos na relação entre Eduardo e Mônica. O problema está na marcação temporal específica de um determinado evento em relação ao momento da fala nos versos “Construíram uma casa uns dois anos atrás / Mais ou menos quando os gêmeos vieram”.

(construíram uma casa / os gêmeos vieram)



A locução adverbial “uns dois anos atrás” torna impossível o fato expressado na estrofe seguinte, nos versos “Só que nessas férias não vão viajar / Porque o filhinho do Eduardo / Tá de recuperação”. O advérbio “nessas férias”, aliada ao verbo no futuro “vão”, coloca o momento do evento na frente do momento da fala, mas não num tempo suficiente para que o “filhinho do Eduardo” tenha idade para enfrentar uma “recuperação” escolar. Nenhuma criança entra em recuperação escolar com dois anos, ou três, caso até o momento das férias a criança completasse anos.

Surge um problema que poderia facilmente ser tratado e resolvido dentro dos parâmetros de qualquer disciplina da linguística de base estruturalista: A narrativa está “furada” devido a um erro gramatical grosseiro do autor.

Tais explicações são possíveis e poderiam encerrar o assunto. Mas quero propor a compreensão do equívoco do autor na construção da temporalidade de sua narrativa como um ‘pseudo equívoco’, porque acredito que a caracterização daquele trecho da narração é a própria criação do equívoco. Para tanto, vou me servir da leitura de alguns autores que pararam para refletir sobre as mais diversas representações da temporalidade no decorrer da história da humanidade.

## **A crítica de Agamben**

Interessa-me a crítica do materialismo histórico feita por Agamben (2005:111):

Toda concepção de história é sempre acompanhada de uma certa experiência do tempo que lhe está implícita, que a condiciona e que é preciso, portanto, trazer à luz. Da mesma forma, toda cultura é, primeiramente, uma certa experiência do tempo, e uma nova cultura não é possível sem uma transformação desta experiência. Por conseguinte, a tarefa original de uma autêntica revolução não é jamais simplesmente “mudar o mundo”, mas também e antes de mais nada “mudar o tempo”. O pensamento político moderno, que concentrou a sua atenção na história, não elaborou uma concepção correspondente ao tempo. Até hoje o próprio materialismo histórico furtou-se assim a elaborar uma concepção do tempo à altura de sua concepção da história. Em virtude dessa omissão, ele foi inconscientemente forçado a recorrer a uma concepção de tempo que domina há séculos a cultura ocidental, e a fazer então conviver, lado a lado, em seu próprio âmago, uma concepção revolucionária de história com uma experiência tradicional do tempo.

Importa dizer agora que a crítica expõe o que para Agamben é uma falta, a falta de uma experiência de tempo compatível com a concepção de história do materialismo histórico. Também é, para mim, o que faz falta na compreensão do problema da temporalidade na canção Eduardo e Mônica. É necessário buscar uma nova experiência de tempo para compreender a não existência do equívoco de temporalidade na canção.

O que Agamben vai fazer nas páginas seguintes é “trazer à luz” aspectos da “tradicional experiência de tempo”, criticando-os, justamente para depois poder propor o que, na sua opinião, seria uma experiência de tempo compatível com a concepção de história do materialismo histórico.

Encontrando em Aristóteles o “caráter fundamental (...) que determinou por dois mil anos a representação ocidental do tempo” (o tempo como *continnum* pontual, infinito e quantificado), Agamben (2005:114) afirma que “uma cultura com semelhante representação de tempo não poderia ter

uma experiência genuína da historicidade” e avança para a experiência cristã de tempo diferenciando-a da representação clássica (circular) por ser representada como uma linha reta e finita.

Ressalto que uma mistura dessas duas representações influencia claramente a representação de tempo que utilizei na primeira explicação do problema da temporalidade na canção. Tempo como uma linha reta, que vem do passado infinito e vai para o futuro infinito, porém passível de ser quantificado, mensurado, pontificado.

Agamben avança explorando a tentativa de Santo Agostinho de separar a experiência da historicidade do movimento natural dos astros, e torná-la um fenômeno essencialmente humano e interior (espiritual), mas ressalta o fato de o próprio Santo Agostinho ter se perdido no que Agamben chamou de “angustiosa e irresolvida interrogação sobre o tempo inaferrável”, e não ter conseguido superar a representação de tempo contínuo e quantificado, apenas transferindo-o para a duração interior. Duração essa que, posteriormente foi recoberta pelo tempo matematizado da antiguidade clássica, sendo assimilado, segundo este autor, pelo idealismo de Platão e pela teologia escolástica, onde a “eternidade, como regime da divindade, tende a nulificar com o seu círculo imóvel a experiência humana do tempo” (p. 116).

A próxima representação da temporalidade bombardeada por Agamben é a concepção da idade moderna, que laiciza o tempo cristão retilíneo e irreversível, dissociando-o da ideia de um fim e esvaziando-o de qualquer sentido que não seja o de um processo estruturado conforme o antes e o depois. É a representação do tempo como homogêneo, retilíneo, mecanizado (e, portanto, narrado linearmente, como se pressupõe que faz o autor da canção):

Sobre o fluxo das ciências da natureza, “desenvolvimento” e “progresso”, que traduzem simplesmente a ideia de um progresso orientado cronologicamente, tornam-se categorias-guia do conhecimento histórico. Semelhante concepção do tempo e da história expropria necessariamente o homem de sua dimensão própria e impede o acesso à historicidade autêntica. (...), por trás do aparente triunfo do historicismo no século XIX se esconde na realidade uma radical negação da história em nome de um ideal de conhecimento moldado nas ciências naturais. (Agamben, 2005:118)

Depois de tecer o manto das principais representações de tempo que se chocam com a concepção de história do materialismo histórico (em resumo, o tempo retilíneo [cristão] e quantificado [clássico] que fundamentam o tempo mecânico [moderno]), Agamben vai alcançar, finalmente, o materialismo histórico.



Não sem antes passar pelo tempo em Hegel, para dizer que este não “faz mais do que levar às extremas consequências a experiência nulificada implícita em sua determinação como sucessão contínua de instantes pontuais” (p. 119). Agamben traz Hegel, creio eu, para explicitar o lugar que, talvez, seja o lugar da falta de um esforço do materialismo histórico de Marx em construir uma representação de tempo menos idealista, e que tirasse o homem contemporâneo de sua contradição fundamental, que

é precisamente a de não haver ainda uma experiência de tempo adequada à sua idéia da história, sendo por isso angustiosamente dividido entre o seu ser-no-tempo, como fuga inaferrável dos instantes, e o próprio ser-na-história, entendido como dimensão original do homem (Agamben, 2005:121)

Enfatizando que Marx “não elaborou uma teoria do tempo adequada à sua ideia de história”, Agamben irá propor uma elaboração fundada numa confusa concepção de prazer, e contrapor ao “tempo cronológico da pseudo-história” (uma denominação que parece querer resumir aquele manto de representações de tempo criticadas por este autor) o “tempo cairológico da história autêntica”.<sup>47</sup>

A importância na revisita que faz Agamben ao materialismo histórico de Marx, procurando, de alguma maneira, resolver um problema que ficara para trás, reside na preocupação que o próprio autor expressa no início de seu texto de que “a representação vulgar do tempo como um continuum pontual e homogêneo acabou então desbotando sobre o conceito marxista da história: tornou-se a fenda invisível através da qual a ideologia se insinua na cidadela do materialismo histórico”. Preocupação que, segundo o autor, já havia aparecido em Benjamin, nas suas *Teses sobre a filosofia da história*, e que para mim, já havia aparecido, fundada em outras perspectivas e outros objetivos, em Bakhtin, nos seus primeiros textos, mas sobretudo com objetivo e clareza em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, de 1929, obra que compilou as principais teses da filosofia de linguagem de Bakhtin.

---

<sup>47</sup> Talvez a palavra “prazer” traga perigosamente uma representação de tempo pós-moderno, onde somente o prazer do instante importa, e distancie a procura do autor pela autenticidade da história do tempo cairológico, o [kairós] grego, o tempo qualitativo, o tempo certo, da hora certa, da ocasião propícia, da oportunidade, ou ainda, da atividade cotidiana prática do ser-no-tempo e do ser-na-história, uma espécie de kairós da práxis, ou algo próximo a isso.

## A crítica de Bakhtin

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, logo no prólogo, aparecem as preocupações iniciais que provocaram a realização do estudo das *orientações de base* para uma reflexão marxista aprofundada sobre a linguagem:

É preciso acrescentar a isso que categorias do tipo mecanicista implantaram-se solidamente em todos os domínios a respeito dos quais os pais fundadores – Marx e Engels – pouco ou nada disseram. Esses domínios, portanto, encontram-se, com respeito ao essencial, no estágio do materialismo mecanicista pré-dialético. Todos os domínios da ciência das ideologias acham-se, atualmente, ainda dominados pela categoria da causalidade mecanicista. Além disso, persiste ainda a concepção positivista do empirismo, que se inclina diante do “fato”, entendido não dialeticamente, mas como algo intangível e imutável. Praticamente, o espírito filosófico do marxismo ainda não penetrou nesses domínios (Bakhtin, 2006:25-26).

A crítica de Agamben à falta é a mesma crítica de Bakhtin/Volochinov: falta ao materialismo histórico uma representação de tempo tão revolucionária quanto à concepção de história e uma concepção de linguagem que possibilite uma compreensão menos mecanicista dos problemas da ideologia.

Ponto de encontro entre as preocupações com a temporalidade e as preocupações com a linguagem – que é nada menos do que o ponto de encontro da problematização da temporalidade na canção Eduardo & Mônica, um problema de linguagem que possivelmente criou um problema de tempo –, Miotello (2006), para ligar tempo à linguagem, percorre um caminho que necessariamente passa por questões de memória, porque os projetos de dizer dos sujeitos possuem importância fundamental na medida em que a memória do passado entra em jogo com a memória do futuro, constituindo sentidos agora.

Miotello ressalta o tempo não absoluto, que pode ser einsteinianamente comprimido e esticado, e que “o observador é fundamental para dizer o tempo, até para descrever sua ordem cronológica”, já que, segundo Capra, “o tempo flui a diferentes razões em partes diferentes do universo”. E que esse tempo não linear guarda relações com uma memória também não linear:

A memória, ou perda dela, é sempre conservação e filtragem, é uma atualização do passado. A conservação se dá por conta dos significados, e a filtragem é uma rede de

relações que conserva aquilo que de alguma forma precisamos. A “memória do passado” tem a cara que o presente lhe atribui. Ela é constantemente revisitada pelos interesses atuais, pelos sentidos presentes. E reformatada. O passado tem seu sentido presentificado. O jogo de associações permanentes produzem a ressurreição dos sentidos. Esse jogo de atualização da memória tanto se dá no nível grupal, pois que os vários grupos jogam com memórias diferentes, construindo por sua vez histórias variadas, como se dá no nível pessoal, pois que o coletivo não se apresenta como coercitivo, mas como o lugar das afinidades e tensões e também das trajetórias comuns. Esse diálogo inter-temporal atualiza, “aggiorna” os sentidos. Nas relações dialógicas não se constroem sínteses. Se faz a história. *Dialogia não é dialética* Na dialética os opostos se anulam para uma nova síntese. Na dialogia os sentidos opostos convivem enquanto diferentes, e geram sentidos novos. (MIOTELLO, 2006)

Ampliando essa reflexão de tempo e memória como jogo dialógico, Miotello tenta, a partir da função do Hipocampo (produzir associações), contrapor à ideia de memória como um saldo depositado no cérebro a ideia de memória como associações, segundo a qual uma informação isolada dificilmente fica na memória. Vai, aos poucos, construindo uma noção de memória ligada a uma noção de valor:

... guardamos na memória o que possui maior impacto em nossas vidas, mesmo que seja um momento fugaz, curtíssimo e que jamais se repetiu ou mesmo jamais se repetirá. Essa interioridade é um lugar de cruzamentos, possibilidades de constituição do sujeito. Lugar do próprio presente sempre atualizado.

(...)

Isso faz da *interioridade* uma *essencialidade da exterioridade*. Pois o que por ventura está dentro de nós, em forma associativa, nos constituindo sujeito e se mantendo vivo nas trocas sinápticas, entrou em nós de alguma forma, e seu fundamento é, essencialmente, um fundamento do dizer e do fazer. Logo o *Centro Organizador da Memória* está *fora* de nós, e não dentro. (...) Nossa memória não pode derivar diretamente da natureza. Nossa memória apenas é memória quando se impregna de conteúdo ideológico, sógnico, e isso só se dá no processo de interação social. (MIOTELLO, 2006)

E estabelece, a partir daqui, uma ligação fundamental entre tempo/memória e signo. A memória é memória sógnica, e por isso, sofre os mesmos processos sociais indicados por Bakhtin para a palavra, já muito visitados durante esta tese<sup>48</sup>. Estudar a palavra, para este autor, “é compreender a memória das condições sócio-econômicas *refletantes e refratantes* nela”. O tempo, a memória e a linguagem, se associam ideologicamente. De modo que, para que consigamos renovar a palavra ideológica, para que consigamos destinar a palavra a uma outra direção de significados, precisamos daquilo que ainda não

---

<sup>48</sup> As palavras, signo por excelência, são o lugar por excelência da memória. A palavra é um indicador; a palavra acumula as lentas mudanças; a palavra registra as fases transitórias.

vivemos, que não somos e que não experimentamos, mas que já estamos, no terreno interindividual, construindo enquanto valor: a “memória do futuro”. Não um futuro absoluto, mas sim um futuro histórico: “Um tempo que apresenta “excedente de visão” sobre o tempo atual” (p. 284).

Em “Arte e Responsabilidade”, um dos primeiros textos escritos por Bakhtin após a conclusão dos estudos na Universidade de Petersburgo, Bakhtin questiona qual a relação entre os três campos da cultura humana - a ciência (cognição, aprendizado, conhecimento), a arte (estética) e a vida (ética). E responde dizendo que a relação entre esses elementos é a unidade da responsabilidade. Responsabilidade que fundamentará a ideia de “não álibi para a existência”<sup>49</sup>: não é possível para um indivíduo dizer “eu não existo” e se eximir da responsabilidade mútua de lidar com a vida e com a arte.

Centralizando suas atenções para o mundo da arte, Bakhtin tratará da questão da responsabilidade especificamente no campo da estética e sua relação com o campo da ética, e não aprofundará as considerações sobre o campo da cognição. Na atividade estética, o conceito fundamental para Bakhtin é o conceito de acabamento. Toda obra possui um acabamento, mesmo antes de ser finalizada, um acabamento pré-visualizado pelo autor, um acabamento que é, na verdade, perspectiva, um tipo de memória do futuro. Um escultor quando dá a primeira cinzelada na matéria pura tem, como memória, a imagem da escultura acabada. Cada cinzelada responde a essa memória, e a própria memória, responde a cada cinzelada, se modificando, caso seja necessário.

Bakhtin enfatiza que, “para mim, a memória é memória do futuro, para o outro, a do passado”. No mundo da vida, da ética, o tempo mais importante é o tempo do futuro. Minhas ações são definidas a partir das memórias de futuro que consigo compartilhar socialmente. Eu vivo como se não fosse finito, apesar de ter consciência da minha finitude. E essa consciência é o não controle do dia do meu nascimento e da minha morte. O meu nascimento e a minha morte não é um acontecimento para mim, mas para os outros. A inexorável distância concreta que se impõe pela presença do outro e o excedente de visão que essa posição exotópica impõe me fornece o meu acabamento: definitivo (quando morro, não posso sentir a minha morte como valor, apenas o outro que fica, poderá me ter como acabado) e provisório (em cada interação, em cada olhar que me dirige o outro).

No entanto, no campo da estética, o autor produz excedente de visão em relação a sua obra. A memória do futuro, então, se apresenta como uma espécie de excedente de visão, ao qual responderá

---

<sup>49</sup> Introduzida em *Por uma Filosofia do Ato*.

todo o manejo da obra pelo autor, a constituição das personagens e do enredo, incluindo o manejo com as relações temporais dentro da própria obra.

Por isso da importância de trabalhar o manejo da obra pelo autor, pela concepção bakhtiniana de gêneros do discurso, segundo a qual é a relação entre gêneros que importa. Cotejar gêneros, entrecruzar gêneros, é o ofício do autor ao objetivar concluir o acabamento (ainda provisório) que seu projeto de dizer pretende.

### **O retorno a canção**

A canção-narrativa Eduardo & Mônica revela o trabalho do autor ao cotejar os eventos da vida de Eduardo & Mônica contados antes por outros.

Eduardo abriu os olhos mas não quis se levantar  
Ficou deitado e viu que horas eram  
Enquanto Mônica tomava um conhaque  
No outro canto da cidade  
Como eles disseram

“Eles disseram” como foi que ocorreu, no passado, determinada situação. O autor quer deixar claro que está somente re-narrando uma narração que ouviu de outros (talvez os próprios personagens, talvez outros que lhe contaram a história desses personagens em outro momento). Ou seja, em algum momento na linha do tempo, houve o momento de fala de outros narrando um evento. Em outro momento, houve o momento de fala do autor da canção narrando o mesmo evento mais ou menos da mesma forma como foi narrado pelos outros.

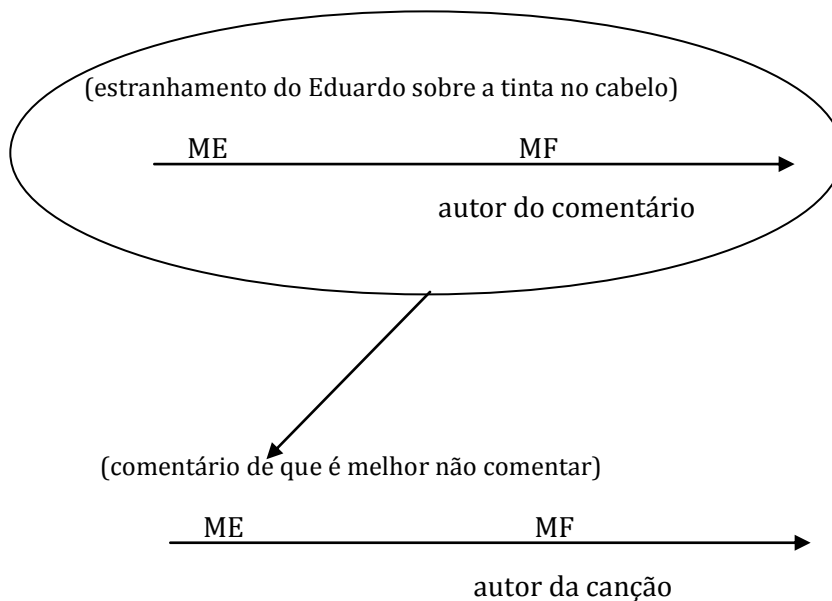
Vários são os discursos citados claramente marcados, principalmente pelos verbos no presente, como em “Um carinha do cursinho do Eduardo que disse / - Tem uma festa legal e a gente quer se divertir / Festa estranha, com gente esquisita / - Eu não tou legal, não aguento mais biritá”. Porém, há uma ocorrência que chama a atenção não somente pela falta de clareza na marcação do discurso citado:

Eduardo e Mônica trocaram telefone  
Depois telefonaram e decidiram se encontrar  
O Eduardo sugeriu uma lanchonete  
Mas a Mônica queria ver o filme do Godard  
Se encontraram então no parque da cidade

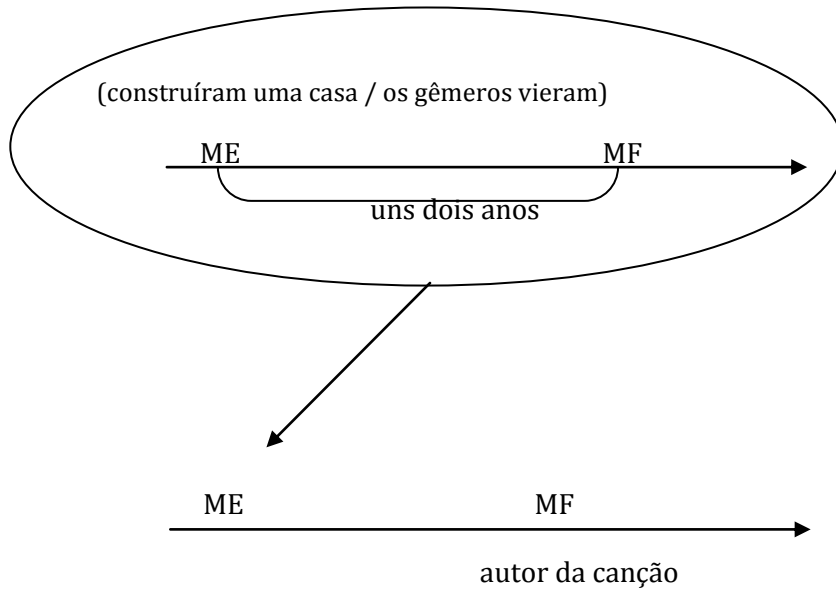
A Mônica de moto e o Eduardo de camelo  
O Eduardo achou estranho e melhor não comentar  
Mas a menina tinha tinta no cabelo

O trecho “O Eduardo achou estranho e melhor não comentar / mas a menina tinha tinta no cabelo” não tem origem no discurso do autor da canção. Alguém está narrando o que o Eduardo achou sobre determinada situação (melhor não comentar / mas a menina tinha tinta no cabelo). Ou seja, a estória de Eduardo e Mônica narrada pelo autor da canção é, na verdade, ao mesmo tempo em que é história de Eduardo e Mônica, é também uma compilação de muitas outras narrações da história de Eduardo e Mônica, realizadas não unicamente por Eduardo e Mônica, mas por muitas outras pessoas. Não uma compilação aleatória, narrações grudadas a partir do nada em direção a nada. Já observamos que há uma sequência de eventos, mas cada evento é trazido dentro de um conjunto temporal único, o conjunto do momento de fala em que foram narrados alguma vez.

Este nem é o caso de representar essa temporalidade numa única linha temporal. Caso quiséssemos ainda utilizar a sistematização formal (MF) (MN), uma linha do tempo não seria suficiente para dar conta do que parece acontecer na narração. Algo como:



A narração da canção acontece como se fossem repetições das várias vezes em que diversos amigos se reuniram e narraram a história de Eduardo e Mônica. Isso explicaria a presença de temporalidades incompatíveis nas duas últimas estrofes.



Os dois momentos históricos finais (Construíram uma casa uns dois anos atrás / Mais ou menos quando os gêmeos vieram) e (Eduardo e Mônica voltaram pra Brasília / E a nossa amizade dá saudade no verão / Só que nessas férias não vão viajar / Porque o filhinho do Eduardo / Tá de recuperação) foi narrado por alguém que não é o narrador da canção. São narrações realizadas em outro tempo por outros narradores e, posteriormente, e integralmente, trazidas para dentro da canção-narração. Desfaz-se, dessa maneira, a incoerência só possível dentro de uma concepção específica de temporalidade.

Essa apropriação da narração alheia possibilita ao autor conquistar uma temporalidade tendo em vista seu projeto de dizer. A temporalidade conquistada pelo autor da canção não é uma temporalidade específica de uma estória específica e particular, mas sim uma temporalidade que se posta como universal, para discutir um tema universal: “não existe razão nas coisas feitas pelo coração, mas existe razão”. Tratar do amor propondo uma estória narrada em uma temporalidade múltipla, impossível de ser exatamente mensurada, racionalmente pontuada, porque contada e recontada inúmeras vezes por

pessoas que constroem suas concepções de amor e relacionamento narrando histórias, parece ser uma astúcia maior do que qualquer possibilidade de ignorância no uso “correto” da língua.

Por isso afirmo que a incoerência somente é possível dentro de uma concepção de temporalidade específica, vinculada, por exemplo, às concepções de tempo clássicas, cristãs e modernas criticadas por Agamben. Escolhendo um caminho não oposto, mas diferente deste autor, o caminho da temporalidade constituída pela linguagem, fundada na concepção dialógica de Bakhtin, é possível compreender astúcias quimerizantes presentes nas obras, processos que são, talvez, tentativas de derrotar a própria morte, enquanto autor que delega ao outro a responsabilidade de dividir com ele uma temporalidade nessa relação de alteridade autêntica.

Não se nega, como enfatiza Bauer (1997), os cinco conceitos diferentes de tempo (tempo físico, tempo psicológico, tempo cronológico, tempo histórico e tempo linguístico), porque todos, segundo este autor, “ajudam-nos a pensar o tempo como categoria do nosso trabalho de construtores da história”. No entanto, se buscamos uma nova experiência de tempo, porque as que temos são incompatíveis com a concepção materialista de história, e porque precisamos de uma experiência autenticamente revolucionária, parece ser preciso abandonar algumas dessas concepções (senão, pelo menos, alguns de seus aspectos). E se, ao escolher esse caminho, retomamos a primeira crítica bakhtiniana ao marxismo mecanicista, e nos apoiamos nas suas concepções de palavra e signo, precisamos sempre visitar o conceito de gêneros do discurso com as mesmas preocupações.

Trata-se, sobretudo de compreender a ideia de gêneros do discurso em Bakhtin não como tentativa de ontologização das atividades humanas, mas talvez como categorias que nos ajudam a compreender as inúmeras maneiras de mourejar o tempo (e os sentidos do mundo). A durabilidade dos fatos vividos (porque sempre se trata da vida narrada e re-narrada) é uma durabilidade conquistada pela obra estética pós atividade ética.

O fato que se deu na vida, transformado por diversas interpretações dentro daquele determinado grupo social que vivia em torno daqueles fatos (da história de Eduardo e Mônica, por exemplo), ganha nova temporalidade, a temporalidade possibilitada pela estética (a do acabamento provisório). Trabalhar com gêneros do discurso é também trabalhar com temporalidade.

Se a virtualidade é devir, é interação, não é oposição ao real (Lévy: 1998), é possibilidade de outras temporalidades, precisamos compreender que, talvez seja em frente ao ecrã, atrás do teclado,



que os sujeitos, movimentando-se através da apropriação das ferramentas, buscam construir novas temporalidades, por meio da atuação linguística-enunciativa em gêneros do discursos.

Buscam uma nova temporalidade, conquistam-na no olhar do outro. A alienação é ausência de memória de futuro, disse-me um amigo, certa vez. Memória do futuro está no campo do futuro possível. Nenhum autor trabalha com uma memória de um futuro impossível, senão ficaria compondo a sua obra eternamente. Assim como no campo da estética, no campo da ética o tamanho do possível é o tamanho da alteridade. Se as pessoas não encontram nos olhos da alteridade (de seus convivas) ecos de suas memórias de futuro, e vice-versa, o que temos são utopias.

A mídia dialógica do cotidiano nos possibilita enxergar aquilo que não se vê, ou não se consegue ver justamente porque não fortalecemos opções teóricas de linguagem compatíveis com os questionamentos sociais contemporâneos. Os que dominam o *fast food* linguístico-educacional, servindo porções homogêneas de uma língua morta, difícil de ser mastigada, digerida e pouco saudável (combo do dia, combo gramática: mc sintaxe, orações subordinadas fritas, mesóclise light) estão perdendo seus clientes. A era do produtor e do consumidor também está acabando na educação (geral, e também da língua) e na informação. Na web 2.0 os alunos de língua portuguesa<sup>50</sup> plantam, colhem, cozinham e degustam uma língua viva, energizada diariamente pelas narrativas extremamente conectadas com o cotidiano vivido: ética e estética em relação de responsabilidade/responsividade.

O que se faz na internet é fugir do *fast food* lingüístico e buscar uma experiência de tempo e espaço em colaboração. É na/pela na internet, cheias de “equivocos e erros gramaticais”, análogos ao da canção Eduardo e Mônica, que os sujeitos tentam derrotar a morte gradual a que são submetidos na longa jornada da língua escolarizada e da informação monofonizada dos enunciados das mídias de Segunda Onda.

---

<sup>50</sup> No contexto em que a educação industrial se universalizou, todos os sujeitos, portanto, foram ou ainda são alunos de língua portuguesa.

## Entre “A vida dos outros” e “Na natureza selvagem”, eu prefiro...

No texto “*A diferença identifica. A desigualdade deforma. Percursos bakhtinianos de construção ética através da estética*”, Geraldi (2003a) ataca principalmente as bases filosóficas da sociedade moderna (teóricas, ideológicas, epistemológicas).

*Talvez este seja um tempo de purgar a desqualificação: apostamos tanto em nossos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade - e tínhamos fé no caminho do progresso como forma de sua concretização - que esquecemos de compreender qualquer outra fé, qualquer outra idéia, qualquer outra pessoa (Geraldi: 2003a:40)*

Para criticar a noção kantiana de *ética* a partir de uma leitura particular de Bakhtin, Geraldi parte da noção de diferença (alteridade). A ideia era mostrar como a noção de *igualdade* é prejudicial à noção de *liberdade*. A falta da compreensão da *diferença* mata a própria noção de *identidade*. *Igualdade* como generalização funciona como fundamento para o apagamento das *singularidades* e, portanto, das *subjetividades*. Essa fundamentação não se compromete com os sujeitos da vida!

Apoderar-se da arte que se define pela diferença e é o lugar por onde podemos nos identificar; aprender a conviver com o inusitado; reencontrar sonhos abortados e, por fim, fazer ressurgir o sujeito – não como imagem de um deus criador com o qual cada um tem compromissos de concretizar na vida sua perfeição, à sua imagem e semelhança, nem como o sujeito todo-poderoso certo e certo de sua racionalidade e de suas técnicas – e sim um sujeito frágil, *humano demasiadamente humano*, cuja identidade, estabilidade instável, se defini pelos gestos de responsabilidade de ordenar a experiência do nosso fazer e do nosso padecer (Geraldi, 2003a:54).

Na verdade, Geraldi toma cuidado para não destruir a noção de igualdade, pois sabe de sua força no mundo atual. Mas, para fugir dela, trabalha-a pelo seu oposto: a *desigualdade*. Criticando esse oposto e promovendo em seu lugar a *diferença*. A problemática da diferença proposta em Geraldi expõe a dificuldade em se fundamentar a noção de democracia fundada na noção de liberdade.

Uma política da diferença, uma democracia em tempo real mais participativa requereria que cada um de nós estivéssemos comprometidos com um agir social. Ao pensar em termos de governabilidade democrática, poder-se-ia indagar: “como governar em situação de desterritorialização acelerada”? (Lévy: 1998, p. 59).

Segundo a proposta de Lévy é a democracia virtual, aquela possível na infovia, o modo adequado de governo. Para Lévy o acesso à internet está desenvolvendo-se de maneira acelerada e,

com ela, uma nova realidade política poderia ganhar força. Essa realidade seria a mudança de uma forma pouco aberto-participativa a uma forma mais interativo-participativa. Conectados à internet, todos poderiam discutir, opinar e decidir juntos. Mesmo parecendo para muitos uma utopia em seu sentido de pura fantasia, Lévy usa de um exemplo para defender sua hipótese, diz ele: Os regimes autoritários tiveram dificuldades em resistir às redes telefônicas, aos satélites de televisão, ao fax, às fotocopiadoras, a todos os instrumentos que estimulam uma comunidade descentralizada, transversal e não hierarquizada (*id., ib.*, p. 60).

No entanto, essa ideia de liberdade – que se contrapõe ao autoritarismo – se revela mais como uma utopia da sociedade contemporânea do que como uma memória de futuro. A defesa que tento realizar nesta tese diz respeito à hipótese de que é pelo aprofundamento das relações dos sujeitos com características de liberdade da língua que está sendo possível se apropriar das ferramentas da internet e, conseqüentemente, construir uma liberdade que aparece, pois, de modo diferente daquela sonhada pela democracia moderna e transformada em utopia pela sociedade industrial.

Tomemos novamente as analogias das obras de Orwell e Huxley recontadas em duas obras mais contemporâneas, as produções cinematográficas “A vida dos outros” e “Na natureza selvagem”.

*Das Leben der Anderen* (A Vida dos Outros, título no Brasil) é um filme alemão lançado em 2006 e premiado com o Oscar de melhor filme estrangeiro. O filme narra a história de um agente da Stasi, a polícia política da República Democrática Alemã (Alemanha Oriental) chamado Gerd Wiesler, que se envolve num serviço de escutas clandestinas do apartamento de um casal da cena cultural de Berlim Oriental, o escritor Georg Dreyman e a atriz Christa-Maria Sieland. Mais tarde, ele se vê envolvido na vida do casal e tem um papel decisivo em seus destinos.<sup>xvii</sup>

*Into the Wild* (Na Natureza Selvagem, título no Brasil) é um filme estadunidense de 2007. É uma adaptação do livro de não-ficção de 1996, de mesmo nome, escrito por Jon Krakauer, baseado nas viagens de Christopher McCandless pela América do Norte, e sua vida na natureza selvagem do Alasca no começo dos anos 90. Em 1990, com 22 anos e recém-licenciado, Christopher McCandless, ao terminar a faculdade, doa todo o seu dinheiro a uma instituição de caridade, muda de identidade e parte em busca de uma experiência genuína que transcendesse o materialismo do cotidiano. Abandona, assim, a próspera casa paterna sem que ninguém saiba e mete-se à estrada. Deambula por uma boa parte da América (chegando mesmo ao México) à boleia, a pé, ou até de canoa, arranjando empregos temporários sempre que o dinheiro faltasse pois, Chris acaba por abandonar o seu carro e queimar todo o dinheiro que levava consigo para se sentir mais livre, mas nunca se fixando muito tempo no mesmo local. Desconfiado das relações humanas e influenciado pelas suas leituras, que incluíam Tolstoi e Thoreau, ansiava por chegar ao Alasca, onde poderia estar longe do homem e em comunhão com

a natureza selvagem e pura. O que lhe acontece durante este percurso transforma o jovem num símbolo de resistência para inúmeras pessoas.<sup>xviii</sup>

Em “A vida dos outros”, somos levados ao universo totalitário da Alemanha Oriental para compreender, ao final, que não há saída a não ser lutar pela democracia que existia apenas na Alemanha Ocidental, onde havia **liberdade** para além do muro. A liberdade aqui aparece como construção utópica em resposta a realidade controladora, típica de governos totalitários.

Em “Na natureza selvagem”, somos levados ao universo de um jovem que recusa a “liberdade total” existente na sociedade de direitos em que vivia (os Estados Unidos da América) e que para essa analogia pode ser considerada como a concretização máxima da democracia vivida utopicamente pelos personagens da Alemanha Oriental em “A vida dos outros”. No entanto, tal liberdade é relativizada pela fuga das relações sociais (pessoais, econômicas, institucionais, etc.) imposta pelo personagem de “Na natureza selvagem”, justamente aquelas relações que permitiriam a concretização de tal liberdade e democracia. O que se vê é um personagem que, no fim, percebe a perda da própria identidade por não ter com quem compartilhar seus enunciados.

O que temos novamente são duas utopias negativas que possuem sempre, no cerne de suas histórias, a dificuldade em construir noções de liberdade (e conseqüentemente de democracia) mais concretas, mais possíveis, menos utópicas. As metáforas da liberdade e da democracia, tanto no contexto totalitário de Orwel (relembradas na luta inútil contra a morte na crônica de Prata que abre este ensaio) e em “A vida dos outros” (a luta pela liberdade contra o totalitarismo), quanto no contexto da liberdade total das sociedades perfeitas de Huxley (*O Estado Mundial* e seu lema: *Comunidade, Identidade, Estabilidade*) e em “Na natureza selvagem” (o paradoxo expresso pela morte do personagem por fugir justamente da “comunidade”, da “identidade” e da “estabilidade” oferecidas pela sua sociedade) parecem estar longes de construir, como memória de futuro, uma noção de liberdade e de democracia viável para uma política das *diferenças*.

Qual é a saída? Publicar e compartilhar (ao contrário de receber e silenciar), “os dois grandes motores da nova sociedade”<sup>xix</sup>, em uma luta constante (e inútil?) contra a morte? Sem analisar criticamente o enriquecimento dos gigantes da internet (novos gigantes indust-reais?) com as informações que produzimos e fazemos circular? Ou ainda, sem questionar a constante vigilância dos governos de tudo o que enunciamos em nossas interações mediadas sob o argumento frágil da

segurança – Snowdens que nos auxiliem, é a nova-velha prece contra o que parece ser o novo-velho tipo de totalitarismo?

Ou será este o novo paradoxo em que nos metemos, dentro do qual só conseguimos reemergir como sujeitos na medida em que deixamos constantemente nossos rastros enunciativos para que as alteridades, sejam elas quais forem (governos, empresas, família, amigos, etc.), nos identifiquem e nos deem as identidades provisórias que tanto precisamos para sermos únicos pelas diferenças e não pelas desigualdades?

É porque entre duas utopias, eu prefiro uma memória de futuro, entre Huxley e Orwell, eu prefiro Toffler, e entre “A vida dos outros” e “Na natureza selvagem”, eu prefiro, por enquanto, a auto-reinvenção realizada pelos sujeitos que enunciam e reenunciam cotidianamente suas vidas pelas ferramentas disponibilizadas pelo computador e pela internet.

Ainda não fizeram um filme sobre isso...

## Notas de final de Seção.

---

<sup>xvii</sup> Disponível em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Das\\_Leben\\_der\\_Anderen](http://pt.wikipedia.org/wiki/Das_Leben_der_Anderen)>. Acessado em 15/03/2014.

<sup>xviii</sup> Disponível em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Into\\_the\\_Wild\\_\(filme\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Into_the_Wild_(filme))>. Acessado em 15/03/2014.

<sup>xix</sup> Disponível em <<http://idgnow.com.br/blog/planoseideias/2012/11/28/google-facebook-e-a-ditadura-da-era-da-informacao/>>. Acessado em 15/03/2014.

## **CAPÍTULO 5 – POR UMA TEORIA DO ENUNCIADO COMO UNIDADE CONCRETA DA COMUNICAÇÃO VERBAL**

Procuo, nesse capítulo re-costurar os conceitos construídos pelos textos do Círculo de Bakhtin: sinal, significado, palavra neutra, língua e oração (vinculados a noção de Forças Centrípetas) e palavra sígnica, signo, tema, texto e enunciado (vinculados a noção de Forças Centrífugas), já trabalhados em COVRE (2007a) para dar suporte a uma interpretação específica dos conceitos palavra e, principalmente, do conceito gêneros do discurso, escolhidos para analisar os enunciados recolhidos para esta tese.

O conceito gêneros do discurso, extremamente disseminado em diversas áreas dos estudos da linguagem, parece já ter passado pela sua fase de êxtase no universo acadêmico e por todas as polêmicas possíveis em relação a sua teorização, suas definições, utilizações, aplicações e didatizações.

Assim, são essas duas preocupações, a de organizar uma resposta teórica ao contexto de discussão do conceito gêneros do discurso e uma base linguístico-discursiva-enunciativa para esta tese, que fundamentam o texto que desenvolvo abaixo.

### **Das Forças Centrífugas e Forças Centrípetas (FCf X FCp)**

Os conceitos, categorias e palavras-chave dos textos escritos pelo grupo que academicamente se convencionou chamar de Círculo de Bakhtin<sup>51</sup> se apresentam como produtivos (para serem aplicados, transferidos, ou apenas servir de analogia) para as reflexões necessárias a esta tese, dentro de uma primeira lógica dual: as Forças Centrífugas e as Forças Centrípetas (doravante FCf e FCp, respectivamente).

Quando discute a relação entre o romance e a estilística, no capítulo “A estilística contemporânea e o romance” do livro “Questões de literatura e estética”, Bakhtin (2010b), defende, primeiramente, que o romance, enquanto gênero literário caracterizado pela diversidade social de linguagens esteticamente compondo um todo, envolve a narrativa do *autor*, a estabilização de diversas

---

<sup>51</sup> Souza (1999:19) conta que o encontro entre Bakhtin, Volochinov e Medvedev “ocorreu, provavelmente, na Universidade de Petrogrado (...). É em Leningrado, ou no Círculo de Leningrado (1924-1929) conforme aponta a biografia de Michael Holquist e Katerina Clark, que o Círculo Bakhtin/Volochinov/Medvedev publica a maioria de seus livros e ensaios. E são, também, essas publicações que se tornaram, posteriormente, alvo da polêmica em torno da sua autoria”.

formas da narrativa tradicionalmente oral, diversas formas literárias fora do discurso literário do *autor* e os discursos da personagem estilisticamente individualizados. A partir desta compreensão, ele afirma que a filosofia da linguagem, a linguística e a estilística, quando refletem sobre a *linguagem* do romance, variavam nas compreensões sobre o sistema da linguagem e o indivíduo que fala nela, mas partiam, já nas duas primeiras décadas do século passado, de um conteúdo estabilizado, ora historicamente, ora por meio de problematizações internas da língua. Para Bakhtin, isso se constituiu como um avanço para os estudos estilísticos, mas era, ao mesmo tempo, uma limitação, pois priorizava uma compreensão compartilhada por um grupo social privilegiado, vinculado a uma visão de mundo considerada dominante. Esse tipo de compreensão orientava um olhar para o *estilo* no romance marcado pela “unificação e a centralização das ideologias verbais”, chamadas por ele de *forças centrípetas* da vida social, linguística e ideológica. Seria preciso considerar que, apesar de se constituir como homogênea e centrípeta, esta tendência trazia consigo a própria realidade da diversidade estilística, a qual ele chamou de plurilinguismo real, considerado por Bakhtin a dinâmica da vida real. Este plurilinguismo ganha força na medida em que se tende a insistir na supervalorização da língua única, o que nos permite entender que, junto com as *forças centrípetas*, existem as *forças centrífugas*, configuradas pela tensão e abertura, revelando, ideologicamente, as relações sociais efetivas, relacionada à vida. Portanto, para Bakhtin, ao se considerar somente uma dessas forças em uma análise sobre a linguagem, tenderia-se a uma compreensão monológica do fenômeno estudado, separada da *dialogia* constitutiva das relações humanas<sup>52</sup>.

O objetivo daquele trabalho de Bakhtin (2010b: 71) ao configurar essas categorias era “eliminar a ruptura entre o “formalismo” e o “ideologismo” abstratos no estudo do discurso literário”. Mesmo que o foco tenha sido o discurso literário e o gênero romanesco, tais elaborações teóricas sobre os fenômenos sócio-linguístico-ideológicos são tão básicas na filosofia bakhtiniana que podemos encontrar a mesma fundamentação quando o foco são fenômenos linguísticos de quaisquer outras esferas<sup>53</sup>.

---

<sup>52</sup> GEGe (2009:48-49).

<sup>53</sup> Souza (1999: 15-16) reforça o coro de que, “embora a maioria das obras [do Círculo de Bakhtin/Volochinov/Medvedev] tratem do enunciado literário, os enunciados concretos que servem como base para as investigações do Círculo, que compõem os gêneros primários, são os enunciados cotidianos”. Souza alerta ainda, já em 1999, para a possibilidade de utilizar os constructos teóricos do Círculo “em uma perspectiva mais contemporânea, os enunciados cotidianos virtuais, desenvolvidos concretamente por intermédio de INTERNET, telefones, etc”.



A crítica ao “subjetivismo idealista”, assinalando os seus aspectos que reduzem o funcionamento da linguagem às leis psicológicas individuais, e ao “objetivismo abstrato”, mirando-se sobre a formalização abstrata desse tipo de pensamento, que estabiliza e torna imutável o funcionamento da linguagem, é desenvolvida no 4º capítulo de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (Bakhtin, 2006), denominado “*Dois Orientações do Pensamento Filosófico Lingüístico*”, e estende-se para os capítulos 5º e 6º. Na verdade, é possível encontrar tal crítica não somente nesses recortes, mas em quase toda a construção teórica e filosófica do Círculo.

De modo que todo conceito cunhado na filosofia do Círculo de Bakhtin procura, de modo geral, se fundamentar nessa crítica, ou tomá-la como base, ou ainda simplesmente tratá-la como pressuposto. Essa linha de pensamento fundamenta a construção teórica dessa seção do texto, que persegue como principalmente as noções de texto, palavra e gêneros do discurso.

### **A concepção bakhtiniana de texto e a invenção do humano**

A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros.  
Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre meu interlocutor.  
A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.  
Mikhail Bakhtin

Para este exercício reflexivo, utilizarei analogias com trechos do poema “A invenção do ‘O’”, de Luis Fernando Veríssimo<sup>54</sup> para definir conceitos básicos da filosofia de linguagem de Bakhtin. A particular interpretação do poema servirá de fonte para uma tentativa de compreender o “humano”, termo que nos é tão caro, à luz da filosofia bakhtiniana da linguagem. O Homem é um ser que produz texto!

As ciências humanas são as ciências do homem em sua especificidade, e não de uma coisa muda ou um fenômeno natural. O homem em sua especificidade humana sempre exprimi a si mesmo (fala), isto é, cria texto (ainda que potencial). Onde o homem é estudado fora do texto e independente deste, já não se trata de ciências humanas (anatomia e fisiologia do homem, etc.). (Bakhtin, 2010:312).

---

<sup>54</sup> Poema extraído de VERISSIMO, Luis Fernando. poesia numa hora dessas?! Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

Se estudar o homem é estudá-lo “dentro” de seu texto, podemos dizer que estamos optando por um bom caminho, ou seja, analisar o discurso nos confrontará com a especificidade do homem: o texto. Portanto, a pergunta que nos surge, e não somos os primeiros na arte de encará-la, é: *o que é o texto?*

Esse é o momento de chamar Veríssimo:

#### A invenção do ‘O’

Na era da pedra lascada da língua falada antes de inventarem a letra que imitava a lua as palavras diziam nada e nada levava a nada (aliás, nem precisava rua). A frase ficava estática de maneira majestática as grandes falas presumíveis permaneciam indizíveis - imagens invisíveis a distâncias invencíveis. Vivia-se em cavernas mentais numa inércia dramática. Ir e vir, nem pensar ninguém mudava de lugar que dirá de sintática.	5
Aí inventaram o ‘O’ e foi algo portentoso. Assombroso, maravilhoso. Tudo começou a rolar e a se movimentar. O Homem ganhou “horizontes” e palavras viraram pontes e hoje existe a convicção que sem a sua invenção não haveria civilização. Um dia, como o raio inaugural sobre aquela célula no pantanal que deu vida a tudo, veio o acento agudo. E o homem pôde cantar vitória. E começou a história. (Depois ficamos retóricos e até um pouco gongóricos).	20 25 30 35

O poema se estrutura tematicamente em dois momentos distintos: o primeiro, um momento caracterizado especificamente pela sua estaticidade, claramente visíveis nos versos de 5 a 17. Tudo era estático porque não haviam ainda inventado “a letra”(3)<sup>55</sup>. Foi, portanto, depois da invenção da letra ‘O’, claramente representando a roda, possibilitando o movimento, que o homem pode *cantar vitória* e se *movimentar*.

Eis, contudo, nosso primeiro problema. As expressões “língua falada”(2) e “letra”(3) podem causar dificuldades para o linguista mais desavisado, ou, melhor dizendo, para o linguista mais insistente em definições dicotômicas. “Língua falada” e “letra” expressam, no poema, duas partes das “palavras” (3, 4 e 5), mas com uma complicação terminológica. A “língua falada” do poema pode ser entendida como os processos fisiológicos comuns aos animais chamados, no senso comum, de irracionais. Apenas sinais repetíveis, estáticos. Diferentemente da “letra”, a qual se refere o poema, que possui o movimento, que irá virar “ponte”.

Um artigo que nos é muito apropriado para uma melhor compreensão da questão é o que trata da comunicação entre os *muriquis*, macacos com até 1,5 metro de comprimento, incluindo a cauda – primatas, portanto. Nele encontramos a seguinte constatação:

Numa situação hipotética, um muriqui consegue avisar a outro muriqui que uma árvore está carregada de frutas apenas se estiver diante de uma delas, mas não tem como contar da árvore em que estivera no dia anterior, nem emitir um som específico para cada tipo de árvore que conhece (FIORAVANTI, 2003:36).

Sem nos prendermos demasiadamente às questões apresentadas no artigo de Fioravanti, podemos nos utilizar desta constatação para exemplificar o que o poeta chamou de “língua falada”. Os *muriquis* da citada pesquisa “falam” “frases estáticas”(8), vivem em “cavernas mentais”(14) “numa inércia dramática”(15). A “língua falada”, a qual o poema se refere, é a *língua falada* pelos *muriquis*, ou por qualquer outro animal **não humano**. A “letra”<sup>56</sup> é o que possibilita o “Ir e vir”(16), os “horizontes”(24), a possibilidade da “civilização”(28).

---

<sup>55</sup> A partir de agora, qualquer extração do poema virá entre aspas e com a indicação do verso do qual foi retirada entre parênteses.

<sup>56</sup> Faz-se necessário um esclarecimento básico de que a diferenciação entre a ideia de “língua falada” e “letra” expressada no poema não coincidem com a dicotomia já ultrapassada pelos estudos linguísticos entre fala e escrita. A concepção de que há uma dicotomia entre fala e escrita é rebatida por linguistas como Marcuschi (2001), que há muito vêm alertando que a

Para nós, estudiosos da linguagem e interessados que estamos na filosofia bakhtiniana, poderíamos identificar com o termo “letra” do poema de Veríssimo, o nosso primeiro ponto de questão: **texto**.

Segundo Bakhtin (2010:331), “por trás de todo texto, encontra-se o sistema da língua; no texto, corresponde-lhe tudo quanto é **repetitivo e reproduzível**, tudo quanto pode existir fora do texto.”

Essa parte repetitiva e reproduzível é a “língua falada” dos muriquis, a qual o poeta delega a infeliz característica de não vencer distâncias, de permanecer “indizível”(11), de não possibilitar a mudança de lugar. Só poderíamos denominar as “palavras”(5) de **texto**, bakhtinicamente compreendido, depois da invenção do ‘O’.

A invenção do “O” é a invenção da roda, que possibilita o movimento; é a *invenção* da palavra enquanto “*fenômeno ideológico por excelência*”, que possibilitaria sua reconfiguração na função de “ponte”(26).

Para Bakhtin (2006:36), “a realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível da relação social.”

Fundamentando sua teoria na materialidade do signo ideológico, Bakhtin concebe a palavra como o lugar de arena da luta de classes, ou ainda com mais sutileza, o lugar de arena do jogo de valores.

Sabemos que cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória. A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como produto da interação viva das forças sociais (Bakhtin, 2006:113).

É por isso que a palavra é o lugar mais puro e sensível das relações sociais. Tal fundamentação sócio-interacionista de Bakhtin nos conduz ao seu princípio fundamental: o **dialogismo**.

Essa orientação da palavra em função do interlocutor tem uma importância muito grande. Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve

---

fala e a escrita se dão num continuum tipológico, ou seja, embora cada uma tenha suas especificidades, não existem diferenças essenciais entre elas, nem, muito menos, grandes oposições.

de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (Bakhtin, 2006:113)

Com a invenção do “O” (19), “palavras viraram pontes”(25). Essa estreita ligação do homem em relação ao outro, seja esse outro um outro homem, ou um objeto qualquer, é a que confere ao homem a especificidade de ser humano de produzir **texto**, entendido como ponte.

Contudo, ainda nos falta algo para compreendermos o real funcionamento do dialogismo enquanto jogo de valores entre o *um* e ou *outro*, assim como faltava para o ‘O’ o “acento agudo” (32). O “acento agudo” do poema representa, para nossa análise, qualquer acento, qualquer espécie de entonação, aquela que vai fazer da palavra texto e, no mesmo instante, tornar o homem, “retórico”(35) ou “um pouco gongórico”(36).

... a palavra integral não conhece um determinado objeto na sua globalidade. Só pelo fato de eu ter falado dele, a minha relação para com ele deixou de ser indiferente, tornando-se interessada e ativa. Por isso a palavra além de designar o objeto como algo que se torna presente, através da entonação (a palavra realmente pronunciada vem obrigatoriamente associada a determinada entonação que decorre do próprio fato de ser pronunciada) exprime ainda a minha atitude valorativa em relação ao objeto, positiva ou negativa, e, com isso, o põe em movimento, fazendo dele um elemento da eventualidade viva (Bakhtin, 2006:32-33.)

Para definir texto, Bakhtin simplifica sua reflexão para a noção de palavra enquanto signo, que é a palavra que carrega a interação em si, ou seja, carrega o fato de proceder de alguém e se dirigir a alguém, mesmo quando potencial, e que não apenas designa os objetos do mundo, mas os valora, colocando-os em uma situação de vivacidade. Sendo assim, é possível compreender o delineamento de uma **unidade da linguagem**, que pode ser tomada pela noção de **texto-palavra** em Bakhtin.

Porém, não bastaria colocarmos dois seres humanos quaisquer face a face para que começassem a conversar com entonações diversas. Para Bakhtin (2010: 35), “é fundamental que esses dois indivíduos estejam socialmente organizados, que formem um grupo (uma unidade social)”.

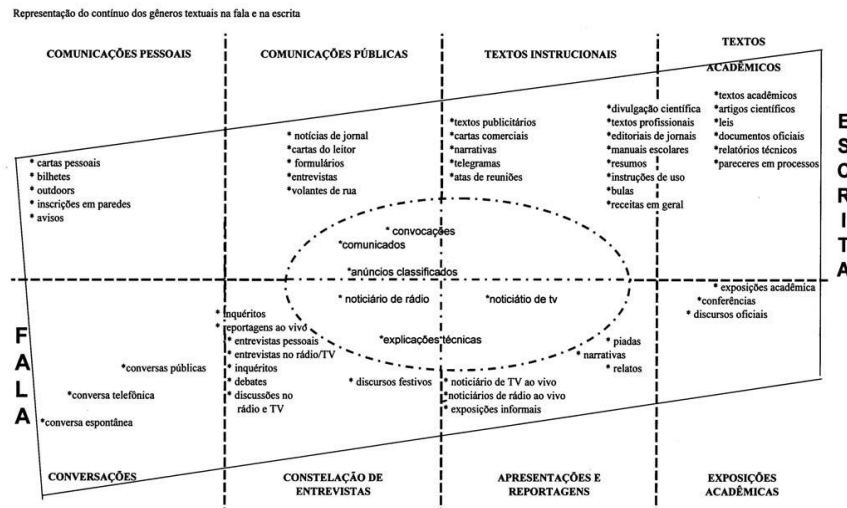
O que eu conheço, vejo, quero, amo, etc. não pode ser presumido. Apenas o que todos nós falantes sabemos, vemos, amamos, reconhecemos – apenas estes pontos nos quais estamos todos unidos podem se tornar a parte presumida de um enunciado (Bakhtin, 2010).

A organização social comum entre os indivíduos fundamenta um conceito importantíssimo da teoria bakhtiniana, o conceito de **gêneros do discurso**. Todas as esferas da atividade humana, segundo o autor, estão sempre relacionadas com a utilização da língua, elaborando seus enunciados, os quais se estruturam dentro de uma organização social já existente, mas não estanque. Quando falamos, nos inserimos em um gênero discursivo.

Marcuschi (2001, 2002), apoiado em uma concepção de gênero textual específica, vinculada a concepções sócio-interacionistas de texto (KOCH, 1997; 2002) e na ideia de contínuo de Yates (2000), apresenta a noção de como a fala e a escrita se dão dentro de um *continuum* tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois pólos opostos.

O contínuo dos gêneros textuais distingue e correlaciona os textos de cada modalidade (fala e escrita) quanto às estratégias de formulação que determinam o contínuo das características que produzem as variações das estruturas textuais-discursivas, seleções lexicais, estilo, grau de formalidade etc., que se dão num contínuo de variações, surgindo daí semelhanças e diferenças ao longo de contínuos sobrepostos.

Figura 6: Proposta de contínuo tipológico de gêneros escritos e falados.



Fonte: MARCUSCHI (2002)

Com a apropriação das novas tecnologias pela sociedade e o desenvolvimento de novas formas de comunicação, a ideia de uma aproximação entre fala e escrita tomou força e, nos primeiros estudos brasileiros sobre esse tema, Hilgert (2001) chega a aproximar tanto as duas modalidades que defende que a linguagem nas interações virtuais da internet (na época ele se referia aos chats) é escrita, mas os interlocutores agem como se estivessem falando. Teríamos, portanto, uma linguagem falada “por escrita”.

A abordagem que mais se adequou a essas novas práticas foi a do contínuo proposto por Marcuschi. Esse autor foi pioneiro ao propor um contínuo de gêneros textuais emergentes no contexto virtual.

No entanto, a noção de gêneros do discurso implica uma série de considerações, dentre as quais as principais polêmicas estão relacionadas ao trabalho com duas concepções: uma concepção de gênero textual (ou tipo textual) “mais fechada”, centrada na compreensão das regularidades de cada tipo de texto e, por exemplo, em pesquisas relacionadas ao ensino, do aprendizado dessas regularidades; e uma concepção de gênero do discurso como prática social, extremamente vinculada às atividades humanas interativas. Essa dualidade possui extrema relação com dois constructos teóricos esboçados até o momento: a noção de que junto com as *forças centrípetas*, existem as *forças centrífugas*, atuando em forma de tensão e abertura, nos fenômenos sócio-linguísticos-ideológicos; e a noção de texto-palavra não somente como processos psico-fisiológicos repetíveis, mas como unidade sócio-ideológica de comunicação.

As várias escolas de pensamento sobre gêneros (Escola de Sidney de base sistêmico-funcional – Halliday e Hasan; Escola de Genebra – Bronckart e Schneuwly; Escola Norte-americana – Charles Bazerman) estão sendo apropriadas pelos acadêmicos brasileiros de diversas formas e trazem, cada uma a sua maneira, sua posição e sua crítica com relação às duas concepções apresentadas no parágrafo anterior.

Segundo Bunzen (2004)<sup>57</sup>, a base do pensamento da Escola de Sidney está nas considerações da linguística sistêmico-funcional de Halliday & Hasan, cujos principais conceitos são gêneros e registro. Segundo essa concepção, quando as pessoas produzem textos, seja escrito ou falado, as escolhas que eles fazem com respeito ao registro vai depender do **contexto de situação**, enquanto as escolhas em

---

<sup>57</sup> O resumo das bases das escolas que será realizado em seguida é baseado no texto deste autor.

relação ao gênero vão depender do **contexto de cultura**. Propõe-se, dentro dessa escola, uma metodologia de ensino de gêneros em ciclos, a partir de várias etapas de aproximação para o controle do gênero.

A Escola de Genebra, representada principalmente pelos nomes de Bronckart, Schneuwly e Dolz, compreendem gênero como um “mega-instrumento” da atividade de linguagem. A ideia é de promover uma apropriação dos gêneros por meio de uma sequência didática de gêneros agrupados.

A Escola norte-americana, baseada na perspectiva sócio-retórica e cultural, tem entre seus principais nome o de Charles Bazerman. A proposta principal é tentar compreender gêneros como ação social, ou seja, não como tipos de textos com regularidades, mas como respostas a contextos sociais recorrentes em determinada cultura. Nesse sentido, não encontramos nessa proposta uma metodologia bem definida, na medida em que se propõe tentar fazer com que os alunos compreendam de diversas formas possíveis as relações entre os gêneros e as práticas sociais.

As presenças dessas três influências são importantes para compreendermos a questão do gêneros e o ensino de Língua Portuguesa, ou seja, a questão do gêneros no contexto brasileiro.

O estudo histórico de Gomes-Santos (2004) (coletando e analisando artigos científicos entre os anos de 1998 e 2002) sobre o tratamento da questão do gênero no Brasil revela dados interessantíssimos sobre a apropriação do conceito de gêneros nas esferas acadêmicas brasileiras. Entre as suas principais conclusões, podemos ressaltar que:

- do ponto de vista acadêmico, observa-se que a reflexão sobre gêneros no Brasil quase sempre dialoga com saberes científicos produzidos em instituições estrangeiras;

- do ponto de vista das disciplinas, na área de estudos da linguagem a linguística textual, a análise do discurso e a análise da conversação são as que mais se relacionam as discussões sobre gêneros e, na áreas ligadas ao ensino de línguas, a linguística aplicada se destaca por aprofundar os questionamentos sobre o ensino de gêneros;

- do ponto de vista teórico, a reflexão sobre gêneros no Brasil quase sempre é marcada pela retomada do pensamento bakhtiniano, *reenunciando*-o sempre em diálogo com outros aportes teórico. Gomes-Santos ainda ressalva de que o conceito de gêneros aparece, na literatura, de formas diversas (gêneros do discurso, gênero textual, gênero comunicativo, gênero social), revelando, portanto, diferentes posicionamentos teórico-disciplinares.



Desse modo, trabalhar com o conceito de gêneros do discurso no Brasil da última década significa ter de responder a pelo menos uma determinação histórica. Trata-se da importância desse conceito nas discussões atuais sobre o ensino de língua portuguesa, *maxi-dimensionada* pela entrada da noção de gêneros em um documento oficial da esfera educacional (os PCN<sup>58</sup>), também pela forma como essa importância foi conquistada, como uma espécie de resposta das esferas educacionais oficiais ao trabalho com a língua e a linguagem do final do século XX. No Brasil, esses trabalhos apontaram, já no início da década de 90, o trabalho linguístico com o texto.

Refiro-me aqui a dois espaços de construção teórica brasileira sobre a linguagem que, com intensidades diferentes, influenciaram o que estou chamando de “importância do conceito de gêneros do discurso nas discussões atuais sobre linguagem”, principalmente, mas não somente, sobre o ensino de língua portuguesa: o percurso de transformação das fundações da linguística textual, o desenvolvimento da análise do discurso.

É surpreendente e instigante observar os pilares centrais de uma disciplina linguística serem modificados, derrubados, reconstruídos, transformados, e não vê-la desmoronar. O que se descreverá nos parágrafos seguintes sobre a história da Linguística Textual se baseia no texto “Introdução a Linguística Textual. Trajetória e grandes temas”, de Koch (2004a).

A Linguística Textual continuou sendo Linguística Textual, desde que se fundou pela preocupação básica em estudar os mecanismos interfrásticos e as gramáticas de texto, até suas mais profundas modificações em cada uma de suas “viradas”, como foram chamados pela autora os momentos em que grandes temas foram rediscutidos e modificaram a trajetória dessa disciplina.

A “virada pragmática” ampliou o objeto da Linguística Textual, fadada ao estudo dos “conectores”, e transformou-a em ciência que estuda a linguagem em uso. A ideia de que todo dizer é um fazer, ou seja, todo dizer é ação e toda ação é necessariamente acompanhada de processos de ordem cognitiva provocou a “virada cognitivista” e a pergunta – como se processa cognitivamente o texto? –, passou a vigorar como uma das mais fundamentais para os estudos em Linguística Textual.

É provocadora a constatação de que, em aproximadamente dez anos, é pouco o tempo que levou para que a virada cognitivista (década de 80) se desse conta de que a mente não estava separada do corpo, como se fosse um organismo que atua sozinho, e como se não bastasse, o corpo também não

---

<sup>58</sup> Os Parâmetros Curriculares Nacionais, criados em 1996, são referenciais elaborados pelo Governo Federal para nortear as equipes escolares na execução de seus trabalhos.

podia mais ser compreendido como um organismo que atua sozinho, ou somente em conjunto com a mente. Na década de 90 a Linguística Textual já havia ampliado a noção de contexto, assumindo que a cognição é um fenômeno situado.

A ideia de que as “ações verbais são ações conjuntas” assume que a noção de contexto, passando por várias transformações no decorrer da evolução da Linguística Textual – inicialmente visto apenas como co-texto e, posteriormente, passando a abranger a situação comunicativa, depois o entorno sócio-histórico-cultural, que eram, na verdade, modelos cognitivos – fundamenta-se agora na interação: o contexto constrói-se, em grande parte, na própria interação.

Portanto, na concepção interacional (dialógica) da língua, na qual os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, o texto passa a ser considerado o próprio lugar da interação e os interlocutores, sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e por ele são construídos. A produção de linguagem constitui atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas se requer não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia, em uma relação mais estreita com a psicologia), mas a sua reconstrução – e a dos próprios sujeitos – no momento da interação verbal.<sup>59</sup>

A construção e reconstrução dos sujeitos pelas atividades – e vice-versa – mostra como a Linguística Textual, na sua atualidade, dialoga também com o conceito de discurso, e o coloca no mesmo patamar do conceito de texto:

Dentro dessa concepção, defendemos em Kock & Marcuschi (1998) que a discursivização ou textualização do mundo por meio da linguagem não consiste em um simples processo de elaboração de informações, mas num processo de (re)construção do próprio real. Sempre que usamos uma fórmula simbólica, manipulamos a própria percepção da realidade de maneira significativa (KOCH, 2004b).

Com relação ao desenvolvimento da análise do discurso, vale ressaltar o ponto histórico, já pós-consolidação dos principais conceitos dessa disciplina, desenhado no início da obra de Voese (2004), possibilitado precisamente a partir da leitura da Introdução e do Capítulo 1 – Da língua ao discurso: o da crise da Análise do Discurso. Voese não se propõe a analisar essa crise profundamente, mesmo

---

<sup>59</sup> KOCH (2004a: 32-33)

explorando alguns de seus pontos mais críticos: “dificuldade muito grande para se passar da fase de conceituação do objeto – o discurso – para a análise propriamente dita”; divergências teóricas em relação a questões como a de ideologia e a de subjetividade; dificuldade de superação de “certas polêmicas – às vezes, até pertinentes, outras, nem tanto”. O autor também não procura criticar a Análise do Discurso apenas porque, logo de saída, ele marca uma postura marxista diferente da que essa disciplina historicamente vem escolhendo.

Segundo o autor, esgotada a última grande transformação nos estudos da linguagem (aquela que tentou nos levar da língua ao discurso), trabalhamos (estudiosos da linguagem e educadores) entre uma Análise do Discurso hegemônica – que, segundo Voese, “pouco ou nada” beneficiou o Ensino Fundamental e Médio – e o crescimento violento do gramaticismo fundado no estruturalismo linguístico extremista como a panaceia nacional... resquícios talvez de uma longínqua herança discursiva iluminista.

Voese esclarece a fuga das “armadilhas estruturalistas” do marxismo buscando referências teóricas diferentes da hegemonia conquistada pelo pensamento de Althusser, Foucault e Pêcheux dentro da disciplina Análise do Discurso (e também de Bourdieu) e se orienta pelo materialismo histórico/dialético encontrado em Bakhtin, Lukács, Heller, Mészáros, Goldmann e Markus. Essa busca leva o autor a formular duas teses pontuais que vou me permitir repetir, na medida em que esclarecem a diferenciação enfatizada pelo autor:

Tese 1: a função da linguagem (e do discurso) não se reduz à comunicação, tomada como um fim em si.

Tese 2: não há discurso sem língua e não há língua sem discurso, não há acontecimentos sem atos de sujeitos e não há atos fora do acontecimento, não há sujeito livre nem assujeitado e, por isso, o discurso é produto e processo, a língua é reflexo e refração, instituído e instituinte, generalização e possibilidade de singularização, prisão e liberdade dos usuários.

Independente da crítica e escolha de Voese, que muito se encaixa do viés dual da relação entre as Forças Centrípetas e as Forças Centrífugas, é preciso reconhecer que o desenvolvimento de uma disciplina que contribuiu significativamente para um deslocamento do pensar teórico sobre linguagem

de uma noção de língua para um noção de discurso pressionou, mesmo que de maneira ampla e generalista, as esferas educacionais oficiais a uma reformulação de seus planos curriculares básicos.

As teses de Voese, desenvolvidas juntamente com os teóricos que dialogam mais facilmente com as concepções bakhtinianas de linguagem, revelam as principais fundamentações teóricas que procuro trabalhar nesta tese.

A partir dessas duas contextualizações é possível afirmar que esses dois espaços teóricos influenciaram a importância do conceito de gêneros do discurso nas discussões atuais sobre linguagem. Trabalhos que, na verdade, também se constituíram como respostas às necessidades de novas compreensões sobre língua e linguagem presentes no final da modernidade, refletidas do insucesso do modelo estruturalista principalmente no campo educacional, forçando a incorporação de noções mais ou menos sociointeracionistas no discurso oficial sobre a língua. Todas as escolas teóricas mencionadas e, conseqüentemente, os pesquisadores brasileiros que tratam da questão do gênero, fundam, como aponta pesquisa histórica-epistemológica realizada por Gomes-Santos (2004), suas concepções na retomada do pensamento bakhtiniano sobre gênero do discurso, para o qual é preciso ressaltar duas considerações importantes de Bakhtin sobre a natureza dialógica dos gêneros do discurso.

Primeiramente, trata-se de compreender que os gêneros do discurso estão vinculados a atividades humanas, ou seja, a ações das pessoas nos grupos sociais em que convivem. As esferas sociais (acadêmica, familiar, de amizades, etc) elaboram e estabilizam determinados gêneros, todos fortemente vinculados a práticas nessas esferas.

Em segundo lugar, trata-se de compreender que os gêneros se interpenetram, se inter cruzam. Bakhtin (2010), ao estudar o romance polifônico de Dostoievski, desenvolve a ideia de que gêneros secundários (mais relativamente estabilizados nas esferas sociais) incorporam gêneros primários (mais relativamente instabilizados), uma espécie de aperfeiçoamento da noção de plurilinguismo já revisada neste texto.

Isso, do ponto de vista de um romance, se torna simples de compreender na medida em que romances trazem representações de diálogos e conversas de todos os tipos. Trabalhos atuais tem procurado transpor a ideia de interpenetração entre gêneros para a compreensão de outras práticas de escrita. Komesu (2003) demonstra, em sua pesquisa, essa possibilidade, ao propor a compreensão das *home pages* como gêneros híbridos, construídos para diversas finalidades, dialogando com outros gêneros como, diário virtual, notícias de jornal, caderno de atualidades, etc. Esse trabalho ainda

demonstra a possibilidade de vincular a caracterização dos gêneros em um contínuo, aliando assim, numa mesma análise global, os conceitos de contínuo textual e gêneros do discurso.

Contudo, existem diferenças entre as duas perspectivas, no que tange a compreensão da relação entre a fala e a escrita. No contínuo, fala e escrita ainda estão dispostos em lados opostos. Por exemplo, mesmo que um gênero escrito se aproxime do vetor da fala, alguns gêneros falados próximos a ele influenciariam sua configuração. Na teoria bakhtiniana dos gêneros do discurso, os gêneros englobam outros gêneros, eles se interpenetram de acordo com as condições de produção e as finalidades específicas. Poderíamos dizer então que, na compreensão bakhtiniana, os gêneros se *misturam* concretamente enquanto que, na compreensão do *continuum*, apenas vislumbramos possíveis influências entre gêneros de registros diferentes.

Como vimos, os gêneros, ou tipos de enunciados, podem ser constituídos de duas maneiras: uma mais simples, mais rápida, mais dinâmica, as quais dão forma a um tipo de enunciado considerado primário; outra mais complexa, aparecendo em circunstâncias de uma comunicação cultural relativamente mais “evoluída”, principalmente escrita, as quais dão forma a um tipo de enunciado considerado secundário.

Bakhtin, alertando sobre a natureza dos gêneros secundários, mostra como esses incorporam fenômenos convencionais da comunicação verbal dos gêneros primários, e explica que,

nos limites de um enunciado, o locutor (ou escritor) formula perguntas, responde-as, opõe objeções que ele mesmo refuta, etc. (...) Aliás, todos os gêneros secundários (nas artes e nas ciências) incorporam diversamente os gêneros primários do discurso na construção do enunciado, assim como a relação existente entre estes (os quais se transformam, em maior ou menor grau, devido à ausência de uma alternância dos sujeitos falantes) Bakhtin (2010:295).

Os tipos de enunciados (ou gêneros discursivos) não são categorias estanques, imutáveis, de modo a estabilizar eternamente o funcionamento da linguagem. A diferença entre gêneros primários e secundários tem extrema importância para a essa questão. Precisamos retomar aqui a questão tratada na nota anterior sobre a transformação dos gêneros primários em secundários, em maior ou menor grau, devido a ausência de uma alternância dos sujeitos falantes. O que torna um gênero mais estável (mais complexo, o caracterizando como secundário) em detrimento a outro gênero (mais instável, mais simples, caracterizando-o como primário) é a ausência de uma alternância dos sujeitos falantes direta,

fazendo com que se tornem mais constantes os *fatores presumidos* de um enunciado. Os *fatores presumidos* que são, na verdade, o campo de valores dos sujeitos que interagem, a história das interações dos próprios sujeitos.

Essa complexa relação entre gêneros primário e secundário será alvo de nossas reflexões mais à frente. Assim como a questão do *acabamento do enunciado*, o momento em que o locutor diz (ou escreve) tudo o que quis dizer em condições precisas (dentro de um gênero).

Segundo Bakhtin (2010:299), “o primeiro e mais importante dos critérios de acabamento do enunciado é *a possibilidade de responder* – mais exatamente, de adotar uma atitude responsiva para com ele.”

Vimos que a palavra, entendida agora na qualidade de enunciado<sup>60</sup>, só pode ser compreendida em função do interlocutor.

A obra, assim como a réplica do diálogo, visa a resposta do outro (dos outros), uma compreensão responsiva ativa, e para tanto adota todas as espécies de formas: (...). A obra é um elo na cadeia da comunicação verbal; do mesmo modo que a réplica do diálogo, ela se relaciona com as outras obras-enunciados: com aquelas a que ela responde e com aqueles que lhe respondem, e, ao mesmo tempo, nisso semelhante à réplica do diálogo, a obra está separada das outras pela fronteira absoluta da alternância dos sujeitos falantes. (Bakhtin, 2010:299).

Precisamos compreender que, para falar, nos inserimos sempre em gêneros discursivos. Essa escolha é determinada, segundo Bakhtin (2010:301), “em função da especificidade de uma dada esfera da comunicação verbal, das necessidades de uma temática (do objeto do sentido), do conjunto constituídos dos parceiros, etc.” Compreender um gênero significa, portanto, dialogar com o homem em sua atividade plena de produtor de texto.

O sujeito se constrói pela história de suas atividades, pelos gêneros que compartilha com outros sujeitos na sociedade, ao falar palavras de “*duas faces*”, palavras que, na realidade histórica das relações entre sujeitos, são **pontes** entre eles, porque são **pontes** entre as atividades que eles compartilham.

Este é o momento que podemos retomar nosso intrépido muriqui: o primata que não consegue, com sua “língua falada”, constituir a lembrança, a história, porque não consegue falar *palavras-pontes*.

---

<sup>60</sup> O conceito de palavra enquanto fenômeno ideológico por excelência só é possível exatamente quando esta é enunciada.

O humano do muriqui não existe porque ele não “fala” a palavra viva, com o “acento agudo”(32) que proporciona a entonação avaliativa em relação ao outro, a atividade responsiva, seja direta (organizada em um gênero primário), seja indireta (organizada em um gênero secundário), dando ao **texto**, nosso conceito de partida, a especificidade de pertencer a sujeitos que interagem dialogicamente na sociedade por gêneros discursivos.

Para Bakhtin (2006:69) “indispensável conquistar o objeto real de nossa pesquisa”. Contudo,

O problema da explicitação do objeto real da filosofia da linguagem está longe de ser resolvido. Toda vez que procuramos delimitar o objeto de pesquisa, remetê-lo a um complexo objetivo, material, compacto, bem definido e observável, nós perdemos a própria essência do objeto estudado, sua natureza semiótica e ideológica. Se isolarmos o som enquanto fenômeno puramente acústico, perderemos a linguagem como objeto específico. O som concerne totalmente à competência dos físicos. Se ligarmos o processo fisiológico da produção do som ao processo de percepção sonora, nem por isso estaremos nos aproximando de nosso objetivo. Se associarmos a atividade mental (os signos interiores) do locutor e do ouvinte, estaremos em presença de dois processos psicofísicos ocorrendo em dois sujeitos psicofisiologicamente diferentes e de um único complexo sonoro físico realizando-se na natureza segundo as leis da física. A linguagem, como objeto específico, ainda não a teremos encontrado. E contudo, já lançamos mão de três esferas da realidade: física, fisiológica e psicológica, do que resultou, até que o de modo satisfatório, um conjunto complexo de numerosos elementos. Mas este complexo é privado de alma, seus diferentes elementos estão alinhados ao invés de estarem unidos por um conjunto de regras internas que lhe atribuiria vida e faria dele justamente um fato lingüístico.

O que mais deve ser acrescentado a este conjunto já tão complexo? É preciso, fundamentalmente, inseri-lo num complexo mais amplo e que o engloba, ou seja: na esfera única da relação social organizada. (Bakhtin, 2006:70)

Assim como o nosso poeta reconfigura a humanidade depois da invenção do “Ó”, Bakhtin reconfigura os estudos da linguagem, realizando uma crítica às duas grandes formas de enfrentamento dessas questões: ao “subjetivismo idealista”, assinalando os seus aspectos que reduzem o funcionamento da linguagem às leis psicológicas individuais, como a que o poeta se aproxima nos versos 29 e 30, tentando emprestar ao “acento agudo”, ou a nossa *entonação avaliativa*, uma origem quase divina; e ao “objetivismo abstrato”, mirando-se sobre a formalização abstrata desse tipo de pensamento, que estabiliza e torna imutável o funcionamento da linguagem. Um congelamento similar ao primeiro momento do poema observado por nós, aproximando demais a linguagem humana à linguagem de uma comunidade de muriquis.

O que se observa é que, ao assinalar determinados aspectos marcantes dessas duas vertentes, Bakhtin tem em mira uma terceira via de enfrentamento das questões da linguagem, que não se restringiria à formalização abstrata e nem às especificidades dos talentos individuais. (Brait, 1997:99)

Bakhtin não rejeita todos os aspectos das concepções discutidas por ele. A terceira via bakhtiniana se constrói exatamente sobre a natureza dialógica da linguagem, aceitando em sua constituição a parte objetiva, única, estável e monológica, representada por noções e conceitos como **sinal, significado, palavra neutra, língua e oração**; e caracteriza o ato individual da fala pela interação social, que é diversa, instável e dialógica, produzindo, pela **palavra sígnica, o signo, o tema, o texto e o enunciado**.

O ato humano é um texto em potencial e não pode ser compreendido (na qualidade de ato humano distinto da ação física) fora do contexto dialógico de seu tempo (em que figura como réplica, posição de sentido, sistema de motivação).  
“O sublime e o belo” – o que temos aqui não é uma unidade fraseológica no seu sentido habitual, mas uma combinação de palavras de um gênero particular, com entonação e expressividade; é o testemunho de um estilo, de uma visão do mundo, de um tipo humano. (Bakhtin, 2010:334)

Bakhtin compreende texto como enunciado (o que já nos permite falar em palavra-texto-enunciado<sup>61</sup>), pertencente a um gênero discursivo, ou seja, dentro de uma atividade social organizada, exatamente onde encontramos qualquer “ato humano”.

---

<sup>61</sup> Para discutir a Teoria do Enunciado Concreto do Círculo Bakhtin/Volochino/Medvedev, Souza (1999:85) se deparou com a importância de “uma investigação da evolução do pensamento do círculo, ou seja, uma análise diacrônica do todo da obra no que se refere ao conceito *enunciado*”. Para o autor, “esse conceito intercambia-se e se une a outros conceitos: palavra-enunciado, signo-enunciado, ato de fala-enunciado, obra-enunciado, texto-enunciado, discurso-enunciado, expressão-enunciado, idéia-enunciado, enfim, uma série de conceitos que aqui se encontram na fronteira de várias disciplinas que tratam da linguagem e que recobrem pontos de vista histórico-fenomenológico, sociológico, ideológico, ético, estético e metalinguístico, num processo de interação orgânica”.



## Do conceito palavra-texto-enunciado ao conceito gêneros do discurso

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social.

Mikhail Mikhailovitch Bakhtin

Sou um gigolô das palavras. Vivo às suas custas. E tenho com elas a exemplar conduta de um cáften profissional. Abuso delas. Só uso as que eu conheço, as desconhecidas são perigosas e potencialmente traiçoeiras. Exijo submissão. Não raro, peço delas flexões inomináveis para satisfazer um gosto passageiro. Maltrato-as, sem dúvida.  
(...)

Se bem que não tenha também o mínimo escrúpulo em roubá-las de outro, quando acho que vou ganhar com isto. As palavras, afinal, vivem na boca do povo. São faladíssimas. Algumas são de baixíssimo calão. Não merecem o mínimo respeito.

Luís Fernando Veríssimo (s/d)

A palavra é pura ou prostituta? Apoiando-me em Bakhtin, em minha dissertação de mestrado eu respondi que a palavra é pura e prostituta. Ao mesmo tempo em que a palavra é prostituta, na analogia de Luís Fernando Veríssimo, ela é pura, no sentido de ser “o indicador mais sensível de todas as transformações sociais”. A palavra é ambigualmente (e ubiquamente) prostituta e pura.

Tanto é verdade que a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais (Bakhtin, 2006:41).

É pelo caminho da palavra pura (sensível) e ubíqua que Miotello (2001:122) evidenciará a importância do conceito de gêneros dentro dessa arquitetura.

...estarão registrados nos palavras todos os seus usos sociais, bem como os valores tidos como importantes e fundamentais naquele determinado momento histórico. Mais tarde, ao tratar dos gêneros do discurso, Bakhtin aprofundará essa concepção, fazendo dos gêneros discursivos um outro ponto de ruptura, e utilizando-se deles para estabelecer uma outra determinação, dessa vez para o uso de determinados temas e determinadas formas da linguagem em determinado contexto social. Miotello (2001:122).

E mais à frente, discutindo a interpenetração entre enunciados concretos e vida:

Em seu artigo “A palavra na vida e a palavra na poesia – para uma poética sociológica” publicado em 1926 sob o nome de V. N. Volochinov (Revista Zvezda, 6, p.244-267), Bakhtin já abordava essa questão ao analisar a arte e a poesia por suas determinações sociais, e não aceitando separar a palavra da vida, de sua situação extra-verbal, conforme já visto anteriormente. Bakhtin ainda não organizara seu pensamento acerca dos gêneros discursivos, e trata a linguagem pela universalidade do conceito de ‘palavra’ (Miotello, 2001:149-151).

Ao desenvolver mais o conceito de palavra, sempre no rastro de Forças Centrípetas e Forças Centrífugas, lá mesmo em Marxismo e Filosofia da Linguagem Bakhtin introduzirá uma diferenciação importante para tratar da questão da palavra: a diferenciação entre tema e significação, que pode ser compreendida a diferenciação e a conexão entre estabilidade e instabilidade, explicitada por Geraldini (2003:259):

Para dar conta deste movimento entre estabilizações e instabilidades, Bakhtin (1929/1981) opõe dois conceitos: aquele de significação e aquele de tema. Se considerarmos que uma língua é um conjunto instável de recursos lingüísticos com que construímos representações com “acentos apreciativos” (portanto nunca neutros), cada um destes recursos traz em si “os murmúrios de sua própria história” condensados como suas significações que se apresentam em cada uma de suas reiteraões. E nestas reiteraões, estes mesmos recursos se desvestem de suas significações para se revestirem com as vestes que lhe traz o tema específico do discurso.

As perguntas que surgem são: como se instrumentaliza a relação concreta (o “conjunto instável de recursos lingüísticos”) entre tema e significação, produtora de discurso, tomando como lugar de observação a relação entre gêneros do discurso?

Essa pergunta inicia o caminho das questões teóricas e das consequências metodológicas para este trabalho. Tal pergunta geral (que poderia ser feita de outras maneiras: se os gêneros são a correia

de transmissão entre vida e língua, e se língua, para Bakhtin, envolve uma gama de conceitos de sua arquitetônica, então tratar de gêneros isoladamente dessa arquitetônica não seria um equívoco? Ou ainda, seria tratar de gêneros não como teria proposto o Círculo em seus textos) poderia ser subdividida em inúmeras outras, como:

- Temos de pensar em gêneros nas suas três partes (tema, composição e estilo)? Temos de pensar em gênero como processo?
- Como se dá esse processo? Entre temas (ou a relação entre temas seria apenas interdiscurso)? Ou entre todas as partes dos gêneros?
- Qual a relação de gêneros com os meios materiais em que são produzidos (papel, tela, internet, parede, etc) e as semioses (escrita, fala, fala interior, etc)?
- Qual a relação de gêneros com as esferas de utilização?
- Qual a relação de gêneros com a questão da memória (passado, futuro e presente)?
- Qual a relação de gêneros com a questão do enunciado (unidade da comunicação verbal)?
- Qual a relação de gêneros com a questão da ideologia?

Defendo que o conceito gêneros do discurso (conectado indissociavelmente ao conceito *enunciado* como unidade da comunicação verbal) é muito mais poderoso do que conseguimos desenvolver até agora, e que, no seu cerne, nos leva para todo um tecido do pensamento do círculo de Bakhtin, não como uma panaceia teórica, mas como lugar onde a análise de fenômenos linguísticos poderia se dar de forma essencialmente dialógica. Significa que o que pretendo a seguir é recosturar esse tecido e tentar, na medida em que relaciono conceitos e categorias, responder às perguntas acima.

Se, *quando falamos nos inserimos em um gênero*, ou seja, se o gênero discursivo está, em Bakhtin, inexoravelmente ligado a qualquer atividade humana, é preciso levantar duas compreensões, expressas na interpretação inicial do conceito de gêneros discursivos considerando o jogo entre o estável e o instável, entre aquilo que centraliza (FCp) e aquilo que descentraliza (FCf).

A relativa estabilidade de um gênero estaria relacionada à sua historicidade passada (memória do passado). O próprio gênero é um acúmulo da história de suas utilizações, se constituindo *melhor e mais consistente* nessa ou naquela esfera, com esse ou aquele estilo, tratando desse ou daquele tema, se

compondo formalmente de uma maneira ou de outra. Além disso, também contribuiria para trazer os sentidos históricos das palavras, suas significações socialmente consolidadas (suas significações, naquela diferenciação bakhtiniana, que Geraldi (2003:259) explicou mais acima, entre *tema* e *significação*).

A relativa instabilidade dos gêneros estaria relacionada ao trabalho realizado pelo sujeito preocupado com um projeto de dizer (memória do futuro) frente a uma alteridade inerente (seu interlocutor). O trabalho responsivo do sujeito instabiliza o gênero sem negar a sua historicidade, mas dentro dessa historicidade expõe outros gêneros e, ao mesmo tempo, renova o gênero dentro do qual enuncia. Esse trabalho responsivo, centrado na alteridade, está sempre prenhe de perspectivas, e busca por completudes sempre inconclusas. Esse trabalho responsivo de renovação do gênero veste novos *temas* sobre as *significações* históricas das palavras, faz com que o estilo do gênero se submeta ao estilo individual (e vice-versa), reconfigura sua composição formal.

A procura de elementos desse movimento entre estabilidade e instabilidade é a provocação para as análises. A fundamentação do conceito de gêneros do discurso em Bakhtin é dialógica. É possível perceber a presença da dialogia na tentativa de Bakhtin em estabelecer alguns princípios do conceito, a começar pela definição de enunciado como “*unidade real da comunicação discursiva*”<sup>62</sup>.

A natureza dialógica do enunciado, diferenciando-o das formulações abstratas de formas da língua, de oração e de frase, provocam três peculiaridades do conceito de gêneros do discurso.

A (1ª) “alternância dos sujeitos do discurso” possibilita limites precisos para cada enunciado<sup>63</sup>, e é provocada por uma certa (2ª) “*conclusibilidade específica do enunciado*”; a 3ª peculiaridade refere-se à *relação entre o autor do enunciado e os outros* participantes da comunicação.

Essa conclusibilidade do enunciado está diretamente relacionada com: a) o *projeto de dizer* do autor do enunciado, que não somente força uma b) *exauribilidade* relativa do sentido do enunciado (quando o autor acha que disse tudo aquilo que queria dizer e sente que seu “objeto-semântico” está

---

<sup>62</sup> Esta é a tradução da Edição de 2010 (p.269), realizada direto do Russo. A tradução apresentada na coletânea “Estética da Criação Verbal”, edição de 2000, feita a partir do francês, expõe esse conceito como “unidade real da comunicação verbal” (p.287). Se procurarmos diferenciar enunciado de enunciação, ao levarmos em conta a natureza dialógica da comunicação discursiva, tal diferenciação perde sua importância. Vemos que o enunciado é compreendido como elemento da comunicação em relação indissociável com a vida. Neste sentido, o enunciado concreto é um evento social e não pode ser reduzido a abstrações. Em “Marxismo e Filosofia da linguagem”, a palavra enunciação é utilizada muitas vezes como ato de fala. A enunciação concreta é a realização exterior da atividade mental orientada por uma orientação social mais ampla, uma mais imediata e, também, a interação com interlocutores concretos. Em “Os gêneros do discurso”, o enunciado é definido com a unidade real da comunicação discursiva, diferenciando esta unidade (real) das unidades da língua, como palavras e orações (no sentido convencional). (GEGe, 2009: 36).

<sup>63</sup> Antes do enunciado estão os enunciados dos outros. Depois do enunciado virão os enunciados dos outros.

esgotado), mas também determina a escolha da c) “forma-gênero”, que lhe é pré-dada por diversas condições: especificidade de um campo da comunicação, considerações semânticas (referentes aos temas-assuntos), situação concreta de comunicação discursiva e composição pessoal dos participantes (quem são seus interlocutores diretos e indiretos).

Bakhtin ressalta ainda a atitude valorativa do autor em relação ao sentido de seu objeto. As três peculiaridades revelam imbricações importantíssimas para as questões estilísticas, que em Bakhtin se dão sob a relação entre estilo individual e estilo do gênero:

Complexas por sua construção, as obras especializadas dos diferentes gêneros científicos e artísticos, a despeito de toda a diferença entre elas e as réplicas do diálogo, também são, pela própria natureza, unidades da comunicação discursiva: também estão nitidamente delimitadas pela alternância dos sujeitos do discurso, cabendo observar que essas fronteiras, ao conservarem a sua precisão externa, adquirem um caráter interno graças ao fato de que o sujeito do discurso – neste caso o autor de uma obra – aí revela a sua individualidade no estilo, na visão de mundo, em todos os elementos da idéia de sua obra. Essa marca da individualidade, jacente na obra, é o que cria princípios interiores específicos que a separam de outras obras a ela vinculadas no processo de comunicação discursiva de um dado campo cultural: das obras dos predecessores nas quais o autor se baseia, de outras obras da mesma corrente, das obras das correntes hostis combatidas pelo autor, etc. (Bakhtin, 2010:179).

Vemos que o trabalho do *autor* em sua obra não está relacionado somente com as questões formais de um gênero, com sua configuração composicional. A questão estilística guardaria relações com todos os elementos de um gênero, incluindo aí também o Tema, o qual diz respeito às questões sobre o sentido do enunciado, nos levando à concepção bakhtiniana de signo, e o embate entre **significações** e **temas**. Se a hipótese assumida é de que gêneros se dispõem sempre a processos de intercruzamento com outros gêneros, surge uma pergunta interessante sobre o estilo: se é verdade o que diz Bakhtin sobre o estilo de um autor estar diretamente relacionado com “todos os elementos da ideia de sua obra”, e se gênero necessariamente só pode ser compreendido na relação com outro gênero, então os estilos (assim com o próprio tema e a própria composição) também necessariamente só são possíveis nessa relação intergenérica (uma espécie de relação *inter-estilística*).

Estou tentando construir a possibilidade de encarar o gênero (Tema, Estilo e Composição) como o resultado relativamente estável do processo de relações intergenéricas promovidas pelo enunciado em condições socialmente organizadas, possibilitado por uma concepção dialógica de linguagem, em que:

- a) o tema de cada discurso, proferido dentro do gênero específico, é resultado do projeto de dizer do locutor, cuja **exauribilidade** é calculada na relação com outros discursos sobre o mesmo tema (dialogia);
- b) o estilo próprio do gênero é a condensação dos elementos relativos às **relações entre os participantes** e o rito de participação; o estilo de um gênero se identifica pela diferença com o estilo de outros gêneros (com os quais dialoga) e a similitude com o estilo de outros discursos do mesmo gênero. O estilo individual resulta do diálogo do locutor com o estilo do gênero específico e com o estilo de outros gêneros<sup>64</sup>;
- c) a composição específica de um gênero é o resultado dos inúmeros discursos proferidos nas mesmas condições de (a) e (b) marcado pelo tipo de atividade que o produz e que por ele é identificada. É costurado pelas **formas de alternâncias dos falantes**, pela **exauribilidade do tema pelo locutor e pela possibilidade de responder**.

Se um gênero discursivo é composto de Tema, Composição e Estilo, e se o jogo ideológico possibilitado pelo trabalho do enunciador dentro do gênero passa necessariamente pelo jogo entre ideologia do cotidiano (caracterizada essencialmente pela maior **instabilidade**) e sistemas ideológicos (caracterizados essencialmente pela maior **estabilidade**), as primeiras afirmações que podemos fazer a respeito do trabalho do enunciador dentro dos gêneros discursivos dizem respeito justamente a esse jogo entre estabilidade e instabilidade, Forças Centrípetas e Forças Centrífugas.

- a) é possível circunscrever uma gama de conceitos sob o signo da **estabilidade**: para o Estilo (estilo do gênero, exigindo um trabalho *estratégico* do enunciador); para o Tema (significação, colaborando com os sistemas ideológicos, servindo melhor os discursos fundadores<sup>65</sup>, aptos para trabalhar com as memórias de passado); e para a Composição (forma-gênero imposta historicamente pela cadeia de enunciados proferidos dentro de determinado gênero);

---

<sup>64</sup> O gênero, seja ele qual for, pode oferecer melhor a característica da *formalidade*, por exemplo, por causa de fatores como: locutor, o momento da locução, o rito da tomada da palavra, a definição de um auditório, etc. Da mesma forma, ao enunciar em um gênero específico, o locutor, de acordo com o seu projeto de dizer, pode realizar um trabalho com a *formalidade*.

<sup>65</sup> “Olhando a situação apresentada socialmente, a forma como a sociedade se organiza e a estrutura que ela mantém, vemos que há por trás um discurso fundador, que se apresenta sempre como um discurso explicador, nunca exaurido, e que vem pelo baú da história e das interações havidas, e recriadas como possibilidade a todo instante; por outro lado, há em perspectiva de jogo social e interativo um discurso formador que toma como parâmetro o futuro, o por-vir, os projetos de ser” (Miotello, 2005:120).

- b) é também possível circunscrever uma gama de conceitos sob o signo da **instabilidade**: para o Estilo (estilo individual, possibilitado pelo trabalho *tático* do enunciador); para o Tema (os temas – as novas vestes sobre a palavra sígnica – apoiados nas ideologias do cotidiano, prenhes de memórias de futuro, engendrando discursos formadores) e para a Composição (as relações intergenéricas, o entrecruzamento de gêneros, a incorporação de gêneros).

Torna-se possível a apresentação do conceito de gêneros do discurso como percurso dialógico de análise dentro de um possível tecido teórico bakhtiniano, o lugar de articulador das atividades humanas, o lugar da palavra ubíqua e neutra, o lugar da palavra sígnica, enfim, o lugar de entrelaçamento entre vida e língua, o lugar de análise em que é possível desvelar nos fenômenos sócio-ideológico-linguísticos, as atuações centralizadoras e descentralizadoras das Forças Centrípetas e Forças Centrífugas, respectivamente.

No que diz respeito ao *boom* do conceito de gêneros nos estudos da linguagem no Brasil, Gomes-Santos (2004:131-132) revela a diversidade de áreas nas quais se estabeleceram as apropriações do pensamento bakhtiniano, principalmente no tocante à reflexão sobre gênero no Brasil, e à conciliação das discussões sobre duas dimensões da linguagem (texto e discurso). Além disso, complementa que:

O conceito de gênero não se configura como o único vetor da circulação das percepções bakhtinianas no Brasil. Mesmo uma verificação assistemática do conjunto de trabalhos acadêmicos que fazem referência a e/ou pressupõem as reflexões do autor explicitaria que ele é relevante não apenas para os estudos lingüísticos como também para estudos ligados a outras disciplinas das chamadas ciências humanas e sociais, incluindo desde os estudos literários, até aqueles localizados no campo da sociolingüística, da etnologia da comunicação, da filosofia da linguagem, da didática de línguas, entre outros (GOMES-SANTOS, 2004:131-132).

E ainda acrescenta, em nota que parafraseio, que uma breve observação do conjunto de trabalhos inscritos na XI Conferência Internacional sobre Bakhtin (realizada no período de 21 a 25 de julho de 2003, na Universidade Federal do Paraná) dá a medida da pluralidade de campos de

investigação que se apropriam do pensamento bakhtiniano como referencial teórico, metodológico e epistemológico.<sup>66</sup>

Entendo que a problemática da conceituação de gêneros do discurso, no campo de atenção desta tese, se encontra em um universo mais amplo, explicitado pela convergência de duas preocupações: uma mais atual, a de compreender globalmente (dar unidade) à filosofia de linguagem do círculo de Bakhtin – até agora motivada pela diversidade de áreas de conhecimento – e outra mais antiga, a preocupação tradicional do universo acadêmico por um certo **rigor científico** nas construções teóricas, opções metodológicas e analíticas.

A caracterização de Maingueneau, logo no início de seu *Gênese dos Discursos* (2005), das concepções de linguagem do círculo de Bakhtin como “variações sobre algumas idéias força”, “orientação geral”, em oposição à “sistema rigorosamente articulado”, “quadro restrito” e “domínio de validade muito mais preciso” exemplifica o que talvez se tenha dito amplamente (não oficialmente) sobre o tema estudos bakhtinianos desde que seus escritos ancoraram no Brasil. A colocação de Maingueneau sobre a falta de rigor nas obras do círculo de Bakhtin talvez guarde relações com o que Brait (2005:8) chamou de necessidade de uma publicação de caráter pontual e indicativo:

Mesmo diante de tantos trabalhos, de tantas publicações especializadas, ou justamente pela existência delas, pareceu necessário, a partir de um determinado momento, organizar uma publicação que, tendo um caráter pontual e indicativo, pudesse responder a insistentes e constantes questões que dizem respeito à maneira como conceitos, categorias e noções foram ganhando especificidade no conjunto dos trabalhos do Círculo e, ao mesmo tempo, em que esse conjunto se aproxima ou se distancia de outras importantes abordagens da linguagem. Além disso, uma obra desse teor deveria sugerir formas de como essa perspectiva poderia contribuir para análises e teorias que tenham nos textos e nos discursos, independentemente de sua natureza verbal ou não, um ponto de reflexão. (BRAIT, 2005:8).

Duas observações se fazem necessárias. Primeiramente, o reconhecimento por Brait de que a tomada das ideias de Bakhtin por uma infinidade de especialidades produziu a necessidade de responder a questionamentos sobre uma possível unidade dos estudos do círculo. Em segundo lugar, a

---

<sup>66</sup> Para maiores detalhes da emergência do conceito de gêneros do discurso na pesquisa acadêmica brasileira e a relação dessa emergência com os estudos do círculo de Bakhtin, os trabalhos de Gomes-Santos (2003; 2004; 2004b; 2005) são as referências.



compreensão de que não é característica ruim (nem da filosofia do círculo, nem das diversas especialidades), terem se apropriado das ideias do círculo em suas análises e teorias<sup>67</sup>.

É preciso ainda agregar a essa linha de pensamento a compreensão de que o Círculo de Bakhtin desenvolveu uma filosofia de linguagem extremamente preocupada com as questões de seu tempo, mas estabeleceu discussões - embates que revelam sim possibilidades de diálogos conciliatórios, mas, sobretudo, fundamentais discordâncias de base – com as grandes vertentes de pensamento que fundaram a maior parte das teorias das atuais áreas de conhecimento nas quais a nossa sociedade atua.

Por esses motivos, compreendo a procura por uma unidade teórica da filosofia do Círculo de Bakhtin e a julgo importante. Assim como julgo importante não desconsiderarmos aquele que se apresenta como seu principal conceito – dialogia – e fechar os olhos para as múltiplas possibilidades de diálogos as quais a filosofia do Círculo, dentro de uma possível unidade, pode se abrir. Mas que se produza, aos poucos e cada vez mais, um caminho diferente do que foi trilhado até agora pelos leitores de Bakhtin. Que conceitos diversos encontrados nos diversos textos do Círculo intercruzem com a compreensão da filosofia do Círculo de Bakhtin como unidade, uma arquitetura rigorosa e precisa, mas um rigor só possível dentro daquilo que chamamos de ciências humanas.

Clark e Holquist (1998:33), que, em referência a uma percepção especial de Bakhtin, alegaram – metaforicamente – a possibilidade de Bakhtin ter tido um terceiro ouvido<sup>68</sup>, um que lhe permitiria ouvir diferenças lá onde outros percebiam apenas mesmices:

Essa percepção o levou a repensar os modos pelos quais tradicionalmente foi atribuída à heterogeneidade a aparência de unidade. Em suas diversas tentativas de encontrar um único nome para a variedade, tais como heteroglossia ou polifonia, deu-se ao trabalho de nunca asfixiar por completo o papel energizador do paradoxo e do conflito que estava no coração de sua empreitada. Sempre buscou o grau mínimo de homogeneização necessário a qualquer esquema conceitual. Empenhou-se em preservar a heterogeneidade que pensadores menos escrupulosos ou pacientes julgaram amiúde intolerável e à qual se apressaram, como conseqüência, a consignar um rótulo unificador. Uma paciência assim, como a de Bakhtin, em face de uma multiplicidade que ameaça iludir até as mais elásticas categorias, é o seu próprio tipo de coragem. (...) Essa sensibilidade para a variedade coloca uma carga a mais sobre aqueles dentre nós

---

<sup>67</sup> Nota-se que a própria escolha e organização dos autores do livro organizado por Beth Brait é indício da grande variedade de áreas do conhecimento em linguagem que se dedicaram e se dedicam aos estudos da filosofia do círculo de Bakhtin. Uma simples olhadela para as áreas de trabalho dos autores revela: Linguística Aplicada, Tradução, Língua Portuguesa, Linguística Românica, Comunicação, Semiótica, Teoria Literária, Estudos Literários, Linguística e Filosofia.

<sup>68</sup> Referência em tom de brincadeira ao *terceiro olho* do budismo tibetano, o qual conferiria àqueles que o possuíssem uma visão da unidade secreta que mantém a criação junta.

que procuram achar um desígnio abrangente na própria obra de Bakhtin. Cumpre-nos aprender a caracterizar seu pensamento continuando a atentar a sua constante injunção para que resistamos à finalização. (Clark e Holquist, 1998:33).

A interpretação do conceito de gêneros do discurso que tentei problematizar procura a articulação desse conceito com outros já citados da filosofia do Círculo de Bakhtin/Volochinov/Medvedev – na esteira de trabalhos que tentaram percorrer esse caminho (RIBEIRO (2005), MANFRIN (2004, 2006))<sup>69</sup> – também se situa no lugar do cuidado bakhtiniano apresentado por Clark e Holquist, por isso a chamo de particular, e se revela como uma possibilidade extremamente produtiva para o tratamento de questões sobre a multiplicidade de sentidos imbricada em um enunciado.

Nos textos do Círculo de Bakhtin, quando o objetivo é tentar definir o objeto da pesquisa em ciências humanas ou nos estudos da língua, o que observamos é uma busca contínua para construir conceitos e categorias de análise que deem conta da atuação das forças centrípetas e centrífugas que atuam sobre os fenômenos sócio-linguístico-ideológicos.

É nesse íterim que escolhi os conceitos de **palavra** e **gêneros do discurso**, porque juntos se deixam imbricar por outros conceitos como **signal**, **significado**, **palavra neutra**, **língua** e **oração** (do lado das Forças Centrípeta) e **palavra sígnica**, **signo**, **tema**, **texto** e **enunciado** (do lado das Forças Centrífugas).

### **Delimitação do objeto da pesquisa**

A delimitação do objeto da pesquisa se fundamenta em três pilares: os pressupostos dessa tese (pressupostos 1 e 2 sobre a apropriação das ferramentas), a própria tese (do aprofundamento das relações entre os sujeitos e as características de liberdade da língua) e os conceitos teóricos escolhidos para o trabalho (palavra e gêneros do discurso).

---

<sup>69</sup> Vale ressaltar o esforço de Ribeiro na tentativa de articulação entre o conceito de gêneros formulado por Bakhtin e os principais conceitos da filosofia de linguagem do círculo de Bakhtin. Pensando sobre o gênero *aula*, Ribeiro busca indícios desse gênero em outros gêneros que circulam na esfera acadêmica. No entanto, faz esse trabalho diferentemente do que foi realizado aqui. A autora procura caracterizar previamente o gênero aula, com o qual está trabalhando, para depois verificar os imbricamentos com outros gêneros. O trabalho de Manfrin parece buscar essa mesma interpretação, afinada com a concepção de heterogeneidade da escrita proposta por Corrêa (2004).

A vinculação das ferramentas produzidas para o agregado computador-internet e o pressuposto de que os sujeitos se apropriaram dessas ferramentas fundamentam a escolha das redes sociais Twitter, acessada pelo site [www.twitter.com](http://www.twitter.com), e Facebook, acessada em [www.facebook.com](http://www.facebook.com).

Não somente por serem essas duas as redes sociais mais populares da atualidade, e por estarem envolvidas nas principais polêmicas sobre a utilização das redes sociais na internet, mas porque são, atualmente, ícones da transformação ocorrida com as ferramentas midiáticas no encontro do computador com a internet, por representarem ferramentas não apenas de absorção de informações, mas também de inserção, como explicitado no 1º pressuposto.

O uso que as pessoas fazem dessas ferramentas, via aprofundamento das relações com as características de liberdade da língua, é diversificado e não padronizado e dificulta um recorte sincrônico dos fenômenos, na medida em que tais apropriações reinventam (estabilizam e instabilizam) a utilização das próprias ferramentas. No entanto, essa mistura de efemeridade e perenidade fundamentou a escolha de enunciados a partir de duas formas de organização: (1) 12 enunciados aleatórios de sujeitos diferentes, sobre temas diversos, nas ferramentas Twitter e Facebook e (2) uma sequência cronológica de 82 enunciados de um único sujeito na ferramenta Twitter sobre um único tema. Em ambos os casos, as escolhas foram feitas a partir da observação da potencial explicitação dos fenômenos linguísticos escolhidos para análise.

Assim, o corpus se organiza da seguinte forma:

- 1) 12 enunciados aleatórios (recorte sincrônico) de sujeitos diferentes, sobre temas diversos, enunciados nas ferramentas disponibilizadas pelos sites [twitter.com](http://twitter.com) e [facebook.com](http://facebook.com)<sup>70</sup>:

O título do enunciado sempre começará com o nome do autor. Se o nome for precedido pelo símbolo “@”, significa que é um enunciado proferido na ferramenta Twitter. Com exceção dos enunciados 10, 11 e 12, que são exemplos retirados de uma terceira ferramenta, o MSN, os outros foram proferidos na ferramenta Facebook. A exceção provocada pela presença da ferramenta MSN será explicada no decorrer das análises.

---

<sup>70</sup> Informações referentes a essas ferramentas serão trazidas conforme a demanda. Por enquanto, é fundamental compreender que [twitter.com](http://twitter.com) e [facebook.com](http://facebook.com) são endereços eletrônicos que disponibilizam on-line ferramentas (softwares) para interação entre pessoas, publicação e visualização de conteúdos em meioses diversas.

Neste primeiro grupo organizei cada enunciado em um quadro com as seguintes características: número do enunciado, para fins de referência durante a tese; título do enunciado; reprodução textual, ou seja, reprodução escrita do enunciado contido na imagem coletada e informações sobre sua localização, além de quando possível, a data em que foi acessado.

Os enunciados, devidamente organizados para futura referência na tese, estão disponíveis no ANEXO 1 e serão trazidos para o texto um a um, ou em pequenos grupos, conforme essas situações forem demandando análises específicas.

Nº	Título do enunciado (autor e tema)	Disponível em
#1	@tuliovianna e a Folha de São Paulo.	<a href="http://twitter.com/tuliovianna/status/4682468054">http://twitter.com/tuliovianna/status/4682468054</a>
#2	@pedrox e o Jornalismo	<a href="http://twitter.com/pedrox/statuses/5016115758">http://twitter.com/pedrox/statuses/5016115758</a>
#3	@FláviaGalindo e o RT	<a href="http://twitter.com/flaviagalindo">http://twitter.com/flaviagalindo</a>
#4	@FláviaGalindo e o RT	<a href="http://twitter.com/flaviagalindo">http://twitter.com/flaviagalindo</a>
#5	@tuliovianna, @raquelrecuero e Honduras	<a href="http://twitter.com/tuliovianna">http://twitter.com/tuliovianna</a> e <a href="http://twitter.com/raquelrecuero">http://twitter.com/raquelrecuero</a>
#6	@emerluis e a palestra	<a href="http://twitter.com/emerluis">http://twitter.com/emerluis</a>
#7	@thiagopriest, site terra e Honduras	<a href="http://twitter.com/thiagopriest">http://twitter.com/thiagopriest</a>
#8	Gladys e o Supermercado	Disponibilizado pela própria autora e capturado por meio da técnica <i>Print Scree</i> <sup>71</sup>
#9	Renata, a música e o vídeo	Disponibilizado pela própria autora e capturado por meio da técnica <i>Print Scree</i>
#10	Angelita e o MSN	Disponibilizado pela própria autora e capturado por meio da técnica <i>Print Scree</i>
#11	Angelita e o MSN	Disponibilizado pela própria autora e capturado por meio da técnica <i>Print Scree</i>
#12	Angelita e o MSN	Disponibilizado pela própria autora e capturado por meio da técnica <i>Print Scree</i>

---

<sup>71</sup> *PrintScree* é uma técnica de captura de tela proporcionada pela tecla de mesmo nome presente nos teclados. Ao se pressionar a tecla, captura-se a imagem de toda a tela do computador.

- 2) uma sequência cronológica (recorte diacrônico) de 86 enunciados de um único sujeito, enunciada na ferramenta disponibilizada pelo site twitter.com, sobre um único tema, acrescentados de mais 5 enunciados de outros 4 sujeitos, por se relacionarem, de algum maneira, com um ou mais dos 86 enunciados sequenciados.

Neste segundo grupo organizei a sequência de enunciados em uma tabela com as seguintes características: número do enunciado, para fins de referência durante a tese; título do enunciado; reprodução textual, ou seja, reprodução escrita do enunciado contido na imagem coletada.

Os enunciados, devidamente organizados para futura referência na tese, estão disponíveis no ANEXO 2 e serão trazidos para o texto um a um, ou em pequenos grupos, conforme essas situações forem demandando análises específicas.

Nº	Título do enunciado	Disponível em
#13- #98	@christofoletti e a Queda da obrigatoriedade do diploma de jornalismo.	Disponibilizado pelo próprio autor e capturado por meio da técnica <i>Print Scree</i> n
#99	@andrecovre e o enunciado de @christofoletti	Disponibilizado pelo próprio autor e capturado por meio da técnica <i>Print Scree</i> n
#100	@yuripassos e a Queda da obrigatoriedade do diploma de jornalismo.	Disponibilizado pelo próprio autor e capturado por meio da técnica <i>Print Scree</i> n
#101	@ivanabentes e a Queda da obrigatoriedade do diploma de jornalismo.	Disponibilizado pelo próprio autor e capturado por meio da técnica <i>Print Scree</i> n
#102	@tuliovianna e a Queda da obrigatoriedade do diploma de jornalismo.	Disponibilizado pelo próprio autor e capturado por meio da técnica <i>Print Scree</i> n
#103	@tuliovianna e a Queda da obrigatoriedade do diploma de jornalismo.	Disponibilizado pelo próprio autor e capturado por meio da técnica <i>Print Scree</i> n

## O texto como ponto de partida metodológico

O objeto das ciências humanas é o ser expressivo e falante  
Bakhtin, 2010, 395

O homem em sua especificidade humana sempre exprimi a si mesmo (fala), isto é, cria texto (ainda que potencial). Onde o homem é estudado fora do texto e independente deste, já não se trata de ciências humanas (anatomia e fisiologia do homem, etc.).  
Bakhtin, 2010, 312

Onde não há texto não há objeto de pesquisa e pensamento  
Bakhtin, 2010, 307

Assumir que, em ambos os recortes, as escolhas foram feitas a partir da observação da potencial explicitação dos fenômenos linguísticos escolhidos para análise, é assumir o texto como enunciado concreto. A concretude desses enunciados, se poderiam ser consideradas perdidas a partir do momento já passado de suas enunciações, é reconstruída em todos os seus tratamentos, desde suas primeiras visualizações até o último momento de análise e reflexão sobre eles, ou seja, significa que concretamente foram, por mim, capturados, observados, vivenciados e experienciados.

Se assumir a análise de enunciados concretos é assumir uma certa dose de empiria neste processo, torna-se necessário retomar uma diferenciação básica entre experimento e experiência. Não somente porque há um contexto que se coloca como fundante das possíveis interpretações do objeto, contexto teórico, mas porque o que será realizado aqui não se caracteriza como experimento. Larrosa (2001) nos apresenta essa diferenciação:

A ciência moderna, a que se inicia em Bacon e alcança a sua formulação mais elaborada em Descartes, desconfia da experiência. E trata de convertê-la em um elemento do método, isto é, do caminho seguro da ciência. A experiência já não é o meio desse saber que forma e transforma a vida dos homens em sua singularidade, mas o método da ciência objetiva, da ciência que se dá como tarefa a apropriação e o domínio do mundo. Aparece assim a idéia de uma ciência experimental. Mas aí, a experiência converte-se em experimento, isto é, em uma etapa no caminho seguro e previsível da ciência. A experiência já não é o que nos acontece e o modo como lhe atribuímos ou não um sentido, mas o modo como o mundo nos mostra sua cara legível, a série de regularidades a partir das quais podemos conhecer a vontade do que são as coisas e dominá-las.

Interpretar a atuação das Forças Centrípetas e Forças Centrífugas nos fenômenos sócio-linguísticos-ideológicos da internet será nada mais do que o diálogo de um leitor com o texto, prenhe de expectativas de sentidos: busca singular do pesquisador pelas significações históricas carregadas pelos signos; arriscamentos de sentidos múltiplos só possíveis na leitura irrepitível do objeto que realizo agora; entrada na estrada das palavras alheias sem a certeza de todos os caminhos possíveis, sem a previsão de todos os destinos.

Se o experimento é genérico, a experiência é singular. Se a lógica do experimento produz acordo, consenso ou homogeneidade entre os sujeitos, a lógica da experiência produz diferença, heterogeneidade e pluralidade. Por isso, no compartilhar a experiência, trata-se mais de uma heterologia do que de uma homologia, ou melhor, trata-se mais de uma dialogia que funciona heterologicamente do que uma dialogia que funciona homologicamente. Se o experimento é repetível, a experiência é irrepitível, sempre há algo como a primeira vez. Se o experimento é preditível e previsível, a experiência tem sempre uma dimensão de incerteza que não pode ser reduzida. Além disso, posto que não se pode antecipar o resultado, a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem “pré-ver” nem “pré-dizer” (Larrosa, 2001).

Quantas vezes e em quantos momentos diferentes olhei para os enunciados que escolhi sem interiorizá-los na perspectiva de acabamento como uma tese possibilita? Todas esses olhares fazem parte dessa tese. O enunciado é sempre um arriscamento, não somente porque o enunciador, juntamente com as contrapalavras ganhadas no percurso de sua vida, carrega o enunciado de *projetos de dizer* constituídos na relação com seu(s) interlocutor(es), mas também porque o enunciado estará sempre arriscando sentidos e esperando por sentidos outros. Ser pesquisador desses enunciados – produzir um enunciado sobre esses enunciados – é levar para a leitura as minhas contrapalavras, minhas perspectivas, meus *projetos de dizer*. Farei, portanto, arriscamentos.

Na elaboração do discurso próprio, para ser enunciado a outrem, há um projeto de dizer, o que Bakhtin (1952-53:300) chama de “*intuito discursivo*” ou o “*querer dizer*” do locutor, que resulta dos cálculos de possibilidades que conferem significância ao dizer, neste momento interlocutivo e neste espaço social. (Miotello: 2001, 139).

Também levamos para leitura, para a experimentação do objeto, esses projetos de dizer. Se por vezes os objetos nos aparecem cínicos e quietos, e tendemos arrancar deles sentidos grudados com

nossos projetos de dizer, em outros momentos os objetos nos aparecem explodindo sentidos múltiplos, a eles nós pedimos esmolas para preencher nossos desejos (projetos de dizer) carentes. Em ambos os momentos eles dependem de nós.

Essa será a minha experiência, nos dizeres de Larrosa, única e irrepetível, assim como de qualquer outro leitor, mas com a diferença inerente das exigências históricas do gênero dentro do qual me insiro para fazer tais leituras: a tese como gênero específico da esfera acadêmica, me provocou, por exemplo, a compor uma espécie de arcabouço teórico, obrigando a definição dos conceitos a serem manuseados. De modo que o resultado de minha leitura (entendida como processo responsivo) poderia se constituir de diversas maneiras (diversas atitudes responsivas, imediatas ou retroativas): posso opinar sobre os enunciados escolhidos em conversa de bar, posso votar, posso rebater opiniões de outros a partir de minhas opiniões sobre os mesmos enunciados. Mas para escrever uma tese minha atitude responsiva subordina-se às exigências do gênero, de modo que a leitura apresentada, a compreensão construída deverá ser justificada pelos conceitos manuseados e a experiência de leitor restrita a possibilidades de experiências compartilhadas quando outras leituras operam com os mesmos conceitos.

No ato de escolha do objeto há diálogo com o passado e com o que é porvir. Geralmente, o que é passado é tomado sob o nome de “contexto”, que é colocado como dado (ou condições de produção), e que na maioria das vezes assume formas cristalizadas sobre as quais se poderia assentar uma interpretação mais segura dos sentidos do discurso analisado. É também o gênero tese que se esforça para produzir mecanismos cada vez mais eficientes de evidenciar esse *dado*. No entanto, esse diálogo sofre também interpelação das perspectivas do enunciador, que contem desejos internos, sonhos e vontades também coordenadas pelo cotejamento desta leitura com outras leituras já realizadas dos mesmos enunciados e pelos instrumentos utilizados na realização desta leitura.

Para o analista, seu objeto de estudo está inserido em um todo e, apesar dele não ter a pretensão de dizer o todo – como verdade – ainda sim encerra seu próprio enunciado expondo a sua compreensão e os caminhos que levaram à sua construção. Os critérios com que uma compreensão é avaliada não são critérios de verdade, mas critérios de validade: a compreensão construída está de acordo com os elementos mobilizados no processo de seu fazer, que procuram sempre atender a um projeto de dizer.

De fato, o ouvinte que recebe e compreende a significação (lingüística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude responsiva ativa: ele



concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor. A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é preche de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor. (Bakhtin: 2010, 290)

Na afirmação bakhtiniana a compreensão é sempre um ato de locução “responsivo ativo” e nela encontro duas fundamentações desse trabalho: a atitude do pesquisador em relação ao seu objeto de pesquisa e, conseqüentemente, seu material de análise; e a interpretação específica que faço do conceito de gêneros do discurso e palavra.

A relação dos enunciados escolhidos para análise só se justifica dentro da concepção de pesquisa como *compreensão responsiva*, como *experiência* viva do analista dentro do universo histórico que o envolve e do qual participa, talvez mais intensamente quando a participação do analista e o universo histórico que envolve os enunciados são simultâneos, contemporâneos um do outro, como no caso do objeto desta tese.

Não é possível descrever a completude das memórias de futuro e das perspectivas gerais que envolvem uma interação. Mas elas podem aparecer no decorrer da leitura e da escritura, se os percursos dessas assim exigirem. Pequenos relatos da minha experiência cotidiana de enfrentamento de alguns desses enunciados irão revelar, no início do capítulo de análises, algumas dessas memórias de futuro reinterpretando memórias do passado. Memórias de futuro formadas dentro dessa perspectiva de encarar os enunciados como locuções “responsivas ativas”, como respostas que poderiam me carregar a inúmeras outras memórias (de passado e de futuro), e me colocar na estrada pela qual caminha a história geral dos acontecimentos atuais da vida dos sujeitos contemporâneos. A ideia, com isso, é tentar pegar essa história andando, se fazendo.



## CAPÍTULO 6 – EXEMPLOS DE FENÔMENOS LINGÜÍSTICOS NA INTERNET

*Transgressões, porque o tom ... é aquele do ensaio, da provocação mesmo*

Geraldi, Fichtner e Benites, 2006

Das muitas afirmações que fiz no decorrer desse texto, algumas são principais. Uma primeira, a de que os sujeitos reemergiram na última virada de século e essa reemergência está relacionada com um novo momento da sociedade, marcado pela junção dos produtos industrializados e massificados computador e internet no fim da Sociedade de Segunda Onda. Em decorrência disso, pude hipotetizar que a reemergência dos sujeitos somente está sendo possível porque estes estão se apropriando das ferramentas produzidas pela junção de tais produtos e, ainda, a afirmação central para esta tese, de que essas apropriações somente são possíveis porque os sujeitos estão aprofundando suas relações com as características de liberdade da língua.

O que farei no início desse capítulo é contextualizar tais afirmações. Elas não são recentes, foram formuladas durante os últimos 15 anos, basicamente desde o meu primeiro contato com o computador e com a internet. Permitam-me contar esta história. Ela não somente colocará o leitor no universo de observações e insights que tive nesse período (principalmente em seu início), mas fornecerá também alguns apontamentos, cada um a sua época, que podem começar a tecer os fios que enredam esse capítulo de exemplos.

Esse contexto mais amplo pode ter sua delimitação inicial no ano de 1999, quando, matriculado no curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), tive contato com um computador conectado à internet e, conseqüentemente, a algumas ferramentas disponíveis naquela época, ainda antes da virada da internet denominada de 2.0.

Web 2.0 é um termo criado em 2004 pela empresa americana O'Reilly Media para designar uma segunda geração de comunidades e serviços, tendo como conceito a "Web como plataforma", envolvendo aplicativos baseados em folksonomia, redes sociais e Tecnologia da Informação. Embora o termo tenha uma conotação de uma nova versão para a Web, ele não se refere à atualização nas suas especificações técnicas, mas a uma mudança na forma como ela é encarada por usuários e desenvolvedores, ou seja, o ambiente de interação e participação que hoje engloba inúmeras linguagens

e motivações<sup>xx</sup>. Antes dessa virada, a internet era um conjunto de poucos sites feito por um número pequeno de pessoas, sites abarrotados de informações com formatação precária e atualização lenta. Os sites estavam disponíveis como livros: as pessoas acessavam, liam e viam o que era de interesse e fechavam. A analogia não é das melhores, mas o fato é que, no máximo, a comunicação com os desenvolvedores ou responsáveis pelo conteúdo acontecia através de um email. Dificilmente se inseria ou compartilhava informações a partir do conteúdo acessado em páginas. O termo Web 2.0 é, portanto, utilizado para descrever a segunda geração da World Wide Web a partir da tendência que reforça o conceito de troca de informações e colaboração dos internautas com sites e serviços virtuais.

Nada era muito complexo do ponto de vista de um usuário como eu: usava o email dos servidores Yahoo (www.yahoo.com.br) ou Hotmail (www.hotmail.com) para me comunicar, na grande maioria das mensagens, com colegas de curso sobre trabalhos – pois não possuía computador no ambiente familiar –, acessava alguns sites com informações diversas e, nos momentos mais solitários – é preciso confessar - utilizava salas de bate-papo<sup>72</sup> para conversar com desconhecidos, em um primeiro momento para conversar com desconhecidos em ferramentas como as dos portais UOL (www.uol.com.br) e TERRA (www.terra.com.br), ou sites como MIRC<sup>73</sup> e, em um segundo momento, para afinar intimidades com os “novos conhecidos das salas de bate papo em ferramentas como o ICQ<sup>74</sup>.

É preciso confessar porque, quando acessávamos a internet durante as madrugadas nos laboratórios de informática para a graduação (LIGs) da UFSCar (Universidade Federal de São Carlos), é possível dizer que aquelas ações virtuais se caracterizavam como quase ilegais. Não somente pelo

---

<sup>72</sup> Chat, segundo o Dicionário Aurélio Século XXI, em sua versão eletrônica, se expressa como: “Forma de comunicação através de rede de computadores (ger. A Internet), similar a uma conversação, na qual se trocam, em tempo real, mensagens escritas; bate-papo on-line, bate-papo virtual, papo on line, papo virtual.” A sala de bate-papo virtual se caracteriza principalmente por possibilitar a interação simultânea de inúmeras pessoas. Marcuschi (2002, p.8) esclarece que “os chats são na realidade bate-papos virtuais que se realizam em tempo real (on line) e provêm de um programa ou sistema chamado IRC (Internet Relay Chat) e surgiu na Finlândia em 1988.”

<sup>73</sup> Segundo Pinheiros (2013), o mIRC não era exatamente um comunicador instantâneo e sim uma sala de bate-papo, onde era permitido conversas privadas, em grupo e trocas de arquivos. Sua fama chegou quando surgiram as principais redes de IRC no mundo, conectando pessoas em sala de bate-papo com os mais variados temas. A decadência do mIRC começou por volta de 2003 quando os mensageiros instantâneos (como o ICQ) se tornavam populares, permitindo bate-papo com amigos sem ser importunados por desconhecidos, uma série de recursos que o IRC não permitia. Apesar de sua decadência, o mIRC ainda existe e pode ser abaixado pela a internet.

<sup>74</sup> Com relação ao ICQ, Pinheiros (2013) informa que quando ele chegou, tirou o lugar do mIRC. “O nome ICQ surgiu da brincadeira com a frase “I seek you” (“eu procuro você”), que possui o mesmo som de ICQ quando falado em inglês. Ele foi desenvolvido em 1996 e teve a sua fama até meados dos anos 2000. Apesar de sua decadência, o ICQ ainda existe e já está na sua versão 8 para Windows. Sua decadência, em alguns países, está associada a chegada do MSN Messenger, programa similar, da empresa Microsoft.

horário em que fazíamos isso com mais intensidade (pois alguns LIGs ficavam abertos durante a madrugada, o que era muito prático para quem, como eu, morava nos alojamentos dentro do campus da Universidade), mas também pela não oficialidade dessas ações estarem sendo realizadas em um ambiente estruturado e disponibilizado para ações (no computador e na internet) oficiais, como pesquisas educacionais, por exemplo. A subversão era indireta porque se dava no nível da apropriação dos produtos tecnológicos (chamaremos assim, por hora, computador e internet) e das ferramentas produzidas na/para a junção desses produtos.

Essa percepção de tornou mais forte e provocadora quando, já iniciado nos estudos da língua, por meio de conceitos apresentados pela linguística nas primeiras disciplinas do curso de Letras, a liberdade com a língua nas conversas dentro dessas ferramentas de bate-papo saltou aos olhos como novidade e como constância. Constância porque, desde o início, não percebia aquelas variações linguísticas como momentâneas (por exemplo, compreender as manifestações linguísticas na internet como gírias de determinados grupos sociais, como adolescentes) e os anos na graduação que se seguiram foram dedicados quase que exclusivamente a tentativa de compreender essa liberdade por meio de dois estudos científicos iniciais.

O estudo dos *chats* realizado entre 2001 e 2002, cujas análises e relatórios estão salvos em uma pasta no meu computador chamada “chat - uma análise estrutural”, foi seguido do estudo realizado entre 2002 e 2003, cujas análises e relatórios estão salvos em uma pasta chamada “chat – uma análise discursiva”.

Essas nomeações revelam os percursos daqueles estudos iniciais, e que, nesse momento, se tornam interessantes para abrir espaço nesta introdução para um conjunto de informações (algumas conclusões apontadas lá atrás, além de alguns dados para os quais não foi dada a devida importância nos relatórios oficiais) que, como afirmado mais acima, pode contribuir para a contextualização das teses defendidas nesse texto.

A primeira abordagem sobre os chats se deu, naquele primeiro período, por meio da Análise da Conversação (AC). A escolha pela AC que, se me lembro bem, se deu menos pelos objetivos descritos no projeto e no relatório final (“verificar as propriedades estruturais e organizacionais do texto conversacional nas salas de bate-papo”) e mais pela falta de abordagens científicas do fenômeno (ou seja, não existiam publicações na época nem teorias formuladas a respeito dos novos fenômenos da

internet), já refletiva os percursos que as abordagens futuras dos fenômenos linguísticos da internet iriam traçar.

A ânsia acadêmica por respostas era tamanha que, depois de uma conferência proferida pelo Professor Luis Antônio Marcuschi no Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL) em maio de 2002, denominada “Gêneros textuais emergentes e atividades linguísticas no contexto da tecnologia digital”, o texto dessa conferência começou a circular antes mesmo de ser publicado oficialmente.

No entanto, no início de 2001 não tínhamos ainda essa perspectiva e, depois de ter procurado na Sociolinguística alguns conceitos teóricos, acabamos por chegar na AC porque a linguagem da internet se ‘assemelhava’ a conversação face a face e, segundo Marcuschi (1986, p.15),

a conversação é a primeira das formas de linguagem a que estamos expostos e provavelmente a única a qual nunca abdicamos pela vida afora. Como bem coloca, além de matriz para a aquisição da linguagem, a conversação é o gênero básico da interação humana. É a prática mais comum do dia-a-dia do ser humano, portanto do aluno, desenvolvendo um espaço privilegiado para a construção de identidades sociais no contexto real.

Abaixo, em forma de tópicos, teço comentários sobre alguns resultados daquelas análises iniciais do texto na sala de bate-papo. Vale ressaltar que os comentários abaixo não trarão as análises em si, mas considerações que estou julgando pertinente para esta tese.

- Hilgert (2001) realizou um excelente trabalho (um dos únicos trabalhos efetivamente publicados na época sobre esse campo de pesquisa) tentando estabelecer um sistema de troca de turnos na CINT<sup>75</sup>, comparando com o mesmo sistema proposto por Marcuschi (1986) para a CFF. Na época, conseguimos identificar que a interação dos interlocutores no nosso corpus já demonstrava a busca por estratégias diferentes (mais diversificadas) em relação às estratégias de tentativa de estabelecimento da troca de turnos definidas por Hilgert no estudo que acabara de sair.

---

<sup>75</sup> Hilgert (2001, 18), em seu trabalho, denomina o “texto da conversação na internet” de CINT e a “construção da conversação face a face” de CFF. Pode-se fazer uma analogia com o que aqui denominamos de CE e CF, sendo que a CINT de Hilgert está para a nossa CE e a CFF está para CF, porém com uma pequena diferença, a conversação telefônica não se insere na CFF de Hilgert, mas se encontra na nossa CF (conversação centrada na interação falada), uma vez que as conversações telefônicas não têm como característica a presença física das pessoas face a face. A conversação da internet se dá através do texto escrito, apesar de ser conversação. Essa é uma característica fundamental desse tipo de texto.

**Olhando agora, parece-me plausível que esse fato indique duas possibilidades mínimas: a de que os recortes do material utilizado naquela ocasião (por nós e por Hilgert) eram recortados demasiadamente e, por isso, não davam conta da complexidade das interações, expondo a dificuldade teórico-metodológica para enfrentar tais fenômenos de forma bastante completa, ou mais complexa (dificuldade está que também está presente nesta tese); e a de que, especificamente sobre o fenômeno analisado, a vivacidade das ações dos sujeitos sobre a língua naquelas novas situações comunicativas era uma característica fundante, ou seja, ali a criatividade borbulhava, como em uma sopa primordial, onde vários elementos desconexos estavam juntos e abriam possibilidades infinitas para a criação de coisas novas no que diz respeito a construção linguística do enunciador.**

- Hilgert (2001, 31) também afirmava que, na CINT, “no que diz respeito ao intervalo entre turnos, ele se define como o tempo decorrido entre o aparecimento, no monitor, do turno do ‘falante’ e o do turno do ‘ouvinte’<sup>76</sup>”. Portanto, supusemos, na época que, para Hilgert, o turno se dava apenas quando aparecia a “fala” do enunciador no monitor. O que Hilgert chamava de “intervalo entre turnos”, era o que, no nosso modo de entender turno, naquela análise, já fazia parte do turno. Turno é aquilo que um enunciador faz ou diz enquanto tem a palavra, incluindo aí a possibilidade do silêncio. Toda conclusão de turno, na sala de bate-papo, era marcada com o horário que ela ocorre. O interlocutor sabia quando o turno do outro acabava e, portanto, quando começava o seu. Como bem apontava Galembeck (2001:71), analisando as diversas modalidades de passagem de turno em uma conversação centrada na fala, “a colaboração do outro é implícita ou explicitamente solicitada. Em outras palavras, o ouvinte intui que chegou no ponto em que lhe cabe tomar o tópico conversacional (assunto tratado), por meio do turno (...)”. Como não podíamos observar a formulação do enunciado nas salas de bate-papo, não podíamos dizer que, no momento em que um enunciador encerrava seu turno, o outro não começava a formular o seu. Ele poderia ou não começar a formulação assim que visualizasse no monitor o final do turno de seu interlocutor, assim como apagar, reformular e reescrever sem que qualquer um de seus interlocutores visse a formulação e só depois, encerrar seu turno

---

<sup>76</sup> Na época, por conta da aproximação da Análise da Conversação, as denominações eram “falante” e “ouvinte”. A partir de agora, vou sempre me referir a essas duas instâncias como enunciador e interlocutor, respectivamente.

teclando ENVIAR<sup>77</sup>. A formulação do turno já era considerada por nós como turno e, mesmo que não ocorresse o envio, a possibilidade do silêncio era considerada. Tanto que, se o silêncio era muito demorado, provocava consequências, como a intervenção do interlocutor que entregou o turno questionando o que aconteceu com a palavra entregue por ele.

**O que importa, neste caso, é a percepção de que, dentro dessa perspectiva de turno que o corpus da época desvelou, o devir, a espera pela fala do outro, a busca pela concretização da interlocução com uma alteridade era o que fomentava a busca por novas soluções linguísticas e contribuía para a reformulação das propriedades estruturais e organizacionais do texto conversacional.**

- A presença de recursos verbais lexicalizados como marcadores conversacionais. Um dos problemas que percebemos ao observar os marcadores era a ausência da função do interlocutor como *interlocutor interferente*. Não existiam sinais produzidos pelo interlocutor durante o turno do enunciador nas conversações em salas de bate-papo. Vimos que nas salas de bate-papo predominava o uso da palavra de um só enunciador por vez, ou seja, nesse meio eletrônico, o interlocutor era realmente a pessoa que somente lia no momento que lia, pois, quando se pronunciava, não era para interferir no turno do enunciador, o “leitor” se transformava em enunciador somente quando se pronunciava após a entrega do turno. Essa era uma característica muito importante da linguagem que vislumbramos sendo utilizada nas salas de bate-papo, pois os marcadores de início de turno, sempre que usados, tinham como função elementar retomar o tópico (assunto tratado) e, ao mesmo tempo, fazer com o que o participante que até então era somente “interlocutor” se tornasse enunciador, tomando o turno para si. Portanto, não foi possível dividir os marcadores utilizados nas salas de bate-papo em “sinais do falante” e “sinais do ouvinte”, como propunha o método da AC (Marcuschi, 1986, p.66).

Um dos recursos utilizados com frequência nas conversações eram os chamados sinais verbais “não lexicalizados” (Marcuschi, 1986, p.63). Naquelas análises, porém, não pudemos chamá-los de “não lexicalizados”, pois era justamente nas salas de bate-papo – por não ser possível a

---

<sup>77</sup> Diferentemente do que acontece na maior parte das ferramentas de interação virtual em que o locutor consegue identificar que seu interlocutor está escrevendo sua mensagem, mesmo não sabendo o teor dela até que seja enviada e apareça em seu monitor. Ou ainda, como no caso de uma escrita conjunta em alguns editores de textos virtuais, como os disponibilizados pela empresa Google, denominado, GoogleDocs, possível de ser acessado em [www.google.com.br](http://www.google.com.br).



produção de sons, tais como “mm”, “ahã”, “ué” e outros – que eles sofreram o processo de lexicalização, como os exemplos “baaaaaaaah”, “hummm”, “huuuuuuuuuuum” e “!!!!!!!!!!!!!!”. Hilgert (2001, p.40-41) afirma que esses alongamentos vocálicos/consonantais eram frequentes muitas vezes “com o objetivo de sustentar pausas, ganhar tempo na seleção lexical ou simplesmente não perder o turno”.

**Vimos que “não perder o turno” era objetivo elementar dos marcadores conversacionais de início de turno. Não era somente uma questão de ganhar tempo na seleção lexical. A presença desse tipo de lexicalização mostrava a importância da criatividade dentro de uma sala de bate-papo. Os interlocutores criavam mecanismos para tornar a interação ainda mais parecida com a situação face a face. Criatividade e a imaginação com a língua eram, então, fundamentais para a interação nas salas de bate-papo.**

- O questionário aplicado na época para possibilitar um real recorte sincrônico na elaboração do corpus (qual sala de bate-papo acompanhar, durante quanto tempo, em que período, etc.) forneceu alguns dados provocativos para além desse objetivo metodológico. Com a aplicação em salas de aula dos Ensinos Fundamental e Médio (alunos de 8º Série do Ensino Fundamental e dos 1ºs e 2ºs Colegiais do Ensino Médio) de escolas públicas e particulares da cidade de São Carlos – SP, verificamos que, no geral, já naquela época, mais da metade (60,67%) dos entrevistados possuía computador e, dentre os que possuíam computador, todos utilizavam a internet em casa. Dos entrevistados, 68% utilizavam as salas de bate-papo. Porém, 100% dos entrevistados declararam usar a internet em algum período, independente do local.

Sobre esses dados cabe ressaltar uma característica ambígua do acesso a internet no Brasil. No Geral, o acesso à internet no Brasil cresce ano após ano<sup>xxi</sup>. Entre 2001 e 2002 as pesquisas sobre acesso a internet eram incipientes e sobravam críticas sobre o acesso restrito e elitista desse tipo de tecnologia. Por esses motivos salta aos olhos o fato de todos os entrevistados terem informado que utilizavam a internet em algum momento do dia para realizar alguma atividade, tendo ou não computador e internet em casa. Em 2006 perguntei aos 35 alunos de uma 7ª série de uma escola pública de um bairro periférico da cidade de Campinas - SP se possuíam computadores em casa com acesso a internet. Obtive a quantidade de 5 alunos com computador em casa com acesso a internet, mas os 35 responderam que participavam de uma ou mais

atividades relacionadas a uma dessas três ferramentas: orkut, msn, fotolog. Quase a totalidade tinha celular que enviava mensagens de texto. **Essa flexibilidade do acesso que independe de uma série de características socioeconômicas concretas sempre indicou, a meu ver, tanto entre 2001 e 2002 como em 2006, a liberdade e facilidade com a que os sujeitos se apropriam dos instrumentos de consumo (computador e internet) e das ferramentas de interação contidas nesses instrumentos.**

- Dedicamos, na época, uma parte do questionário para tentar obter alguma informação sobre a percepção que os usuários da ferramenta chat possuíam da língua naquele momento. As respostas não foram utilizadas nos relatórios, mesmo sendo tabuladas. Dos alunos que responderam ao questionário, 83,42% afirmaram que “escreviam diferente” quanto conversavam em uma sala de bate-papo e justificaram o uso da “escrita diferente” com respostas como “legal, rápido, prático e fácil”. Um pouco mais da metade, 55,98%, afirmaram que “não escreveriam da mesma forma em contextos diferentes”, utilizando argumentos diversos na resposta, mas quase sempre ligados a uma compreensão linguística-contextual da decisão, como “as pessoas poderiam não entender”, “coibição da professora”, “errado”, “linguagem formal”, “não faz parte da língua portuguesa”, “para aprender o português correto”. É notável perceber que a grande parte dessas justificativas (46,61%) demonstrava alguma compreensão da inadequação da linguagem em outras situações ou outros tipos textuais.

**Aqui vale ressaltar a percepção daquele grupo de alunos já em idade escolar avançada de que em “lugares” diferentes se utiliza a língua de formas diferentes. A caracterização positiva da língua utilizada por esse grupo nas salas de bate-papo pelas palavras “legal, rápido, prático e fácil” indicam, ao meu ver, uma relação com a língua mais íntima do que as palavras utilizadas para justificar a não utilização da mesma língua em outros contextos: “errado”, “coibição”, “formal” e “correto”. Por isso, a liberdade na utilização da língua nas salas de bate-papo poderia possibilitar uma aproximação do usuário da língua de modo a permitir uma relação mais íntima, de apropriação da língua que o outro está utilizando ali naquele espaço, ao ponto de encará-la como própria, no sentido mesmo de propriedade no momento em que o enunciador a usa.**

- Foi possível perceber, por conta das análises dentro do escopo da AC, que esse tipo de conversação possuía um outro tipo de natureza processual e dinâmica própria, mesmo tentando se aproximar das interações centradas na fala. O meio conversacional, integrado pelas tecnologias computacional e telefônica (transmissão de dados), possibilitavam, dentro daquela ferramenta específica, vários fenômenos de linguagem que estavam sendo considerados novos. Hilgert (2001) se referia a um crescente processo de re-oralização. Marcuschi (2002), afirmou tratar-se de “uma nova relação com os processos de escrita”, em razão de relação da produção essencialmente escrita da internet com sua característica síncrona, ou seja, a simultaneidade temporal em que ocorre. Neste trabalho, quase que posterior a finalização do relatório do período de 2001 e 2002 daquela pesquisa, Marcuschi chegava a falar dessas produções<sup>78</sup> como “gêneros emergentes do meio virtual”.

**Porque os próprios interlocutores que estudamos na pesquisa de 2001-2002 demonstraram uma percepção de escolha linguística vinculada a aspectos situacionais e textuais, e porque os poucos pesquisadores que se arriscavam, na época, a propor caminhos teórico-metodológicos para o estudo dessas interações evidenciavam o conceito de gêneros discursivos/textuais como fundamentais no estudo das produções linguísticas virtuais, a pesquisa de 2002-2003 foi fundamentada justamente pela tentativa de compreensão do mesmo recorte utilizando a conceituação de gêneros discursivos proposta por Bakhtin no capítulo *Os Gêneros do Discurso* do livro *Estética da Criação Verbal*.**

- Nos estudos de 2002-2003 pudemos observar como a indissociabilidade entre conteúdo temático, construção composicional e estilo, assim como postulava as anotações bakhtinianas, o que nos permitiu nomear de *gênero sala de bate-papo*, naquele momento, as interações verbais que estudávamos. De modo que, observando as interações com esses óculos, quando ocorreu

---

<sup>78</sup> Marcuschi (2002) realiza um trabalho com diversas produções da internet, são elas: e-mail, bate-papo virtual em aberto, bate-papo reservado, bate-papo agendado, entrevista com o convidado, bate-papo virtual em salas privadas, aula virtual, bate-papo educacional, vídeo-conferência interativa, lista de discussão, endereço eletrônico.

uma mudança do conteúdo temático, percebemos também outra construção composicional e outro estilo. **A compreensão que nos interessa aqui é quase óbvia, mas importante: um gênero não é eternamente único, nem mesmo quando constituído no mesmo ambiente (através do mesmo meio tecnológico).**

- Ao observarmos a interação na qual o conteúdo temático era o Jogo Magic<sup>79</sup>, pudemos concluir que o gênero sala de bate-papo sofreu uma influência significativa da atividade jogo Magic. Ou seja, para um melhor entendimento do gênero sala de bate-papo, por exemplo, tornou-se necessário verificar que relações essa atividade humana possuía com outras atividades da vida comum de quem as utilizava. Essa conversa que continuava, hora na atividade Jogo Magic, hora no gênero Sala de Bate-papo Virtual, era também uma continuação da conversa do clube, da casa do amigo ou do intervalo da escola onde esse jogo acontecia e aconteceria. Ou seja, mesmo como perspectiva a influência de outra atividade era fundante. Era, portanto, uma continuação da vida desses interlocutores. **Se a afirmação do tópico anterior é a de que um gênero se modifica, com a observação acima pudemos perceber que as transformações em um gênero ocorrem também por influência de outros gêneros, produzidos em outras atividades humanas. Nenhuma atividade – nenhum gênero, portanto – é estanque e isolado.**

Os 8 tópicos acima, resumem, de um ponto de vista atual, as principais observações/análises/conclusões de uma pesquisa pequena, com aportes teóricos reduzidos e recortes demasiadamente pequenos dos fenômenos linguísticos, características típicas de uma Iniciação Científica. Porém, tais apontamentos formaram um conjunto de compreensões essencialmente duais dos fenômenos linguísticos. Afirmo que são duais porque, ao prestar atenção nos aspectos da vida social, linguística e ideológica que mais me chamaram atenção (e continuam saltando aos meus olhos quando atualmente os direciono para um fenômeno linguístico na internet), o negrito que imprimo é

---

<sup>79</sup> Consideramos, na época, que esse jogo é similar ao antigo Super-Trunfo, o qual exigia que os participantes estivessem face a face para mostrar suas cartas e valores durante o jogo.

sempre para aqueles aspectos que apresentam a irregularidade, tanto nos fenômenos linguísticos e comportamentos sociais dos falantes, quanto na decisão pelas teorias e conceitos utilizados para compreendê-los.

Criatividade e imaginação linguísticas dos sujeitos frente à alteridade (tópicos 1, 2 e 3); flexibilidade de acesso às tecnologias conquistada via apropriação dos instrumentos e ferramentas, independente das características socioeconômicas concretas dos sujeitos (tópico 4); compreensão positiva, crítica e situacional da língua pelos sujeitos e uma apropriação mais livre e íntima da língua (tópico 5); reconstrução de conceito de gêneros do discurso como ferramenta de análise dialógica (tópico 6) e como fenômeno dialógico (tópico 7) vivo e inter-relacional (tópico 8). São compreensões que revelam o meu encantamento sempre por aquilo que, na língua, escapa, que não é regular, ou seja, aqueles aspectos que atuam a partir de uma força que expande, em contrapartida as regularidades dos fenômenos linguísticos quase sempre evidentes e passíveis de serem demonstrados também por conceitos e teorias que centralizam e amarram tais regularidades em sistemas quase sempre herméticos.

Esse será o tom do meu olhar para os exemplos escolhidos para essa tese, o qual dificulta a denominação de “análises” do que irei realizar neste capítulo. Até agora eu possuo uma contextualização (apresentada nos quatro primeiros capítulos), uma teoria enunciativa sobre a linguagem (reconstruída no quinto capítulo) e dois conjuntos de fenômenos (apresentados e justificados ao final do quinto capítulo e descritos nos anexos 1 e 2). No entanto, foram inúmeros os fenômenos com os quais me deparei e guardei durante os últimos anos. Escolhi alguns desses fenômenos para exemplificar a tese da reemergência dos sujeitos.

Desse modo, o objetivo aqui não é exaurir a análise, mas chamar a atenção para como os sujeitos se apropriam das ferramentas para fazer circular informações e travar lutas ideológicas dentro dos signos.

Vale ressaltar que eu não realizarei nenhuma historiografia das ferramentas da internet, como comumente se faz nas dissertações e teses sobre a virtualidade<sup>80</sup>. Ou seja, irei tratar de enunciados

---

<sup>80</sup> Muitas historiografias já existem. Algumas delas que irei utilizar aqui podem ser encontradas, por exemplo, em Spyer (2007) e Recuero (2009).

publicizados nas ferramentas disponibilizadas pelos sites twitter.com e facebook.com e todas as definições e contextualizações dessas ferramentas pertinentes para meu projeto de dizer serão trazidas por demanda.

Os enunciados do primeiro bloco do corpus (Anexo 1) serão utilizados no primeiro momento, não na ordem descrita por suas numerações, mas recuperados sozinhos ou em conjunto em um trabalho mais de provocação do que de detalhamento analítico de suas características e aspectos, preparando o terreno para o trabalho que será realizado com o segundo bloco (Anexo 2), este sim mais focado no funcionamento do conceito gêneros do discurso e de outros conceitos nele imbricados.

## **Primeiro Bloco – Provocações.**

### **Provocação A - Enunciados 10, 11 e 12**

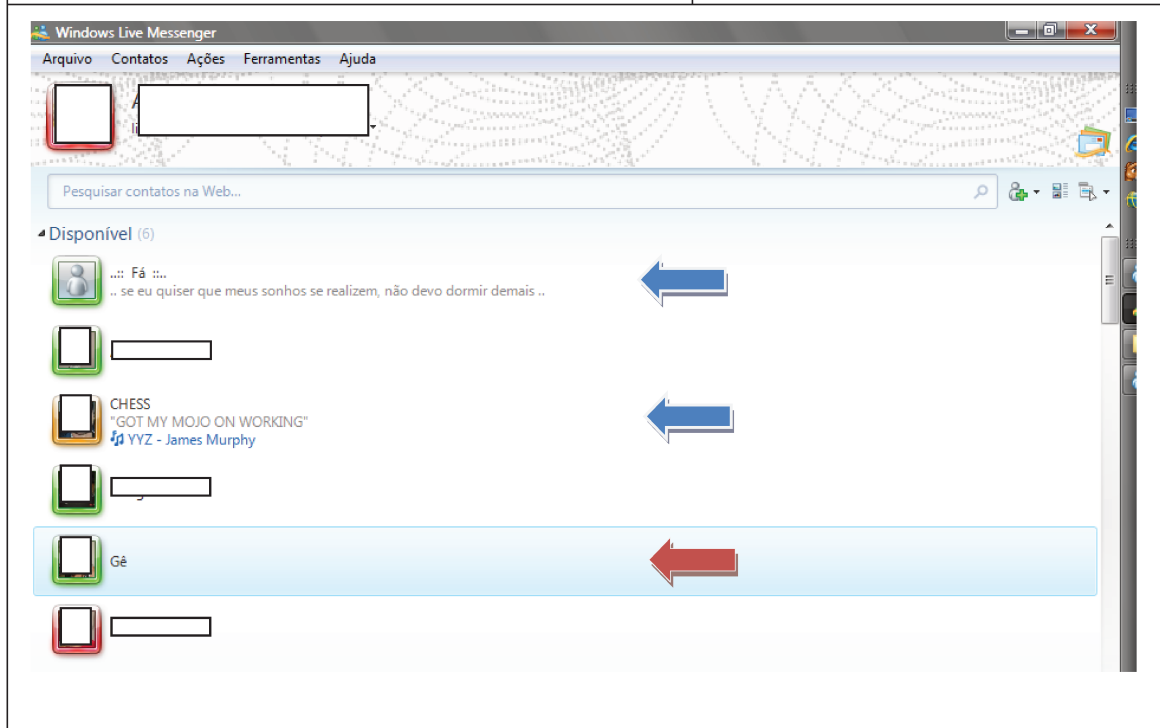
Ao acessar o software MSN Messenger, programa de mensagens instantâneas criado pela Microsoft Corporation<sup>81</sup>, em 23 de março de 2009, me deparo com uma saudação inusitada da usuária “Gê”. O espaço em seu perfil que normalmente aparecia em branco, como no enunciado 11 (apontado pela seta vermelha), ou apresentando automaticamente a música que se ouve no computador, como no exemplo do perfil do usuário “CHESS”, ou ainda com uma mensagem pessoal, como no exemplo do perfil da usuária “Fá” (ambos presentes na imagem que traz o enunciado 11, apontados pelas setas azuis), apareceu neste dia preenchido com o link completo de uma reportagem publicada no site CartaCapital (conforme mostra as imagens dos enunciados 11 e 12), que tratava de assuntos relacionados a profissão da usuária: Assistente Social<sup>82</sup>. O tema do texto, na época, era as pautas de reivindicação dos profissionais de assistência social funcionários públicos do Estado de São Paulo, categoria na qual a usuária se enquadra.

---

<sup>81</sup> “O MSN Messenger é um programa interpessoal de comunicação instantânea que permite aos seus usuários conversar, visualizar e interagir de diferentes maneiras, em tempo real, com pessoas de qualquer parte do mundo.” (FERREIRA; RUAS, s/d). Disponível em <<http://www2.dcc.ufmg.br/disciplinas/ii/ii05-1/seminario/messenger.pdf>>. Acessado em 06/03/2014.

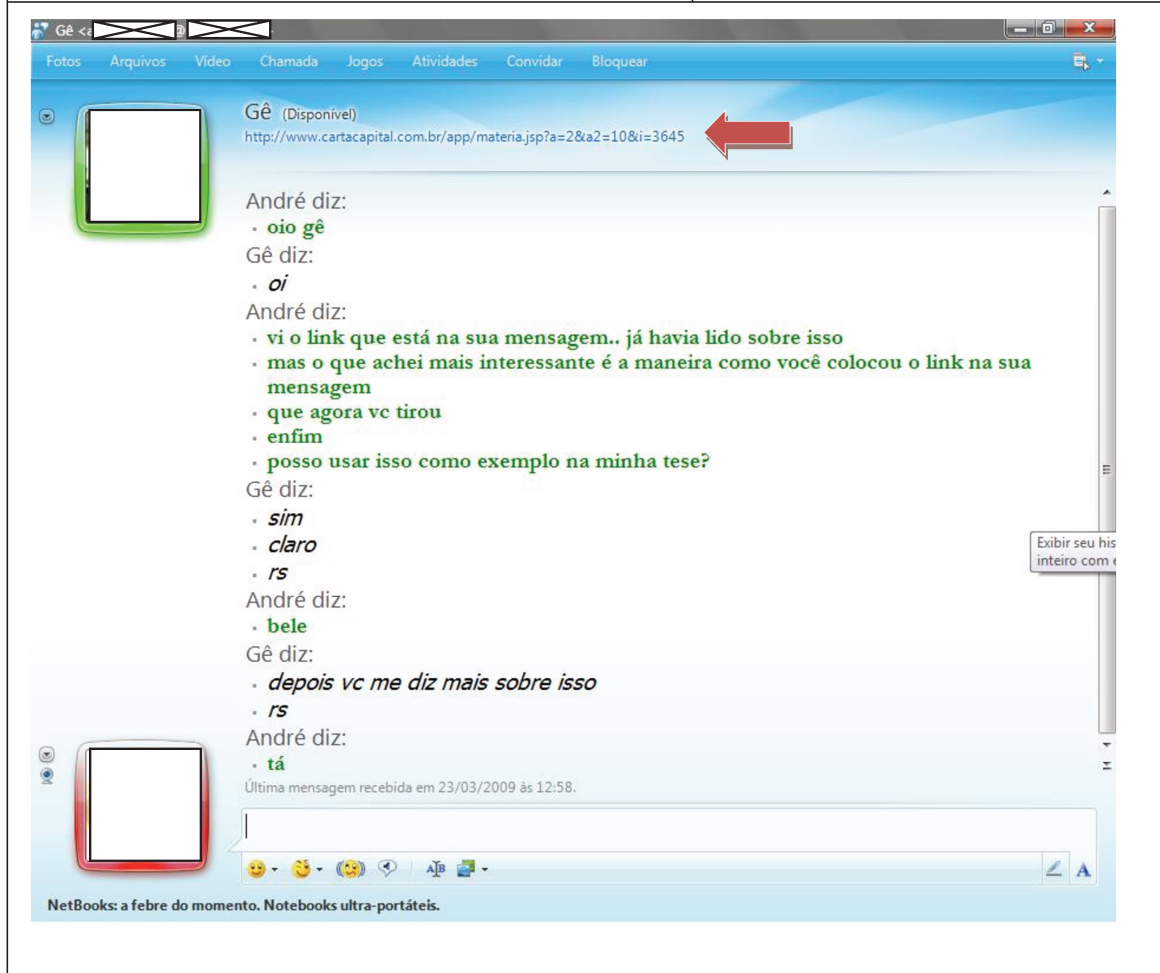
<sup>82</sup> O link da reportagem não está recuperável atualmente. O endereço do site é <[www.cartacapital.com.br](http://www.cartacapital.com.br)>. A definição contida no endereço eletrônico é a seguinte: “CartaCapital: Alternativa ao pensamento único da imprensa brasileira, CARTACAPITAL, publicada pela Editora Confiança, nasceu calcada no tripé do bom jornalismo baseado na fidelidade à verdade factual, no exercício do espírito crítico e na fiscalização do poder onde quer que se manifeste.” Acessado em 06/03/2014.

Nº #11	Título do enunciado (autor e tema)	
Gê e o MSN		



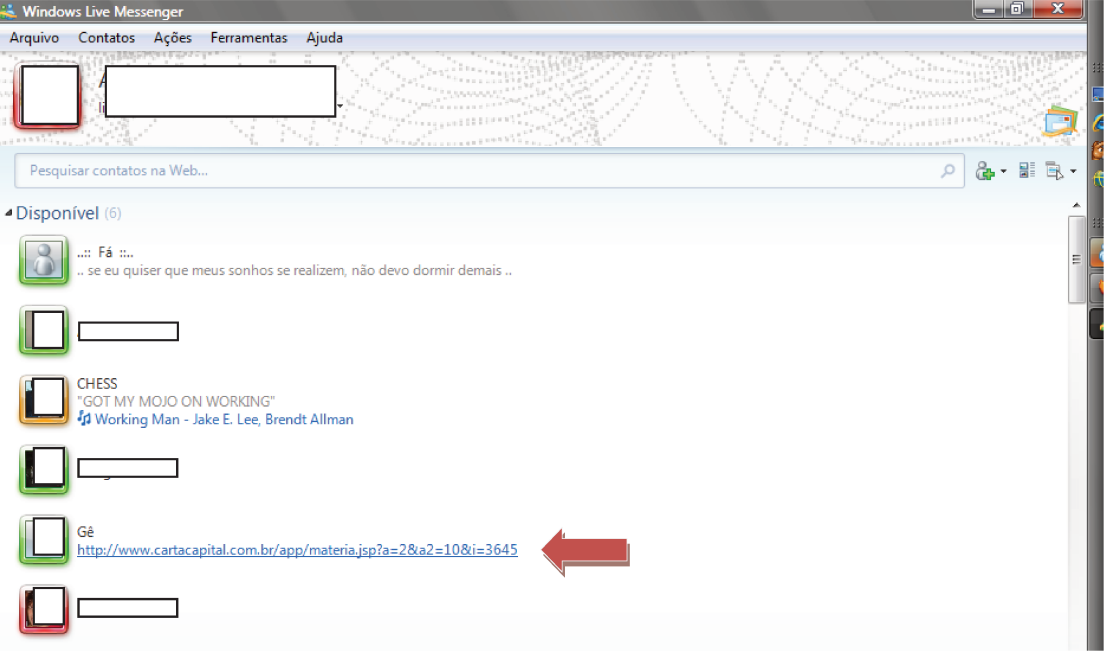
Disponibilizado em 23/03/2009, 12:59, pela própria autora e capturado por meio da técnica *Print Sreen*.

Nº #10	Título do enunciado (autor e tema)
Gê e o MSN	



Disponibilizado em 23/03/2009, 12:59, pela própria autora e capturado por meio da técnica *Print Screen*.



Nº #12	Título do enunciado (autor e tema)	
Gê e o MSN		
 <p>The screenshot shows the Windows Live Messenger interface. At the top, there is a menu bar with 'Arquivo', 'Contatos', 'Ações', 'Ferramentas', and 'Ajuda'. Below the menu is a search bar labeled 'Pesquisar contatos na Web...'. The main area displays a list of contacts under the heading 'Disponível (6)'. The contacts listed are:     <ul style="list-style-type: none"> <li>...: Fã ...</li> <li>.. se eu quiser que meus sonhos se realizem, não devo dormir demais ..</li> <li>CHESSE</li> <li>"GOT MY MOJO ON WORKING"</li> <li>Working Man - Jake E. Lee, Brendt Allman</li> <li>Gê</li> <li><a href="http://www.cartacapital.com.br/app/materia.jsp?a=2&amp;a2=10&amp;i=3645">http://www.cartacapital.com.br/app/materia.jsp?a=2&amp;a2=10&amp;i=3645</a></li> </ul>     A red arrow points to the contact 'Gê' and its associated URL.   </p>		
<p>Disponibilizado em 23/03/2009, 12:59, pela própria autora e capturado por meio da técnica <i>Print Sreen</i>.</p>		

Os enunciados 10, 11 e 12 iniciam essas exemplificações porque demonstram, em uma ferramenta que não existia entre 2001 e 2003 (e que não existe mais desde abril/maio de 2013)<sup>83</sup>, algumas das características apontadas naquelas observações iniciais sobre as conversas nas salas de bate-papo virtual.

<sup>83</sup> A data de encerramento das atividades não é exata, e diversas fontes apontam o primeiro trimestre de 2013 como o final do MSN, apesar de algumas reportagens apontarem o dia 30 de abril de 2013, como texto publicado pelo portal UOL (Disponível em <<http://tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2013/04/30/msn-acaba-oficialmente-no-brasil-nesta-terca-feira-conheca-as-funcoes-do-skype.htm>>. Acessado em 06/03/2014. O MSN Messenger foi incorporado a ferramenta Skype (comprado pela empresa Microsoft), inicialmente construído para ser uma ferramenta de troca de mensagens de voz por IP.

Preencher um espaço que historicamente era utilizado pelos seus usuários para recompor gêneros como “saudação pessoal”, “divulgação de informações pessoais”, “citação de frases feitas” e “informações musicais automatizadas”, com uma referência a uma reportagem relativa a um assunto de seu trabalho, demonstra uma apropriação da ferramenta flexibilizando-a, com criatividade e imaginação linguísticas, impulsionando a reformulação do próprio espaço e, em alguns casos, da própria ferramenta<sup>84</sup>.

Afirmei, no capítulo teórico, que o estilo de um gênero se identifica pela diferença ou similitude com o estilo de outros gêneros (com os quais dialoga) e que o estilo individual resulta do diálogo do locutor com o estilo do gênero específico em que está enunciando. Disso resultaria dizer que o enunciado da usuária Gê nos exemplos 10 e 12 revela um estilo individual que dialoga com o estilo do gênero constituído no espaço disponibilizado pela ferramenta, por exemplo, pelos outros usuários (os enunciados dos usuários “CHESS” e “Fá”), os quais, por sua vez, seguem a corrente comunicacional, a cadeia de enunciados, mais ou menos dentro de um padrão histórico.

Expressando-me de outra forma, o que era historicamente comum na “composição” e no “estilo do gênero” até então naquele espaço, atuando em favor das Forças Centrípetas da língua, foi instabilizado pelo estilo individual do enunciado de Gê, promovendo uma reformulação de sua composição e, conseqüentemente, do seu tema. O tema atendia, na verdade, o foco do projeto de dizer de Gê: ao contrário de se descrever por meio uma frase feita sobre características pessoais ou ações do dia a dia, ou ainda, deixar que sua alteridade veja que tipo de música ouve no dia a dia, em seu perfil, a partir da referenciação de uma reportagem com informações e posições políticas específicas, mostrar-se com uma conscientização social e um engajamento político sobre os assuntos relativos a sua profissão.


A provocação é: Isso nos permite afirmar que, somente aquele link, naquele espaço daquela ferramenta, seja um gênero?

---

<sup>84</sup> Quando os usuários não conseguem reformular os espaços disponibilizados pelas ferramentas ou percebem que aqueles espaços não atendem mais aos seus projetos de dizer, trocam de ferramentas. Vários casos podem figurar como possíveis exemplos: a mudança de usuários da ferramenta disponibilizada pelo site Orkut.com para a ferramenta disponibilizada pelo site facebook.com. Ou ainda as mudanças relativamente rápidas entre as ferramentas iRC, ICQ, MSN Messenger e Skype, já descritas anteriormente.

## Provocação B - Enunciado 1

No enunciado 1, @tuliovianna, usuário com perfil no site twitter.com, se apropria de uma reportagem da Folha de São Paulo<sup>xxii</sup> citando-a:

Nº #1	Título do enunciado (autor e tema)	Reprodução textual
@tuliovianna e a Folha de São Paulo.		
		“Prefeitura de SP faz cruzada homofóbica no Parque do Ibirapuera: <a href="http://www1.folha.uol.com.br...">http://www1.folha.uol.com.br...</a> ”
Disponível em: <a href="http://twitter.com/tuliovianna/status/4682468054">http://twitter.com/tuliovianna/status/4682468054</a>		

A primeira observação que julgo pertinente é o diálogo presente no trecho “Prefeitura e SP faz cruzada homofóbica no Parque do Ibirapuera” com a **entrada** da reportagem citada pelo autor “Parque do Ibirapuera, em SP, faz blitz contra atos obscenos”.

Segundo Campos (2014), a notícia usada como informação, no jornalismo, tem duas partes muito claras: Entrada e Corpo. "A entrada, ou lead, informa resumidamente o que aconteceu, com técnicas que visam "prender" a atenção do leitor para conduzi-lo ao corpo da matéria, onde o fato será explicado com mais detalhes e contextualização". E acrescenta que é "fundamental que se tenha um estilo claro, correto, conciso, sem nenhum gasto supérfluo de palavras".

Muitas são as orientações para se produzir um "bom lead", algumas chegam a dar receitas mais matemáticas como "ser tão conciso quanto possível", “procure não ultrapassar cinco linhas de 70 toques (lauda) ou de 80 toques (terminal de computador da Folha", ou mais interacionistas como

"sintetizar a notícia de modo tão eficaz que o leitor se sinta informado só com a leitura do primeiro parágrafo do texto". A compreensão comum dos gêneros jornalísticos que possuem a **entrada** é a de que ela precisa responder ao menos as perguntas sobre o texto "O quê?" e/ou "Quem?" e "Quando?", deixando para que o texto responda "Onde?", "Como?" e "Por quê?".

O trabalho estilístico do sujeito @tuliovianna incide de várias maneiras no estilo do gênero notícia, invertendo a estrutura das respostas às perguntas básicas que um lead precisa ter.

Lead da Folha de São Paulo:	<b>Quem?</b>	<b>Onde?</b>	<b>Como? e O que?</b>
	Parque do Ibirapuera	em SP	faz blitz contra atos obscenos
Enunciado de @tuliovianna	<b>Quem?</b>	<b>O que? e Como?</b>	<b>Onde?</b>
	Prefeitura e SP	faz cruzada homofóbica	no Parque do Ibirapuera

Ao trocar o sujeito da ação de “Parque do Ibirapuera” para “Prefeitura e SP”, o enunciador modifica o responsável pela ação que se está noticiando. Ao modificar a ordem de resposta às perguntas “O que? e “Como?”, o enunciador reforça de forma mais direta a classificação do ato realizado como homofobia. O enunciador recoloca o “Parque do Ibirapuera” como local, e não como agente da ação, ao mudá-lo para o final de sua estrutura textual. Ao mesmo tempo que o trabalho estilístico do enunciador mantém uma estrutura textual historicamente consolidada para esta parte do gênero notícia, a modifica sutilmente, construindo em seu enunciado uma das várias pretensões de seu projeto de dizer: denunciar a homofobia de uma ação da prefeitura e da cidade de São Paulo em um local específico.

A segunda pretensão, “denunciar o jornal Folha de São Paulo por tentar encobrir uma ação preconceituosa da prefeitura e da cidade de São Paulo”, é conquistada pelo enunciador no trabalho estilístico em conjunto com a não utilização das formas clássicas de citação (discurso direto, indireto, indireto livre). O autor não cita o nome do autor do texto do jornal. O jornal é citado dentro do seu próprio enunciado, após os dois pontos. O autor poderia ter escolhido reduzir o link e esconder o nome

do jornal<sup>85</sup>, mas não o fez, decidindo marcá-lo explicitamente, mesmo que isso tenha prejudicado a totalidade do link. Ao fazer isso, ao declarar o diálogo e expor abertamente a crítica, expôs o leitor de seu texto, que poderá ser um leitor do texto que cita, suas considerações ideológicas específicas sobre o tema de seu enunciado, que compreende o próprio assunto da reportagem e sua posição em relação a como o jornal tratou do assunto.

Ao trabalhar com o estilo do gênero, o enunciador instabiliza uma série de outras características do gênero, sua composição formal, mas, principalmente, seu tema. Todas essas estratégias buscam, em última instância, revestir a reportagem citada de outros sentidos, pelo movimento de novos temas (“cruzada” e “homofóbica”) sobre as significações já existentes (“blitz” e “atos obscenos”). O enunciador pretende provocar no leitor uma carga de contrapalavras específicas para encarar o texto da Folha, caso decida clicar no link e lê-lo.

### **Provocação C - Enunciados 3 e 4**

A redução de link nos enunciados 3 e 4 revela que para os projetos de dizer da enunciadora @FláviaGalindo não há informação relevante no próprio link. A estratégia do RT<sup>86</sup> ressalta mais o enunciador anterior que enviou o link do que o próprio link.

Por cortesia, aquele que repassa a mensagem, credita o usuário que a enviou incluindo o nome dele ao texto. Dessa forma, dentro da economia informacional do Twitter, uma pessoa pode ganhar visibilidade e reputação - e seguidores - garimpando e chegando primeiro a notícias relevantes.


Esse não é o único valor do RT. É possível medir o impacto de uma mensagem de várias maneiras: você pode acompanhar a quantidade de vezes que um endereço eletrônico é repassado ou aberto e pode também monitorar palavras-chave.


---

<sup>85</sup> “O limite de 140 caracteres foi estabelecido para facilitar a publicação usando o SMS - mensagem de texto enviada pelo celular que, por convenção, tem 160 caracteres (O Twitter diminuiu o tamanho da mensagem de 160 para 140 caracteres para caber, junto com o texto, o nome de usuário do remetente.). Quando o serviço foi lançado nos Estados Unidos em 2006, pouca gente tinha celular com conexão banda larga e o SMS permitia que o usuário atualizasse a sua página no Twitter sem precisar do computador. Como endereços de páginas na Web geralmente são grandes, a necessidade de se economizar espaço nas mensagens abriu a oportunidade para o desenvolvimento de serviços de redução de links - chamados “encurtadores de URL”. No Brasil, o mais conhecido é o migre.me.” (SPYER, 2006:24).

<sup>86</sup> Uma das diferenças do Twitter em relação a outros sites de rede social é que, além de promover relacionamentos, o serviço também estimula a troca de informações entre seus participantes. O ato de repassar conteúdo é tão natural que os usuários adotaram um nome para isso: retuitar ou RT (SPYER, 2006:28).

A partir desses serviços é possível acompanhar e medir o que as pessoas estão conversando, se é um produto novo, um candidato ou uma notícia. Também é possível identificar quem são as pessoas com poder de influência para determinados segmentos de público (SPYER, 2014:30).

Nº #3	Título do enunciado (autor e tema)	Reprodução textual
@FláviaGalindo e o RT		
		<p>“Acho que por aqui, ninguém lembra da vaca preta do Sem Nome RT @LeoBraganca Na onda da #Mesbla, a volta do sorvete Sem Nome http://tr.im/CoNy”</p>
Disponível em: <a href="http://twitter.com/flaviagalindo">http://twitter.com/flaviagalindo</a>		

Nº #4	Título do enunciado (autor e tema)	Reprodução textual
@FláviaGalindo e o RT		
		<p>“Ótima essa RT @rosana Regras, normas..ninguém aceita +.Nem da Globo -@danielkastro – http://bit.ly/jL4rO”</p>
Disponível em: <a href="http://twitter.com/flaviagalindo">http://twitter.com/flaviagalindo</a>		

O enunciado 4 é, no que diz respeito a organização das alteridades explicitadas, mais confuso do que o enunciado 3. Não dá para saber se o interlocutor @danielkastro é o interlocutor direto do enunciado de @rosana, que está sendo citada no enunciado de @FláviaGalindo, ou do enunciado da própria @FláviaGalindo. Provavelmente essa é uma situação apenas resolvível entre eles que, no contexto imediato da interação, devem ou não ter compreendido tais direcionamentos.

A relevância dessa situação está na relativização do que afirmou Spyer (2014) na nota anterior. Se o que ele chamou de “economia informacional” é tão importante assim entre os usuários do twitter, como lidar com o ambiguidade específica do RT do enunciado 4?


Será que a estratégia estilística de referenciar os interlocutores, tanto os que originam a informação, por meio do RT, ou os que seriam os destinatários diretos, mesmo que públicos, do enunciado, revelam uma valoração específica para cada um deles, ou em determinadas interações isso importa pouco?<sup>87</sup>

## **Provocação D - Enunciado 2**

Enquanto o RT parece se apresentar como um “re” de repetição, utilizado para se repetir o texto que já existe, exatamente como é, o uso de estratégia de citação (via @...), presente no enunciado 2, parece querer dar a atender que aquilo que vem pela discussão “via” alguém, é algo vivo, vem por uma via, e via é para o que se movimenta.

---

<sup>87</sup> No início dos estudos sobre o twitter no Brasil e no mundo muitas perguntas pipocavam. Os quatro posts realizados em 2008 e 2009 pela pesquisadora de redes sociais Raquel Recuero em seu blog revelam os questionamento sobre o que era o twitter e para que servia, ou melhor, como as pessoas estavam se apropriando daquela ferramenta. Os post traziam perguntas como “RTs são conversacionais?”, “RTs são formas de difusão de informação?”, “RTs são focados em capital social?” e “O Twitter é microblogging?”, para tentar construir compreensões como “O Twitter é conversacional, mas não só isso”. Todos os posts disponíveis em <<http://www.raquelrecuero.com/arquivos.html>>. Acessado em 14/03/2014.

Nº #2	Título do enunciado (autor e tema)	Reprodução textual
@pedrox e o Jornalismo		
		<p>“O que é o Jornalismo em Tempo Real? – <a href="http://migre.me/9tSa">http://migre.me/9tSa</a> (via @inexato)”</p>
<p>Disponível em: <a href="http://twitter.com/pedrox/statuses/5016115758">http://twitter.com/pedrox/statuses/5016115758</a></p>		

O que estou tentando enfatizar é a tentativa de impor um movimento à palavra alheia da qual o enunciadador está se apropriando, em contraposição a outros tipos de citação, como por exemplo “sic” e “apud”, para as quais os trechos da crônica de Mario Prata são interessantemente explicativos:

Impossível ler uma tese de cabo a rabo.

(...)

São chatíssimas. É uma pena que as teses sejam escritas apenas para o julgamento da banca circunspecta, sisuda e compenetrada em si mesma. E nós?

(...)

Toda tese fica no rodapé da história. Pra que tanto sic e tanto apud? Sic me lembra o Pasquim e apud não parece candidato do PFL para vereador? Apud Neto (Mário Prata)<sup>xxiii</sup>.

Se por um lado, a construção estilística “via” parece pretender se distanciar de estratégias formais como as utilizadas em gêneros específicos da esfera acadêmica (teses e dissertações, por exemplo), se comparadas as estratégias dos enunciados 3 e 4, a formalidade da construção parece ser maior do que quando se utiliza o RT, pois a preocupação em especificar corretamente a alteridade da



qual partiu a informação que se cita parece ser maior, além da própria construção estilística entre parênteses da citação ser mais parecida com as formas canônicas utilizadas pela esfera acadêmica.

Como já afirmado no capítulo 3, o gênero, seja ele qual for, pode oferecer melhor para a característica da *formalidade*, por exemplo, por causa de fatores como: locutor, o momento da locução, o rito da tomada da palavra, a definição de um auditório, etc. Assim, ao enunciar em um gênero específico, o locutor, de acordo com o seu projeto de dizer, pode realizar um trabalho com a *formalidade* para mais ou para menos.

Parece existir aqui, portanto, não somente a percepção de que seja possível trabalhar dentro de um gênero como a postagem de twitter em prol de mais ou menos formalidade, assim como é possível em qualquer gênero, mas de que a abertura desse gênero para a diversidade de estratégias estilísticas é maior do que se podia imaginar para uma ferramenta que só permite escrever textos de 140 caracteres.

### **Provocação E - Enunciados 8 e 9**

Esses exemplos foram escolhidos para demonstrar a disseminação de informações utilizando-se de sites de redes sociais.

Sites de redes sociais não são as Redes Sociais. Para Recuero (2009, 102), “sites de redes sociais são os espaços utilizados para a expressão das redes sociais da internet”. Esses sites não são exatamente um elemento novo, defende a autora, “mas uma consequência da apropriação das ferramentas de comunicação mediada pelo computador pelos atores sociais”.

Recuero (2009) descreve as várias formas de “capital social” construídas pelos “atores” nas redes sociais. Tanto os exemplos dados para o “capital social relacional” (informações difundidas rapidamente pelas redes com apelo relacional)<sup>88</sup> quanto os exemplos dados para o “capital social cognitivo” (informações difundidas nas redes sociais da Internet que possuem um apelo informacional

---

<sup>88</sup> “Um exemplo são os jogos de perguntas e respostas, como a “maldição do Coelho Frank” que surgiu junto aos *fatologs* brasileiros no final de 2006”, que, segundo Recuero, “o jogo funcionava para revelar informações absolutamente pessoais e voltadas para a exposição do indivíduo”, aproximando os interagentes, ampliando redes pessoais e estabelecendo níveis maiores de confiança entre seus atores. Ou seja, “o apelo é claramente de integração e estreitamento dos laços sociais” (RECUERO, 2009, 118-119).

maior, mais do que um caráter de aprofundamento do laço social)<sup>89</sup>, parecem tipificar o que está acontecendo nos enunciados 8 e 9.

Nº #8	Título do enunciado (autor e tema)	
Gladys e o Supermercado		
 <p>The screenshot shows a Facebook news feed. The main post is by Gladys Magalhães, titled "Família acusa supermercado de racismo contra criança em SP". The text of the post reads: "É muito triste que coisas assim ainda aconteçam ... Além disso, é revoltante! Menino de 10 anos contou que seguranças o fizeram tirar a roupa. Supermercado nega que tenha havido racismo e agressões físicas." A red arrow points to the post. The interface includes a search bar, navigation links (Página inicial, Perfil, Conta), and various sidebars for events, friends, and applications.</p>		
Disponibilizado em 29/01/2011, 20:43, pela própria autora e capturado por meio da técnica <i>Print Scree</i> n.		

<sup>89</sup> “Um exemplo é o caso das discussões que permearam muitos *blogs* a respeito da redução da maioria penal para 16 anos, ocorrida após uma criança ser morta arrastada por assaltantes que roubaram o carro de sua mãe” (RECUERO, 2009, 120).

Figura 7: Página gerada a partir do clique no link disponibilizado no enunciado 8<sup>xxiv</sup>



Nº #9	Título do enunciado (autor e tema)	
Renata, a música e o vídeo		
Disponibilizado em 01/04/2001, 21:34, pela própria autora e capturado por meio da técnica <i>Print Scren</i> .		

O enunciado 8 revela a difusão de uma informação que poderia estar relacionada com a construção de um “capital social cognitivo” com um apelo mais informacional, já que remete a uma informação publicada em um site de notícias, conforme revela a Figura 7. No entanto, a difusão da informação acessada pelo link por meio de uma postagem no site Facebook acompanha, na verdade, uma avaliação pessoal da enunciadora, o que poderia revelar um projeto de dizer que vai além do que simplesmente transmitir uma informação.

O que estou tentando afirmar é que, ao construir a mensagem da forma como construiu (sua posição explícita antes do link que leva a notícia tem quase o mesmo objetivo do enunciador do **enunciado 1**: incidir novos temas sobre as futuras leituras do texto que está linkando, criando para aquele texto memórias de futuro diferentes, muito vinculadas ao que ela imagina que seus interlocutores pensam de si, ou ao que gostaria que eles pensassem). A enunciadora estaria se afirmando frente a sua rede de amigos, portanto, um enunciado que possuiria também características de “capital social relacional”.

Tento chamar atenção aqui para vários problemas. O primeiro seria relacionado aos enunciados escolhidos pelos estudos que atualmente miram a difusão de informação na internet e possuem relevância para as teorias sobre economia informacional. Os estudos citados em Recuero (2009) se preocuparam com as publicações de enunciadores específicos, autores de blogs ou fotologs, enunciadores cuja existência está vinculada ao objetivo de produzir informação e divulgá-la na internet. Não é o caso da enunciadora do enunciado 8.

Também não é o caso da enunciadora do enunciado 9. Apesar de construir ali “capital social relacional”, como demonstram os comentários dos amigos de sua rede logo abaixo da postagem, esse enunciado não se caracteriza como uma replicação da publicação de um blog ou fotolog, criada especificamente com objetivo de se disseminar em larga escala nas redes sociais.

Outro elemento que é característico das redes sociais na Internet é sua capacidade de difundir informações através das conexões existentes entre os atores. Essa capacidade alterou de forma significativa os fluxos de informação dentro da própria rede. O surgimento da Internet proporcionou que as pessoas pudessem difundir as informações de forma mais rápida e mais interativa. Tal mudança criou novos canais e, ao mesmo tempo, uma pluralidade de novas informações circulando nos grupos sociais. Juntamente com essa complexificação, o aparecimento de ferramentas de publicação pessoal, tais como *weblogs*, *fotologs*, e mesmo o *YouTube*, por exemplo, deu força e

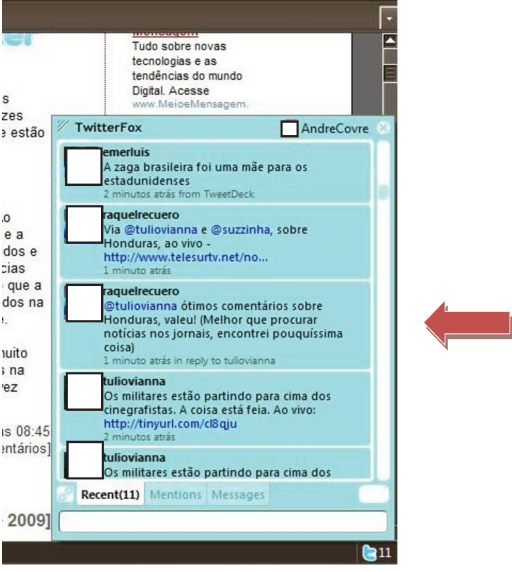
alcance para esses fluxos (adar & Adamic, 2005), ampliando a característica de difusão das redes sociais (RECUERO, 2009,0116).

A noção de que capacidade de difundir informações no contexto atual da internet mudou o fluxo de informações é mais ou menos generalizada, praticamente já transformada em senso comum, sobre a internet e suas relações com quantidade e velocidade da informação. Mas é difícil afirmar quais são os motivos concretos dessa mudança de fluxo e as suas consequências. Se “o surgimento da internet proporcionou que as pessoas pudessem difundir as informações de forma rápida e mais interativa”, como afirmado na nota anterior, porque não podemos compreender, olhando para os questionamentos que levantei sobre os enunciados 8 e 9, que são os sujeitos se aproveitando daquilo que a internet está proporcionando, se apropriando das ferramentas ao aprofundarem suas relações com as características de liberdade da língua, que incidem sobre as informações que disseminam, como no caso do enunciado 8, por exemplo?


O trabalho de Recuero (2009, 103) não nega a inversão da seta que estou tentando construir nessa discussão, já que afirma diversas vezes que os sites de redes sociais não são as redes sociais, mas “são os atores sociais, que utilizam esses sites, que constituem essas redes”. Mas também não esclarece que a responsabilidade por essas mudanças significativas nos fluxos de informações sejam dos sujeitos.

### **Provocação F - Enunciados 5 e 7**

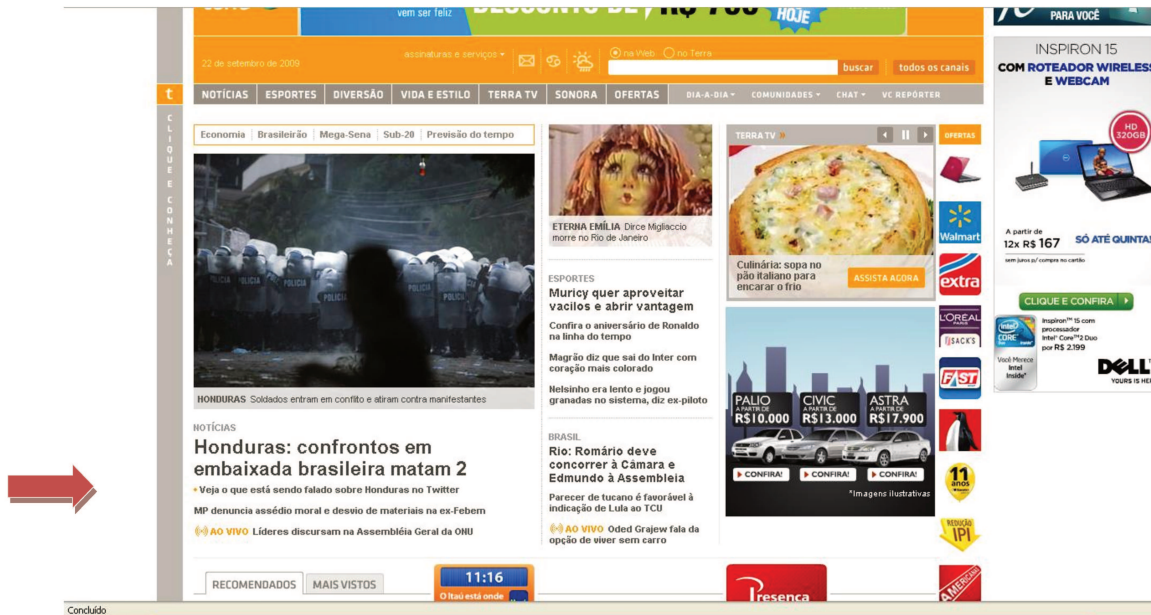
Apresento os enunciado 5 e 7 apenas para exemplificar a inversão do fluxo de informações discutidas anteriormente. A usuária do twitter @raquelrecuero enuncia (em 5) agradecimentos a outro usuário, @tuliovianna, pelos comentários sobre fatos relacionados a Honduras, e complementa realizando uma crítica indireta a mídia tradicional, denominada por ela de “jornais”.

Nº #5	Título do enunciado (autor e tema)	Reprodução textual
@tuliovianna, @raquelrecuero e Honduras		
		<p>“@tuliovianna ótimos comentários sobre Honduras, valeu! (Melhor que procurar nos jornais, encontrei pouquíssima coisa)”</p>
<p>Disponibilizado em <a href="http://twitter.com/tuliovianna">http://twitter.com/tuliovianna</a> e <a href="http://twitter.com/raquelrecuero">http://twitter.com/raquelrecuero</a>. Acessado em 28/06/2009, 16:25.</p>		

O enunciado 7, por sua vez, explicita o que os “jornais” estão publicizando sobre os mesmos fatos relacionados a Honduras. Segundo o usuário @thiagopriest, que cita utilizando RT o usuário @jpissin, o site do portal Terra está apenas reproduzindo as postagens dos usuários do twitter sobre os fatos relacionados a Honduras. Abaixo, é possível ver na figura 8 a página do site Terra com uma reportagem sobre os fatos relacionados a Honduras e, logo abaixo, apontado pela seta vermelha, o link para as postagens dos usuários do twitter. A figura 9 mostra o que se vê ao clicar no link, a lista de postagens, atualizada em tempo real.

Nº #7	Título do enunciado (autor e tema)	Reprodução textual
@thiagopriest, site terra e Honduras		
		<p>“RT @jpissin: #Honduras Site do terra coloca posts dos usuários do twitter para acompanhar a situação na embaixada brasileira #novasmidias</p>
<p>Disponibilizado em <a href="http://twitter.com/thiagopriest">http://twitter.com/thiagopriest</a>. Acessado em 28/06/2009.</p>		

**Figura 8: Site do portal Terra informando e linkando posts do site Twitter sobre o episódio político de Honduras<sup>XXV</sup>**



**Figura 9: Site do portal Terra reproduzindo posts do site Twitter sobre o episódio político de Honduras<sup>xxvi</sup>**



A Assembléia Geral das Nações Unidas (ONU) denominou de golpe militar em Honduras o movimento desencadeado pelo Exército, em cumprimento a um mandado de prisão emitido pelo Poder Judiciário, ao prender o presidente Manuel Zelaya na manhã de 28 de junho de 2009. Segundo Lima (2013),

Na imprensa brasileira, o golpe de 2009 foi apresentado como reação a uma suposta tentativa de Zelaya de se perpetuar no poder. As evidências disso eram fracas, mas este aspecto foi cada vez mais deixado de lado à medida que descobria-se, no Brasil, que Zelaya, então do Partido Liberal, de direita, era alinhado ao venezuelano Hugo Chávez. Diante dos indícios de “bolivarianismo”, alguns veículos brasileiros foram, aos poucos, deixando de usar o termo golpe. Outros proibiram de uma vez que seus jornalistas o fizessem. Hoje está claro que, como afirmou Dana Frank, professora de história da Universidade da Califórnia, em recente artigo na *Foreign Affairs*, o golpe não restaurou o Estado de Direito em Honduras, mas o derrubou e “marcou o início de um desastre de direitos humanos”. (LIMA, 2013)<sup>xxvii</sup>

Os contextos histórico e político descritos na nota explicam os questionamentos presentes no enunciado 5. Contudo, não deixa de ser provocador perceber como a mídia tradicional (que

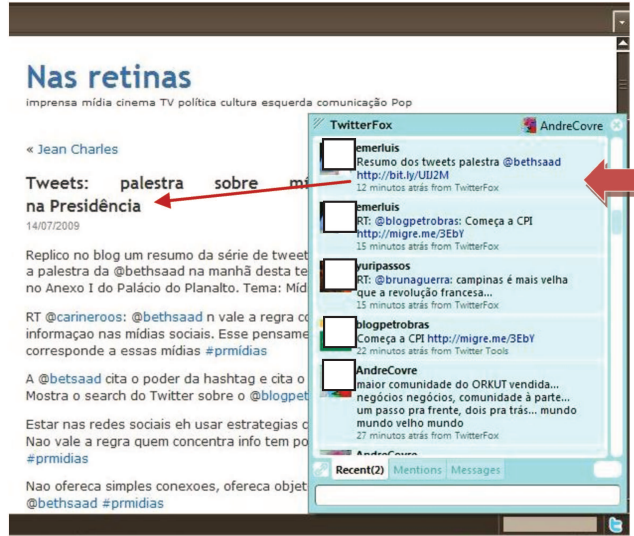


futuramente denominaremos de grande mídia monopolista privada) assumiu a inversão do fluxo de informações, conforme denunciado pelo enunciado 7 e exposto nas figuras 8 e 9.

A provocação é quase sempre a mesma: quem está provocando isso? O advento da Comunicação Mediada pelo Computador?

aquilo que está mudando profundamente as formas de organização, identidade, conversação e mobilização social: o advento da Comunicação Mediada pelo Computador. Essa comunicação, mais do que permitir aos indivíduos comunicar-se, amplificou a capacidade de conexão, permitindo que redes fossem criadas e expressas nesses espaços: as redes sociais mediadas pelo computador. Essas redes foram, assim, as protagonistas de fenômenos como a difusão de informações (...). Elas conectam não apenas computadores, mas pessoas. (Recuero, 2009, 17).

### Provocação G - Enunciado 6

Nº #6	Título do enunciado (autor e tema)	Reprodução textual
<p>@emerluis e a palestra</p>		<p><b>Reprodução textual</b></p>
		<p>“Resumo dos tweets palestra @bethsaad http://bit.ly/UIJ2M”</p>
<p>Disponibilizado em <a href="http://twitter.com/emerluis">http://twitter.com/emerluis</a>. Acessado em 14/ 07/2009, 16:51.</p>		

A provocação promovida pela presença do enunciado 6 é constituída por duas diferenças. A primeira é relacionada ao projeto de dizer que fundamenta o enunciador decidir publicar o conjunto de suas postagens no Twitter (resumo dos tweets) sobre a palestra promovida pela usuária @bethsaad. Para ele, faz sentido (porque imagina fazer sentido também para seus interlocutores) publicar o conjunto total de postagens como se fizessem parte de um único enunciado.

Como vimos, Bakhtin define enunciado como “unidade real da comunicação”. Os critérios que definem o enunciado, em Bakhtin, são: “alternância dos sujeitos no discurso, como limites precisos entre cada enunciado”, “conclusibilidade, que implica um projeto de dizer, uma exauribilidade e a escolha de uma forma-gênero” e a “relação entre o autor e os outros”.

Se cada uma das postagens sobre a palestra já atendiam a esses três critérios, antes de aglutinadas em sequência, ainda sim parece ser possível, ao menos para o enunciador de 6, definir o conjunto de postagens, aglutinadas e reconfiguradas em uma única postagem de blog, também como enunciado, atendendo aos mesmos critérios. Essa possibilidade pode se apresentar como uma das características de liberdade da língua com as quais os enunciadores aprofundam relações, se apropriam das ferramentas e reemergem como sujeitos na pós indúst-realidade.

O segundo conjunto de enunciados (Anexo 2) proporcionará aprofundamentos sobre essa possibilidade, assim como do fato de a ferramenta disponibilizada pelo site twitter.com não ter sido construída para proporcionar coberturas de eventos, mais ou menos na forma que o jornalismo tradicional faz, e que o usuário @emerluis parece ter tentado reproduzir e reconfigurar em 6. Essa é a segunda diferença.

## **Segundo bloco – Vai Começar, Ao vivo, ... o julgamento do recurso extraordinário sobre a obrigatoriedade do diploma de jornalismo**

Abaixo apresento uma sequência de postagens na ferramenta disponibilizada pelo site twitter.com que se apresentou como narração ao vivo do julgamento do Superior Tribunal Federal do recurso extraordinário sobre a obrigatoriedade do diploma de jornalismo, ocorrido no dia 16 de junho de 2009. Pretendo reconstruir a narração, desvelando como o enunciador aprofunda sua relação com características de liberdade da língua para se apropriar da ferramenta construída para objetivos diferentes para os quais está sendo utilizada nessa apropriação.

A sequência de 86 enunciados será subdividida atendendo as demandas das considerações que pretendo realizar. Nem todos os enunciados serão utilizados, mas estarão disponíveis na sua completude no Anexo 2.

Alguns estudos objetivaram analisar, descrever e definir os gêneros, os subgêneros, as sequências narrativas e outras características das narrações de futebol desde a tese de Rocha Filho (2007), e o fizeram utilizando-se de aportes teóricos diferentes, concepções de linguagem específicas, compreensões diversificadas do conceito gêneros discursivos, desmembrando-os em subgêneros dos quais seria possível extrair sequências narrativas específicas e regulares. Williams (2002, 5), por exemplo, afirma que a “locução de futebol” se baseia em três subgêneros discursivos, a narração, o comentário e a conversação, e concorda com Rocha Filho (1997), para o qual a narração futebolística é como uma “narrativa oral do gênero épico”. Teríamos aqui, então, uma das primeiras, se não a primeira definição de gênero para a “locução de futebol” presente na literatura.

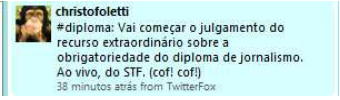
Santos (2012), em um pequeno artigo experimental, também nomeia a atividade enunciativa de descrever as ações de um jogo de futebol pela televisão de “gênero narração esportiva de futebol transmitida na televisão”, e utiliza as sequências narrativas propostas por Adam (2011, apud SANTOS, 2012) para caracterizar trechos das narrações, porque, segundo ela

a abordagem proposta por Adam (2011) acerca das sequências textuais vem, propositalmente ou não, tornar mais aplicável ou instrumentalizável a noção bakhtiniana de composicionalidade. É importante dizer que não estamos considerando aqui que os gêneros apresentem uma estrutura textual engessada, já que, como apontado, corroboramos a ideia de Bakhtin de que esses gêneros se transformam com o tempo. Assim, ressaltamos que a cristalização de uma estrutura composicional pode ocorrer em um dado momento da história<sup>4</sup> (até porque está mais sujeita a isso), o que

não significa que ela não possa ser alterada em decorrência de injunções sócio-históricas. (SANTOS, 2012, 5)

Ou seja, para a autora, a ideia de “plano de texto” proposta por Adam (2011, apud Santos, 2012), possuiria relações com a noção de “cristalização” provisória da forma composicional de um gênero e que, “por meio desses planos de texto identificaríamos quais sequências textuais seriam mais comuns a cada gênero”, permitindo o reconhecimento mais fácil de um determinado gênero.

Dos estudos que encontrei, algumas das afirmações desses autores contribuirão como comparação para mostrar similitudes e diferenças, mais do que para comprovar ou desaprovar o conceito gêneros do discurso que reconstruí no capítulo teórico, porque possuem diferenças, apesar possuir proximidades na fundamentação<sup>90</sup>.

#13	 <p>christofoletti #diploma: Vai começar o julgamento do recurso extraordinário sobre a obrigatoriedade do diploma de jornalismo. Ao vivo, do STF. (cof! cof!) 38 minutos atrás from TwitterFox</p>	“#diploma: Vai começar o julgamento do recurso extraordinário sobre a obrigatoriedade do diploma de jornalismo. Ao vivo, do STF. (cof! Cof!)”
-----	--	---

O enunciado 13 nos propicia a oportunidade de verificar a abertura da transmissão. Como apontado por Williams (2002, 243) as sequências de início de narração “são um anúncio de que o jogo vai começar ou acabou de começar”, passível de receber, na grande maioria dos casos, sequências declarativas como “começa a copa do mundo”, “autoriza o árbitro” ou “começa o grande mundial” e talvez, sequências descritivas como “a última copa deste século” e sequências injuntivas como “vamos lá”, “atenção, público brasileiro”, enfim, formas de inserir o público no discurso.

Se comparados três inícios de três narrações de jogos em diferentes momentos da copa de mundo de 1998, analisados por Williams (2002), verifico a existência de uma leve variação de formalidade entre elas, que pode ser útil para compreender o enunciado 13.

Exemplo 1: Silvio Luís, ao início do primeiro jogo da Copa, na abertura, em clima de festa, enuncia “aCERrte o som aí que eu vou aRREdondar aQUI’ coMEça a COPa do MUNdo:: Vamos em BUSca do PEN:ta:::”.

---

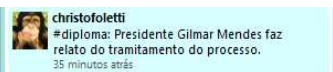

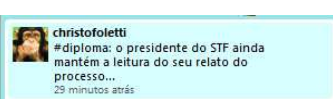
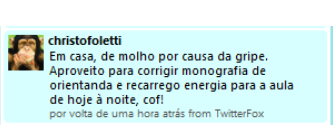
<sup>90</sup> Vimos que a maior parte, senão todas as abordagens do conceito de gêneros discursivos se apropriam, em maior menor grau, do pensamento do Círculo de Bakhtin.

Exemplo 2: Prieto, outro narrador, ao início de um jogo mais decisivo, de quartas-final, para decidir a permanência de uma das seleções na copa, enuncia “AU:toriza o ÁRbitro’ coMEça: iTÁlia e FRAN:ça pra você QUARtas de fiNAL da copa do MUNdo”.

Exemplo 3: Galvão Bueno, ao início do jogo final, a última disputa, para decidir o campeão, enuncia: “Vamos lá’ vai autorizar o senhor Said Belqola’ vai mexer na bola a França’ vai começar a GRANde decisão da Copa do Mundo em noventa e oito’ a França tentando o seu primeiro título um título inédito’ o Brasil atrás do penta’ é o Brasil rumo ao penta: AUTORIZA O ÁRBITRO’ MEXEU NA BOLA’ começa o jogo’ mexe na bola o time francês”

Temos então, enunciada por @christofoletti, a abertura da transmissão. Nota-se a incorporação de sequências declarativas em “Vai começar” e “Ao vivo, do STF”. O enunciador sugere a forma composicional do gênero em que se está se inserindo, ou seja, uma narração do tipo futebolística. Faz isso sem sequências injuntivas, apenas descritivas “o julgamento do recurso extraordinário sobre a obrigatoriedade do diploma de jornalismo”, dando um aspecto mais formal a sua abertura, pois é jogo (julgamento) de decisão, a decisão final do Superior Tribunal Federal, aproximando seu texto do exemplo enunciado por Prieto.

No entanto, o trecho “(cof! Cof!) indicia uma quebra nesse formalismo, provocando ao leitor para a possibilidade de que, em alguns momentos, a narração possa ser mais do tipo “Silvio Luis” e “Galvão Bueno” do que “Prieto””.

#14		“#diploma: Presidente Gilmar Mendes faz relato do tramitamento do processo”
#15		“#diploma: estão narrando também esse julgamento o @rwmídias, o @cvalente e @comunique-se, pelo menos... sigam-nos! (cof! cof! cof! cnif!)”
#16		“#diploma: o presidente do STF ainda mantém a leitura do seu relato do processo...”
#17		“#diploma: Em casa, de molho por causa da gripe. Aproveito para corrigir monografia de orientanda e recarrego energia para a aula de hoje à noite, cof!”

O se inserir em um gênero socialmente instituído, historicamente mais estável, como uma narração de futebol, o enunciador também mostra ao interlocutor que a conclusibilidade de seu enunciado está distante, esperando o final da partida, ou melhor, do julgamento. Isso institui, também, apesar de não apresentar uma sequência injuntiva, a relação dos interlocutores com seu enunciado: que ele (enunciador) terá o turno (ou os turnos maiores), demarcando o espaçamento entre os sujeitos e suas possíveis alternâncias.

Para este enunciador, nesta situação concreta de comunicação, em relação ao assunto (considerações semânticas para essa forma-gênero), o seu enunciado será o conjunto das postagens que irá publicar até o final do julgamento (jogo) e não cada uma de suas postagens na ferramenta do site twitter.com. O enunciador @christofoletti evidencia a apropriação da ferramenta já demonstrada no enunciado 6, porém, com uma diferença.

Lá, o enunciador decidiu que iria agregar os enunciados proferidos durante a palestra como um único enunciado ao término de sua ‘cobertura’. Aqui, essa decisão é fundante desde o início, determinando, por exemplo, que poucos interlocutores deverão inserir informações durante esta interação, o que é comum no gênero na medida em que o narrador autoriza o momento do outro tomar o turno, algo que se verificará flexibilizado na sequência total dos enunciados.

Por outro lado, conforme notou Williams (2002, 244), ao perceber que o marco do início do jogo é, em geral, bastante breve, “nota-se que há muitas vezes uma introdução ao “início” do jogo para aumentar a expectativa do ouvinte e apresentar o narrador principal.” A introdução aqui é mais narrativa do que descritiva nos enunciados 14 “Presidente Gilmar Mendes faz relato do tramitamento do processo” e em 16 “o presidente do STF ainda mantém a leitura do seu relato do processo...”, mas intercalada por enunciados bastante diferentes, como o 15 “estão narrando também esse julgamento o @rwmídias, o @cvalente e @comunique-se, pelo menos... sigam-nos! (cof! cof! cof! cnif!)” e o 17 “Em casa, de molho por causa da gripe. Aproveito para corrigir monografia de orientanda e recarrego energia para a aula de hoje à noite, cof!”.

Por causa das interpelações, injunções, expressões metafóricas e efeitos prosódicos realizados pelos locutores brasileiros, observa-se, desde o início do jogo, uma predisposição muito maior do envolvimento deles com o ouvinte. Algumas incursões da primeira pessoa do singular, quando o locutor se dirige a seu público, criam uma certa “intimidade” com ele.

(...) quando Sílvio Luís, no primeiro exemplo, diz “eu vou arredondar aqui”. O dêitico “aqui” coloca o ouvinte mais próximo ao lugar onde o locutor está (Williams, 2002:246).

Os enunciados 15 e 17 cumprem um pouco essa função, mas de forma diferente. O enunciado 15 faz uma espécie de propaganda de outros narradores e convoca seus interlocutores para seguir todos, algo impossível na narração tradicional televisiva, onde somente é possível assistir ao jogo em um único canal e ouvir uma única narração.

Usar o controle remoto para trocar canais, eis a caricatura desta liberdade vigiada, regulamentada, normalizada, em que nos isolamos numa suposta interioridade de leitores-expectadores condenados a ler o mesmo e sua reprodução nas inúmeras novidades que as programações de televisão oferecem, seja esta novidade a passagem veloz de um fragmento de notícia para outro, deslocando-nos todas as noites pelo mundo sem que dele aprendamos a história de sua construção, seja esta novidade o retorno cada vez mais insistente dos mesmos quadros, das mesmas estruturas, dos mesmos risos sobre os mesmos estereótipos, quase sempre preconceituosos. Na idade da mídia, a relação com o aparelho de tevê talvez seja a melhor síntese do isolamento do sujeito, apertado pelos círculos que o individualizam e que simultaneamente lhe exigem se regulado, igual aos outros e autêntico (GERALDI, 2003b:256).

Provocado pelas considerações de Geraldi sobre a mídia, e que eu quero caracterizar aqui como uma mídia da sociedade de Segunda Onda, pergunto-provoco-afirmo:

Essa situação não apresenta uma possibilidade contrária a da TV? Estou transmitindo aqui, e que eu saiba, muitos outros estão transmitindo por aí. Assista aqui e por aí, não somente porque o site twitter.com permite, mas porque muitos outros se apropriaram desta ferramenta neste momento para fazer o mesmo que eu.

Rocha Filho (1997), na tese que talvez tenha inaugurado os estudos sobre as narrações futebolísticas no Brasil, teceu considerações interessantes sobre a performance dos locutores de futebol, para o qual

a uma primeira relação de sincronismo entre o narrador, a narrativa e a plateia somava-se uma segunda relação de sincronismo, resultante das circunstâncias que envolvem um espetáculo narrado à viva voz” e chamou esse tipo de fenômeno de “Duplo sincronismo” (ROCHA FILHO, 1997:72)

Compreendo ainda, que a apropriação da ferramenta twitter, nesse caso específico, estaria *desisolando* os “leitores-expectadores” em, primeiramente, **leitores-participantes**, já que os outros que

estão cobrindo são, ao mesmo tempo, **leitores de @christofoletti e lidos por @christofoletti**, na medida em que uns seguem os outros e enunciam uns para os outros (e ambos para muitos outros), desestabilizando a perspectiva de manutenção da relação hierárquica clássica entre narrador e expectador de uma narração de futebol televisiva de uma mídia de Segunda Onda, para uma relação de **múltiplo sincronismo**, mesmo que cada um desses enunciadores mantenham o seus turnos por mais tempo e comentem pouco sobre as narrações dos outros.

Em segundo lugar, os enunciadores constroem textos que parecem demandar uma leitura não “fragmentada”, necessitada de uma atenção sobre a “história de sua construção”, de quadros diferentes enunciados por diferentes enunciadores ao mesmo tempo.

Ainda, nessa nova idade da mídia (de uma sociedade de Terceira Onda), não estamos nos possibilitando, por conta dessas apropriações múltiplas e simultâneas, a sair do duplo vínculo igual/autêntico e sermos ao mesmo tempo diferentes?<sup>91</sup>

O enunciado 17 é algo que dificilmente se verá em uma narração de jogo de futebol. Talvez seja possível encontrar uma piada bem comportada do narrador ou um comentário sobre a vida de algum jogador<sup>92</sup>, mas nunca uma exposição tão particularizada do narrador pelo próprio narrador, que precisa se apresentar, na mídia de Segunda Onda, quase como onipotente para sua tarefa.

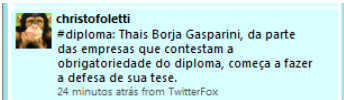

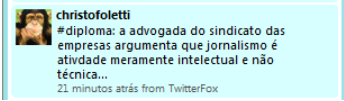
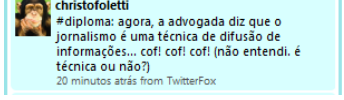
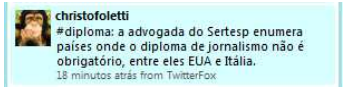

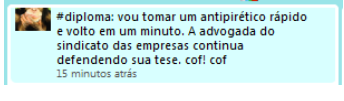
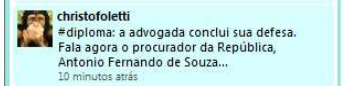
Enunciado que revela também as características de imposição de um estilo individual ao estilo do gênero, demonstrando que, ao mesmo tempo em que o enunciator se insere e aceita características histórias do gênero, as modifica, reconstruindo, nesse caso, o seu compromisso com a narração, misturado a outros compromissos, como corrigir monografia, descansar da gripe e se preparar para a aula que dará.

---

<sup>91</sup> Entre muitos outros duplos vínculos, como o primeiro promovido pela sociedade industrial apontado por Toffler (1995: 55): A clivagem entre estes dois papéis – produtor e consumidor – criou ao mesmo tempo uma personalidade dupla. Exatamente a mesma pessoa que (como produtor) era ensinado pela família, a escola e o chefe a adiar a recompensa, a ser disciplinado, controlado, comedido, obediente, a ser um jogador de equipe, era simultaneamente ensinado (como consumidor) a procurar recompensa imediata, a ser hedonista mais do que calculista, a abandonar a disciplina, a procurar prazer individualista.”

<sup>92</sup> Como nos exemplos do artigo de Santos (2012) “Amanhã à noite na festa da CBF no Rio será conhecida a seleção do Campeonato do Campeonato, o técnico do Campeonato, o árbitro, a revelação e o craque entre eles Hernanes, Kleber Pereira” ou Recebido pelo seu torcedor, que eu repito, é a grande maioria dos 20 mil torcedores aqui no Estádio do Bezerrão na cidade-satélite do Gama, em Brasília. Até o Hernanes, um dos indicados pra ser o craque do Brasileirão 2008. Ele, o Kleber Pereira, do Santos (Pausa/Torcida grita: “São Paulo!” sem parar) e o Alex, do Internacional”, caracterizados como descritivos e explicativos, respetivamente.

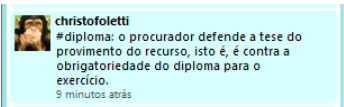
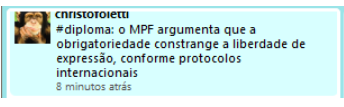
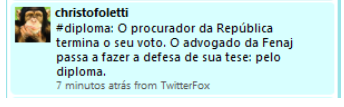


#18		“#diploma: Thais Borja Gasparini, da parte das empresas que contestam a obrigatoriedade do diploma, começa a fazer a defesa de sua tese.”
#19		“#diploma: a tese é de que o decreto 972/69, que regulamenta a profissão e exige o diploma, não é recepcionada pela Constituição de 88”
#20		“#diploma: a advogada do sindicato das empresas argumenta que jornalismo é atividade meramente intelectual e não técnica...”
#21		“#diploma: agora, a advogada diz que o jornalismo é uma técnica de difusão de informações... cof! cof! cof! (não entendi. é técnica ou não?)”
#22		“#diploma: a advogada do Sertespe enumera países, onde o diploma de jornalismo não é obrigatório, entre eles EUA e Itália.”
#23		“#diploma: a advogada passa a contestar o decreto 972/69 por ter surgido nos tempos da ditadura. Segundo ela, um vício de origem da normativa”
#24		“#diploma: vou tomar um antipirético rápido e volto em um minuto. A advogada do sindicato das empresas continua defendendo sua tese. cof! cof”
#25		“#diploma: a advogada conclui sua defesa. Fala agora o procurador da República, Antonio Fernando de Souza...”

Do enunciado 18 ao 25 temos a narração do jogo acontecendo. A bola está com a advogada do Sindicato das Empresas “que contesta a obrigatoriedade do diploma”. Uma sequência narrativa, no dizeres do artigo de Santos (2012, 11), como no exemplo que a autora oferece:

*“Chegou firme ali, o Ramalho, o arremesso é pro time do São Paulo. No campo de defesa o São Paulo movimentada, o Goiás adianta a marcação e retoma a posse de bola com Ramalho, passa nas costas do Miranda. Ele chega, protege e acaba ganhando o tiro de meta.”*

Os enunciados desse conjunto revelam certa objetividade, tentativa de resumir o que está acontecendo no julgamento (jogo), sem dar muitos detalhes sobre o posicionamento do jogador antes da bola, por exemplo. É lance a lance e, se houver espaço para uma reprise ou um comentário especial, como em “Chegou firme ali, o Ramalho”, o enunciador o fará, como no questionamento presente no enunciado 21 “(não entendi. é técnica ou não?)” sobre a contradição em que, para ele, entrou a jogadora que está com a palavra.

#26		“#diploma: o procurador defende a tese do provimento do recurso, isto é, é contra a obrigatoriedade do diploma para o exercício.”
#27		“#diploma: o MPF argumenta que a obrigatoriedade constringe a liberdade de expressão, conforme protocolos internacionais”
#28		“#diploma: o procurador da República termina o seu voto. O advogado da Fenaj passa a fazer a defesa de sua tese: pelo diploma.”

Deste conjunto de enunciados (do 26º ao 28º) vale a pena ressaltar a constância na utilização de certas estruturas, como por exemplo, para as nomeações “o advogada” e “o procurador” em letras minúsculas, eclipsando os nomes próprios apresentados apenas nos momentos em que cada jogador assume a bola (pegam o turno pra si, assumem a palavra, como nos enunciados 17 e 25) e as instituições “Fenaj”, “MPF” e “República” em letras maiúsculas, representando os times em campo a favor desse ou daquele resultado.

Tais características me levam a pensar sobre a disposição da ferramenta twitter para todo tipo de utilização linguística<sup>93</sup>, mas determinadas pelos critérios definidores desse enunciado, atendendo ao esforço do enunciador em transitar entre uma informalidade e uma formalidade: pela situação concreta de comunicação (informalidade), pela relação entre o autor e seus interlocutores (informalidade existente entre @christofoletti e seus seguidores no twitter), também pela perspectiva de conclusibilidade que traz presente seu objeto semântico extremamente formal (um julgamento do Superior Tribunal Federal).

O conjunto abaixo, do 42º ao 53º enunciado, foi produzido no intervalo das votações.

#42		“#diploma: também tentei acompanhar a transmissão da TV Justiça pela web e não consegui. Aliás, nunca. Faço a narração do que vejo pela TV...”
#43		“#diploma: @AndreCovre Não. Apenas sinalizou a tese já bastante disseminada de que a imprensa pode exercer a fiscalização dos outros 3 poderes.”
#44		“#diploma: Pausa pro cafezinho no Supremo. Os ministros devem voltar e ler seus votos, em seguida.”
#45		“#diploma: O site da Fenaj está cobrindo em tempo real a sessão do STF. Veja em <a href="http://www.fenaj.org.br/">http://www.fenaj.org.br/</a> ”
#46		“#diploma: No Comunique-se, os colonistas do site se despedem. O Comunique-se entra numa nova fase em breve... <a href="http://www.comunique-se.com.br">www.comunique-se.com.br</a> ”
#47		“#diploma: cafezinho do Supremo já dura 19 minutos. Vai longe... no retorno, tem voto do relator e dos ministros. Talvez não acabe hoje...”

<sup>93</sup> Tanto as mais aproximadas às características de liberdade da língua, impulsionadas pelas forças centrífugas que não se importariam com formalismos como os apresentados no conjunto anterior, como as mais aproximadas às características de aprisionamento da língua, vinculadas as forças centrípetas.

#48		“#diploma: Cesar Valente arrisca: ministros já devem ter seus votos prontos <a href="http://bit.ly/18ZfBH">http://bit.ly/18ZfBH</a> ”
#49		“#diploma: Sim, dificilmente, as sustentações orais já apresentadas provocam mudança de posição dos ministros da Corte. Mas vai saber...”
#50		“#diploma: Pausa pro café/Bolsa de apostas. Difícil prever o placar. Tuítters, alguém arrisca um palpite?”
#51		“#diploma: Os tuítters também se dividem. Uns arriscam dizer que o diploma fica; outros que cai. Há ainda os indecisos...”
#52		“#diploma: cafezinho do Supremo já passou da meia horinha... vê um sanduichinho de mortadela, por favor? Obrigado, excelência...”
#53		“#diploma: Ministros estão voltando ao plenário...”

Não encontrei trabalhos sobre narrações de futebol que procurassem observar os enunciados produzidos pelos narradores durante o intervalo das partidas. Esse conjunto, no entanto, contribui para revelar o jogo proposto pelo enunciador dentro do gênero.

#98	<p><b>@andrecovre e o enunciado de @christofoletti</b></p> 	“@christofoletti advogado oficializa o jornalismo como 4º poder da república... é piada????”
-----	--	--

É pertinente perceber que, mesmo durante o intervalo, quando prepondera um tom mais informal nos enunciados, não se percebe explícita ou implicitamente uma posição mais evidente do narrador em relação ao tema da votação.


No enunciado 43, em resposta a pergunta que fiz (enunciado 98) me referindo ao enunciado 33, @christofolleti parece interpretar, com a expressão “a tese já bastante disseminada”, a pergunta como ingênua, como se eu não tivesse consciência da disseminação dessa tese, quando, na verdade, minha pergunta tentou incidir sobre a fala incisiva do advogado da Fenaj, citada em discurso direto no enunciado 33, “Se o jornalismo é o 4º poder da República, como não vamos ter formação específica para quem exerce poder dessa envergadura?” e que pareceu pressupor a existência de um 4º poder não como tese, mas como instituição.

Essa sensação me faz pensar sobre uma possível posição positiva de @christofolleti em relação a esta tese, o que revelaria a explicitação da imparcialidade de sua narração. De modo geral, pelos exemplos expostos até agora, e também pela opção do narrador pela formalidade, o narrador parece procurar se expor como imparcial em relação ao tema do julgamento. Mas essa situação, provocada pela intrusão de um enunciado alheio no meio da narração, pode ter revelado na resposta do narrador, aquilo que é afirmado por Rocha Filho (1997) e retomado em Williams (2002, 207), de que o narrador, “muitas vezes, revela, por intermédio de traços de sua narração, o time de sua preferência e narra o jogo estimulado pelo seu lado ‘torcedor’”.

Vale ressaltar ainda que, diferentemente de uma narração futebolística televisiva, geralmente a emissora abre possibilidades mínimas para o expectador enviar comentários e, mesmo que seja, pela internet, utilizando a ferramenta Twitter ou mesmo por meio de emails, a emissora escolhe qual comentário trazer para o narrador.

No exemplo acima, o fato de eu ter citado o narrador em minha pergunta (ao iniciar meu enunciado com “@christofolleti”), fez com que ele recebesse em sua ferramenta a indicação dessa citação, pressionando-o a tomar uma atitude responsiva em relação a ela. Mesmo sem ter conhecimento rápido se temos os mesmos interlocutores, @christofolleti sabe que outros interlocutores leram minha interpelação.

No entanto, nem sempre é possível saber a quem o enunciador está respondendo, como no enunciado 42, mas pode ser a enunciados como o 99:

<p>#99</p>	<p><b>@yuripassos e a Queda da obrigatoriedade do diploma de jornalismo.</b></p> 	<p>“#diploma: RT: @felipepena: O supremo decide agora sobre a obrigatoriedade do diploma de jornalismo. O site da Fenaj cobre: <a href="http://www.fenaj.org.br">http://www.fenaj.org.br</a>”</p>
------------	--	---

O trecho “Talvez não acabe hoje...” do enunciado 47, indica o direcionamento de seus enunciados para interlocutores que já o estão acompanhando desde o início, e a não preocupação em explicitar o que poderia *acabar* à possíveis interlocutores que começaram a acessar suas postagens naquele momento.

Primo (2008: 20-21), em um diálogo intenso com as definições de Thompson (2009) sobre as interações mediadas e “quase-mediadas”, ressalta a caracterização dos meios de comunicação de massa – livros, jornais, rádios, televisão, etc. – como meios que procuram propor sempre um fluxo de informação de sentido único.

Não obstante as diferenciações dos meios de interação (mediados face a face e “quase-mediados” à distância) por uma série de características tecnológicas que determinam o espaço-tempo e, conseqüentemente, a própria interação enquanto atividade dialógica, esses acontecimentos enunciativos marcam, para mim, uma característica: a responsabilização: a necessidade do enunciador se responsabilizar pelo que disse (Enunciado 33) e responder a quem o questionou (Enunciado 98) e a necessidade da responsabilidade do leitor para com a história da construção dos textos que lê (Enunciado 47), na medida em que terá de compreender (e buscar se necessário) ao narração desde seu início até sua conclusão.

A responsabilização a que me refiro evidencia mais uma vez o que já construí anteriormente, sobre os leitores-participantes, sobre a flexibilização das relações entre interlocutores, sobre a relação de enunciadores e leitores com a história de construção dos seus textos, enfim, novas relações de inter-subjetividades pelas apropriações das ferramentas das mídias de Terceira Onda, que se diferenciam das relações de inter-subjetividades proporcionadas pelas interações com as mídias de Segunda Onda.


A chamada de um interlocutor de sua rede, como se fosse um repórter de campo, no enunciado 48, a expressão informal “Mas vai saber...” do enunciado 49 e a interação direta com seu público, pela primeira vez nomeado como “Tuítters” no enunciado 50, enfatizam a caracterização específica desse

conjunto de enunciados produzidos neste momento específico da narração. De modo geral, esse conjunto de enunciados é pertinente para demonstrar o clima de descontração presente nas postagens do narrador durante o intervalo das votações no STF, como no enunciado 44, a auto-permissão para a utilização de um linguajar mais informal ao ponto de aparecer um “pro”, ao contrário de “para o” e no enunciado 47, o aparecimento do descontentamento com a demora do intervalo com um “Vai longe...”, demonstrando a informalidade que não era padrão nos enunciados antes do intervalo.

Os enunciados 50 e 51 simulam as enquetes interativas<sup>94</sup> que as emissoras tentam realizar durante as narrações futebolísticas e o humor chegando ao limite no enunciado 52 com a brincadeira com o formalismo de toda a situação evidenciam que, nesse momento da narração, parece que o narrador está vagarosamente se despidendo das vestes de narrador de futebol e se vestindo como um outro tipo de usuário do twitter.

Mas o formalismo retorna novamente no enunciado 53, como um banho de gelo no humor anterior: “Ministros estão voltando ao plenário”.

Do conjunto que vai do 54º enunciado ao 68º, que compreendem a narração da votação do Ministro Gilmar Mendes, voltarei à atenção apenas aos enunciados 61, 63, 64 e 66. Cabe ressaltar o que pode ser mais um indício da diminuição do compromisso do enunciador com o formalismo da narração nos enunciados 56, 57, 58, 59 e 60, ao se referir ao relator com letra “r” minúscula, diferentemente do enunciado 55 quando utilizou “R” maiúsculo (todos esses enunciados podem ser verificados no Anexo 2).

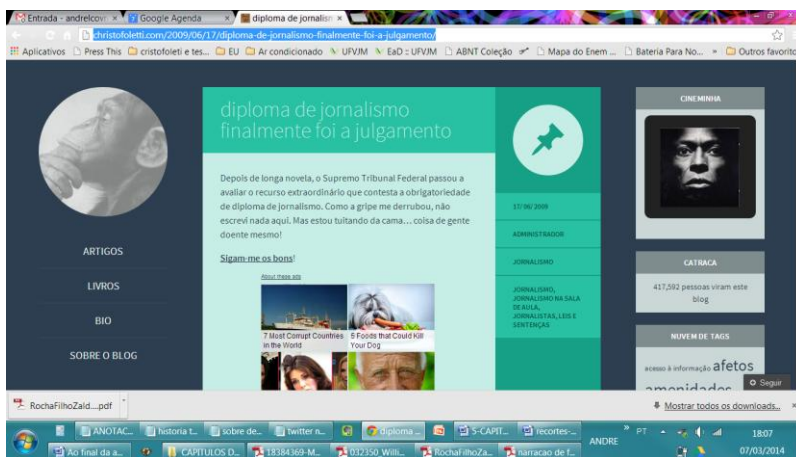
<p>#61</p>		<p>“diploma de jornalismo finalmente foi a julgamento: Depois de longa novela, o Supremo Tribunal Federal passou a a.. <a href="http://tinyurl.com/mw6ddk">http://tinyurl.com/mw6ddk</a>”</p>
------------	---	---

<sup>94</sup> Primo (2008, 26-27) denuncia, por meio de uma resenha de vários autores, a pseudo interatividade da TV, caracterizada por, entre outros fatores, a estrutura tecnológica para a mediação ter um custo muito alto, incompatível com os objetivos mercadológicos das empresas televisivas em aumentar suas receitas chamando de interatividade uma série de tentativas que deveriam, segundo os autores com os quais dialoga, ser chamadas de “interpassividade” ou ainda de reatividade, por não possibilitar uma “real autonomia ao espectador em viabilizar uma resposta criativa e não prevista pela audiência”.

O enunciado 61 é pertinente na medida em que ele enuncia a reprodução automática de uma publicação que realizou em seu blog/site. Atualmente, é possível ver essa postagem conforme mostra a Figura 10, em que o narrador enuncia:

“diploma de jornalismo finalmente foi a julgamento Depois de longa novela, o Supremo Tribunal Federal passou a avaliar o recurso extraordinário que contesta a obrigatoriedade de diploma de jornalismo. Como a gripe me derrubou, não escrevi nada aqui. Mas estou tuitando da cama... coisa de gente doente mesmo! Sigam-me os bons!”<sup>95</sup>

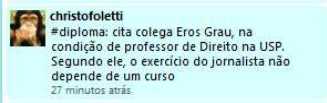
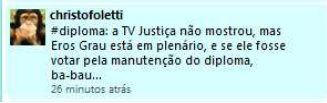
Figura 10: Postagem no blog do autor<sup>xxviii</sup>

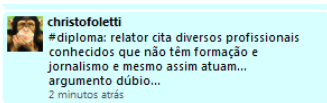


Esse enunciado se torna pertinente porque começa a aparecer cada vez mais um enunciador diferente, agora nomeado de Rogério Christofolletti, dono de um blog/site, em que publica textos com conteúdos específicos, e menos o narrador de futebol @christofolletti. Talvez aqui resida a explicação para o aparecimento de uma posição mais explícita em relação ao tema da votação, no enunciado 64, criticando de forma indireta a posição do Ministro Gilmar Mendes expressada no enunciado 63, e mais direta expressa em “argumento dúbio”, presente no enunciado 66.

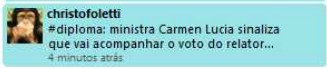


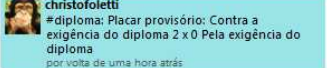
<sup>95</sup> O trecho “Sigam-me os bons!” é um link para seu perfil do Twitter.



#63		“#diploma: cita colega Eros Grau, na condição de professor de Direito na USP. Segundo ele, o exercício do jornalista não depende de um curso”
#64		“#diploma: a TV Justiça não mostrou, mas Eros Grau está em plenário, e se ele fosse votar pela manutenção do diploma, ba-bau...”

#66		“#diploma: relator cita diversos profissionais conhecidos que não têm formação e jornalismo e mesmo assim atuam... argumento dúbio...”
-----	---	--

O conjunto que vai do enunciado 69º ao 79º se caracteriza pelo jogo rápido.






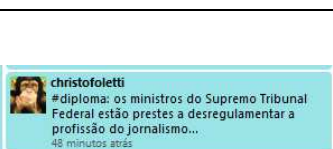
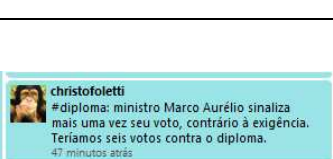
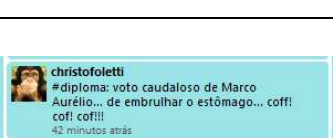
#69		“#diploma: ministra Carmem Lucia sinaliza que vai acompanhar o voto do relator...”
#70		“#diploma: ministra Carmem Lucia diz que o decreto 972/69 não é recepcionado pela Constituição de 1988...”
#71		“#diploma: ministro Ricardo Lewandovski também sinaliza que o decreto que regulamenta a profissão não é constitucional”
#72		“#diploma: Placar provisório: Contra a exigência do diploma 2 x 0 Pela exigência do diploma”

#73	<p>christofoletti #diploma: cobertura em tempo real da Fenaj parou... por volta de uma hora atrás</p>	“#diploma: cobertura em tempo real da Fenaj parou...”
#74	<p>christofoletti #diploma: Lewandovski sinaliza que vota contra a obrigatoriedade. Teríamos um placar de 3 x 0... por volta de uma hora atrás</p>	“#diploma: LEwandovki sinaliza que vota contra a obrigatoriedade. Teríamos um placar de 3 x 0...”
#75	<p>christofoletti #diploma: Para me contradizer, Ayres Britto puxa o freio de mão, e faz um voto pausado e lento, como sempre... mas já sinalizou o voto... por volta de uma hora atrás</p>	“#diploma: Para me contratizer, Ayres Britto puxa o freio de mão, e faz um voto pausado e lento, como sempre... mas já sinalizou o voto...”
#76	<p>christofoletti #diploma: restariam os votos de Celso de Mello, Ellen Gracie, Marco Aurélio... Joaquim Barboza, Celso Peluzzo e Carlos Direito estão off... por volta de uma hora atrás</p>	“#diploma: restariam os votos de Celso de Mello, Ellen Gracie, Marco Aurélio... Joaquim Barboza, Celso Peluzzo e Carlos Direito estão off...”
#77	<p>christofoletti #diploma: Ayres Britto faz a lenga-lenga da vocação, do talento, etc... já não consigo mais aguentar... por volta de uma hora atrás</p>	“#diploma: Ayres Britto faz a lenga-lenga da vocação, do talento, etc... já não consigo mais aguentar...”
#78	<p>christofoletti #diploma: Ayres Britto vota pela desobrigação do diploma. Cinco votos a zero. por volta de uma hora atrás</p>	“#diploma: Ayres Britto vota pela desobrigação do diploma. Cinco votos a zero”
#79	<p>christofoletti #diploma: tecnicamente, caiu a obrigatoriedade! Cinco votos a zero, com três outros a dar... por volta de uma hora atrás</p>	“#diploma: tecnicamente, caiu a obrigatoriedade! Cinco votos a zero, com três outros a dar...”

Vale ressaltar algumas mudanças nas características da narração, como a mudança do tratamento dado aos ministros após o enunciado 72. Ao apresentar o placar do jogo, passar a tratar os ministros apenas pelo nome e sobrenome, reforçando a percepção anterior do abandono do enunciador por algumas características do gênero narração assumidas no início, ou até mesmo um abandono do próprio gênero discursivo, denunciando talvez um possível cansaço do narrador, ou ainda a sua transformação vagarosa em um usuário do Twitter expectador da votação transmitida pela TV, ou o que talvez seja mais possível, uma amálgama dessas situações, evidenciada pela exposição cada vez maior

de suas posições particulares, não somente em relação ao tema da votação, mas ao estilo de voto dos ministros, como nos enunciados 75 e 77.



A desconstrução do gênero narração se evidencia no conjunto que vai do 80º ao 91º enunciado, conforme o estilo individual vai tomando conta dos enunciados 87 e 88, por exemplo, e a confusão confessa nos enunciados 82 e 83.

#80		“#diploma: ministro Marco Aurélio vota.”
#81		“#diploma: Marco Aurélio acompanha o voto do relator. Ministra Elen Gracie idem. Sete a zero”
#82		“#diploma: Errei! O voto anterior Não foi do ministro Marco Aurélio. Agora, sim, ele vota...”
#83		“#diploma: o ministro que já votou e que aqui nomeiei Marco Aurélio é o ministro Cezar Peluso, vice do STF. Desculpem...”
#84		“#diploma: ministro Marco Aurélio sinaliza que vai votar contra o diploma também.”
#85		“#diploma: os ministros do Supremo Tribunal Federal estão prestes a desregular a profissão do jornalismo...”
#86		“#diploma: ministro Marco Aurélio sinaliza mais uma vez seu voto, contrário Pa exigência. Teríamos seis votos contra o diploma.”
#87		“#diploma: voto caudaloso de Marco Aurélio... de embrulhar o estômago... coff! coff! coff!!!”

#88		“#diploma: ministro Marco Aurélio falseia o passo e fica difícil de prever seu voto... parece acender velas pra deus e pro demo...”
#89		“#diploma: Marco Aurélio se diverte: diz que sua sina é divergir, e sinaliza que vai votar pelo diploma. Seria o primeiro...”
#90		“#diploma: vai longe o voto de Marco Aurélio...”
#91		“#diploma: Marco Aurélio faz defesa das faculdades e cursos de Jornalismo... e vota pelo diploma.”

A narração vai caminhando para o final com mais um erro assumido no enunciado 92 e a necessidade perante o público de interrupção da transmissão de forma bastante informal e abrupta (antes do término do julgamento) no enunciado 94.

#92		“#diploma: Errei de novo... Só ao vivo mesmo... Temos mais o voto do ministro Celso de Mello”
#93		“#diploma: Placar provisório. 7 x 1, contra o diploma.”
#94		“#diploma: tuítters, preciso interromper esta transmissão. Tenho que dar aulas agora. Mas a coisa está posta. Caiu a obrigatoriedade...”
#95		“#diploma: ... tecnicamente, caiu a obrigatoriedade do diploma de jornalismo no Brasil. Amanhã, com mais calma, escrevo algo no blog.”

#96		“#diploma: fim da transmissão”
#97		“diploma de jornalismo não é mais obrigatório: O Supremo Tribunal Federal acaba de decidir que já não é mais obri... http://tinyurl.com/n4vv98”

O encerramento, da forma como acontece, evidencia o desfalecimento do gênero narração na medida em que o enunciado 95 se coloca como o último dentro da narração, em que o narrador descreve a situação final do jogo, sem que o jogo (julgamento) ainda tenha acabado oficialmente, e indica que tratará do assunto em outro momento, por meio de outro gênero.

Figura 11: Postagem do autor em seu blog após o final da transmissão no Twitter.



Disponível em <<http://christofoletti.com/2009/06/17/diploma-de-jornalismo-nao-e-mais-obrigatorio/>>.

Acessado em 07/03/2014.

O enunciado 96 finaliza a transmissão e o enunciado 97, já sem a etiqueta “#diploma”<sup>96</sup>, repete a estratégia do autor em publicar um texto em seu blog (Figura 11) e reproduzi-lo automaticamente no Twitter:

O Supremo Tribunal Federal acaba de decidir que já não é mais obrigatório ter diploma de ensino superior para se obter o registro de jornalista. Caiu o diploma e a regulamentação profissional. Fiz cobertura pelo Twitter, mas amanhã – com a cuca mais fresca e o corpo mais refeito da gripe – escrevo algo aqui.

Agora, preciso dar minhas aulas... de Jornalismo.

O enunciador parece ter ficado confuso (ou simplesmente despreocupado) sobre a conclusibilidade de seu enunciado, sem deixar muito claro se o gênero narração havia se concluído no enunciado 96, de @christofolleti ou no enunciado 97, se misturando a postagem no blog de Rogério Christofolleti.

---

<sup>96</sup> Spyer (2007: 20) esclarece que a utilização de etiquetas “tag”, que quer dizer “etiqueta” em inglês, serve para “relacionar palavras-chave a um determinado conteúdo para que ele possa ser encontrado por outras pessoas” e ressalta a importância desse tipo de estratégia para a ferramenta: “O Twitter não seria uma ferramenta de comunicação tão poderosa se não fosse pelas tags. (...) Os escândalos envolvendo o ex-presidente José Sarney levaram a protestos pelo Twitter, fazendo a tag #forasarney ser relacionada entre as mais tuitadas do serviço no Trending Topics, uma lista localizada logo abaixo do campo de busca e que mostra os assuntos mais populares do momento.”

## Generalizações

Retomo, a partir desse momento, as principais provocações que tentei promover neste capítulo, com o objetivo de tecer generalizações que me permitam caminhar para a comprovação da tese.

- As Provoações A e B desvelam o trabalho dos enunciadores na reconstrução do Estilo do Gênero via imposição do Estilo Individual, para atender projetos de dizer específicos (revestir as significações de textos-palavras-signos de novos temas), desestabilizando o próprio gênero em uma tentativa de carregar seus interlocutores de contrapalavras possíveis de serem utilizadas nas leituras futuras dos textos que disseminam em seus enunciados, e emergirem enquanto sujeitos que movimentam os sentidos do mundo.

Cruciani (2011), analisando as apropriações de seus alunos das palavras alheias para enunciarem no gênero blog no contexto escolar, é um bom exemplo de trabalho acadêmico preocupado em desvelar as desestabilizações ocorridas nos gêneros (no caso da análise realizada, em blogs) a partir da incorporação de estilos de outros gêneros (perfil do Orkut, por exemplo), atendendo a uma busca constante dos enunciadores pela constituição de suas identidades.

Tais considerações, em conjunto com a Provação C, me fazem pensar sobre as compreensões que os enunciadores possuem dos gêneros que escolhem para enunciar, assim como dos possíveis jogos entre primarização e secundarização dos gêneros que tais enunciadores cotejam em experimentações constantes nas apropriações das ferramentas.

- A Provação G, sobre a decisão de @emerluis em considerar o conjunto de seus enunciados na ferramenta disponibilizada pelo site twitter.com como um único enunciado, demonstra que o enunciado, como unidade real de comunicação, para a definição de seus limites precisos, depende do projeto de dizer do enunciador, a buscar sua conclusibilidade e exauribilidade respondendo a determinada situação concreta de comunicação e às considerações semânticas para aquela determinada forma-gênero.

Esse fenômeno observado em G, que está coerente com a concepção de enunciado construída no capítulo 5, parece revelar a importância do aprofundamento das relações do enunciatador com as características de liberdade da língua.

- A compreensão de que foi o sincronismo múltiplo (propiciado pelas características materiais da ferramenta disponibilizadas pelo site twitter.com, próprias das ferramentas produzidas no encontro do computador com a internet no fim da indus-realidade) que possibilitou uma reconfiguração das relações historicamente assimétricas entre enunciatadores e leitores (narradores e expectadores televisivos de jogos de futebol, por exemplo, próprios das apropriações das mídias de Segunda Onda), no contexto da narração futebolística de um julgamento do Superior Tribunal Federal, como vimos no 2º conjunto de enunciados, pode se apresentar como equivocada, na medida em que estou considerando o movimento contrário. De que são as apropriações dessas ferramentas por meio das características de liberdade da língua que, entre outras consequências, estariam aproximando enunciatadores e interlocutores em relação de atividades de produções de textos e leituras não “fragmentadas”, necessitadas de mais compromisso de ambos sobre a história de construção dessas produções e dessas leituras.
- Assim como pode parecer apropriado, pelas considerações presentes nas Provocações D, E e F, afirmar que a ferramenta disponibilizada pelo site twitter.com possui possibilidades libertárias inimagináveis, no que diz respeito à mudança do fluxo de informações, apesar de permitir publicações textuais de apenas 140 caracteres.

Um dos motivos do sucesso do Twitter é atribuído ao fato dele ser um serviço incompleto, sem finalidade definida e que, portanto, ainda está sendo diariamente inventado, do ponto de vista técnico e também em termos de aplicação. (Spyer, 2014:10)

A afirmação de Spyer sobre o “Twitter” representa o discurso atual hegemonicamente disseminado sobre as possibilidades revolucionárias democráticas das redes sociais, aplicadas a todo tipo de ferramenta desenvolvida no encontro do computador com a internet, mas desconsidera fatores relevantes, por exemplo, sobre as histórias de criação e apropriação das ferramentas.



A melhor metáfora para representar o Twitter fora da internet é uma mesa de bar e neste momento você está preocupado com o que vai dizer mesmo estando sentado sozinho. Primeiro você precisa encontrar pessoas!

Bares são lugares para se criar e cultivar relacionamentos. Amigos apresentam amigos a amigos e novas amizades se formam. Bares também são lugares para conversa. Às vezes você vai só para escutar, ou pode estar animado e falar pelos cotovelos.

Você pode ir a um bar e ficar só com aquelas pessoas mais queridas e conversar sobre assuntos pessoais, pode ir disposto a conhecer gente nova e falar sobre qualquer coisa ou até ficar no seu canto observando.

Às vezes acontece de você ir a um bar e encontrar uma celebridade. Às vezes, inclusive, ela está sentada na mesma mesa que você. Se você entrar no assunto, até rola uma conversa, mas também pode ser legal ficar escutando.

No Twitter é a mesma coisa =). (Spyer, 2014:12).

A metáfora da mesa de bar, por ser essa uma situação social em que a multiplicidade de gêneros pode co-existir de uma forma extremamente flexível e não rigorosa, pode influenciar numa compreensão equivocada sobre o que propicia liberdade ou aprisionamento no que diz respeito ao uso da língua e a apropriação das ferramentas de mídia. Não é exatamente verdade que o Twitter é um “serviço incompleto, sem finalidade definida”, mesmo que seja evidente que ele esteja sendo “diariamente inventado, do ponto de vista técnico e também em termos de aplicação”. O próprio Spyer (2014) nos revela essa história:

#### 7. SOBRE O QUE FALAR?

Essa é uma dúvida típica de quem começa a usar o Twitter. O slogan da ferramenta foi até meados de 2009 “o que você está fazendo”\*, mas para que alguém vai querer saber que você está saindo para o almoço?

O Twitter foi criado originalmente para servir de ponto de encontro para grupos de pessoas que já se conheciam. Quando telefonamos para alguém, é comum perguntarmos: “O que você está fazendo?” Entre

outras coisas, o Twitter serve para mantermos contato ao longo do dia com familiares e amigos. Não mandaríamos um e-mail para perguntar o que eles estão fazendo no momento, mas se a informação estiver disponível, ela será bem-vinda.

Acontece que depois de algum tempo, os usuários do serviço começaram a explorar outras maneiras de usar a plataforma, por exemplo, para disseminar informação e para participar de conversas públicas. E hoje, um slogan mais apropriado que “o que você está fazendo” seria “o que chama a sua atenção”. Assistiu um filme bacana? Tuite. A sua operadora fica interrompendo o seu dia com SMSs comerciais inúteis? Tuite. Encontrou um livro grátis explicando como usar o Twitter? Tuite, tuite!

Sacou? E informação do dia-a-dia: nem uma coisa super-secreta ou pessoal, nem uma informação inútil.

\* No final de julho de 2009, o slogan foi atualizado para “Compartilhe e descubra o que está acontecendo neste momento, em qualquer lugar do mundo”. (SPYER, 2014:24).

E é justamente a compreensão de que esta ferramenta possuiu, em momentos diferentes, completudes e finalidades específicas, e que tais completudes e finalidades foram se transformando à medida que “os usuários dos serviços começaram a explorar outras maneiras de usá-la”, nos permite inferir que o *advento da comunicação mediada por computador* é menos uma revolução dos meios de comunicação e mais um processo de apropriação de tais meios – e que possui como uma de suas consequências suas reinvenções – pelos sujeitos da sociedade contemporânea em busca da *deseclipsação*, resposta a eclipsação promovida pelas apropriações que a sociedade de Segunda Onda fez dos meios que ela própria inventou e reinventou naquele momento.

Na perspectiva da evolução do homem, os seres humanos se criaram a si mesmos, e simultaneamente a sociedade, através do *trabalho*. O termo “trabalho” descreve a forma humana qualitativamente nova do modo de viver e de sobreviver em comparação com outros animais. A base dessa nova forma consiste na *colaboração*: só por intermédio dos outros os seres humanos conseguem relacionar-se com o meio ambiente e consigo mesmos. A colaboração exige a construção de *meios*. A prática do trabalho colaborativo em seu próprio exercício permitiu a construção simultânea da *linguagem*, de *instrumentos* e de *representação miméticas*. Desenvolvemos, através do trabalho, essa capacidade de transformar o meio ambiente e a nós mesmos. Em outras palavras, nós, seres humanos, construímos e entramos na relação dinâmica entre “objetivação” (*Vergegenständlichung*) e “apropriação”, entre o individual e o social. (Geraldí, Fichtner e Benites, 2006: 43).

As observações dos fenômenos linguísticos descritas/construídas neste capítulo direcionaram meu pensamento para as generalizações realizadas até este momento, e que poderiam ser sintetizadas, no contexto teórico dessa tese, no hibricamento dos sujeitos com a sociedade, por meio da língua, ou ainda, nos dizeres de Geraldí, Fechtner e Benites, por meio do trabalho (colaboração) na construção e apropriação dos “meios”.

Torna-se preciso, então, pensar sobre a disposição das ferramentas (meios) para todo tipo de utilização linguística via atividade humana, tanto as mais aproximadas às características de liberdade da língua, aquelas que impulsionam as (e são impulsionadas pelas) forças centrífugas, quanto as mais aproximadas as características de aprisionamento da língua, vinculadas às forças centrípetas.

## Notas de fim de Seção.

---

<sup>xx</sup> Disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Web\\_2.0](http://pt.wikipedia.org/wiki/Web_2.0). Acessado em 16/07/2013)

<sup>xxi</sup> De 2000 a 2004, o uso da Internet no Brasil cresceu 32%, de 4,2 pessoas para 12,2 a cada 100 pessoas. Em quatro anos, o número de usuários da Internet no Brasil cresceu 67%. Até dezembro de 2007 eram 37 milhões de usuários (1). A taxa de pessoas com internet em casa no Brasil em oito anos, passou de 8% (2001) para 28% (2009). No início de 2012, estava em 33%. Mas, do total da população 33,14% disseram não acessar a internet por não considerar necessário ou não querer, e 31,45% não sabiam utilizá-la (2). O total de pessoas com acesso à internet no Brasil, no terceiro trimestre de 2012, foi de 94,2 milhões, segundo o IBOPE Media. Esse número considera as pessoas de 16 anos ou mais de idade com acesso em qualquer ambiente (domicílios, trabalho, escolas, lan houses e outros locais), mais as crianças e adolescentes (de 2 a 15 anos de idade) que têm acesso em domicílios (3). (1) Disponível em [http://www.avellareduarte.com.br/projeto/conceituacao/conceituacao1/conceituacao14\\_internetBrasil2007.htm#ixzz2SFq0KLah](http://www.avellareduarte.com.br/projeto/conceituacao/conceituacao1/conceituacao14_internetBrasil2007.htm#ixzz2SFq0KLah). Acessado em 03/05/2013. (2) Disponível em [http://www.avellareduarte.com.br/projeto/conceituacao/conceituacao1/conceituacao14\\_internetBrasil2012.htm](http://www.avellareduarte.com.br/projeto/conceituacao/conceituacao1/conceituacao14_internetBrasil2012.htm). Acessado em 03/05/2013. (3) Disponível em <http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/Paginas/Acesso-a-internet-no-Brasil-atinge-94-milhoes-de-pessoas.aspx>. Acessado em 03/05/2013.

<sup>xxii</sup> Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u634584.shtml>. Acessado em 05/03/2014.

<sup>xxiii</sup> Disponível em <http://www.dsc.ufcg.edu.br/~copin/dicas/marioprata.htm>. Acessado em 06/03/2014.

<sup>xxiv</sup> Disponível em [www.globo.com](http://www.globo.com). Acessado em 29/01/2011.

<sup>xxv</sup> Fonte: Disponível em <http://www.terra.com.br>. Acessado em 28/06/2009

<sup>xxvi</sup> Fonte: Disponível em <http://www.terra.com.br>. Acessado em 28/06/2009.

<sup>xxvii</sup> Disponível em <http://www.cartacapital.com.br/internacional/honduras-do-golpe-ao-estado-policia-6580.html>. Acessado em 06/03/2014.

<sup>xxviii</sup> Disponível em <http://christofoletti.com/2009/06/17/diploma-de-jornalismo-finalmente-foi-a-julgamento/>. Acessado em 07/03/2014.



## CAPÍTULO 7 - A REEMERGÊNCIA DOS SUJEITOS É A REINVENÇÃO DO HUMANO

Vou me utilizar aqui da perseguição teórica promovida por Souza (1999) do conceito de enunciado concreto nos escritos do Círculo de Bakhtin/Medvedev/Volochinov (que muito se assemelha ao construto teórico realizado no Capítulo 5) para, na esteira das generalizações que acabei de realizar, retrabalhar as problemáticas pertinentes para essa tese: a definição de mídia e suas características, as relações dos sujeitos com a mídia, a partir de seus enunciados, e a inserção desses enunciados e seus enunciadores nas relações entre gêneros primários e secundários. Todas essas compreensões parecem ser imprescindíveis para compreendermos o que é a reemergência dos sujeitos que estou procurando desvelar, descrever, caracterizar e, em última instância, defender.

Souza (1999), na página 82, traz uma citação de Bakhtin sobre o diálogo inconcluso que, em termos gerais e de forma extremamente poética, defini o que é viver:

*La vida es dialógica por su naturaleza. Vivir significa participar em um diálogo: significa interrogar, oír, responder, esta de acuerdo, etc. El hombre participa em ete diálogo todo y com toda su vida: com ojos, lábios, manos, alma, espíritu, com todo El cuerpo, com SUS actos. El hombre se entrega todo a la palabra y esta palabra forma parte de la tela dialógica de la vida humana, Del simposio universal. Las imágenes cosificadas, objetuales, son profundamente inadecuadas tanto para la vida como para la palabra. El modelo cosificado del mundo se está sustuyendo por el modelo dialógico. Cada pensamiento y cada vida lheam a formar parte de un diálogo inconcluso. Tambien es impermissible la cosificación de la palabra: sua naturaleza también es dialógica.*

No contexto dessa definição de vida também é possível encontrar uma referência a mediação, mas proporcionada pela esfera preferida pelo Círculo, a da literatura:

A vida começa apenas no momento em que uma enunciação [enunciado] encontra outra, isto é, quando começa a interação verbal, mesmo que não seja direta, “de pessoa a pessoa”, mas mediatizada pela literatura (10,179) (SOUZA, 1999: 83)

Thompson (2009:191) ao caracterizar a interação mediada como “quase interação mediada”, identifica dois aspectos que lhe são interessantes. O primeiro, “como a quase-interação mediada se estende através do espaço e do tempo, ela possibilita uma forma de intimidade com os outros que não compartilham o mesmo ambiente espaço-temporal”, ou seja, uma espécie de “intimidade à distância”. O segundo, “como a quase-interação mediada não é dialógica, a forma de intimidade que ela estabelece não tem caráter recíproco, isto é, não implica o tipo de reciprocidade característica da interação face a face”.

No encontro entre essas duas visões sobre as interações mediadas, elas praticamente parecem ser as mesmas, mas a modalização da posição de Thompson a diferencia das noções radicalmente dialógicas de Bakhtin, por exemplo, ao diferenciar as interações mediadas (troca de cartas ou conversa de telefone) daquilo que ele chamou de “quase-interação mediada”, a qual promoveria uma intimidade não recíproca, podendo ser divertida, na medida em que é “livre das obrigações de reciprocidade de uma interação face a face, por exemplo”, mas também podendo causar dependência, na medida em que os indivíduos podem “chegar a depender de outros cuja ausência ou inacessibilidade os tornam objeto de veneração”

As preocupações de Thompson com a “quase-interação mediada” são pertinentes e serão abordadas no momento propício. Por agora, é preciso afirmar, junto com Souza (1999), que não existem discursos monológicos.

Como podemos compreender, então, um discurso monológico como, por exemplo: o discurso de um orador, o curso de um professor, o monólogo de um autor, as reflexões em voz alta de um homem sozinho, o cinema, a televisão?

Segundo as formulações do Círculo, todos os discursos são dialógicos pela sua estrutura semântica e estilística. A oposição entre um discurso dialógico e um discurso monológico só é possível na perspectiva da forma exterior, ou seja, se no momento da sua realização a resposta não é imediata, e o todo do enunciado, do diálogo, se completa na grande temporalidade, no grande diálogo. (SOUZA, 1999: 89)

Dentro dessa radicalidade, o Círculo de Bakhtin/Medvedev/Volochinov estava procurando, conforme aponta Souza (p. 91), uma noção de enunciado concreto de base para possibilitar uma reflexão “sobre a realidade da palavra-enunciado e os vários gêneros do discurso engendrados por ela no processo da comunicação verbal”. Essa busca, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1929), trabalha a noção de enunciado relacionando-a com outras noções (como está proposto no capítulo teórico desta tese, enunciado enquanto signo ideológico, enquanto palavra sígnica) e vai se refletir na definição da natureza interindividual conceito de signo e sua relação com a consciência dos sujeitos.

O signo, o material semiótico, que tem como características: a pureza semiótica, a neutralidade ideológica, a implicação na comunicação humana ordinária, a possibilidade de interiorização, a presença obrigatória, como fenômeno acompanhante, em todo ato consciente, é o fenômeno ideológico por excelência, é a PALAVRA. Essas características permitem que a palavra seja um material flexível, veiculável pelo corpo, tanto no interior – discurso interior – como exterior – do diálogo com outrem e o diálogo de outrem. (SOUZA, 1999: 92)

Essa interação orgânica entre a palavra e a vida se dá via enunciados concretos, que possuem três particularidades constitutivas já abordadas no capítulo teórico e mourejadas nas análises (alternância de sujeitos falantes, acabamento específico do enunciado e relação do enunciado com o seu enunciador e com os parceiros da comunidade verbal). Entre elas, o “acabamento específico do enunciado” se caracterizaria pela possibilidade de responder e seria seu critério mais importante.

**Pergunta pertinente Nº1:** No contexto de uma sociedade de Segunda Onda, existia possibilidade de responder aos enunciados mediados? Reformulando: Os enunciados das mídias de Segunda Onda possuíam acabamentos específicos, conclusibilidades? Para lembrar Geraldi (2003b:256), a mídia da modernidade nos fez

leitores-expectadores condenados a ler o mesmo e sua reprodução nas inúmeros novidades que as programações de televisão oferecem, seja esta novidade a passagem veloz de um fragmento de notícia para outro, deslocando-nos todas as noites pelo mundo sem

que dele apreendamos a história de sua construção, seja esta novidade o retorno cada vez mais insistente dos mesmos quadros, das mesmas estruturas...

Seja pela passagem veloz entre fragmentos de notícia ou pela insistência da repetição industrial do mesmo, talvez uma das estratégias alienadoras da grande mídia monopolista privada de Segunda Onda tenha sido não possibilitar, cotidianamente, a conclusibilidade de seus enunciados. Somente assim seria possível segurar seu interlocutor, o sujeito industrial, sempre a espera do seu momento de responder.

Mas não foi somente em não concluir seu eterno enunciado que os enunciadore mediados<sup>97</sup> de Segunda Onda tentaram submergir seus interlocutores, os sujeitos industriais. Os contextos mais amplos dessa tese (capítulos 1º, 2º, 3º e 4º) demonstram a importância do desenvolvimento dos produtos de mídia para a construção da indusrealidade, os quais Thompson (2009) responsabiliza por promoverem quatro consequências negativas para a formação do self:

- **“a intrusão mediada de mensagens ideológicas”**<sup>98</sup>, pela qual os enunciadore de Segunda Onda, se não conseguem impedir seus enunciados de se concluírem, como no caso de um gênero televisivo muito comum na vida dos brasileiros, a telenovela, que precisa ter um final, constroem outros meios (revistas, jornais, sites, perfis de redes sociais, etc) para recuperar tais enunciados e “reimplantá-los” constantemente e indefinidamente na vida cotidiana;

---

<sup>97</sup> Para Thompson (2009) “quase-mediados”.

<sup>98</sup> “o desenvolvimento da mídia aumentou grandemente a capacidade de transmitir potencialmente mensagens ideológicas através de extensas faixas de espaço e de tempo, e de reimplantar essas mensagens numa multiplicidade de locais particulares; em outras palavras, ele criou as condições para a intrusão mediada de mensagens ideológicas nos contextos práticos da vida diárias” (Thompson, 2009: 186).



- “**a dupla dependência mediada**”<sup>99</sup>, porque não conseguiríamos melhorar nosso controle pela impossibilidade de produzir respostas a enunciados que nunca se concluem;
- “**o efeito desorientador da sobrecarga simbólica**”<sup>100</sup>, para o qual os sujeitos precisam construir constantemente estratégias práticas para acessar o crescente fluxo de informações;
- “**a absorção do self na quase interação mediada**”<sup>101</sup>, acentuada pelo modelo coisificado, objetivado de mundo das mídias de Segunda Onda, onde as palavras são sempre ‘deles’ e nunca nossa.

Se para Souza (1999), acompanhando o pensamento do Círculo, qualquer gênero se orienta à realidade em duas direções – ao ouvinte ou receptor e à vida pelos seus conteúdos temáticos, ou seja, seus acontecimentos, seus problemas... Ou ainda, se,

em relação aos conceitos de *enunciado* e *diálogo*, o conceito de *gênero* interage, também, com o problema da consciência e do gênero interior (...) a “consciência humana possui uma série de gêneros interiores para perceber e conceptualizar a realidade. Uma consciência determinada é rica ou pobre em gêneros, dependendo do seu desenvolvimento ideológico (7, 133) (SOUZA, 1999: 99).

A **2ª Pergunta pertinente** é: As quatro consequências negativas do crescente papel dos produtos de mídia estão intrinsecamente relacionadas à dificuldade/impossibilidade dos

---

<sup>99</sup> “Este é o paradoxo com o qual as pessoas se defrontam cada vez mais neste século XX: a acentuação da organização reflexiva do self acontece sob condições que tornam o indivíduo ainda mais dependente de sistemas sociais sobre os quais tem relativamente pouco controle” (Thompson, 2009: 187)

<sup>100</sup> Discutido no contexto do debate promovido pela Tese 3, no capítulo 2 desta tese.

<sup>101</sup> A absorção do self não necessariamente implica uma suspensão da reflexividade (...). É precisamente porque o indivíduo é capaz de incorporar reflexivamente materiais simbólicos mediados num processo de autoformação, que esses materiais podem se tornar fins em si mesmos. Ideias simbólicas ao redor dos quais o indivíduo começa a organizar sua vida e seu sentido. Por isso a absorção do self na quase-interação mediada não é um fenômeno qualitativamente diferente da organização reflexiva do self: é uma versão dele, de tal modo que os materiais simbólicos mediados não são simplesmente um recurso para o self, mas sua preocupação central.

sujeitos da sociedade de Segunda Onda se apropriarem dos diversos gêneros pelos quais os enunciadores constantemente e repetidamente constroem a realidade, o que produz implicações diretas sobre os conteúdos temáticos das vidas das pessoas, seus acontecimentos, seus problemas, etc?

Em primeiro lugar, experimentar eventos através da mídia é experimentar eventos que, em sua grande maioria, estão distantes espacialmente (e talvez também temporalmente) dos contextos práticos da vida diária. São eventos que dificilmente seriam presenciados diretamente no curso das atividades normais da vida diária. Por isso eles são eventos que, para os indivíduos que os assistem pela mídia, têm um caráter refratário; isto é, são acontecimentos que muito improvavelmente serão afetados pelas ações destes indivíduos. Eles estão fora do alcance e, portanto, fora do controle de quem os assiste.

(...)

Um segundo aspecto da experiência mediada é que ela acontece num contexto diferente onde o evento de fato ocorre. Experiência mediada é sempre experiência recontextualizada. É a experiência de eventos que transpiram em locais distantes e que são reimplantados, através da recepção e apropriação dos produtos da mídia, nos contextos práticos da vida diária. (Thompson, 2009: 198)

Hipóteses mais vinculadas as defesas de Thompson (2009) sobre o distanciamento espaço-temporal produzido pela interação “quase-mediada” que promove a “experiência mediada” poderiam explicar essa dificuldade/impossibilidade dos sujeitos se apropriarem dos gêneros produzidos pelas mídias de Segunda Onda, mediante o paradoxo segundo o qual os sujeitos, ao tomarem a interação “quase-mediada” como a principal (se não única) maneira de refletir e refratar seus selves sobre as coisas do mundo, estariam eles próprios impossibilitando que essa reflexividade se tornasse mais complexa e produtiva para si mesmos, submergindo, então, cada vez mais como ‘sujeitos-expectadores não participantes’.

Parece pertinente, então, dividir a responsabilização pela submersão dos sujeitos da modernidade entre os modos de enunciação das mídias de Segunda Onda com os modos de recepção e apropriação dessas mídias pelos próprios sujeitos. Primo (2008), no entanto, questiona a precisão da diferença entre interação “quase-mediada” ou “quase-interação”:

É difícil compreender com exatidão o que seria uma “quase-mediação” (as imagens televisivas, por exemplo, não são um exemplo de comunicação mediada?), ou mesmo o que viria a ser uma quase-interação (uma interação pela metade?). Ora, se o próprio Thompson (1999, p. 80) observa que a quase-interação “é, não obstante, uma forma de interação”, porque intitulá-la de “quase-mediação”? (PRIMO, 2008: 21)

As definições construídas por Thompson para as interações são bastante produtivas no contexto de suas preocupações, pois suas análises, conforme aponta Primo (2008:22) não abordam os meios somente no que diz respeito à “transmissão ou irradiação”, mas “procura pensá-los em suas capacidades de mediar a comunicação (a ação compartilhada)”, ou seja, para o autor, a argumentação de Thompson “é importante na medida em que destoa do discurso tecnicista majoritário nas discussões sobre interação mediada”.

Entre Marshall McLuhan (1969, apud Primo, 2008), para o qual os meios afetam os receptores, de acordo com suas características, exigindo mais ou menos participação de seus receptores, e Enzensberger (1978, apud Primo, 2008), para o qual a diferenciação técnica entre emissor e receptor reflete a divisão social do trabalho entre produtores e consumidores, o que afetaria o que este último chamou de ‘indústria da consciência’, os discursos sobre a importância da tecnologia nas definições das interações mediadas incidem sobre a interpretação dos fenômenos humanos e as próprias caracterizações que fazemos dos sujeitos que participam dessas interações.

O direcionamento, no entanto, me parece sutilmente diferente: o forçamento dos enunciadores das mídias de Segunda Onda pela não conclusibilidade de seus enunciados, uma forma, talvez, de coisificar os gêneros e congelar suas aberturas para interpenetração de outros gêneros e, conseqüentemente, para a movimentação dos sentidos do mundo pelos sujeitos, contribuiu para a produção das conseqüências negativas do desenvolvimento das mídias, apontadas por Thompson e, conseqüentemente, para a submersão dos sujeitos da indust-realidade.

As lutas seculares (do início da Segunda Onda para cá) dos indivíduos para reemergir, ou seja, para fugir dessa lógica enunciativa possibilitada pela construção humana

(e suas constantes reapropriações) dos meios de comunicação de massa<sup>102</sup>, parece assumir agora um novo e explosivo momento, em que a sociedade, na busca para construir meios de deturpar essa lógica, está construindo a comunicação mediada por computador.

Neste ano de 2014 a internet comemorou 25 anos de invenção. As histórias das invenções do computador e da internet (assim como das ferramentas de interação mais badaladas do momento, como as disponibilizadas por empresas como Google, Twitter, Facebook, entre outras inúmeras), não pela preocupação comercial que seus inventores tiveram ao inventá-las, mas pelo caráter socio-interacionista de cada uma dessas invenções (por exemplo, o desenvolvimento de hardwares de inserção de conteúdos, como o mouse e o teclado, para pegarmos os exemplos mais antigos), são exemplos dessa busca incessante dos sujeitos da sociedade de Segunda Onda para fugir da lógica enunciativa que a industrialidade impôs a favor de seus próprios interesses: Padronização, Especialização, Sincronização, Concentração, Maximização e Centralização de todos os aspectos da vida.

No entanto, o que quero afirmar é que não tem sido as reinvenções dos “meios” que estão possibilitando a reemergência das subjetividades. Assim como engana-se o apocalíptico que acredita que são as constantes revoluções tecnológicas que estão alienando cada vez mais os sujeitos, engana-se também o integrado que acredita que elas estão possibilitando que os sujeitos lutem contras as consequências negativas da própria revolução tecnológica.

A luta se dá nas palavras, porque, acompanhando os dizeres do Círculo, *viver significa participar de um diálogo: significa perguntar, ouvir, responder, estar de acordo, etc. O homem participa deste diálogo todo e com toda a sua vida: com olhos, lábios, mãos, alma, espírito, com todo o corpo, com seus atos.*

Embora o conceito de *Gêneros do discurso* só tenha aparecido em 1928, as obras anteriores do Círculo já refletem um encaminhamento para esse conceito. Já no seu primeiro texto “*Art and Answerability*” (1919), Bakhtin divide a cultura humana em três domínios: a ciência, a arte e a vida, lembrando que esses três domínios “ganham unidade somente na pessoa individual que os

---

<sup>102</sup> Que não é nova, haja vista as apropriações humanas das tecnologias do alfabeto e da imprensa, conforme discutidas no capítulo 3.

íntegra dentro da sua própria unidade” (1, 1). Para ele, “a arte e a vida não são uma unidade, mas elas devem se unir em mim – na unidade de minha responsabilidade” (1, 3). Nesse sentido, o conceito *Gêneros do Discurso* vai ser construído no interior de cada um desses domínios, sendo que a vida cotidiana será constituída pelos *Gêneros Primários* e a vida da ciência e a vida da arte, pelos *Gêneros Secundários* (SOUZA, 1999:99-100).

O problema de descrever a reemergência dos sujeitos por meio de enunciados proferidos no interior de gêneros produzidos das ferramentas midiáticas da sociedade contemporânea se encontra na problemática da própria conceituação de gêneros do discurso, conforme proposto pelo Círculo como corrente de transmissão entre a vida e a arte.

No contexto da Arquitetônica do Círculo de Bakhtin/Medvedev/Volochinov, o conceito gêneros é também corrente de transmissão entre o Eu e o Outro, entre os sujeitos e a sociedade, entre o self e a alteridade mediada.

Mais preocupados com a arte, e os reflexos e refrações da vida nos enunciados do campo da arte, o Círculo desenvolveu a ideia, já exposta no capítulo teórico, de que os gêneros primários seriam aqueles que compreendem o diálogo oral (linguagem de reuniões sociais, dos círculos, linguagem familiar, cotidiana, linguagem sociopolítica, filosófica, etc.), sendo, portanto, o enunciado literário uma representação do enunciado real; e a ideia de que os gêneros secundários seriam aqueles que absorvessem e transmutassem os gêneros primários de todas as espécies.

De um ponto de vista dialógico, o enunciado concreto é, antes de mais nada, uma resposta, ou seja, uma réplica a enunciados anteriores dentro do mesmo gênero: “refuta-os, confirma-os, completa-os, baseia-se neles, supõe-nos conhecidos e, de um modo ou de outro, conta com eles” (21, 316), ou seja, no acontecimento único e não-reiterável do enunciado concreto há uma interação orgânica entre o gênero do discurso ao qual ele pertence e a sua natureza dialógica, seja do ponto de vista do micro-diálogo – diálogo interior, do diálogo na presença de interlocutores, ou do grande diálogo, onde todo ato verbal humano pode ser colocado em relação dialógica. (SOUZA, 1999: 108)

Se “o homem se entrega todo para a palavra e esta palavra forma parte da tela dialógica de sua vida humana, do simpósio universal”, se “as imagens coisificadas, objetivadas, são profundamente inadequadas tanto para a vida como para a palavra” e “se o modelo coisificado do mundo está sendo substituído cada vez mais pelo modelo dialógico”, o que as atividades humanas de escrita dos sujeitos da contemporaneidade, mais ou menos conforme este capítulo 6 exemplificou, estão promovendo é a elevação dessa relação dialógica entre gêneros a níveis de flexibilização não previstos pelo Círculo nas suas análises sobre as obras literárias.

Retomemos, como exemplo, apenas a provocação B, sobre o enunciado 1, de @tuliovianna, mesmo que o dito aqui possa (e deva) ser estendido para todos os outros enunciados analisados.

Ao enunciar em um gênero específico (postagem de twitter), incorporando a composição, o tema e estilo do enunciado que recupera (lead) do outro gênero (notícia), o enunciator @tuliovianna se insere no gênero postagem de twitter e o reconstrói a partir de um comportamento de gênero secundário, mesmo que o gênero incorporado (notícia) tenha sido, no momento de sua enunciação, um gênero secundário, e que nessa situação se primariza pela ação responsiva do sujeito que o lê.

Souza chama atenção para a relação entre os temas (que em Bakhtin é uma reação da consciência em devir ao ser em devir, ou seja, é uma resposta) e os gêneros de uma determinada época da vida social. Segundo ele, essa relação é dada de forma mais ampla na seguinte citação de Bakhtin/Medvedev:

“dentro do horizonte ideológico de cada época, há um centro de valores que é seguido por todos os caminhos e aspirações da atividade ideológica. Esse centro de valores torna-se o tema básico ou, mais precisamente, o complexo de temas da literatura de uma dada época. Os temas dominantes estão conectados, também, como sabemos, com um repertório específico de gêneros (7, 157). (Souza, 1999: 111)

O que se observa, portanto, na contemporaneidade, é que a elevação às últimas consequências da dialogia de gêneros (temas, composições e estilos) e de palavras sígnicas

(significações e temas), promovida pelos enunciados dos sujeitos realizados nas apropriações das ferramentas produzidas pelos instrumentos de consumo computador e internet, tem forçado cada vez mais a conclusibilidade dos enunciados das mídias de Segunda Onda, descongelado os gêneros nos quais os temas dominantes de nossa época estão conectados. É dessa forma que o sujeito contemporâneo entra na corrente comunicacional e reemerge.

Não consigo afirmar que todos esses fenômenos (relativos aos sujeitos, às ferramentas de mídia e à língua) são novos, que são totalmente diferentes daquilo que as sociedades humanas já viveram, em outros momentos, com intensidades diferentes. O que estou me permitindo afirmar, neste momento da tese, é que esses fenômenos são possíveis não somente porque a tecnologia de uma sociedade de Terceira Onda (criadas pelos sujeitos de uma sociedade de Segunda Onda) abriu as possibilidades para que tais sujeitos se apropriassem delas e tomassem os caminhos que julgassem pertinentes. Mas também porque, se os sujeitos não realizassem as apropriações de tais ferramentas de mídia, e ainda, se não o fizessem a partir de uma aproximação de suas relações com as características de liberdade e aprisionamento da língua que utilizam todos os dias de sua existência humana ao recuperá-la nos gêneros em que se inserem ao enunciar<sup>103</sup>, (a) essa mesma tecnologia não seria criada e não se transformaria constantemente, “porque a colaboração exige a criação de meios”, e (b) os sujeitos não emergiriam, porque “só por intermédio dos outros os seres humanos conseguem relacionar-se com o meio ambiente e consigo mesmos”.

Implicações dessas afirmações para:

– **o computador e a internet:**

O computador e a internet (e todas as ferramentas inventadas e reinventadas na junção desses produtos), entendidos no contexto dessa tese como **tecnologias de mídia**, ou seja, tecnologias que possibilitam a mediação da experiência responsiva do self, são cada vez mais tecnologias dos sujeitos (instrumentos dos sujeitos), do que instrumentos

---

<sup>103</sup> Estabilizações e Instabilizações de Estilos (do gênero e individual), Temas (significações e temas) e Composições (forma-gênero e hibridização)

padronizados, especializados, sincronizados (no sentido de produzirem o mesmo ao mesmo tempo), concentrados, maximizados (apesar de massificados) e centralizados. Desse modo, a própria mediação tem sido uma atividade humana mais dos sujeitos, fortalecendo sua característica de ponte.

Tal afirmação nos leva a repensar a definição de mídia (meio) e, o que é mais importante, as implicações dos meios para as enunciações dos sujeitos em gêneros discursivos produzidos nesses meios.

Das teses e dissertações que discutem essa problemática no campo das investigações sobre os meios de comunicação da internet, tomo a de Machado (2012) para propor uma crítica da definição de meio.

O meio define-se pelos seguintes fatores: o suporte e suas respectivas semioses; os enunciados e gêneros discursivos que comportam; a relação interativa mais ou menos imediata entre locutores e interlocutores; e o conjunto de práticas de produção, circulação e recepção que envolve a informação. (...) a internet é um meio possibilitado por diferentes suportes e caracterizado por um sistema de semioses complexo. A digitalidade transforma a internet em espaço digital – ciberespaço, tal como propôs Levy (1999) – de comunicação e interação verbal e não-verbal entre os sujeitos falantes (MACHADO, 2012:218).

A autora conclui que o meio, “apesar de interferir no processo de concretização dos gêneros, é um aspecto situado na esfera de atividade humana”, possibilitando, nessa perspectiva, afirmar, em última instância, que a “esfera digital envolve as demais esferas [de atividade humana] na rede mundial de computadores com suas características tecnológicas específicas” (MACHADO, 2012:219).

Tais afirmações, que colocam o meio como um algo (aspecto?) mais amplo do que o gênero (na esfera), podem dar voz novamente àquela concepção de meio como um dos determinantes, se não o principal, das atividades humanas, dos gêneros, dos enunciados e das próprias subjetividades.

O primeiro fator, de que o meio pode ser definido também pelos “enunciados e gêneros discursivos que comportam”, parece contribuir mais para uma indefinição do que



para uma definição do meio, pois enunciados e gêneros são definidos por critérios rigorosamente dialógicos, não importando o “suporte e suas possíveis semioses”, na medida em que pudemos observar – observações que podem ser corroboradas em outros estudos, como no de Cruciani (2011), no qual a autora desvela a ação ativa dos sujeitos incorporando gêneros diversos no gênero blog, e COSTA (2012), em que a análise dos padrões genéricos presentes nos tweets desvelou o deslocamento de gêneros de suas esferas prototípicas – que o processo de inter cruzamento de gêneros, processo genuinamente dialógico, pode reconstruir os enunciados e os gêneros em qualquer esfera, independente dela comportar ou não aqueles enunciados e gêneros.

Esse tipo de compreensão<sup>104</sup>, que valoriza o suporte e coloca o meio (aspecto ou a esfera) como uma das condições de produção *sine qua non* para enunciados e gêneros, é perigosa porque flexibiliza (mais para limitar do que para possibilitar) as condições de lutas por reemergência dos sujeitos dentro dos gêneros em que enunciam ao se apropriar das ferramentas.

Assim, estou mais disposto a compreender o meio não como um aspecto (ou como esfera, ou como dinâmica de funcionamento), e mais como uma tecnologia material (nos dizeres de Bakhtin (2006:31), um “corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo”), e como corpo físico, vale por si próprio, “não significa nada e coincide inteiramente com sua própria natureza”.

Assim é possível compreendê-lo como passível de ser transformado em símbolo pelas ações sociais dos sujeitos. Como símbolo, transforma-se o objeto físico em signo.

Qualquer produto de consumo pode, da mesma forma, ser transformado em signo ideológico. O pão e o vinho, por exemplo, tornam-se símbolos religiosos no sacramento cristão da comunhão.  
(...)

---

<sup>104</sup> E aqui não estou afirmando que MACHADO (2012) realiza essa defesa, pois aponta, nos outros aspectos, os fatores dialógicos para definição do meio. Mas, assim como COSTA (2012:110), ao afirmar que “as evidências encontradas nesta análise apontaram para um efervescente processo de atualização de gêneros, motivado pela dinâmica de funcionamento do Twitter, moldado através da manipulação de padrões genéricos diversos e refletidos na mudança do propósito comunicativo desses artefatos”, ao mesmo tempo em que valoriza os processos dialógicos de transformações dos gêneros e, inclusive, dos “propósitos comunicativos dos artefatos”, ainda sim toma como fator motivador a “dinâmica de funcionamento” da ferramenta Twitter.

Um signo não existe apenas como arte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe-fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. (BAKHTIN, 2006: 32).

Como signo, carrega consigo uma realidade ideológica (luta entre significações e temas, por exemplo). De modo que, ao mesmo tempo em que podemos admitir que tal realidade ideológica implica, no momento em que nela se inserem os sujeitos, uma imposição de sentidos historicamente construídos sobre os signos mobilizados na interação, é na **possibilidade de distorção**, de apreender qualquer tecnologia material, que consigo compreender as apropriações de uma ferramenta de mediação, tal qual está sendo realizada pelos sujeitos da contemporaneidade.

O meio é o signo.

– **a língua:**

Em uma relação de choque intensa e violenta com tais tecnologias de mídia (por ser de mão dupla, transforma intensamente as unidades que se relacionam), à despeito das apropriações e diferenciações histórico-políticas da escrita em relação a fala, a língua (via modalidade escrita) está sendo tomada cada vez mais como recurso dos sujeitos, diferente de um recurso despido de vida imposto pela didatização moderna, ou de um recurso em favor da monofonização das informações.

Dentro do construto teórico desta tese, também possível pelos exemplos de enunciados analisados; e acompanhando a 2º tese de VOESE (2005), de que *não há discurso sem língua e não há língua sem discurso, não há acontecimentos sem atos de sujeitos e não há atos fora do acontecimento, não há sujeito livre nem as sujeitoado e, por isso, o discurso é produto e processo, a língua é reflexo e refração, instituído e instituinte, generalização e possibilidade de singularização, prisão e liberdade dos usuários*; gostaria de tecer algumas considerações gerais sobre a língua, tomando como pressuposto que a língua se apresente como algo para ser observável e definido, objetivado enquanto fenômeno científico:

- A língua está sempre fora dos sujeitos, sempre no enunciado da alteridade, e esse enunciado está sempre em um gênero, sempre em uma esfera;
  - Então a língua é apropriada pelos sujeitos nos enunciados dentro de gêneros, relativamente estáveis/instáveis nas esferas de comunicação;
  - Essa apropriação é também sempre um enunciado, um acontecimento, e ele é sempre dirigido à alteridade;
  - No acontecimento, os sujeitos têm de lidar com as forças centrípetas e centrífugas da língua;
  - A unidade do acontecimento é o enunciado;
  - A consciência que os sujeitos possuem da língua é a consciência dos enunciados dos outros que lhe chegam pelos gêneros nas esferas em que vivem, portanto, a língua é, do ponto de vista dos sujeitos, mais uma consciência de enunciados, do que consciência de uma estrutura de partes para o todo, organizadas sintagmaticamente e/ou paradigmaticamente;
  - Assim, a língua talvez nunca tenha sido aquilo que costumamos (principalmente depois da linguística moderna) utilizar para representá-la enquanto estrutura. Talvez a estrutura, inclusive, não seja uma estrutura cartesiana, pois que é reorganizada constantemente pelos sujeitos via redes de enunciados de outrem.
  - Talvez a língua seja mais uma rede de palavras sínicas que conecta os sujeitos com a sociedade, por meio de Enunciados em Gêneros Discursivos.
- **o sujeito:**

Quando mais a vida cotidiana é ficcionalizada e estetizada com recursos midiáticos, mais avidamente se procura uma experiência autêntica, verdadeira, não encenada. Busca-se o realmente real — ou, pelo menos, algo que assim pareça. Uma das manifestações dessa fome de veracidade na cultura contemporânea é o anseio por consumir lampejos da intimidade alheia. Em meio ao sucesso dos reality-shows, o espetáculo da realidade faz sucesso: tudo vende mais se for real, mesmo que se trate de versões dramatizadas de uma realidade qualquer. Como duas caras da mesma moeda, o excesso de espetacularização que impregna nosso ambiente tão

mediatizado anda de mãos dadas com as diferentes formas de “realismo sujo” hoje em voga. A Internet é um palco privilegiado deste movimento, com sua proliferação de confissões reveladas por um eu que insiste em se mostrar sempre ambigualmente real, mas o fenômeno é bem mais amplo e atinge as mais diversas modalidades de expressão e comunicação (SIBILIA, 2008)<sup>105</sup>.

Ao contrário da primeira sensação (já teorizada principalmente pelos apocalípticos<sup>106</sup>) de que os sujeitos estão cada vez mais em busca de (ou mesmo conquistando) *um individualismo essencialista, que pensa poder sobreviver por si*<sup>107</sup>; e se as hipóteses primeiras para a língua na internet, aquelas de Hilgert e Marcuschi (língua escrita por falada, tão próximas como num contínuo), mesmo que reformuladas teoricamente na atualidade (como no contexto desta tese e de outras<sup>108</sup>, escrita e fala se hibridizando dialogicamente em gêneros discursivos apropriados pelos sujeitos nas vozes escritas e mediadas tecnologicamente de outros sujeitos), o que permitiria, talvez, a afirmação de que os sujeitos procuram constantemente um *retorno à mais antiga forma de comunicação, a conversação falada*; estão corretas, o que os sujeitos buscam na internet não é um distanciamento das alteridades, mas uma **aproximação**, mesmo que em relações mediadas, mesmo que cada vez mais com informações em velocidade, fragmentação, e quantidade exageradas, porque tem sido nessa mediação que os sujeitos encontram as vozes escritas dos outros, vozes pelas quais se permitem apropriar da própria escrita, da própria língua, e enunciar suas vozes aos outros, vozes (suas e dos outros) que trazem retorno, que os identificam.

O sujeito se aproxima para ter identidade!

Porque “pensar exige liberdade, exige silêncios e vazios... e terá valido a pena pensar, mesmo que o pensado se esvaia no momento mesmo de sua emergência” (Geraldí, 2007), além de uma sensível mudança no enunciado principal desta tese, sobre a relação

---

<sup>105</sup> Fragmento inicial do capítulo “Eu real e os abalos da ficção”, do livro *O show do eu: A intimidade como espetáculo*, de Paula Sibilia (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008). Disponível em <<http://www.propi.uff.br/ciberlegenda/o-show-do-eu>>. Acessado em 18/03/2014.

<sup>106</sup> Dois exemplos, entre os muitos, Wolton (2007), em “Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas mídias” e Rüdiger (2002), em “Elementos para a crítica da cibercultura”.

<sup>107</sup> Em itálico porque são palavras de uma amiga apropriadas por mim livremente.

<sup>108</sup> Cruciani (2011), Costa (2012), Machado (2012) e Modolo (2010) são os exemplos mais recentes.

entre os sujeitos da contemporaneidade com a língua, mais precisamente com as características de liberdade que toda língua possui, agregando, de forma dual e responsiva, as características de aprisionamento que toda língua também possui, e sobre as quais os sujeitos trabalham cotidianamente, torna-se possível nesse momento específico do texto afirmar algo que há muito tempo tenho pensado, talvez até antes mesmo daqueles primeiros insights de 2001, e algumas vezes enunciado, talvez em mesas de bar e em postagens no twitter: **estamos nos reinventando como seres humanos.**



Reinvenção (Cecília Meireles)

A vida só é possível  
reinventada.

Anda o sol pelas campinas  
e passeia a mão dourada  
pelas águas, pelas folhas...  
Ah! tudo bolhas  
que vem de fundas piscinas  
de ilusionismo... - mais nada.

Mas a vida, a vida, a vida,  
a vida só é possível  
reinventada.

Vem a lua, vem, retira  
as algemas dos meus braços.  
Projeto-me por espaços  
cheios da tua Figura.  
Tudo mentira! Mentira  
da lua, na noite escura.

Não te encontro, não te alcanço...  
Só - no tempo equilibrada,  
desprendo-me do balanço  
que além do tempo me leva.  
Só - na treva,  
fico: recebida e dada.

Porque a vida, a vida, a vida,  
a vida só é possível  
reinventada.





## BIBLIOGRAFIA

- AGAMBEN, Giorgio. (2005). **Infância e história: destruição da experiência e origem da história.** (Tempo e história. Crítica do instante e do contínuo). Minas Gerais: Editora da UFMG;
- ALMEIDA, R. (2012). Google, Facebook e a ditadura da Era da Informação. In.: **Blog Planos e ideias. Planejamento e gestão de projetos digitais.** IDGNOW. Disponível em <http://idgnow.com.br/blog/planoseideias/2012/11/28/google-facebook-e-a-ditadura-da-era-da-informacao/>. Acessado em 12/03/2014.
- BAKHTIN, M. M. (VOLOCHINOV, V. N). (2006). **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem.** Trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz – 12 ed. São Paulo: Hucitec.
- BAKHTIN, M. M. (2010). **Estética da Criação Verbal.** Trad. de Paulo Bezerra. 5 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (2010b). **Questões de Literatura e Estética. A teoria do Romance.** Trad. de Aurora Fornoni Bernardini, José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena Spryndis Nazário e Homero Feritas de Andrade. 6 ed. São Paulo: Hucitec.
- \_\_\_\_\_. (2010c). **A cultura popular na idade média e no renascimento. O contexto de François Rabelais.** Trad. de Yara Frateschi Vieira. 7 ed. São Paulo: Hucitec.

- BARBOSA, M. V. (2008). **A dimensão afetivo-emotiva dos discursos de professores e alunos nas interações em sala de aula**. Tese de Doutorado – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- BARTHES, R. (2002). **O prazer do texto**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva.
- BAUER, Carlos. (1997) **Reflexões sobre o tempo e a construção da história**. São Paulo: Edições Pulsar.
- BENTES, A. C. (2000). **A arte de narrar: da constituição das histórias e dos saberes dos narradores da Amazônia paraense**. Tese de Doutorado – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- BRAIT, B. (1997). (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. Campinas, Editora da UNICAMP.
- \_\_\_\_\_. (2005). (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto.
- BRITTO, L. P. L. (2001). Em terra de surdos-mudos (um estudo sobre as condições de produção de textos escolares). In.: GERALDI, J. W. (Org.) **O texto na sala de aula**. São Paulo: Editora Ática.
- \_\_\_\_\_. (2003) **Contra o Consenso. Cultura escrita, educação e participação**. Campinas: Mercado de Letras. – Coleção Ideias sobre Linguagem.
- BUNZEN, C. (2004). O ensino de “gêneros” em três tradições: implicações para o ensino-aprendizagem de língua materna. In.: Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso. (2004). **Quimera & A peculiar atividade de formalizar a mistura do nosso café com o revigorante chá de Bakhtin**. GEGE, São Carlos.
- CAMPOS, C. (2014). **Sala de aula. O fato e a notícia**. In.: Observatório da Imprensa. Disponível em <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/showNews/da270320025.htm>>. Acessado em 18/03/2014.

- CASTELLS, M. 2003. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.** Trad. De Maria Luiza X. de A. Borges; revisão Pualo Vaz. Rio de Janeiro: Zahar.
- CHIMELLO, J. Z. & BUNZEN, C. (2011). **Sistema apostilado e ensino de leitura para as crianças do 2º ano nos municípios paulistas.** In.: Revista Contemporânea de Educação N º 12 – agosto/dezembro de 2011. Disponível em <<http://www.revistacontemporanea.fe.ufrj.br/index.php/contemporanea/article/viewFile/141/131>>. Acessado em 18/03/2014.
- CLARK, K.; HOLQUIST, M. (1998). **Mikhail Bakhtin:** Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva. Companhia das Letras, 2009.
- CORREA, M. (2004). **O modo heterogêneo de constituição da escrita.** São Paulo: Martins Fontes.
- COSTA, S. M. (2012). **Tweet: reelaboração de gêneros em 140 caracteres.** Departamento De Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Ceará.
- COVRE, A. & MIOTELLO, V. (2008). A Quarta Onda: observações sobre a revolução da informação. In: TASSO, I. (org.). **Estudos do Textos e do Discurso.** Interfaces entre Língua(gens), Identidade e Memória. São Carlos: Clara Luz Editora, p.75-90.
- COVRE, A. (2007a). **Quimeras discursivas do presidente Lula. Ambivalência em gêneros discursivos.** Dissertação de mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- \_\_\_\_\_. (2007b). Por uma nova experiência de tempo. Do erro gramatical a derrota da própria morte, uma hipótese bakhtiniana para o narrador na internet. In.: **O Espelho de Bakhtin.** Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso. São Carlos: Pedro e João Editores.

- CRUCIANI, J. M. (2011). A produção de blogs dentro e fora da escola sob a lente analítica as identidades e dos gêneros discursivos. Dissertação de mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- DAHL, R. (1997). **Poliarquia: participação e oposição**. São Paulo: Editora da USP, 1997.
- DIAS, C. P. (2004). **A discursividade da rede (de sentidos): a sala de bate-papo hiv**. Tese de doutoramento. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Federal de Campinas, Campinas.
- ECO, U. (1994). **Seis passeios pelo bosque da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- EGYPTO, L. (2001). **Entrevista/José Arbex Jr. A notícia como espetáculo**. In.: Observatório da Imprensa. Disponível em <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/al031020011.htm>>. Acessado em 12/03/2014
- FIORAVANTE, Carlos. (2003). **Macacos quase falantes**. In: Pesquisa FAPESP, São Paulo, n. 85, marco de 2003, 34-39.
- FREIRE, p. (1986). **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez.
- FROMM, E. (1961). **Posfácio**. In.: Orwell. G. (2009). 1984. Trad. de Alexandre Hubner, Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras.
- GALEANO, E. (1978). **As veias abertas da América Latina**. Trad. de Galeno de Freitas. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- GALEMBECK, P. T. (2001). O turno conversacional. PRETI, Dino (org.). **Análise de textos orais- Projetos Paralelos – NURC/SP, Núcleo USP**. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2001, v.1, 5 ed., p. 55-79.

- GEGE. (2009). GRUPO DE ESTUDOS DOS GENEROS DO DISCURSO (2009). **Palavras e contrapalavras: Glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2009.
- GERALDI, J. W. (1996). **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação**. Campinas: Mercado de Letras.
- \_\_\_\_\_. (2003a). A diferença identifica. A desigualdade deforma. Percursos bakhtinianos de construção ética e estética. In: FREITAS, M. T.; JOBIM E SOUZA, S.; KRAMER, S. (Orgs). (2003). **Ciências Humanas e pesquisa: leitura de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez. – (Coleção questões da nossa época, v. 107). (p. 39-56).
- \_\_\_\_\_. (2003b). **Depois do ‘show’, como encontrar o encantamento?**. In: Caderno de Estudos Linguísticos 44. Campinas: UNICAMP/IEL. – (p.251-261).
- \_\_\_\_\_. (2006). **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (2007). **Problematizar o Futuro não é perder a memória do que há de vir**. Revista Ecos. Volume 5. Número 02. Disponível em <[http://www.unemat.br/revistas/ecos/docs/v\\_05/67\\_Pag\\_Revista\\_Ecos\\_V-05\\_N-02\\_A-2007.pdf](http://www.unemat.br/revistas/ecos/docs/v_05/67_Pag_Revista_Ecos_V-05_N-02_A-2007.pdf)>. Acessado em 15/05/2014
- \_\_\_\_\_. (2010). **Ancoragem. Estudos Bakhtinianos**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- GERALDI, J. W.; FICHTNER, B.; BENITES, M. (2006) **Transgressões Convergentes - Vigotski, Bakhtin, Bateson**. Capítulo 7 – “O computador e o desenvolvimento de novas atividades: uma perspectiva epistemológica.”. Campinas: Mercado de Letras, 2006, p. 117-134;
- GOMES-SANTOS, S. N. (2003). **A linguística textual na reflexão sobre o conceito de gênero**. In: Caderno de Estudos Linguísticos 44. Campinas: UNICAMP/IEL. – (p.315-323).

- \_\_\_\_\_. (2004). **A questão do gênero no Brasil: teorização acadêmico-científica e normatização oficial**. Tese de doutoramento. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- \_\_\_\_\_. (2004b). A circulação de saberes no domínio acadêmico-científico: o conceito de gênero em/como questão. In: MANFRIM, A. M. P. et all. **Quimera e a peculiar atividade de formalizar a mistura do nosso café com o revigorante chá de Bakhtin**. São Carlos: Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso. – (p.37-62).
- \_\_\_\_\_. (2005). 'Preciso me manter imparcial': saberes sobre genero em praticas de letramento escolar. In: MANFRIM, A. M. P. et all. **Triboluminescencia: Gegelianos e Bakhtin ainda a sombra. São Carlos: Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso**. – (219-242).
- HILGERT, J. G. (2001). A construção do texto “falado” por escrito na internet. PRETI, Dino (org.). **Fala e escrita em questão- Projetos Paralelos – NURC/SP, Núcleo USP**. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, v.4, 2 ed., p. 17-55.
- HOBSBAWM, E. J. (2002) **A Era das Revoluções – 1789 – 1848**. 16 ed. Rad. Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- HUXLEY, A. (1982). **Admirável Mundo Novo**. – São Paulo: Abril Cultural.
- KOCH, I. G. V. (1997). **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto.
- \_\_\_\_\_. (2002). **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez.
- \_\_\_\_\_. (2004a). **Introdução à Lingüística Textual**. São Paulo, Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (2004b). **A Construção Sociocognitiva da referência**. (Apresentação de trabalho). Fonte da referência: Currículo Lates Online.

- KOMESU, F. C. (2003). **As relações intergenéricas constitutivas da escrita das home pages**. In: ABAURRE, M. B. M.; MAYRINK-SABINSON, M. L. T.; FIAD, R. S. (orgs). *Estilo e gênero na aquisição da escrita*. Campinas: Komedi. – (colecao ALLE). (p. 223-263).
- \_\_\_\_\_. (2005). **Entre o público e o privado: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de blogs da internet**. Tese de doutoramento. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- LAROSSA, J. (2001). **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Trad. João Wanderley Geraldi. Conferencia proferida no I Seminário Internacional de Educação de Campinas, traduzida e publicada, em julho de 2001, por Leituras SME; Textos-subsídio ao trabalho pedagógico das unidades da Rede Municipal de Educação de Campinas/FUMEC.
- LATHAM, E. E. M. (2006). **Linguagem, identidade e gênero na comunicação mediada por computador: um estudo de web pages pessoais de mulheres**. Tese de doutoramento. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- LEVY, P.(1998). **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 1998.
- MACHADO, F. S. (2012). **Hipertextualidade: uma abordagem bakhtiniana sobre relações dialógicas entre enunciados em rede**. Tese de Doutorado. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- MAINGUENEAU, D. (2005). **Gênese dos discursos**. Trad. Sírio Possenti. Campinas: Criar Edições.
- MANFRIN, A. M. P. & COVRE, A. L. (2004). Práticas discursivas de gêneros de letramento - A dança. In: **Quimera e a peculiar atividade de formalizar**

**a mistura do nosso café com o revigorante chá de Bakhtin.** São Carlos: Grupo de Estudos dos gêneros do Discurso - GEGE (p. 17-36).

MANFRIN, A. M. P. (2006). Pichação: uma outra historia. In: **Veredas Bakhtinianas - de objetos a sujeitos.** São Carlos: Pedro & João Editores (p. 15-25).

MANIN, B. (2007). **As metamorfoses do governo representativo.** In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. N? 29, ano 10, outubro de 1995. Disponível em: [http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_29/rbcs29\\_01.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_29/rbcs29_01.htm). Acesso em: 09 out. de 2007.

MARCONATO, S. **A revolução do internetês.** REVISTA LÍNGUA. Disponível em <<http://revistalingua.uol.com.br/textos.asp?codigo=11061>>. Acesso em: 18/03/2014.

MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (Orgs) (2004). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido.** Rio de Janeiro: Lucerna.

MARCUSCHI, L. A. (1986). **Análise da Conversação.** São Paulo: Ática (Serie Princípios, 82). ISBN 85-08-01496-1.

\_\_\_\_\_. (2001) **Da fala para a escrita. Atividades de retextualização.** São Paulo: Cortez Editora, 2001. Bibliografia: p. 09-43. ISBN 85-249-0771-1.

\_\_\_\_\_. (2002) **Gêneros textuais emergentes e atividades linguísticas no contexto da tecnologia digital.** Conferencia proferida no Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL) USP – Universidade de São Paulo, 23-24 de maio de 2002.

\_\_\_\_\_. (2005) **Heráclito e o hipertexto: o logos do hipertexto e a harmonia do oculto.** In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE HIPERTEXTO, 1, 2005, Recife. Anais. Disponível em: <[www.ufpe.br/hipertexto2005/TRABALHOS/Marcuschi%20\(Confer%EAncia.htm](http://www.ufpe.br/hipertexto2005/TRABALHOS/Marcuschi%20(Confer%EAncia.htm)>. Acesso em: 27 out. 2008.



- MARX, K. **A liberdade de imprensa**. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- MCMILLEN, S. (2014). **Amusing ourselves to death**. Disponível em <<http://classicosuniversais.files.wordpress.com/2011/07/2009-05-musing-ourselves-to-death.png>>. Acessado em 03/03/2014.
- MIOTELLO, V. (2001). **A construção turbulenta das hegemonias discursivas. O discurso neoliberal e seus confrontos**. Tese de doutoramento. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- \_\_\_\_\_. (2005). A questão da relação dos discursos fundadores com os discursos formadores. In: **Triboluminescência: Hegelianos & Bakhtin - Ainda a sombra**. São Carlos: Grupo de estudos do Gênero do Discurso - GEGE (p. 271-281)
- \_\_\_\_\_. (2006). A memória do passado em jogo com a memória do futuro constitui sentidos agora. Dai que os projetos de dizer dos sujeitos tem importância. In.: GEGE (2006). **Veredas Bakhtinianas. De objetos a sujeitos**. São Carlos: Pedro e João Editores;
- MODOLO, A. D. R. (2010). **Hipertextualidade e relações dialógicas no gênero digital microblog político dos candidatos à presidência do Brasil nas eleições 2010**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- NICOLELIS, M. (2011). **Muito além do nosso eu: a nova neurociência que une cérebros e máquinas – e como ela pode mudar nossas vidas**. – São Paulo: Companhia das Letras.
- PAULINO, G. **Tipos de textos, modos de leitura**. Belo Horizonte: Formato, 2001.
- PEREIRA, M. A. (2011). **Internet e mobilização política – os movimentos sociais na era digital**. In.: IV Encontro da Compólitica, Universidade do Estado do Rio

de Janeiro, 13 a 15 de abril de 2011. Disponível em <<http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2011/03/Marcus-Abilio.pdf>>. Acessado em 18/03/2014.

PINHEIROS, B. (2013). **Do mIRC ao Facebook Chat: A Evolução dos Comunicadores Instantâneos**. In.: Mundo Interativo. Disponível em <<http://www.mundointerativo.com.br/2013/01/21/do-mirc-ao-facebook-chat-a-evolucao-dos-comunicadores-instantaneos/>>. Acessado em 18/03/2014.

PRIMO, A. (2008). **Interação Mediada por Computador**. Editora Sulina, Porto Alegre. Coleção Cibercultura.

RAMA, A. (1985). **A cidade das letras**. São Paulo: Brasiliense.

RECUERO, R. (2009). **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina.

RIBEIRO, N. B. (2005). **Entrecruzamento de gêneros discursivos na universidade: esferas do político, do científico e do ensino**. Tese de doutoramento. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

ROCHA FILHO, Z. A. B. (2007). **Som e ação na narração de futebol no Brasil**. Tese de Doutorado – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

RUBIM, A. A. C.; AZEVEDO, F. A. (2003). **Definindo a Idade Mídia na Contemporaneidade**. Idade Mídia. São Paulo, n? 3, p. 07-21, 2003.

RUBIM, A. A. C.; AZEVEDO, F. A. (1998). **Mídia e Política no Brasil**. São Paulo; Lua Nova, v.1, n?43, p. 189-216, 1998.

RÜDIGER, F. (2002). **Elementos para a crítica da cibercultura**. São Paulo: Hacker Editores.

- SAKAMOTO, L. (2013). **Marco Civil – estão querendo criar gente diferenciada na internet.** Disponível em <http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2013/11/12/marco-civil-estao-querendo-criar-gente-diferenciada-na-internet/>. Acessado em 12/03/2014.
- SANTANNA, A. R. de (s/d). **Ler o mundo: tudo e texto. Não e só quem lê um livro que lê.** In: O Globo, [s/d.].
- SANTOS, C. A. R. (2012). Narração esportiva de futebol e composicionalidade: uma proposta de estudo textual-discursiva das sequências textuais. In.: Estudos da Língua(gem). Vitória da Conquista v. 10, n. 2.
- SCOLARI, C. (2008). Hipermediaciones. Elementos para uma Teoría de La Comunicación Digital Interactiva. Barcelona: Gedisa Editorial.
- LIMA, J. A. (2013). **Honduras: do golpe ao estado policial?.** Disponível em <http://www.cartacapital.com.br/internacional/honduras-do-golpe-ao-estado-policial-6580.html>>. Acessado em 06/03/2014
- SMITH, F. (1973). **Psycholinguistics and Reading.** Thomson Learning
- \_\_\_\_\_. (1994). **Writing and the Writer.** Routledge.
- SOUSA SANTOS, B. de (2004). Conhecimento Prudente para uma Vida Decente. ‘Um discurso sobre as ciências’ revisitado. São Paulo: Cortez.
- \_\_\_\_\_. (1996). **Um discurso sobre as ciências.** Porto: Afrontamento.
- SOUZA, G. T. (1999). **Introdução à Teoria do Enunciado Concreto do Círculo Bakhtin / Volochinov / Medvedv.** São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP.
- SPYER, J. (2014). **Tudo o que você precisa saber sobre twitter. Você já aprendeu em uma mesa de bar! Um guia prático para pessoas e organizações.** Disponível em

<[http://guiadotwitter.talk2.com.br/arquivos/Manual\\_Twitter\\_3\\_MB.pdf](http://guiadotwitter.talk2.com.br/arquivos/Manual_Twitter_3_MB.pdf)>.  
Acessado em 18/03/2014.

TAPSCOTT, D.; WILLIAMNS, A. D. (2007). **Wikinomics: como a colaboração em massa pode mudar o seu negocio.** – Rio de janeiro: Nova Fronteira.

TEIXEIRA, V. C. (2007). **A contribuição da Internet para os movimentos sociais e redes de movimentos sociais e o caso do Movimento Internacional Pela Adoção ao Software Livre.** In.: Anais do II Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia. Disponível em <[http://www.sociologia.ufsc.br/npms/viviani\\_teixeira.pdf](http://www.sociologia.ufsc.br/npms/viviani_teixeira.pdf)>. Acessado em 18/03/2014.

THOMPSON, J. B. (2009). **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** Trad. de Wagner de Oliveira Brandão. 11 ed. Petrópolis: Vozes.

TOFFLER, A. (1995). **A Terceira Onda. A morte do industrialismo e o nascimento de uma nova civilização.** Trad. De João Távora. 20ª Ed. Rio de janeiro: Record.

VALENTE, J. (2006). **Atuação da imprensa volta à ordem do dia na reta final das eleições.** In.: Carta Maior. Disponível em <[http://www.cartamaior.com.br/detalheImprimir.cfm?conteudo\\_id=11571&flag\\_destaque\\_longo\\_curto=L](http://www.cartamaior.com.br/detalheImprimir.cfm?conteudo_id=11571&flag_destaque_longo_curto=L)>. Acessado em 09/03/2014.

VERISSIMO, L. F. (2002). **A invenção do O.** Poesia numa hora dessas?! Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

\_\_\_\_\_. (s/s). **O gigolô das palavras.** Disponível em <<http://conhecimentoetudo.wordpress.com/2009/04/27/o-gigolo-das-palavras/>>. Acessado em 18/03/2014.


VILHAÇA, P. (2013). **Para onde vai a onda das manifestações.** In.: Escrevinhador. Disponível em <<http://www.rodrigovianna.com.br/outras-palavras/para-onde-vai-a-onda-das-manifestacoes.html>>. Acessado em 18/03/2014.

- VOESE, I. **Análise do discurso e o ensino de língua portuguesa**. São Paulo : Cortez.
- WILLIAMS, A. C. T. (2002). **Narração de futebol no Brasil e na França. Um cruzamento linguístico-cultural de um evento discursivo**. Tese de Doutorado. Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- WIZIACK, J. (2013). **Análise. Com ajuda de Facebook, Rede Globo dá ‘chega pra lá’ em teles**. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/11/1367390-analise-com-ajuda-de-facebook-rede-globo-da-chega-pra-la-em-teles.shtml>. Acessado em 12/03/2014.
- WOLTON, D. **Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas mídias**. Tradução de Isabel Crossetti. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- XAVIER, A. C. dos S. (2002). **Hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital**. Tese de doutoramento. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- YATES, S. (2000). **Computer mediated communication: The future of the letter? In.: Letter Writing as a Social Practice**. D. Barton & N. Hall (eds), Amsterdam: John Benjamins.
- ZIZEK, S. (2003). **Excesso e carência de democracia**. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2704200310.htm>. Acessado em 18/03/2014.
- \_\_\_\_\_. (2004). **O livre-arbítrio compulsório**. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0809200212.htm>. Acessado em 18/03/2014.
- \_\_\_\_\_. (2008). **Robespierre – Virtude e Terror** (tradução de Jose Mauricio Gradel). São Paulo: Jorge Zahar.


\_\_\_\_\_. (2013). **A caminho de uma ruptura global**. In.: London Review of Books |  
Tradução Vila Vudu. Disponível em  
<[http://outraspalavras.net/posts/zizek-a-caminho-de-uma-ruptura-  
global/](http://outraspalavras.net/posts/zizek-a-caminho-de-uma-ruptura-global/)>. Acessado em 18/03/2014.


ANEXO 1) 12 enunciados aleatórios de sujeitos diferentes, sobre temas diversos, nas ferramentas Twitter e Facebook<sup>109</sup>:

Neste primeiro grupo organizei cada enunciado em quadro com as seguintes características: número do enunciado; título do enunciado; reprodução textual, ou seja, reprodução escrita do enunciado contido na imagem coletada e informações sobre sua localização e, quando possível, a data em que foi acessado.


Nº #1	Título do enunciado (autor e tema)	Reprodução textual
	@tuliovianna e a Folha de São Paulo.	
		<p>“Prefeitura de SP faz cruzada homofóbica no Parque do Ibirapuera: http://www1.folha.uol.com.br...”</p>
Disponível em: <a href="http://twitter.com/tuliovianna/status/4682468054">http://twitter.com/tuliovianna/status/4682468054</a>		


<sup>109</sup> O título do enunciado sempre começa com o nome do autor. Se o nome é precedido pelo símbolo “@”, significa que é um enunciado proferido na ferramenta Twitter. Com exceção dos enunciados 5, 6 e 7, que são exemplos retirados de uma terceira ferramenta, o MSN, os outros foram proferidos na ferramenta Facebook. A exceção provocada pela presença da ferramenta MSN será explicada no decorrer das análises.


Nº #2	Título do enunciado (autor e tema)	Reprodução textual
@pedrox e o Jornalismo		<b>Reprodução textual</b>
		<p>“O que é o Jornalismo em Tempo Real? – <a href="http://migre.me/9tSa">http://migre.me/9tSa</a> (via @inexato)”</p>
Disponível em: <a href="http://twitter.com/pedrox/statuses/5016115758">http://twitter.com/pedrox/statuses/5016115758</a>		


Nº #3	Título do enunciado (autor e tema)	Reprodução textual
@FláviaGalindo e o RT		<b>Reprodução textual</b>
		<p>“Acho que por aqui, ninguém lembra da vaca preta do Sem Nome RT @LeoBraganca Na onda da #Mesbla, a volta do sorvete Sem Nome <a href="http://tr.im/CoNy">http://tr.im/CoNy</a>”</p>
Disponível em: <a href="http://twitter.com/flaviagalindo">http://twitter.com/flaviagalindo</a>		



Nº #4	Título do enunciado (autor e tema)	Reprodução textual
@FláviaGalindo e o RT		
		<p>“Ótima essa RT @rosana Regras, normas..ninguém aceita +.Nem da Globo -@danielkastro – http://bit.ly/jL4rO”</p>
Disponível em: <a href="http://twitter.com/flaviagalindo">http://twitter.com/flaviagalindo</a>		

Nº #5	Título do enunciado (autor e tema)	Reprodução textual
@tuliovianna, @raquelrecuero e Honduras		
		<p>“@tuliovianna ótimos comentários sobre Honduras, valeu! (Melhor que procurar nos jornais, encontrei pouquíssima coisa)”</p>
Disponibilizado em <a href="http://twitter.com/tuliovianna">http://twitter.com/tuliovianna</a> e <a href="http://twitter.com/raquelrecuero">http://twitter.com/raquelrecuero</a> . Acessado em 28/06/2009, 16:25.		

Nº #6	Título do enunciado (autor e tema)	Reprodução textual
@emerluis e a palestra		
		<p>“Resumo dos tweets palestra @bethsaad <a href="http://bit.ly/UIJ2M">http://bit.ly/UIJ2M</a>”</p>
Disponibilizado em <a href="http://twitter.com/emerluis">http://twitter.com/emerluis</a> . Acessado em 14/ 07/2009, 16:51.		

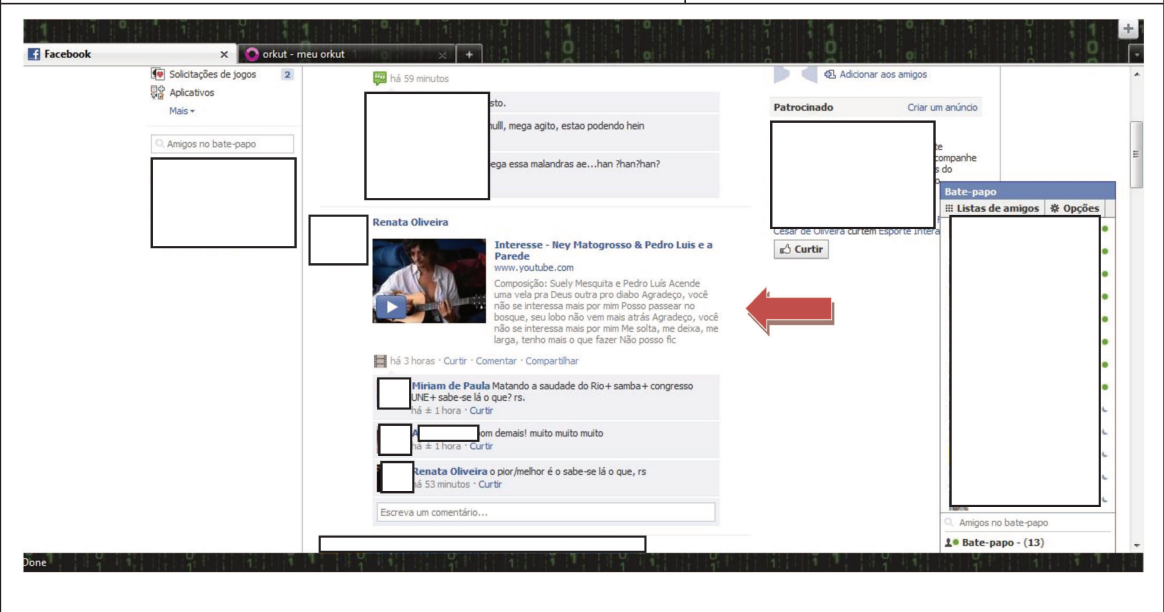
Nº #7	Título do enunciado (autor e tema)	Reprodução textual
@thiagopriest, site terra e Honduras		
		<p>“RT @jpissin: #Honduras Site do terra coloca posts dos usuários do twitter para acompanhar a situação na embaixada brasileira #novasmidias</p>
Disponibilizado em <a href="http://twitter.com/thiagopriest">http://twitter.com/thiagopriest</a> . Acessado em 28/06/2009.		

Nº #8	Título do enunciado (autor e tema)	
Gladys e o Supermercado		



Disponibilizado em 29/01/2011, 20:43, pela própria autora e capturado por meio da técnica *Print Sreen*.

Nº #9	Título do enunciado (autor e tema)	
Renata, a música e o vídeo		



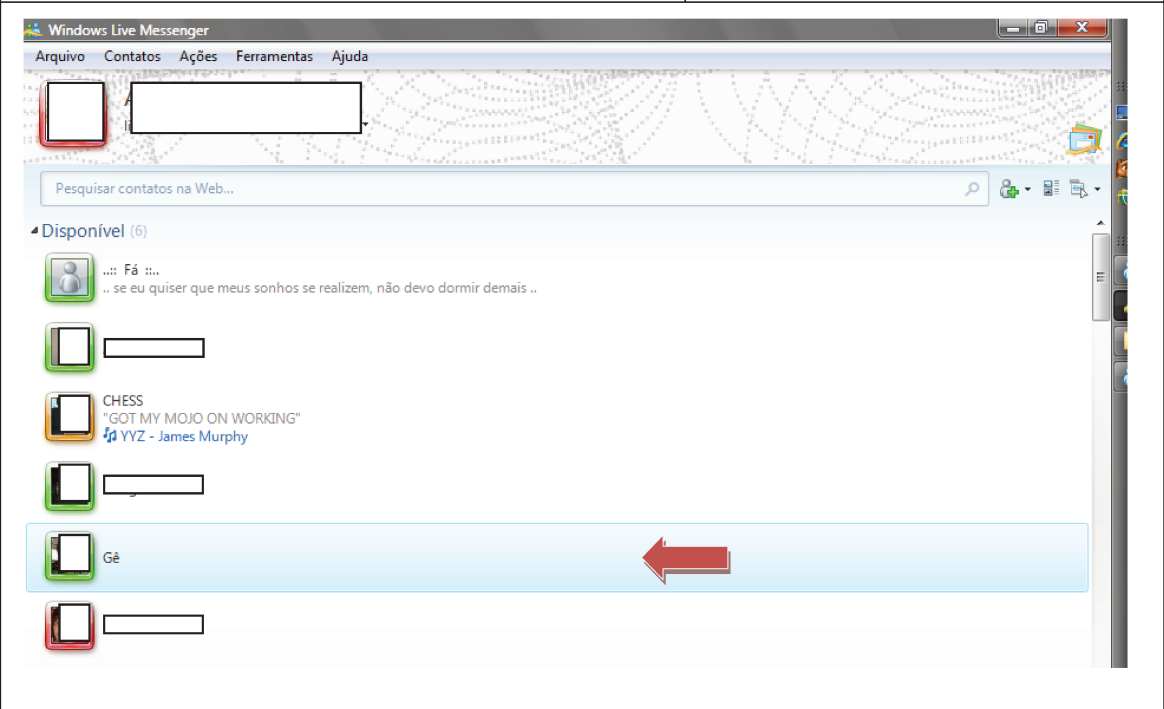
Disponibilizado em 01/04/2001, 21:34, pela própria autora e capturado por meio da técnica *Print Scren*.

Nº #10	Título do enunciado (autor e tema)	
Angelita e o MSN		



Disponibilizado em 23/03/2009, 12:59, pela própria autora e capturado por meio da técnica *Print Scren*.

Nº #11	Título do enunciado (autor e tema)	
Angelita e o MSN		

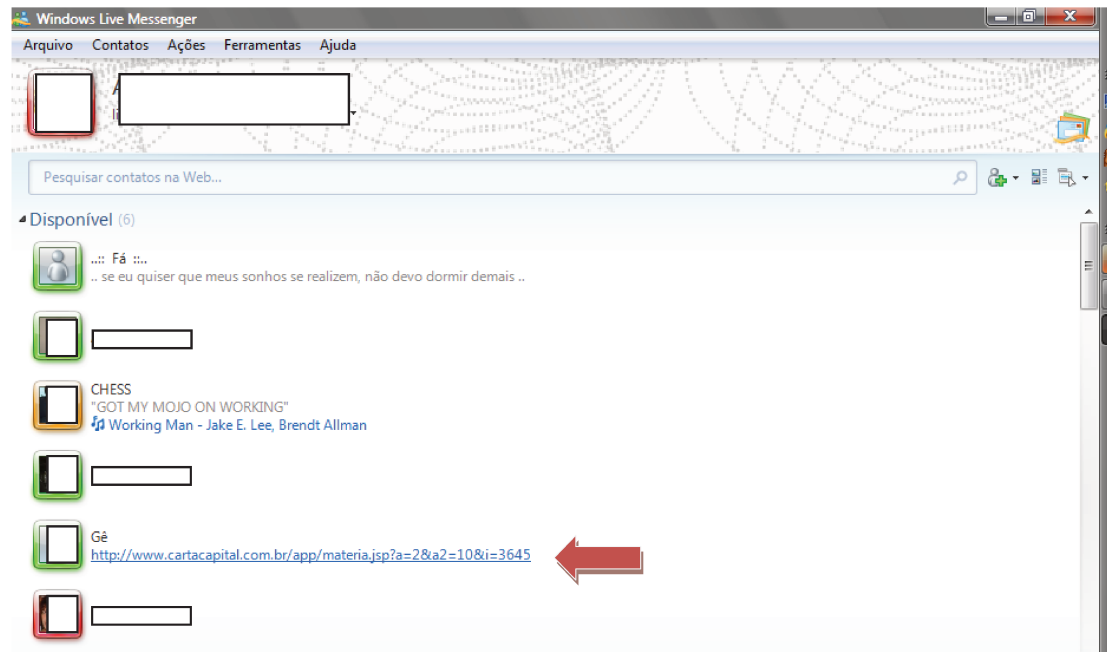


Disponibilizado em 23/03/2009, 12:59, pela própria autora e capturado por meio da técnica *Print Screen*.

Nº #12

Título do enunciado (autor e tema)

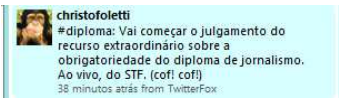
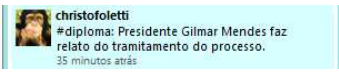

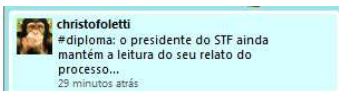
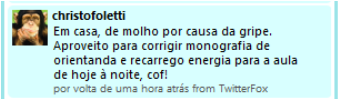
Angelita e o MSN



Disponibilizado em 23/03/2009, 12:59, pela própria autora e capturado por meio da técnica *Print Screen*.

ANEXO 2) Uma sequência cronológica de 86 enunciados de um único sujeito na ferramenta Twitter sobre um único tema, acrescentados de mais 5 enunciados de outros 4 sujeitos, por se relacionarem, de alguma maneira, com um ou mais dos 86 enunciados sequenciados<sup>110</sup>.

Neste segundo grupo organizei a sequência de enunciados em uma tabela com as seguintes características: número do enunciado; título do enunciado; reprodução textual, ou seja, reprodução escrita do enunciado contido na imagem coletada.

Nº	Título dos enunciados	
#13- #98	<b>@christofoletti e a Queda da obrigatoriedade do diploma de jornalismo.</b>	<b>Reprodução textual</b>
#13		“#diploma: Vai começar o julgamento do recurso extraordinário sobre a obrigatoriedade do diploma de jornalismo. Ao vivo, do STF. (cof! Cof!)”
#14		“#diploma: Presidente Gilmar Mendes faz relato do tramitamento do processo”
#15		“#diploma: estão narrando também esse julgamento o @rwmídias, o @cvalente e @comunique-se, pelo menos... sigam-nos! (cof! cof! cof! cnif!)”
#16		“#diploma: o presidente do STF ainda mantém a leitura do seu relato do processo...”
#17		“#diploma: Em casa, de molho por causa da gripe. Aproveito para corrigir monografia de orientanda e recarrego energia para a aula de hoje à noite, cof!”

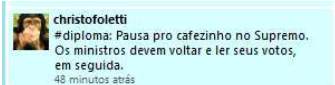
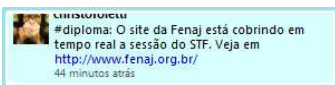
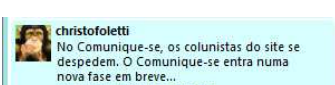
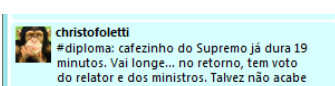

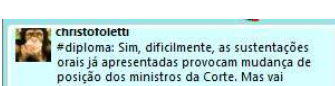
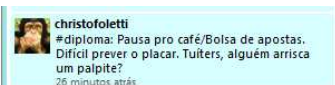
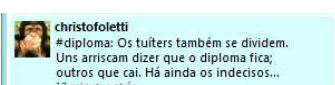
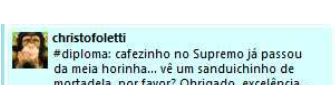
<sup>110</sup> Todos os enunciados disponibilizados pelos seus autores e capturados por meio da técnica *Print Screen*.

#18	 <p>christofoletti #diploma: Thais Borja Gasparini, da parte das empresas que contestam a obrigatoriedade do diploma, começa a fazer a defesa de sua tese. 24 minutos atrás from TwitterFox</p>	“#diploma: Thais Borja Gasparini, da parte das empresas que contestam a obrigatoriedade do diploma, começa a fazer a defesa de sua tese.”
#19	 <p>christofoletti #diploma: a tese é de que o decreto 972/69, que regulamenta a profissão e exige o diploma, não é recepcionada pela Constituição de 88 23 minutos atrás from TwitterFox</p>	“#diploma: a tese é de que o decreto 972/69, que regulamenta a profissão e exige o diploma, não é recepcionada pela Constituição de 88”
#20	 <p>christofoletti #diploma: a advogada do sindicato das empresas argumenta que jornalismo é atividade meramente intelectual e não técnica... 21 minutos atrás from TwitterFox</p>	“#diploma: a advogada do sindicato das empresas argumenta que jornalismo é atividade meramente intelectual e não técnica...”
#21	 <p>christofoletti #diploma: agora, a advogada diz que o jornalismo é uma técnica de difusão de informações... cof! cof! cof! (não entendi. é técnica ou não?) 20 minutos atrás from TwitterFox</p>	“#diploma: agora, a advogada diz que o jornalismo é uma técnica de difusão de informações... cof! cof! cof! (não entendi. é técnica ou não?)”
#22	 <p>christofoletti #diploma: a advogada do Sertespe enumera países onde o diploma de jornalismo não é obrigatório, entre eles EUA e Itália. 18 minutos atrás from TwitterFox</p>	“#diploma: a advogada do Sertespe enumera países, onde o diploma de jornalismo não é obrigatório, entre eles EUA e Itália.”
#23	 <p>christofoletti #diploma: a advogada passa a contestar o decreto 972/69 por ter surgido nos tempos da ditadura. Segundo ela, um vício de origem da normativa 18 minutos atrás from TwitterFox</p>	“#diploma: a advogada passa a contestar o decreto 972/69 por ter surgido nos tempos da ditadura. Segundo ela, um vício de origem da normativa”
#24	 <p>#diploma: vou tomar um antipirético rápido e volto em um minuto. A advogada do sindicato das empresas continua defendendo sua tese. cof! cof 15 minutos atrás</p>	“#diploma: vou tomar um antipirético rápido e volto em um minuto. A advogada do sindicato das empresas continua defendendo sua tese. cof! cof”
#25	 <p>christofoletti #diploma: a advogada conclui sua defesa. Fala agora o procurador da República, Antonio Fernando de Souza... 10 minutos atrás</p>	“#diploma: a advogada conclui sua defesa. Fala agora o procurador da República, Antonio Fernando de Souza...”
#26	 <p>christofoletti #diploma: o procurador defende a tese do provimento do recurso, isto é, é contra a obrigatoriedade do diploma para o exercício. 9 minutos atrás</p>	“#diploma: o procurador defende a tese do provimento do recurso, isto é, é contra a obrigatoriedade do diploma para o



		exercício.”
#27		“#diploma: o MPF argumenta que a obrigatoriedade constringe a liberdade de expressão, conforme protocolos internacionais”
#28		“#diploma: o procurador da República termina o seu voto. O advogado da Fenaj passa a fazer a defesa de sua tese: pelo diploma.”
#29		“#diploma: o advogado João Roberto Piza opta por uma contra-argumentação de demolição da tese dos opositores.”
#30		“#diploma: o advogado diz temer a precarização das relações trabalhistas e a proletarianização dos jornalistas com a queda do diploma”
#31		“#diploma: o advogado da Fenaj bate numa ferida, comparando jornalistas e advogados, e suas respectivas normativas de acesso à profissão...”
#32		“#diploma: o advogado da Fenaj argumenta que a Constituição Federal defende a liberdade de expressão e resguarda o exercício aos profissionais”
#33		“#diploma: “Se o jornalismo é o 4º poder da República, como não vamos ter formação específica para quem exerce poder dessa envergadura”?”
#34		“#diploma: o advogado da Fenaj começa a enumerar as disciplinas dos currículos dos cursos de Jornalismo e a necessidade de cada uma delas.”


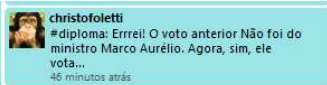
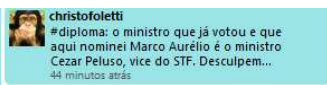

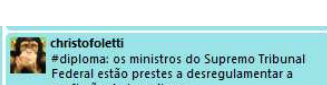



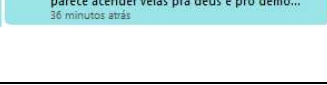
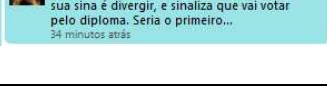
#35		“#diploma: Seu argumento vai no sentido da necessidade de uma formação específica, própria, para quem exercer o jornalismo...”
#36		“#diploma: O advogado da Fenaj demonstra sarcasmo, ironia, impaciência e até mesmo falta de fôlego. No plenário, reina um silêncio tumular...”
#37		“#diploma: O presidente Gilmar Mendes alerta para a necessidade de conclusão da fala do advogado da Fenaj.”
#38		“#diploma: o advogado da Fenaj conclui, e inicia a fala Greice Maria Fernandes, da Advocacia Geral da União, que atua com a Fenaj”
#39		“#diploma: retificando a grafia da advogada: Grace Maria Fernandes”
#40		“#diploma:...cof! cof! cof! a advogada ressalta a relevância do diploma em rápidos comentários...”
#41		“#diploma: ... e argumenta que isso era legítimo e esperado àquele tempo. Hoje não. Defende então a necessidade de se fazer curso superior..”
#42		“#diploma: também tentei acompanhar a transmissão da TV Justiça pela web e não consegui. Aliás, nunca. Faço a narração do que vejo pela TV...”
#43		“#diploma: @AndreCovre Não. Apenas sinalizou a tese já bastante disseminada de que a imprensa pode exercer a fiscalização dos outros 3 poderes.”

#44		“#diploma: Pausa pro cafezinho no Supremo. Os ministros devem voltar e ler seus votos, em seguida.”
#45		“#diploma: O site da Fenaj está cobrindo em tempo real a sessão do STF. Veja em <a href="http://www.fenaj.org.br/">http://www.fenaj.org.br/</a> ”
#46		“#diploma: No Comunique-se, os colonistas do site se despedem. O Comunique-se entra numa nova fase em breve... <a href="http://www.comunique-se.com.br">www.comunique-se.com.br</a> ”
#47		“#diploma: cafezinho do Supremo já dura 19 minutos. Vai longe... no retorno, tem voto do relator e dos ministros. Talvez não acabe hoje...”
#48		“#diploma: Cesar Valente arrisca: ministros já devem ter seus votos prontos <a href="http://bit.ly/18ZfBH">http://bit.ly/18ZfBH</a> ”
#49		“#diploma: Sim, dificilmente, as sustentações orais já apresentadas provocam mudança de posição dos ministros da Corte. Mas vai saber...”
#50		“#diploma: Pausa pro café/Bolsa de apostas. Difícil prever o placar. Tuítors, alguém arrisca um palpite?”
#51		“#diploma: Os tuítors também se dividem. Uns arriscam dizer que o diploma fica; outros que cai. Há ainda os indecisos...”
#52		“#diploma: cafezinho do Supremo já passou da meia horinha... vê um sanduichinho de mortadela, por favor? Obrigado, excelência...”

#53		“#diploma: Ministros estão voltando ao plenário...”
#54		“#diploma: relator do processo, o presidente do STF, Gilmar Mendes, passa a ler o seu voto...”
#55		“#diploma: Relator entra no mérito do processo e avalia as teses defendidas, parte a parte...”
#56		“#diploma: relator ressalta a importância da matéria em análise...”
#57		“#diploma: cita casos de Alon Feuerwerker e Ricardo Anderãos, que atuam no mercado e não têm registros profissionais. Citados tbem no recurso”
#58		“#diploma: o relator menciona que a matéria tem implicações no ensino, nos cursos e estudantes pelo país. Passa a analisar o decreto 972/69”
#59		“#diploma: relator fala da razoabilidade de normativas que restringem exercício profissional, como reserva técnica qualificada...”
#60		“#diploma: o relator sinaliza que é razoável que se mantenha a restrição – o diploma – desde que atenda a uma proporcionalidade aceitável...”
#61		“diploma de jornalismo finalmente foi a julgamento: Depois de longa novela, o Supremo Tribunal Federal passou a a.. ”
#62		“#diploma: o Judiciário teria – conforme o despacho de 1977 – arbitrar sobre o que atende ao interesse público nesta questão”

		das reservas...”
#63	 <p>christofoletti #diploma: cita colega Eros Grau, na condição de professor de Direito na USP. Segundo ele, o exercício do jornalista não depende de um curso 27 minutos atrás</p>	“#diploma: cita colega Eros Grau, na condição de professor de Direito na USP. Segundo ele, o exercício do jornalista não depende de um curso”
#64	 <p>christofoletti #diploma: a TV Justiça não mostrou, mas Eros Grau está em plenário, e se ele fosse votar pela manutenção do diploma, ba-bau... 26 minutos atrás</p>	“#diploma: a TV Justiça não mostrou, mas Eros Grau está em plenário, e se ele fosse votar pela manutenção do diploma, ba-bau...”
#65	 <p>christofoletti #diploma: fiquei fora do ar por questões operacionais. sem danos. Gilmar Mendes ainda profere seu voto, que sinaliza pela queda do diploma. 3 minutos atrás</p>	“#diploma: fiquei fora do ar por questões operacionais. Sem danos. Gilmar Mendes ainda profere seu voto, que sinaliza pela queda do diploma.”
#66	 <p>christofoletti #diploma: relator cita diversos profissionais conhecidos que não têm formação e jornalismo e mesmo assim atuam... argumento dúbio... 2 minutos atrás</p>	“#diploma: relator cita diversos profissionais conhecidos que não têm formação e jornalismo e mesmo assim atuam... argumento dúbio...”
#67	 <p>christofoletti #diploma: Meu palpite: relator vota pela queda da obrigatoriedade. Por conta do adiantado, suspende a sessão e tudo recomeça amanhã. 1 minuto atrás</p>	“#diploma: Meu palpite: relator vota pela queda da obrigatoriedade. Por conta do adiantado, suspende a sessão e tudo recomeça amanhã.”
#68	 <p>christofoletti #diploma: Gilmar Mendes conclui o voto. Pelo provimento do recurso. Pelo fim da obrigatoriedade. 4 minutos atrás</p>	“#diploma: Gilmar Mendes conclui o voto. Pelo provimento do recurso. Pelo fim da obrigatoriedade.”
#69	 <p>christofoletti #diploma: ministra Carmen Lucia sinaliza que vai acompanhar o voto do relator... 4 minutos atrás</p>	“#diploma: ministra Carmem Lucia sinaliza que vai acompanhar o voto do relator...”
#70	 <p>christofoletti #diploma: ministra Carmen Lucia diz que o decreto 972/69 não é recepcionado pela Constituição de 1988... 2 minutos atrás</p>	“#diploma: ministra Carmem Lucia diz que o decreto 972/69 não é recepcionado pela Constituição de 1988...”

#71	 <p>christofoletti #diploma: ministro Ricardo Lewandovski também sinaliza que o decreto que regulamenta a profissão não é constitucional por volta de uma hora atrás</p>	“#diploma: ministro Ricardo Lewandovski também sinaliza que o decreto que regulamenta a profissão não é constitucional”
#72	 <p>christofoletti #diploma: Placar provisório: Contra a exigência do diploma 2 x 0 Pela exigência do diploma por volta de uma hora atrás</p>	“#diploma: Placar provisório: Contra a exigência do diploma 2 x 0 Pela exigência do diploma”
#73	 <p>christofoletti #diploma: cobertura em tempo real da Fenaj parou... por volta de uma hora atrás</p>	“#diploma: cobertura em tempo real da Fenaj parou...”
#74	 <p>christofoletti #diploma: Lewandovski sinaliza que vota contra a obrigatoriedade. Teríamos um placar de 3 x 0... por volta de uma hora atrás</p>	“#diploma: LEwandovki sinaliza que vota contra a obrigatoriedade. Teríamos um placar de 3 x 0...”
#75	 <p>christofoletti #diploma: Para me contradizer, Ayres Britto puxa o freio de mão, e faz um voto pausado e lento, como sempre... mas já sinalizou o voto... por volta de uma hora atrás</p>	“#diploma: Para me contratizer, Ayres Britto puxa o freio de mão, e faz um voto pausado e lento, como sempre... mas já sinalizou o voto...”
#76	 <p>christofoletti #diploma: restariam os votos de Celso de Mello, Ellen Gracie, Marco Aurélio... Joaquim Barboza, Celso Peluzzo e Carlos Direito estão off... por volta de uma hora atrás</p>	“#diploma: restariam os votos de Celso de Mello, Ellen Gracie, Marco Aurélio... Joaquim Barboza, Celso Peluzzo e Carlos Direito estão off...”
#77	 <p>christofoletti #diploma: Ayres Britto faz a lenga-lenga da vocação, do talento, etc... já não consigo mais aguentar... por volta de uma hora atrás</p>	“#diploma: Ayres Britto faz a lenga-lenga da vocação, do talento, etc... já não consigo mais aguentar...”
#78	 <p>christofoletti #diploma: Ayres Britto vota pela desobrigação do diploma. Cinco votos a zero. por volta de uma hora atrás</p>	“#diploma: Ayres Britto vota pela desobrigação do diploma. Cinco votos a zero”
#79	 <p>christofoletti #diploma: tecnicamente, caiu a obrigatoriedade! Cinco votos a zero, com três outros a dar... por volta de uma hora atrás</p>	“#diploma: tecnicamente, caiu a obrigatoriedade! Cinco votos a zero, com três outros a dar...”
#80	 <p>christofoletti #diploma: ministro Marco Aurélio vota. por volta de uma hora atrás</p>	“#diploma: ministro Marco Aurélio vota.”

#81		“#diploma: Marco Aurélio acompanha o voto do relator. Ministra Elen Gracie idem. Sete a zero”
#82		“#diploma: Errei! O voto anterior Não foi do ministro Marco Aurélio. Agora, sim, ele vota...”
#83		“#diploma: o ministro que já votou e que aqui nomei Marco Aurélio é o ministro Cezar Peluso, vice do STF. Desculpem...”
#84		“#diploma: ministro Marco Aurélio sinaliza que vai votar contra o diploma também.”
#85		“#diploma: os ministros do Supremo Tribunal Federal estão prestes a desregular a profissão do jornalismo...”
#86		“#diploma: ministro Marco Aurélio sinaliza mais uma vez seu voto, contrário Pa exigência. Teríamos seis votos contra o diploma.”
#87		“#diploma: voto caudaloso de Marco Aurélio... de embrulhar o estômago... coff! coff! coff!!!”
#88		“#diploma: ministro Marco Aurélio falseia o passo e fica difícil de prever seu voto... parece acender velas pra deus e pro demo...”
#89		“#diploma: Marco Aurélio se diverte: diz que sua sina é divergir, e sinaliza que vai votar pelo diploma. Seria o primeiro...”
#90		“#diploma: vai longe o voto de Marco

		Aurélio...”
#91		“#diploma: Marco Aurélio faz defesa das faculdades e cursos de Jornalismo... e vota pelo diploma.”
#92		“#diploma: Errei de novo... Só ao vivo mesmo... Temos mais o voto do ministro Celso de Mello”
#93		“#diploma: Placar provisório. 7 x 1, contra o diploma.”
#94		“#diploma: tuítters, preciso interromper esta transmissão. Tenho que dar aulas agora. Mas a coisa está posta. Caiu a obrigatoriedade...”
#95		“#diploma: ... tecnicamente, caiu a obrigatoriedade do diploma de jornalismo no Brasil. Amanhã, com mais calma, escrevo algo no blog.”
#96		“#diploma: fim da transmissão”
#97		“diploma de jornalismo não é mais obrigatório: O Supremo Tribunal Federal acaba de decidir que já não é mais obri... <a href="http://tinyurl.com/n4vv98">http:// tinyurl.com/n4vv98</a> ”
#98	<p><b>@andrecovre e o enunciado de @christofoletti</b></p>	“@christofoletti advogado oficializa o jornalismo como 4º poder da república... é piada?????”
#99	<p><b>@yuripassos e a Queda da obrigatoriedade do diploma de jornalismo.</b></p>	“#diploma: RT: @felipepena: O supremo decide agora sobre a obrigatoriedade do diploma de jornalismo. O site da Fenaj cobre: <a href="http://www.fenaj.org.br">http://www.fenaj.org.br</a> ”



	 <p><b>yuripassos</b> RT: @felipepena: O supremo decide agora sobre a obrigatoriedade do diploma de jornalismo. O site da Fenaj cobre: <a href="http://www.fenaj.org.br">http://www.fenaj.org.br</a> 16 minutos atrás from TwitterFox</p>	
#100	<p><b>@ivanabentes e a Queda da obrigatoriedade do diploma de jornalismo.</b></p>  <p><b>ivanabentes</b> Exigência do diploma para jornalismo está caindo na votação do STF. Good bye corporações fordistas...viva autônomos e precariado cognitivo 4 minutos atrás</p>	<p>“Exigência do diploma para o jornalismo está caindo na votação do STF. Good bye corporações fordistas... viva autônomos e precariado cognitivo”</p>
#101	<p><b>@tuliovianna e a Queda da obrigatoriedade do diploma de jornalismo.</b></p>  <p><b>tuliovianna</b> Fiquei sabendo agora por @odiluvio que já está 7X1 . Caiu a obrigatoriedade do diploma de jornalismo. 10 minutos atrás from TwitterFox</p>	<p>“Fiquei sabendo agora por @odiluvio que já está 7X1 . Caiu a obrigatoriedade do diploma de jornalismo.</p>
#102	<p><b>@tuliovianna e a Queda da obrigatoriedade do diploma de jornalismo.</b></p>  <p><b>tuliovianna</b> Notícia atualizada do julgamento do diploma de jornalista: <a href="http://migre.me/2qKv">http://migre.me/2qKv</a> Resultado 8 X 1 já contando o Celso Mello 7 minutos atrás from TwitterFox</p>	<p>“Notícias atualizada do julgamento do diploma de jornalista: <a href="http://migre.me/2qKv">http://migre.me/2qKv</a> Resultado 8X1 já contanto o Celso Mello”</p>